ANAIS DE EVENTO

XXVII ENEG

ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE GEOGRAFIA

PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?

O lugar dos estudantes frente à crise climática

ISBN 978-65-978649-1-1

Porto Alegre
2026



Ficha catalográfica

Revisado por
Tiago Bassani Rech

Material organizado no *software* Canva

Resultado da Mostra Científica do XXVII Encontro Nacional de Estudantes de Geografia

Obra organizada para fins de divulgação e popularização científica

Eixos temáticos:
Eixo 1 – Geografias Interseccionais: Raça, Classe e Gênero
Eixo 2 – Geografia Urbana, Conflitos e Movimentos Sociais
Eixo 3 – Espaço Agrário e Lutas do Campo
Eixo 4 – Natureza e Abordagens Ambientais
Eixo 5 – Ensino de Geografia e Educação Geográfica
Eixo 6 – Geografia da Saúde, Território e Região
Eixo 7 – Ciência das Técnicas: Geografia, Representação do Espaço e Novas Tecnologias
Eixo 8 – História do Pensamento Geográfico, Teorias e Métodos de Pesquisa
Eixo 9 – Geografia Política, Geopolítica e Econômica
Eixo 10 – Geografia Cultural, Memórias e Patrimônios

Para mais informações:
E-mail: comissaoacademicaenegxxvii@gmail.com
Instagram: @coneegbra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Anais do XXVII Encontro Nacional de Estudantes de Geografia [livro eletrônico] : para que(m) serve a tua geografia? : o lugar dos estudantes frente à crise climática / editoras responsáveis Dayane Oliveira Verneque, Julia Neri Gezatt ; coordenador geral Nathan Weiler Nunes. -- Porto Alegre, RS : AGB Porto Alegre, 2026.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia
ISBN 978-65-978649-1-1

1. Geografia - Aspectos sociais 2. Geografia - Brasil 3. Mudanças climáticas I. Verneque, Dayane Oliveira. II. Gezatt, Julia Neri. III. Nunes, Nathan Weiler.

26-396658.0 CDD-910

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia 910

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/O

Ficha técnica

Editoras responsáveis

Dayane Oliveira Verneque
Julia Neri Gezatt

Comissão Acadêmica e Científica:

Avaliadores e pareceristas

Alex Sandro Schiller Aires
Antonele Crestani Valcareggi
Dayane Oliveira Verneque
Décio Rigatti
Efigênia Rocha Barreto da Silva
Éliton Paulo Novais
Emanuel Alfredo dos Santos Brum
Flora Rangel da Silva Chiarelli
Henrique Ferreira Galvão
José Inácio da Silva Júnior
Julia Carballo Dominguez de Almeida
Júlia Alves Sartori
Julia Neri Gezatt
Leonardo Nunes Fachel Dias
Letícia Figueiredo Sartorio
Lucimar Fátima Siqueira
Vagner Eslabão Bandeira

Organizadores da Comissão Acadêmica

Bernardo Poloni Pavan
Dayane Oliveira Verneque
Décio Rigatti
Éliton Paulo Novais
Emanuel Alfredo dos Santos Brum
Letícia Figueiredo Sartorio
Mateus Baltazar de Oliveira
Nathan Weiler Nunes
Rômulo Alvísio Schneider Klein
Ruan Henrique Santos dos Santos
Vagner Eslabão Bandeira

Comissão Organizadora do XXVII ENEG:

Coordenador Geral:

Nathan Weiler Nunes

Coordenação Executiva:

Nicole Boff Casagrande
Matheus Silva Fernandes

Equipe Financeira:

Nicolas Maurell Lago
Mateus Baltazar de Oliveira
Juliana Borba Caldas da Silva

Equipe Acadêmica:

Bernardo Poloni Pavan
Dayane Oliveira Verneque
Décio Rigatti
Rômulo Alvísio Schneider Klein

Equipe Logística:

Cecília Ramos Reuillard
Ruan Henrique Santos dos Santos
Amanda Martins Alves
Sarah Vieira Figueiredo

Equipe de Comunicação:

Valentina Prado Filomena
Alexandra Viana Cardoso
Davi Miguel Capelli Nobre
Laura da Silva Oliveira

Sumário

Apresentação 10

EIXO 1 – Geografias Interseccionais: Raça, Classe e Gênero

A educação popular sobre as problemáticas da precarização da saúde menstrual no Brasil 13
Ana Luiza Borges Barreto e Gabriela Moreira Finatelli

Racismo Ambiental e Desigualdades Socioespaciais em São Paulo (SP) 14
Carla Leonardo, Maria Eduarda Moreira, Pedro Saber Muniz, Sara Toledo Pereira

Territorialidades LGBTQIAPN+ no Litoral Norte do Rio Grande do Sul 15
Dominici Ritter, Henrique Ferreira Galvão, Benhur Pinós da Costa

Entre atravessamentos e resistências: Vivências cotidianas de discentes negras dos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Pará, campus Guamá/Belém 16
Erica Mayara Santiago Ramos e Roselí Alves dos Santos

Dissidências em festa: a contribuição das festividades trans para a subversão das espacialidades cisnormativas em São Carlos (SP) 17
Gabriel Gimenes de Estefani e Maria Fernanda Alves Cardoso

Potencial das Geografias Feministas como estratégia para a desconstrução do pensamento 'Red Pill' 18
Geniani Stefani dos Santos

Neoconservadorismo e a criminalização do aborto: Barreiras aos direitos reprodutivos e o impacto da punição estatal entre mulheres negras e brancas no Brasil 19
Nayra Quitete Carlota Cardoso e Silvana Cristina da Silva

A Formação Espacial do Gênero: Uma Análise Geográfica da Resistência de Belonísia em Torto Arado 20
Neila Maria Soares da Silva e Suzane dos Santos Azevedo

A arte da r-existência e do cuidado pela vida 21
Paola Xavier da Silva

Manos, manas e monas: uma análise Geolinguística das juventudes queer de Porto Alegre 22
Theo Vicenty Lopes Dalla Rosa e Victor Hugo Nedel Oliveira

EIXO 2 – Geografia Urbana, Conflitos e Movimentos Sociais

Geografia jurídica do racismo ambiental: o mapeamento das políticas habitacionais e urbanas de reconstrução dos quilombos urbanos em Porto Alegre pós-inundação de maio de 2024 24
Ana Carolina Silveira Rodrigues, Pedro Vítor da Costa Moraes, Claricia da Rosa Domingues

Concentração espacial da pós-graduação na área da mineração no Quadrilátero Ferrífero 25
Ana Flávia R. Bizotti e Wagner Batella

Distribuição socioespacial de espaços públicos de lazer infantil em municípios paulistas: uma análise sobre a espacialidade do direito ao brincar na cidade 26
Anelise Martins Barboza e Marina Castro de Almeida

Estudo da distribuição de renda, perfil demográfico e infraestrutura urbana em Francisco Beltrão/PR) 27
Daniel Calheiros dos Santos e Elvis Rabuske Hendges

A Geografia da População em Situação de Rua em Maringá (PR) 28
Gabriel Fernando Gasparotti e Valeria Barreiro Postali Santana

Arquitetura Hostil em Poços de Caldas - MG: uma análise da área central da cidade 29
Igor dos Santos Lima

Cidades recortadas: uma leitura da cidade a partir dos quadrinhos 30
João Luiz Loures Ribeiro e Angela Maria Endlich

Os mercados como marcas da transformação do litoral norte gaúcho 31
Juliana Borba Caldas da Silva e André Baldraia

Entre o concreto e a arte: o Viaduto Hélio Fadel como território juvenil a partir do grafite urbano em Juiz de Fora, MG 32
Juliane Nogueira Rodrigues e Clarice Cassab

Juventudes e Cidade Pequena: Novas Geografias Juvenis 33
Julya Norma Pedroso Pitol e Victor Hugo Nedel Oliveira

Sumário

Processos de Aglomeração Urbana, Metropolização e Metrópole na Região da Foz do Rio Itajaí 34
Lucas Rogério de Augustinho

Transição Demográfica e a Reconfiguração Escolar em Porto Alegre: Entre a expansão do setor privado e a persistência das desigualdades territoriais 35
Luciana Freitas Klain e Mário Leal Lahorgue

Análise Geográfica das Praças de Maringá/PR: Produção do Espaço e Segregação Socioespacial 36
Luis Fernando da Silva de Matos

Formar-se em meio às águas: percepções sociais e estratégias resiliência de jovens estudantes atingidos por desastres climáticos na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) 37
Marina de Assumpção Bello e Victor Hugo Nedel Oliveira

Proposta de delimitação de centralidades em Juiz de Fora a partir da análise de dados de CNPJs 38
Natã Morinigo de Sousa

Território em Movimento: A Gênese de Concórdia/SC sob a Ótica da Colonização e do Desenvolvimento Agroindustrial 39
Sérgio Cordeiro Righi

Expansão Urbana e Políticas Públicas em Bairros Residenciais: Uma análise socioespacial do Residencial Casas Florença, Campos dos Goytacazes - RJ 40
Tamirys Maciel Tinoco Lima e Silvana Cristina da Silva

A Produção do Bairro Getúlio Vargas: Agentes, Técnica e Segregação 41
Vinicius Cabral Centeno, Laura Dorneles Lemes, Débora de Gonçalves Pinheiro, Jéssica Leal Kirst, Fábio Löff Cunha e Elizangela de Felippe

A Produção de vídeo documentário no PIBID-Geografia: A Expansão Urbana e a Identidade do Jardim Requião\Maringá\Paraná 42
Vinicius Macri Da Silva, Fillipe Rozolem Pereira, Geovana Scodone da Silva, Marta Tokunaga e Maria das Graças de Lima

EIXO 3 – Espaço Agrário e Lutas do Campo

Traçando um Estado da Arte sobre o Conceito de Comunidade: R-Existências dos Povos pela Vida 44
Gabriel da Rosa Gonçalves, Lucas de Sousa Pereira e Mercedes Solá Pérez

A Educação Escolar Quilombola e sua Relação com o Conhecimento das Comunidades 45
Gabriel Igor Teodoro Moser Contreras e Maria das Graças de Lima

Mulheres e a Agroecologia: O papel do cuidado na luta por uma produção sustentável e justa 46
Maria Eduarda Silva Leite, Marina Zandonato e Rosa Maria Vieira Medeiros

EIXO 4 – Natureza e Abordagens Ambientais

Sistematização e Desenvolvimento de Materiais Informativos para o Programa de Monitoramento do Ecossistema (CEMP) da Comissão para a Conservação dos Recursos Marinhos Vivos Antárticos (CCAMLR) 48
Alexandra Viana Cardoso, Steve Parker e Claire van Werven

Geomorfologia da Ilha dos Marinheiros no contexto da Planície Costeira do Rio Grande do Sul: uma revisão bibliográfica 49
Àlice Farias Rodrigues e Adriano Luis Heck Simon

Enchentes de Maio de 2024 e seus Impactos Físicos: Percepções das Juventudes de Canoas e Porto Alegre 50
Ana Beatriz Weber Pithan e Victor Hugo Nedel Oliveira

Fragilidade ambiental em uma microbacia na Cordilheira Vilcanota (Peru) através de Sensoriamento Remoto por UAV 51
Anderson Zanatta, Kátia Kellem da Rosa, Júlia Lopes Lorenz, Rafaela Mattos Costa

Avaliação da Densidade do Solo em Sistemas Agroflorestais e Pastagens Degradadas na Fazenda Experimental da Universidade Estadual de Maringá 52
Beatriz de Souza Ramalho, Gustavo Henrique Andrade da Cruz e Hélio Silveira

Sumário

'corpo-trilha': um audiovisual e uma educação ambiental 53
Débora Steffen, Guilherme de Abreu Machado e Ana Maria Hoepers Preve

Transformações do uso e cobertura da terra e a gestão do território no município de Turvo (PR) 54
Fellipe de Jesus Quintão, Diego Flores e Paulo Miguel Terassi

Território, saneamento e desigualdade: uma análise do acesso aos serviços na bacia hidrográfica do rio Pirapó (PR) 55
Fernanda Leandro Domanski

Gestão de Inundações Urbanas em Franco da Rocha: Entre Medidas Estruturais e Planejamento Preventivo 56
Gabriel Carlos Costa dos Santos e Raul Reis Amorim

Análise da Cobertura Vegetal Secundária em Área de Rompimento de Barragem no Ribeirão Pingüim, Divisa dos Municípios de Maringá e Sarandi, PR 57
Gabriel Hiago Oliveira Santos e Maria Eugenia Moreira Costa Ferreira

A Cartografia Participativa como Ferramenta de Prevenção de Riscos Geo-Hidrológicos: Um Relato de Experiência com as Lideranças Comunitárias do Município de Estrela (RS) 58
Giovanna Pazini Papi, Daniel Leal dos Santos, Cecília Balsamo Etchelar e Lucimar de Fatima dos Santos Vieira

OSARP - Uma Proposta de Ciência Cidadã 59
Gustavo Armando Pilger, Fernanda Camile Hentges, Jackson Souza Pedrosa, Marieli Zamprogna e Luciano Zanetti Pessôa Candiotto

Caracterização da microbacia do córrego Jataí (Uberlândia/MG) sob a ótica dos geofácies de Bertrand 60
João Masaia Alvarenga de Toledo, Pedro Henrique Oliveira Crivelli, Sarah Miranda Rodrigues, Guilherme Resende Corrêa e Ângela Maria Soares

Juventudes e Desastres Climáticos: Reflexões e Impactos no Território Escolar do Bairro Humaitá (Porto Alegre/RS) 61
Julia da Silva Lima e Victor Hugo Nedel Oliveira

A retração glacial de geleiras na Cordilheira Vilcanota, Peru, desde 1986 62
Laura Machado Pereira e Kátia Kellem da Rosa

O Mangue de Pedra em Armação dos Búzios-RJ: aspectos ecológicos e singularidades de um ecossistema único 63
Luan Martins Ferreira e Camila Neves Silva

Bacias Hidrográficas como Ferramenta de Análise Socioespacial 64
Luiz Alberto Maltezi Vieira

Variabilidade pluviométrica e sua relação com o relevo e a vegetação na região sul do estado da Bahia 65
Luiz Wagner Novais Honorio

Análise de movimentos de massa e seus impactos no município de Encantado–RS (maio/2024) 66
Marina Zandonato, Maria Eduarda Silva Leite e Rafael Ribeiro

As juventudes de Canoas e seu futuro frente a crise climática 67
Matheus Silva Fernandes e Victor Hugo Nedel Oliveira

O Tripé do Risco na Regularização Fundiária: Variáveis Analíticas para Diagnósticos Técnicos 68
Paulo Vitor Rodrigues Oliveira, Queila Fabiana de S. Neves e Valéria Barreiro P. Santana

Identificação das Unidades de Fragilidade Ambiental da Microbacia do Córrego Jataí (Uberlândia, MG) 69
Pedro Henrique Oliveira Crivelli, Sarah Miranda Rodrigues, João Masaia Alvarenga de Toledo, Guilherme Resende Corrêa e Ângela Maria Soares

Juventudes e mudanças climáticas: um estado da arte da produção acadêmica brasileira 70
Raquel Amaro da Silveira Torres e Victor Hugo Nedel Oliveira

Sumário

Transformações geomorfológicas associadas à erosão na orla urbana do município de Chaves - PA 71
Raylan da Silva Martins e Fabiano Luis Belem

Análise de compartimentação do relevo pelo método Ab'Saber da microbacia do córrego Jataí, em Uberlândia (MG) 72
Sarah Miranda Rodrigues; João Masaia Alvarenga de Toledo; Pedro Henrique Oliveira Crivelli e Ângela Maria Soares

Levantamento Biogeográfico da Avifauna na Bacia do Ribeirão Taquaruçu, Ivatuba/Floresta, Paraná: Interação entre Aves e Ambiente 73
Tauana Carolina Santana Cavichioli e Maria Eugênia Moreira Costa Ferreira

Caracterização Mineralógica e Evidências de Interação entre Arenitos da Formação Goio-Erê e Basaltos do Grupo Serra Geral no Centro-Oeste do Paraná 74
Vinicius Alonso Calanca e Beatriz de Souza Ramalho, Cleber Eduardo Neri Rabelo e Susana Volkmer

Produção de Água: A Bacia Hidrográfica do Rio Ivaí, Paraná 75
Vinícius Barboza Tezolin e Edison Fortes

EIXO 5 – Ensino de Geografia e Educação Geográfica

Do território vivido à construção do conhecimento: metodologias ativas no ensino de Geografia 77
Alerrandro Cardoso Leite e Rossana Madruga Telles

Circuito Histórico, Artístico e Arquitetônico das Igrejas Barrocas de Campos dos Goytacazes 78
Allana Helen Peixoto de Souza, Leon K. C. Santos e Edimilson Motta

Audiovisual como Ferramenta de Transformação no Ensino de Geografia 79
Ana Marony Viana Pontes e Leandro Bruno Santos

Brasil em Tela: Potencialidades do cinema nacional no ensino de geografia 80
Bruna Aparecida Fontes da Silva, Lucas Gabriel dos Santos e Jessica Soares de Freitas

Temas e Competências das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio 81
Caroline Tenedini Lemos e Aline de Lima Rodrigues

AR Sandbox: Caixa de areia de realidade aumentada, opção para ensino de Geografia 82
Dante Aldheir Moreno Rivera

Limites e Possibilidades na Formação de Professores de Geografia 83
Débora de Gonçalves Pinheiro, Laura D. Lemes, Vinicius C. Centeno, Jessica L. Kist, Fábio L. Cunha e Elisângela de Felippe Rodrigues

Ensino de Geografia e Educação Geográfica: Educação Patrimonial e Ambiental: Práticas Interdisciplinares em Escola Pública de Cáceres - MT 84
Edna Maria de Paula Araújo, Alex Bruno Silva Costa e Renato Fonseca de Arruda

A Observação da Paisagem como Base para o Mapeamento de Eventos Climáticos Locais na Educação Básica 85
Eduarda Nazario e Rosana Cristina Biral Leme

Cidades vividas, cidades imaginadas: Literatura e imaginários urbanos no ensino de Geografia em Porto Alegre 86
Eduardo Gomes Haubert e Cláudia Luísa Zeferino Pires

Relatos de Experiência: O conhecimento geográfico nas oficinas da Operação Pé Vermelho 87
Fernanda Camile Hentges, José Roberto Soares de Melo e Aline Grisol

Entre jogo e conhecimento: o bingo geográfico como prática de leitura no ensino de Geografia 88
Gabriel Bruno Pereira, Alícia Ribeiro de Moraes e Paulo Vinicius de Jesus Frederico

Cartas Pedagógicas como análise do contexto social docente na Geografia 89
Giovanna Soares

Educação Geográfica na Perspectiva do Estudante Cego 90
Gleice Kellym Cavalheiro Zarpellon e Mafalda Nesi Francischett

Vídeo-documentário e escala 6x1 em Maringá (PR), uma experiência no PIBID-Geografia 91
Guilherme Augusto Macedo da Silva, Beatriz de Souza Ramalho, Leticia dos Santos Conelheiro, Márcio Reis Tavares, Maria das Graças de Lima

Envolver-se: a prática extensionista como dinamizadora da pesquisa e do ensino 92
Guilherme de Abreu Machado, Débora Steffen e Ana Maria Hoepers Preve

Oficina Pedagógica: Práticas educativas e contribuições do Estágio Supervisionado 93
Ione Pereira Santana

Sumário

Clima, cidade e educação: o Sky View Factor como mediação na leitura socioambiental do espaço urbano 94
Izabela Scremin, Elaine de Cacia de Lima Frick

A importância do trabalho de campo no ensino de Geografia: a extensão como potência para a valorização dessa ferramenta pedagógica 95
Laura D. Lemes, Vinícius C. Centeno, Débora G. Pinheiro, Fábio L. Cunha, Jéssica L. Kirst e Elisangela de Felippe Rodrigues

Pensamento Geográfico e Ensino de Geografia: Caminhos da Produção Acadêmica 96
Letícia dos Santos Conelheiro e Tais Pires De Oliveira

Tecnologia, Geografia e Educação Ambiental: práticas pedagógicas com caixa de areia em realidade aumentada 97
Lucas Souza Fonseca, Vinícius de Lima Vieira, Maria Eduarda de Faria Lopes Roque da Silva e Nicollas Ferreira Lopes

Entre a Experiência e a Aprendizagem: Relato do Planetário como Espaço Não Formal de Educação no Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora 98
Lucas Vinícius Faustino Sbano

Geografia da Escuta: encontros e caminhos na formação de uma professora 99
Mábilla Rigolon Rezende e Juliana Maddalena Trifílio Dias

Geografia crítica e educação popular: formação docente frente às disputas geopolíticas do capitalismo contemporâneo 100
Maria Fernanda Alves Cardoso e Gabriel Gimenes de Estefanis

Para Além do Quadro: relato de práticas de ensino de Geografia no ensino médio durante o estágio 101
Matheus Camargo Longhi e Bruno Nunes Batista

A Geografia em disputa: dualismo e mercantilização da educação – reforma ou deforma? 102
Matheus Portela

Geografia Algorítmica e Formação do Cidadão Inteligente: fundamentos pedagógicos para cidades inteligentes no contexto de Rio Grande/RS à luz do Plano Brasileiro de Inteligência Artificial 103
Mickely Teixeira de Souza Professora e Andrea Maio Ortigara

Conhecendo Nosso Planeta e Além: Relato de Experiência no Estágio Supervisionado em Geografia II 104
Tainá Evangelista da Silva

O Uso de Storytelling Digital no Ensino de Migrações: Uma Experiência no PIBID 105
Tatielly Ferreira Calegari, Dante Hauser dos Santos, Fillipe Rozolem Pereira, Marta Tokunaga e Maria das Graças de Lima

Mudanças climáticas e Educação Ambiental - uma aplicação prática no contexto do PIBID 106
Vitória Pedroni e Alessandro Marin Wolfart

EIXO 6 – Geografia da Saúde, Território e Região

Gestão em Saúde e Organização do Território: Uma análise a partir do município de Miguel Calmon - Bahia 108
Geizielle Souza Gomes, Marcos Matheus Andrade Vasconcelos e Tainá Evangelista da Silva

Incidência de dengue em Maringá (PR), 2025: análise estatística da correlação com variáveis climáticas, perfil dos infectados e condicionantes socioespaciais 109
João Matheus Kochanski Peres, Fabiola Cristine Arpini e Miguel Pissioli

Mapeamento e Análise das Condições de Saneamento Básico na Localidade Cantinho do Céu Parque Guarus, Campos dos Goytacazes (RJ) 110
Josué Nascimento Rocha e Cláudio Henrique Reis

Análise da Situação de Saúde da Região Metropolitana de Curitiba 111
Lívia Almeida, Camila Loise e Wagner Batella

EIXO 7 – Ciência das Técnicas: Geografia, Representação do Espaço e Novas Tecnologias

Mapeamento das línguas faladas nas aldeias das terras indígenas do município do Oiapoque/AP 113
Elen Vitoria Pantoja Pereira e Alexandre Luiz Rauber

SIDRA Conecta: Integração de Dados Estatísticos do IBGE no QGIS 114
Gabriel Henrique Angelo e Otavio Cristiano Montanher

Sumário

Análise geoespacial e mapeamento socioespacial das desigualdades no transporte público coletivo no município de Itapecerica da Serra, São Paulo 115
Lucas da Silva Souza Barbosa e Letícia Roberta Amaro Trombeta

Método Panbiogeográfico aplicado ao estudo de Ficus seções Pharmacosycea e Americanae na Região Neotropical 116
Tatiane Moraes dos Santos Miranda, Kadhija Laura de Oliveira Manhães Barreto e Leandro Cardoso Pederneiras

EIXO 8 – História do Pensamento Geográfico, Teorias e Métodos de Pesquisa

Humboldt e as Geociências: Entre o Iluminismo e o Romantismo Alemão 118
João Paulo Nogueira Martinez e José Vandério Cirqueira Pinto

EIXO 9 – Geografia Política, Geopolítica e Econômica

Emancipação Municipal e Reorganização Territorial em Boa Esperança do Norte - MT 120
Alex Bruno Silva Costa e Evaldo Ferreira

China: O papel do Investimento Estrangeiro Direto no 14º Plano Quinquenal (2021-2025) 121
Jandson Pereira dos Reis e Ana Claudia Giannini Borges

A Internacionalização da UEM e o Acolhimento da Comunidade Acadêmica em Mobilidade Internacional 122
Juliana da Silva Castro e Jéssica Soares de Freitas

Como as Taxações Internacionais dos Estados Unidos se Configuram como uma Nova Forma de Imperialismo: Uma Análise da Política dos "Tarifaços" Impostos pelo Presidente Donald Trump a Demais Países na Intenção do Controle e Hegemonia Estadunidense 123
Lucas Mafra de Almeida e Igor dos Santos Lima

Da Euforia do 'Consenso' à Realidade da Dependência: O Caso do Lítio no Vale do Jequitinhonha 124
Miguel Barbosa Ladeira e Gustavo Soares Iorio

A ascensão chinesa e seus impactos na América Latina: do equilíbrio geopolítico à ruptura das ordens estabelecidas 125
Polyanne Stephanie dos Santos Machado

A Dataficação da Natureza como Insumo para Economia de Dados Derivativos Climáticos e Especulação Financeira no Mercado de Eventos Extremos 126
Ricardo Potozky de Oliveira e Carolina Batista Israel

EIXO 10 – Geografia Cultural, Memórias e Patrimônios

A Serra do Caraça como patrimônio geomorfológico de Minas Gerais 128
Ana Júlia da Cruz Campos

Influência das grandes metrópoles na construção da paisagem em cidades cyberpunks 129
Marco Antonio Pizzano Filho, Guilherme Santos Martins, Pedro Macedo de Oliveira e Miguel Barbosa Ladeira

Outras temáticas

Inserção de Imigrantes na Universidade Estadual de Maringá: Dinâmicas em Projeto de Extensão 131
Milena Santos Pereira, Fillipe Rozolem Pereira e Patrícia Gonçalves Hernandes

Considerações.....132

Apresentação

O Encontro Nacional de Estudantes de Geografia, ocorre desde o ano de 1979, como parte do processo de renovação da Geografia brasileira, marcado pelas discussões e movimentos que cercam a transformação epistêmica e política a partir da Geografia Crítica. Trata-se de um evento político-científico-acadêmico, que resulta da reivindicação e da organização dos estudantes de Geografia em todo território brasileiro.

A cidade de Porto Alegre, recebeu em 2002 a edição XIII do ENEG, com o tema "Vice-Versa? Movimentos Populares, Movimento Estudantil: Por um Encontro na Geografia!", primeira edição do evento no Rio Grande do Sul, em um contexto de mudança política importante para o Brasil.

Já entre 2013 e 2016, após um breve hiato na organização do ENEG, que possuía periodicidade de um a dois anos, influenciado pelo contexto de crise política e econômica daquele período, o evento foi retomado em terras gaúchas, na cidade de Santa Maria, com o tema: 'Os desafios das práxis geográficas no combate à precarização da educação'.

Em 2026, dois anos após as históricas enchentes de 2024, ponto culminante da crise climática, ambiental, política e conômica em curso, o Rio Grande do Sul recebe novamente o ENEG, em sua XXVII edição, com o tema "Para que(m) serve a tua Geografia? O lugar dos estudantes frente à crise climática".

O evento reuniu uma ampla programação, voltada à compreensão do espaço geográfico nos contextos de crise atualmente vivenciados nacional e globalmente. Por meio das mesas redondas, oficinas e trabalhos de campo propostos, os estudantes de Geografia do Brasil foram convidados a explorar um pouco do que a Geografia gaúcha tem a oferecer.

Evidentemente, as discussões não estariam completas sem a apresentação da produção científica feita pelos estudantes, concretizando uma das principais propostas do ENEG.

Apresentação

Este evento, organizado historicamente a partir do princípio do protagonismo estudantil, encontra as contribuições de graduandos e pós-graduandos na área da Geografia, não somente em sua proposição e programação, mas principalmente neste material que materializa o conhecimento produzido e compartilhado pelos estudantes.

Os 10 eixos temáticos que estruturam a organização destes trabalhos acadêmicos, envolvem a amplitude de abordagens e temas das pesquisas em Geografia, conectando discussões sobre as crises contemporâneas em suas diferentes interconexões e escalas.

Os trabalhos que compõem esta publicação, são de inteira responsabilidade dos autores, que submeteram resumos para participação na Mostra Científica, realizada no dia 06 de junho de 2026. Momento singular do evento, que reuniu 124 trabalhos, apresentados em pôsteres e organizados por eixos temáticos, no hall de entrada do Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

Esperamos que a leitura possibilite o contato com as variadas realidades e movimentos do campo geográfico no Brasil, permitindo o engrandecimento e valorização do fazer acadêmico dos estudantes, que carrega consigo uma singular potência científica cultivada pela Geografia brasileira.

Dayane Oliveira Verneque
Comissão Acadêmica do XXVII ENEG

Nathan Weiler Nunes
Coordenador Geral do XXVII ENEG

Imagens retiradas do Canva





EIXO 1
GEOGRAFIAS INTERSECCIONAIS: RAÇA, CLASSE E GÊNERO









A educação popular sobre as problemáticas da precarização da saúde menstrual no Brasil

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Autores: Ana Luiza Borges Barreto e Gabriela Moreira Finatelli
Universidade Federal de Uberlândia

INTRODUÇÃO

A temática da pobreza menstrual tem ganhado cada vez mais relevância no âmbito acadêmico, especialmente por estar diretamente relacionada à dignidade humana, à saúde pública e à luta contra a violência de gênero. No Bloco 5º da instituição, torna-se fundamental promover ações que ampliem a compreensão da comunidade sobre o tema e reduzam os impactos que a falta de acesso a produtos de higiene íntima feminina provoca na vida de estudantes. Discutir a pobreza menstrual dentro da universidade é uma forma de combater desigualdades estruturais que afetam, sobretudo, pessoas que menstruam e estão em situação de vulnerabilidade econômica, que frequentemente permanecem invisibilizadas no cotidiano acadêmico.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como principal objetivo fazer um levantamento de campo sobre o nível e qualidade da educação popular de um grupo, promover a educação sobre o tema e através dela a conscientização sobre as questões de higiene e pobreza menstrual, além expor em um local controlado dentro da UFU, o bloco 5º-A, tópicos que afetam de forma direta a vida de uma parte significativa da população brasileira. Além disso, gerar um senso de comunidade criando pontos de coleta e doação de absorventes.

As ações propostas para o desenvolvimento da pesquisa incluem a elaboração de um questionário em forms, com perguntas simples para avaliar o nível de conhecimento, fonte e relevância do tema da pobreza menstrual num grupo amplo de pessoas, dentro e fora da universidade. Além disso, houve a instalação de uma caixa destinada ao armazenamento de absorventes, que permanecerá disponível para uso, reposição e coleta. Em conjunto, foram elaborados cartazes e folders explicativos que abordem a pobreza menstrual, o descarte adequado de materiais utilizados e informações básicas de higiene menstrual, contribuindo para um processo contínuo de educação e conscientização.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

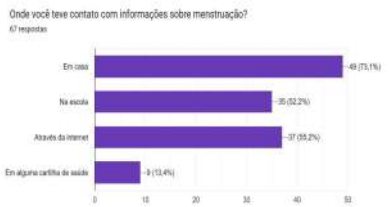
Ao longo do processo, foi possível compreender, na prática, como a pobreza menstrual está profundamente ligada a questões ambientais, sociais e de gênero, ainda que o tema seja frequentemente negligenciado nos espaços de discussão e nas políticas públicas. A aplicação do questionário e a análise das respostas nos trouxeram percepções importantes. O fato de 73,1% dos participantes terem recebido informações sobre menstruação primeiro em casa, nos mostra que o papel da família é fundamental, mas também revela sua fragilidade.

Gráfico 1:



Fonte: as autoras (2026)

Gráfico 2:



Fonte: as autoras (2026)

CONSIDERAÇÕES

A falta de recursos para a higiene pessoal é extremamente perigosa, já que, pode gerar graves consequências como vaginose, infecções no trato urinário e o uso equivocado de absorventes internos pode levar à síndrome do choque toxico. Além da questão voltada para a higiene a falta de recursos básicos implica na perda da dignidade humana, sendo uma questão explicitamente política que implicam na subvalorização das pessoas que menstruam e lidam com essas grandes dificuldades.

"Garantir a dignidade menstrual vai ao encontro da garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, sendo também uma maneira de assegurar o direito à autonomia corporal e à autodeterminação para as meninas, meninos trans e pessoas não binárias que menstruam." (UNICEF, 2021)

REFERÊNCIAS

ASSAMI, H. et al. Impactos ambientais e sanitários dos absorventes descartáveis: uma revisão sistemática da literatura. Research, Society and Development, v. 14, n. 11, e116141150019, 2025.

MIRANDA, A. V.; CALZANS, D. B. Menstruação sustentável: análise da geração de rejeitos e educação ambiental. In: GUERRA, T.; HINATA, S. S. (org.). Conhecer para gerenciar: volume 3 desafios e oportunidades. Porto Alegre: Centro de Ecologia/UFRGS, 2022. p. 46-55.

Racismo Ambiental e Desigualdades Socioespaciais em São Paulo (SP)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Carla Leonardo; Maria Eduarda Moreira; Pedro Saber Muniz; Sara Toledo Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora

INTRODUÇÃO

O espaço urbano e o meio ambiente estão diretamente relacionados às desigualdades sociais. No Brasil, os impactos ambientais atingem de forma desigual diferentes grupos, principalmente populações negras, de baixa renda e periféricas. Nesse contexto, o racismo ambiental manifesta-se na maior exposição dessas populações à precariedade da infraestrutura urbana e aos riscos ambientais.

A cidade de São Paulo apresenta forte segregação espacial, evidenciada pela distribuição desigual de saneamento básico, renda e qualidade ambiental entre regiões centrais e periféricas. Dessa forma, a abordagem interseccional possibilita compreender como raça, classe e gênero atuam conjuntamente na produção dessas vulnerabilidades territoriais.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo analisar o racismo ambiental na cidade de São Paulo a partir de uma perspectiva interseccional, considerando as relações entre raça, classe e gênero na produção das desigualdades socioespaciais. Busca-se compreender como a distribuição desigual da infraestrutura urbana e dos riscos ambientais afeta principalmente populações negras e de baixa renda, evidenciando processos de segregação territorial e vulnerabilidade social.

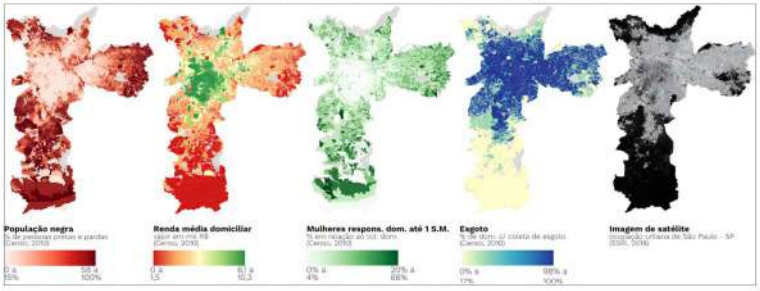
Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica sobre racismo ambiental, território e interseccionalidade. Além disso, foram utilizados dados secundários do IBGE e Instituto Pólis, com análise de mapas produzidos a partir de setores censitários, considerando variáveis como concentração da população negra, renda média domiciliar, chefia feminina de baixa renda e acesso a saneamento básico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados demonstram a existência de profundas desigualdades socioespaciais em São Paulo. As regiões Norte, Sul e Leste, apresentam maior concentração de População negra e menor acesso a serviços básicos e infraestrutura urbana adequada. Nessas áreas também foi identificado maior número de domicílios chefiados por mulheres de baixa renda, evidenciando a sobreposição de vulnerabilidades sociais.

Além disso, observou-se que populações socialmente vulneráveis se encontram mais expostas a áreas de risco ambiental, como regiões suscetíveis a enchentes e deslizamentos. Em contrapartida, as áreas centrais concentram melhores condições socioeconômicas e maior acesso à infraestrutura urbana, sendo predominantemente ocupadas por populações brancas e de maior renda.

Distribuição espacial de indicadores associados às desigualdades socioespaciais em São Paulo (SP).



Fonte: Instituto Pólis (2020), a partir de dados do IBGE (2010) e ESRI (2018).

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que o racismo ambiental ocorre de maneira territorializada, refletindo desigualdades históricas presentes na sociedade brasileira. A abordagem interseccional permitiu compreender como raça, classe e gênero atuam de forma articulada na produção das desigualdades socioespaciais. Dessa forma, torna-se fundamental a implementação de políticas públicas voltadas à justiça ambiental, à equidade territorial e à melhoria das condições de vida das populações historicamente marginalizadas.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **Justiça Ambiental e Desigualdade Social**, 2010.
FILGUEIRA. A. S. **Racismo Ambiental e Espacialidades Racializadas**, 2021.
IBGE. **Censo Demográfico**, 2022.
INSTITUTO PÓLIS. **Mapa das Desigualdades de São Paulo**, 2022.
SOUZA. Marcelo Lopes. **Proteção Ambiental Para Quem?**, 2015.

Territorialidades LGBTQIAPN+ no Litoral Norte do Rio Grande do Sul

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Dominic Ritter UFRGS ritterdominic24@gmail.com; Henrique Ferreira Galvão UFRGS henriqueferreiragalvao@gmail.com; Benhur Pinós da Costa UFRGS benpinos@gmail.com. UFRGS

INTRODUÇÃO

A pesquisa "Territorialidades LGBTQIAPN+ no Litoral Norte do Rio Grande do Sul", investiga a territorialização das pessoas dessa comunidade em Tramandaí, Imbé e Osório, assim como suas lutas políticas por reconhecimento. Metodologicamente, desenvolveu um formulário de questões diretivas e a realização de entrevistas no formato roda de conversa. A região do Litoral Norte é caracterizada pela proximidade com a região metropolitana de Porto Alegre e apresenta uma dinâmica de veraneio, o que ocasiona uma sazonalidade de aumento expressivo da população nos meses de verão e de esvaziamento nos meses de inverno. Este fenômeno impacta radicalmente os processos de espacialização das sociabilidades das diferentes identidades de gênero e de orientações sexuais. A pesquisa está em desenvolvimento. Os dados já foram coletados estão em processo de organização, interpretação e reflexão.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral: Entender a Territorialização da população LGBTQIAPN+ no Litoral Norte Gaúcho a partir dos eixos de reconhecimento (Honneth, 2009), sociabilidade (Frugoli Jr, 2007) e migração (Galvão, 2025). Objetivos Específicos: Coletar narrativas sobre situações e experiências vividas por pessoas da população LGBTQIAPN+ do Litoral Norte Gaúcho; Entender os processos de reconhecimento e as lutas políticas dessa população na região estudada; Espacializar essas experiências e entender a constituição de territorialidades LGBTQIAPN+. Metodologia: 1)Criação e divulgação de um formulário eletrônico de perguntas diretivas; 2) Promoção de rodas de conversas; 3) Tabulação de dados e análise das narrativas.

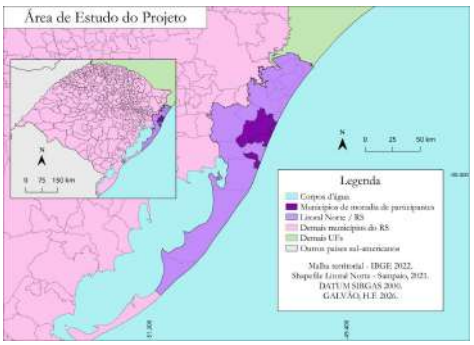
RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Há uma escassez de espaços de sociabilidade nas cidades do Litoral Norte do RS;
2. A territorialização incerta afeta o reconhecimento e atrasa o autorreconhecimento em relação a identidade de gênero e orientação sexual;
3. A precariedade de relações topofílicas (apego e segurança espacial) aumenta a vulnerabilidade social da população LGBTQIAPN+.
4. Essa escassez de segurança espacial, que as (micro)territorializações poderiam produzir, reflete na necessidade e na vontade de migração LGBTQIAPN+, seja essa migração pendular ou permanente.
5. Os equipamentos de saúde específicos para essa população também são quase inexistentes, como os ambulatórios trans, o que impacta na qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES

Pode-se observar a relevância da pesquisa nos resultados já obtidos que demonstram a necessidade de um olhar mais atento e maiores ações visando ajudar na territorialização da população LGBTQIAPN+ Do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Dito isso, a pesquisa tem a intenção de que seus resultados sejam convertidos em políticas públicas e projetos sociais para melhoria da qualidade de vida dessa população.

Mapa 1 - Área de estudo do projeto



Fonte: Autoral

REFERÊNCIAS

COSTA, Benhur Pinós da Costa. A condição homossexual e a emergência de territorializações. **Dissertação de mestrado.** Programa de Pós-Gradução em Geografia: UFRGS, 2002.

COSTA, Benhur Pinós da. Microterritorializações e microterritorialidades urbanas. **T@erra Plural.** Volume 11, número 1, UEPG, Ponta Grossa-PR, 2017.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Sociabilidade Urbana.** Colecção Passo-a-Passo. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro. 2007.

GALVÃO, H. Migrantes LGBTQIAPN+ em Porto Alegre : centralidades, diversidades e fragilidades. **TCC (Curso de Geografia – Litoral Norte: Licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte.** Tramandaí, p. 53. 2025.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** Editora 34, São Paulo. 2003.

ENTRE ATRAVESSAMENTOS E RESISTÊNCIAS: Vivências cotidianas de discentes negras dos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Pará, campus Guamá/Belém

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Erica Mayara Santiago Ramos; Orientado por: Roselí Alves dos Santos
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) - Campus de Francisco Beltrão

INTRODUÇÃO

Este estudo possui o intuito de apresentar diálogos e aprimorar as análises que estão sendo realizadas atualmente acerca das vivências e das experiências de mulheres negras na cidade de Belém do Pará, no Norte do país.

Tal estudo se questiona em como a realidade urbana da mulher brasileira é enfrentada no seu dia a dia, quais ações são realizadas e quais percepções são encaradas, que tipos de atravessamentos seus corpos estão suscetivéis a passar, para além de diversas outras análises especulatórias.

Assim nos propusemos a discorrer, especialmente, sobre a realidade e os desafios dos trajetos urbanos cotidianos de discentes dos cursos de graduação em Geografia – Licenciatura e Bacharelado - da principal instituição pública do Estado, a Universidade Federal do Pará, Campus Belém/Guamá.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral:
Analisar os trajetos urbanos cotidianos realizados pelas discentes dos cursos de Geografia, licenciatura e bacharelado, da Universidade Federal do Pará, campus Guamá na cidade de Belém.

Objetivos Específicos:

- Identificar e caracterizar as dinâmicas espaciais vivenciadas pelas discentes negras;
- Mapear os trajetos dos corpos negros femininos;
- Compreender a atuação da interseccionalidade (gênero, classe e raça/etnia) para essas mulheres e os reflexos desse entendimento na compreensão delas como pessoas.

Procedimentos Metodológicos:

- Abordagem quanti-qualitativa;
- Revisão bibliográfica acerca da literatura base;
- Levantamento de dados por: Trabalho de campo *in loco* e questionários;
- Uso de técnicas de geoprocessamento (QGis).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Visão aérea de localização da Universidade Federal do Pará/UFPA



- A pesquisa se encontra em caráter de desenvolvimento e faz parte de uma dissertação de mestrado;
- O público-alvo do estudo foram estudantes dos cursos de graduação em Geografia (licenciatura e bacharelado). Sendo quatro turmas de cada curso, nos turnos matutino e noturno da universidade. E com as discentes que se autodeclaravam negras (pardas/pretas);
- Ambos os cursos tem predominância do gênero masculino e entre mulheres, há uma baixa porcentagem de mulheres negras;
- Em expressivo número, já podê-se visualizar que as discentes convivem com medo constante e enxergam várias formas de assédio e, em alguns casos, algumas formas de violência durante o seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES

Dessa forma, essa discussão busca fomentar mais pesquisas acadêmicas com tal enfoque de estudo, viabilizando mais diálogos e discussões críticas dentro e fora da academia acerca das experiências e das vivências de mulheres negras no espaço urbano.

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios, n. 174);
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020;
- LOBATO DE SOUZA, Vivian Camila. Análise marxista da mobilidade urbana na cidade de Belém/PA: estudo de caso dos bairros Terra Firme e Guamá. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015;
- MELO, Maria de Nazaré Santos; SANTOS, Maysa Leite Serra dos. Cabanagem: a história vivenciada na região do Grão-Pará. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 12, p. 1-16, 2020;
- SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

DISSIDÊNCIAS EM FESTA: A contribuição das festividades trans para a subversão de espacialidades cisnormativas em São Carlos (SP)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Gabriel Gimenes de Estefani; Maria Fernanda Alves Cardoso
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) – Rio Claro

INTRODUÇÃO

O espaço urbano, de modo geral, caracteriza-se como uma dimensão conflituosa na qual se materializam múltiplas violências contra os sujeitos que desafiam a linearidade entre sexo, gênero e desejo. Isto porque a incorporação espacial de normas e valores hegemônicos cisnormativos implica em um movimento de repressão, regulação e marginalização das corporeidades dissidentes de gênero, dificultando a consolidação de condições dignas de existência (Moraes, 2017). Contudo, mesmo diante dessa situação social, identifica-se a (re)existência desse grupo social e, por consequência, suas manifestações espaciais.

Ao analisar as espacialidades do território brasileiro, torna-se perceptível a emergência de forças subversivas opostas às normativas cisgêneras estabelecidas, que se expressam, inclusive, através da construção de momentos efêmeros de festividades. Uma demonstração incontestável desse processo é a própria história do carnaval de rua que, embora também permeado pelos insultos e violências físicas de caráter transfóbico, promove, desde 1940, um tensionamento temporário das expectativas de gênero, garantindo aos sujeitos sociais um momento de experimentação de novas performances e possíveis identidades (Sousa, 2025).

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente trabalho tem por objetivo investigar o impacto das festividades trans, localizadas no espaço urbano de São Carlos (SP), na construção de redes de apoio, proteção, resistência e libertação para membros da comunidade local. Para tanto, a metodologia adotada foi o levantamento, a sistematização e a análise crítica da literatura, associada a análise qualitativa de trechos selecionados de entrevistas semiestruturadas realizadas em pesquisa anterior, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP de Franca, sob o parecer n° 7.669.052.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As investigações desenvolvidas em São Carlos (SP) evidenciaram que as festas promovidas pelo Coletivo Drama e pelo Coletivo 220 constituem espacialidades de tensionamento das normativas de gênero. Conforme identificado nas entrevistas realizadas, tais eventos ultrapassam o mero entretenimento, consolidando-se como ambientes de experimentação, sociabilidade e apoio mútuo, essenciais para o percurso melindroso e, muitas vezes, solitário da transição de gênero. De modo complementar, fomentam a geração de renda para corpos dissidentes por meio da discotecagem e de performances, frente aos processos históricos de marginalização socioeconômica.

Assim, a prática de festejar não se associa a uma mera conduta marcada pela frivolidade, mas constitui-se como um ato de resistência aos ideais cisnormativos e, também, como um momento de possibilidade de reinvenção e reorganização do mundo material (Simas, 2025). Nela torna-se possível celebrar a performance, o corpo, a dissidência, a sensibilidade e a vida de um segmento da população que convive, cotidianamente, com o sofrimento, o medo, a violência, a marginalização e o rondar da morte e da desesperança.

CONSIDERAÇÕES

Em síntese, reconhece-se que as festividades voltadas à manifestação artística e cultural dissidente no município de São Carlos (SP) exercem influência favorável à sobrevivência e à organização de pessoas transexuais, travestis e transgêneros, além de contribuírem para a reestruturação do espaço urbano e para o tensionamento das normativas hegemônicas de gênero. Entretanto, destaca-se que, embora fundamental, a resistência não deve se restringir a tais espacialidades cerceadas e transitórias. Deve-se, na realidade, reconhecer esses espaços como um verdadeiro instrumento de expansão de luta a fim de transformação social.

REFERÊNCIAS

MORAES, Cristina Gross. Diversidade sexual e discriminação: ética e estética. In: NARDI, Henrique Caetano; SILVEIRA, Raquel da Silva; MACHADO, Paula Sandrine (org.). *Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas.* Porto Alegre: Sulina, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio. *Resistência, por definição, é capacidade que uma força tem de se opor a outra.* Instagram, 13 fev. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DGAsXYdOwV_/>. Acesso em: 13 maio 2026.

SOUSA, Francisco Emanoel Pereira de. *Gênero, performance e carnaval: uma análise do Bloco das Virgens de Cajazeiras, Paraíba (1994 a 2017).* 2025. 43p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Cajazeiras, 2025.

Potencial das Geografias Feministas como estratégia para a desconstrução do pensamento *'Red Pill'*.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Geniani Stefani dos Santos.
Orientada por: Prof. Dr. Carlos André Gayer Moreira[1].
Universidade Estadual de Maringá.

INTRODUÇÃO

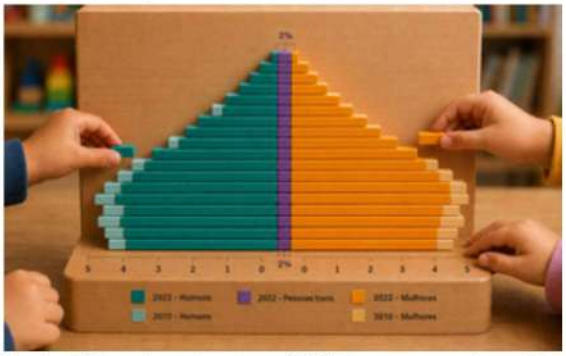
A Geografia Feminista, na contemporaneidade, tem se mostrado um campo analítico interessante para revisar concepções misóginas e masculinistas, e promover a visibilidade das mulheres (Silva, 2010).

Nesta perspectiva, a pesquisa tem investigado possíveis estratégias teórico-metodológicas para desconstruir o pensamento 'Red Pill', que frequentemente incita narrativas reacionárias e de opressão de gênero (Santos, 2025). Para isso, estão sendo pensadas práticas pedagógicas da Geografia, em escolas estaduais de Maringá/PR, onde se possa fomentar o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes sobre as relações de gênero, e assim combater a culpabilização das mulheres baseada em interpretações anticientíficas, evidenciando, portanto, a relevância da perspectiva geográfica nas dinâmicas sócioespaciais contemporâneas.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa tem como objetivo desconstruir o pensamento *'Red Pill'* em âmbito escolar por meio de práticas pedagógicas no PIBID/Geografia, com uso de mapas sobre violência contra a mulher e análises com proposta de pirâmide etária móvel. A partir da metodologia da pesquisa-ação, o trabalho faz então uma bricolagem entre leituras estratégicas na Geografia Feminista, em interlocução com a BNCC e análise documental do IPEA e documentos escolares, com rodas de conversa, visando a reeducação dos estudantes (Tripp, 2005).

Ilustração 1 - Pirâmide Etária Móvel.



Fonte: Elaborado pela autora, 2026. Imagem gerada por IA.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao denunciar a invisibilidade das mulheres na ciência, a Geografia Feminista desestabiliza a concepção da neutralidade e objetividade do saber científico e do espaço, provocando debate epistemológico na Geografia (Silva, 2010). Por isso, após a revisão bibliográfica e documental, a pesquisa já tem indicado que ao final da aplicação das práticas para avaliar o impacto direto nos jovens se pode esperar os seguintes resultados:

1) fortificação teórica e empírica para combater narrativas misóginas; 2) multiplicação da abordagem do tema com grande número de estudantes; 3) reflexão crítica sobre gênero e desnaturalização do discurso Red Pill localmente (Santos, 2025).

Infográfico 1 - Feminicídios até 2024.



Fonte: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2024.

CONSIDERAÇÕES

Por fim, a presente pesquisa traz uma crítica ao viés masculino e eurocêntrico da ciência geográfica, ancorada nas Geografias Feministas, enfatizando que o discurso *'Red Pill'*, como reação violenta aos avanços das mulheres, precisa ser analisado como problema socioespacial, a ser trabalhado com adolescentes das escolas estaduais de Maringá/PR. Ao articular o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e leituras a partir de um Grupo de Pesquisa (GEISER) para criar estratégias pedagógicas "desconstrutoras", esperamos contribuir para uma maior conscientização social e equidade de gênero, colaborando na formação de sujeitos que leem o espaço de forma inclusiva e rompendo com a misoginia, em direção a uma sociedade menos violenta e desigual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 18. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253. Acesso em: 10 maio 2026.

SANTOS, Pablo Henrique Silva dos. **RED PILL E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.** Revista Contemporânea, [S. l.], v. 5, n. 6, p. e8381, 2025.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Feministas, Sexualidades e Corporalidades: Desafios às Práticas Investigativas**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 27, p. 37–54, 2010.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

NEOCONSERVADORISMO E A CRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO: BARREIRAS AOS DIREITOS REPRODUTIVOS E O IMPACTO SELETIVO DA PUNIÇÃO ESTATAL ENTRE MULHERES NEGRAS E BRANCAS NO BRASIL

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG
EIXO 1 - GEOGRAFIAS INTERSECCIONAIS: RAÇA, CLASSE E GÊNERO.

Nayra Quitete Carlota Cardoso. Orientado por: Silvana Cristina da Silva
Universidade Federal Fluminense UFF - Campos

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a interrupção voluntária da gravidez no Brasil como um epicentro da ascensão neoconservadora, onde o ordenamento penal e religioso opera como dispositivo de controle de corpos e territórios. Sob a ótica da "geografia do poder", demonstra-se que a criminalização não atinge a população de forma homogênea: a segregação socioespacial e a "territorialização da precariedade" confinam mulheres negras e periféricas a zonas de menor assistência e maior vigilância punitiva, enquanto elites brancas contornam a vedação legal via redes privadas seguras. Ao tensionar os limites do Estado Laico frente à instrumentalização política do feto, a pesquisa revela como a morfologia urbana e a moralidade religiosa preservam hierarquias raciais, convertendo a ilegalidade em uma sentença de risco de morte para grupos marginalizados e evidenciando a discrepância estrutural entre o direito abstrato e a autonomia reprodutiva nas periferias brasileiras.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A fundamentação teórica articula conceitos de Biopolítica, Necropolítica e Racismo Estrutural para mostrar que o Estado brasileiro, embora formalmente laico, permite a infiltração de dogmas religiosos nas políticas públicas. A Portaria nº 2.282/2020 do Ministério da Saúde (Brasil, 2020) é um exemplo emblemático dessa influência, reforçando a seletividade penal: o feto é politicamente instrumentalizado, enquanto vidas de mulheres negras e periféricas são negligenciadas ou destinadas ao extermínio institucional.
Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e documental. Confrontamos o Código Penal de 1940 e a Constituição Federal de 1988 com dados da Pesquisa Nacional do Aborto (Diniz; Medeiros; Madeiro, 2017). As estatísticas evidenciam que mulheres negras têm maior probabilidade de recorrer ao aborto em comparação às mulheres brancas no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados preliminares, fundamentados nos dados da Pesquisa Nacional do Aborto (Diniz; Medeiros; Madeiro, 2017) e nos indicadores do IBGE, revelam que a criminalização do aborto no Brasil opera sob uma nítida seletividade sociorracial. Observa-se que mulheres negras apresentam uma probabilidade de interrupção da gravidez 46% superior à de mulheres brancas, sendo simultaneamente as mais expostas a métodos inseguros e à vigilância estatal. A análise teórica indica que a 'territorialização da precariedade' converte as periferias urbanas em zonas de interdição de direitos, onde o neoconservadorismo instrumentaliza o aparato punitivo para exercer controle biopolítico sobre corpos negros. Assim, a discussão aponta que a barreira ao aborto legal, reforçada por mecanismos como a Portaria nº 2.282/2020 (Brasil, 2020), não é apenas uma questão de saúde pública, mas um dispositivo de manutenção do racismo estrutural que utiliza a moralidade religiosa para aprofundar a segregação socioespacial e a exclusão da cidadania reprodutiva.

CONSIDERAÇÕES

Concluímos que a criminalização do aborto, sob a lógica neoconservadora, não é uma medida neutra de proteção à vida. Trata-se de uma estratégia política de controle populacional e de manutenção das hierarquias raciais e de classe.O Estado, influenciado pelo neoconservadorismo, utiliza a moralidade religiosa para justificar o controle sobre a autonomia feminina, transformando o sistema de saúde em uma extensão do aparato punitivo. A ilegalidade funciona como vetor de aprofundamento das desigualdades sociais, transformando o direito à saúde em privilégio geograficamente distribuído. Assim, o aborto no Brasil revela-se não apenas como questão de saúde pública, mas como campo de disputa política, moral e territorial, onde a autonomia reprodutiva feminina é sistematicamente limitada.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ione. **Veja onde se faz mais aborto no Brasil, de acordo com o IBGE.** Agência Patrícia Galvão, 21 ago. 2025. Disponível em: https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/dsr/veja-onde-se-faz-mais-aborto-no-brasil-de-acordo-com-o-ibge/. Acesso em: 29 abr. 2026.
BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.561, de 23 de setembro de 2020. Dispõe sobre o Procedimento de Justificação e Autorização da Interrupção da Gravidez nos casos previstos em lei, no âmbito do Sistema Único de Saúde-SUS. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 184, p. 89, 24 set. 2020. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.561-de-23-de-setembro-de-2020-279185796. Acesso em: [inserir o dia, o mês abreviado e o ano, ex: 22 jun. 2026].
BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 abr. 2026.
DINIZ, D.; MEDEIROS, M.; SOUZA,P.H.G.F.; GOÉS, E. **Aborto e raça no Brasil, Pesquisa Nacional de Aborto 2016 a 2021**, v.28, n.11, nov. 2023.Disponível em:
LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 70, p. 20-33, Nov. 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003. Acesso em: 29 abr. 2026.

A Formação Espacial do Gênero: Uma Análise Geográfica da Resistência de Belonísia em Torto Arado

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Neila Maria Soares da Silva e Suzane dos Santos Azevedo.
Orientado por: Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva
Universidade Federal de Goiás - UFG

INTRODUÇÃO

Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Junior, representa parte da história do Brasil em um contexto marcado pela herança colonialista que influencia o modo de vida das comunidades descendentes de escravos. A obra evidencia a condição da mulher negra em situação de vulnerabilidade em uma cultura patriarcal. A pesquisa analisa a trajetória de Belonísia e sua relação com o território, os saberes ancestrais e as estruturas de poder, destacando as relações entre espaço geográfico, identidade de gênero, resistência e silenciamento histórico das mulheres negras.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral:
Evidenciar aspectos relativos às questões de gênero presentes na geograficidade das mulheres de Torto Arado, com foco na personagem Belonísia.

Objetivos Específicos:

- Analisar a relação entre espaço e identidade de gênero;
- Compreender a resistência feminina em contextos de vulnerabilidade;
- Relacionar ficção e realidade social brasileira;

Metodologia:
A pesquisa possui abordagem monográfica e comparativa, baseada em Marconi e Lakatos (2017). O estudo relaciona ficção e realidade para analisar a resistência da mulher negra em situações de vulnerabilidade e sua relação com o espaço geográfico e a identidade de gênero. A análise fundamenta-se nas teorias de Milton Santos (1996) e nos conceitos de gênero e resistência de Ferreira (2025) e Resende (2021).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados demonstram que a trajetória de Belonísia está diretamente ligada à sua formação espacial, confirmando a tese de Milton Santos de que o espaço interfere na existência humana. O silenciamento da personagem representa o silenciamento histórico das mulheres negras, sem anular suas ações e formas de resistência. A obra de Itamar Vieira Junior contribui para a compreensão do espaço geográfico e das relações de poder, evidenciando que a conexão com o território e os saberes ancestrais fortalece a resistência em contextos de vulnerabilidade.

Figura 1: Capa do livro Torto Arado



Fonte: Editora Todavia, Elisa v. Randow e Aline Bispo 2019

CONSIDERAÇÕES

O trabalho possibilita reflexões acerca das relações entre espaço, gênero, identidade e resistência na sociedade brasileira. Mesmo em contextos de vulnerabilidade e silenciamento, a conexão com o território e os saberes ancestrais permite que sujeitos desafiem estruturas seculares de poder. A pesquisa evidencia a importância da literatura como instrumento de análise geográfica e social, além de ampliar discussões sobre o protagonismo das mulheres negras e sua relação com o território.

Figura 2: Fotografia que inspirou a capa do livro



Fotografia (MARROZZINI, 2010)

REFERÊNCIAS

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo. Atlas 2017. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1BGv136gklazPEgTP4ClOhyCLgN_kOyYB/view. Acesso em: 12 de Fev. 2026.
SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto arado. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019
FERREIRA, Genoveva Martins da Costa et al. Por entre vozes e silenciamentos em Torto arado. 2025.
RESENDE, Joelma de Araújo Silva; DE OLIVEIRA, Maria Helena; DE ALENCAR COSTA, Margareth Torres. A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JR. Revista de Literatura, História e Memória, v. 17, n. 30, p. 24-36, 2021.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

A ARTE DA R-EXISTÊNCIA E DO CUIDADO PELA VIDA

Paola Xavier Da Silva*
Orientadora: Mercedes Solá Pérez
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surge através dos encontros realizados no projeto de pesquisa "R-existências dos povos pela vida", tanto da iniciação científica como de reuniões realizadas com mulheres estudantes e pesquisadoras - algumas inclusive pescadoras artesanais - vinculadas às comunidades tradicionais pesqueiras.

Estas mulheres pesquisam no âmbito da iniciação científica, extensão, graduação e pós-graduação. Também, decorre de uma pesquisa anterior (de caráter voluntário) que resultou na apresentação de trabalho sobre a "Crítica à naturalização do cuidado como feminino", e da evidência que o cuidado também pode ser compreendido como uma forma de r-existência pela vida.

Assim, surgiu a inquietação em compreender o que são as r-existências sociais, principalmente no âmbito das comunidades tradicionais pesqueiras.





Fonte: Autoria prória.

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa trata de apresentar um estado da arte dos conceitos de r-existência e cuidado, buscando entender como ambos se relacionam no contexto dos movimentos sociais, e das comunidades tradicionais pesqueiras na luta pela vida. A partir desse conhecimento, busca-se poder atuar junto às mulheres da pesca artesanal, em seus territórios, para além dos muros da universidade. Para isso os objetivos específicos são: compreender o conceito de r-existência; apresentar o conceito de cuidado e refletir como podem se vincular ambos conceitos com foco nas mulheres pescadoras.

METODOLOGIA

A metodologia foi desenvolvida inicialmente por meio de revisão bibliográfica a partir de textos científicos sobre os conceitos de r-existência, cuidado, vida e feminismo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para entender o conceito de r-existência, analisamos inicialmente os textos de Carlos Walter Porto-Gonçalves, que compreende esse conceito como uma expressão das lutas dos movimentos sociais, que não apenas resistem às estruturas históricas de dominação, mas também constroem suas próprias formas de existir, viver, sentir, agir e pensar.

"Não apenas lutam para resistir aos que matam e desmatam, mas também lutam por uma certa forma de existência, um determinado modo de vida e produção, por modos plurais de sentir, agir e pensar".
(PORTO-GONÇALVES, 2003).

Já o cuidado é analisado a partir da critica a uma construção social historica e idealizada por um sistema heteronormativo, patriarcal e capitalista, que produz violência de gênero, hierarquias na divisão sexual do trabalho e desigualdade salarial. Diante disso, considera-se fundamental a necessidade dos homens também se responsabilizarem pela esfera de reprodução da vida.

O conceito de cuidado abrange todas as ações necessárias para a manutenção da existência e da natureza, sendo uma atividade indissociavel da vida, portanto, não deveria ser restrita apenas às mulheres (NOBRE, 2024).

CONSIDERAÇÕES

Por fim, o que se conclui, é que não há como separar r-existência e cuidado a partir da compreensão de que ambos caminham lado a lado na luta contra as relações históricas de dominação que afetam tanto as mulheres quanto a natureza. A partir dos estudos realizados, compreende-se que as r-existências se constituem com, apesar, contra e além do sistema capitalista patriarcal, expressando formas de lutar pela vida. Desse modo, o mesmo acontece com o trabalho de cuidado realizado tradicionalmente por mulheres, que é historicamente usado como forma de exploração, mas também é ressignificado por elas como forma de r-existência na luta pela defesa e cuidado da natureza e da vida. Compreende-se que para elas defender a natureza significa também defender a própria vida, já que são co-dependentes.

Referências

Lina Maria Hurtado; Carlos Walter Porto-Gonçalves. R-existência. In: Carlos Walter Porto Gonçalves, Bruno Cezar Pereira Malheiro, Eduardo Barcelos, Jorge Montenegro, Lina Maria Hurtado Gómez, Mercedes Solá Pérez, Valter do Carmo Cruz (org). **Dicionário de Ecologia Política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2024. ISBN: 9786587145815

NOBRE, Mirian. Cuidados. In: PORTO-GONÇALVES, C.W; et al. **Dicionário de ecologia política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2024

*Estudante de graduação licenciatura em geografia, bolsista de iniciação cientifica pela FAPERGS, paolaxavierdasilva@gmail.com

Manos, manas e monas: uma análise Geolinguística das juventudes *queer* de Porto Alegre

Theo Vicenty Lopes Dalla Rosa[1]; Victor Hugo Nedel Oliveira[2]
[1]UFRGS, theovldalla@gmail.com; [2]UFRGS, victor.nedel@ufrgs.br

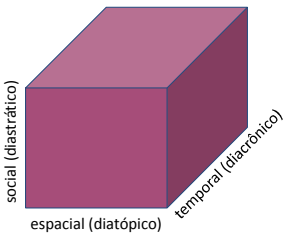
INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é um aprofundamento dos estudos *queer* dentro da Geografia das Juventudes e da Geolinguística das Juventudes, abordando as nuances linguísticas das juventudes LGBTQIAPN+ de Porto Alegre, sob o recorte diatópico e diastrático de centro e periferia.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Possuiu o objetivo geral de analisar as influências espaciais e identitárias no vocabulário e na forma de falar das juventudes contemporâneas de Porto Alegre. A metodologia utilizada foi a de um Grupo Focal formado por jovens de regiões distintas de Porto Alegre, selecionadas através posições socioeconômicas perante dados do Orçamento Participativo (PROCEMPA, 2010). O grupo teve duração de 2h e foi dividido em três momentos: *I) Quem são esses jovens?*; *II) Sobre jovens queer e espaço*; e *III) Sobre jovens queer e linguagem*. Para a análise de dados, foi realizada uma combinação da análise de conteúdo (Bardin, 1979) e a análise de diassistemas linguísticos (Rector, 1975).

Cubo de Rona e seus eixos de análise para diassistemas linguísticos



Fonte: elaborado pelo autor, com base nos trabalhos de Rona (1970) e Rector (1975)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nuvem de palavras do momento I: Quem São Esses Jovens?



Fonte: elaboração do autor, 2025. Via Voyant Tools.

No momento I foram destacadas duas ideias sobre o "ser jovem": uma como um momento da vida finito e ligado a uma falta de responsabilidades, e a outra como um estado de espírito que perpassa vários momentos da vida. O primeira ideia foi defendida pelos jovens brancos do GF e a segunda, pelos jovens negros.

Nuvem de palavras do momento II: Jovens *Queer* e Espacialidades

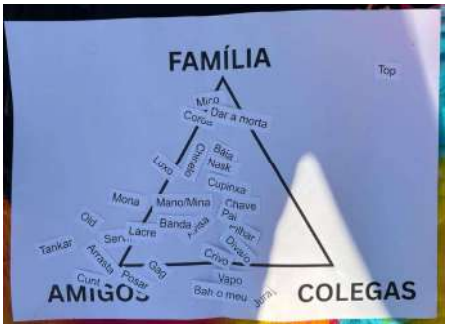


Fonte: elaboração do autor, 2025. Via Voyant Tools.

No momento II lhes foi questionado sobre espaços de afeto e desafeto na cidade, apontando para uma carência de espaços destinados ao público *queer*, declarando uma inércia ao frequentar espaços que não gostam, mas são locais onde a população juvenil se encontra, como declarou uma participante: "*Os lugares que eu colo eu não necessariamente gosto.*"

Ao se debruçar sobre a linguística, os jovens participantes reconheceram uma mudança (consciente e inconsciente) da sua forma de falar dependendo do espaço que estão e com quem estão. Há um medo e receio em demonstrar suas identidades, seja a de jovem *queer*, seja a de jovem periferizado. Apresentaram também uma repulsa a determinadas expressões, como o "*top*", e uma grande aderência a gírias derivadas do ciberespaço.

Resultado final de atividade proposta durante o momento III



Fonte: elaboração do autor junto dos jovens pesquisados, 2025.

CONSIDERAÇÕES

Apesar do volume de resultados apresentados, ainda há muito o que se discutir no campo da Geolinguística da Juventude, ainda mais a partir do aspecto *queer*. É evidente que há um espaço de convergência linguística através de gírias próprias da comunidade LGBTQIAPN+ e de outras expressões nato-digitais, mas também há uma divergência fruto da divisão sócio-espacial de Porto Alegre. Tornou-se claro que as juventudes *queer* enxergam uma necessidade de polir a sua fala em espaços institucionais, e que reconhecem que todo espaço que um indivíduo se insere é capaz de alterá-lo, principalmente os que o faz por escolha.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** 1. ed. São Paulo: EDIÇÕES 70, 1979; PROCEMPA. **Porto Alegre em Análise.** Disponível em: https://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?analises. Acesso em: 3 jun. 2025; RECTOR, Mônica. **A Linguagem da juventude:** uma pesquisa geo-sociolingüística. Mestrado, v. 3, Petrópolis, Editora Vozes, 1975. RONA, José Pedro. **A Structural View of Sociolinguistics.** In: GARVIN, Paul L. (ed.). Method and Theory in Linguistics. The Hague / Paris: Mouton, 1970. p. 199-211.

Imagens retiradas do Canva







EIXO 2
GEOGRAFIA URBANA, CONFLITOS E MOVIMENTOS SOCIAIS











A geografia da Racismo ambiental: o mapeamento das políticas habitacionais e urbanas de reconstrução dos quilombos urbanos em Porto Alegre pós-inundação de maio de 2024.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Ana Carolina da Silveira Rodrigues
Pedro Vítor da Costa Moraes
Claricia da Rosa Domingues
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa em desenvolvimento no Observatório das Consequências Jurídicas das Enchentes e Inundações da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), que busca analisar as políticas habitacionais e urbanas voltadas à reconstrução dos territórios quilombolas atingidos pelas enchentes de maio de 2024 em Porto Alegre.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo da pesquisa é analisar quais as políticas habitacionais e urbanas foram implementadas nas comunidades quilombolas urbanas de Porto após as inundações de maio de 2024 e os desafios jurídicos e sociais permanecem nesse processo.

A pesquisa adota abordagem qualitativa e está estruturada em três etapas: (i) análise documental da legislação e dos atos normativos; (ii) georreferenciamento dos territórios quilombolas urbanos; e (iii) realização de entrevistas semiestruturadas com lideranças comunitárias e moradores das comunidades atingidas.

A análise documental, faz parte da pesquisa qualitativa, a qual os autores analisaram leis, medidas provisórias, decretos e portarias emitidas, entre abril e dezembro de 2024, em âmbito federal, estadual e municipal, com foco nas áreas de assistência social, habitação e proteção social.

Na etapa de análise espacial, utilizou-se o software QGIS para mapear localizadas na área diretamente atingida pelas inundações. Foram integradas bases cartográficas do OpenStreetMap e dados do Censo Demográfico de 2022 do IBGE, permitindo identificar quatro comunidades oficialmente reconhecidas e analisar sua sobreposição com as áreas inundadas.

Foi incorporada à camada da mancha de inundação, permitindo identificar espacialmente a relação entre as áreas atingidas pelas cheias e os territórios quilombolas, a escolha pela utilização dos dados do IBGE, justifica-se pelo fato de que, o levantamento censitário de 2022 é o primeiro mapeamento oficial das comunidades quilombolas no Brasil, guardando grande relevância para o debate da questão quilombola no cenário nacional. Ressalta-se que, os autores têm total ciência de que há outras comunidades quilombolas que foram atingidas pelas inundações, mas que não constam nos dados do IBGE. Assim, para fins de análise espacial deste estudo, vamos utilizar as duas comunidades que tiveram seus territórios totalmente inundados pela cheia e que possuíam algum tipo de delimitação oficial, à época da realização do censo do IBGE de 2022 - e que constam no banco de dados georreferenciados da instituição, são elas: Quilombo do Areal e Quilombo da Família Fidélix (Figura 1).

Por fim está sendo desenvolvido trabalho de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas, com lideranças comunitárias e moradores dos quilombos urbanos situados na ADA, buscando analisar as narrativas dos moradores sobre os impactos da inundação em seu território, bem como identificar as politicas habitacionais ou urbanas emitida em caráter emergencial que foi utilizada pelos quilombolas para a reconstrução do seus espaços de convivência.

Figura 1 - Quilombo do Areal e Quilombo da Família Fidélix situado na área diretamente atingida, Porto Alegre 2026



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do IBGE (2022), NEGA/UFRGS (2024) e IPH/UFRGS (Possanti et al., 2024)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente trabalho ainda encontra-se em desenvolvimento, restando a conclusão das entrevistas semiestruturadas com lideranças comunitárias e moradores dos dois quilombos urbanos analisados. Os resultados parciais da pesquisa, indicam que os moradores dos quilombos urbanos situados em ADA, em grande medida, tiveram acesso ao Auxílio Reconstrução, medida provisória de nº 1.219/24, proferida em caráter emergencial pelo poder público federal, em parcela única, no valor de R$ 5.100,00 (cinco mil e cem reais), para reconstruir suas casas e os espaços de uso comunitário do quilombo.

A partir do referencial teórico da justiça ambiental (Acselrad, 2002), observa-se que a insuficiência das políticas públicas de adaptação climática. Além das perdas materiais provocadas pelas inundações, verificam-se impactos sobre o território, os modos de vida e os vínculos comunitários elementos fundamentais para as comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados preliminares indicam que as políticas habitacionais implementadas após as enchentes de maio de 2024 apresentam limitações para atender às especificidades dos territórios quilombolas urbanos. As entrevistas apontam que a reconstrução envolve também a preservação dos vínculos comunitários, culturais e territoriais. A continuidade da pesquisa permitirá aprofundar a análise dos dados.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: População quilombola. Disponível em<https://www.ibge.gov.br/brasil-quilombola/>. Acesso em: 16 abril 2026

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco. Desenvolvimento e Meio Ambiente, [S. l.], v. 5, 2002. DOI: 10.5380/dma.v5i0.22116. Disponível em: < https://revistas.ufpr.br/made/article/view/22116>. Acesso em: 19 maio. 2026.

Concentração espacial da pós-graduação na área de mineração no Quadrilátero Ferrífero

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Ana Flávia R. Bizotti; Orientada por Wagner Batella
Universidade Federal de Juiz de Fora

INTRODUÇÃO

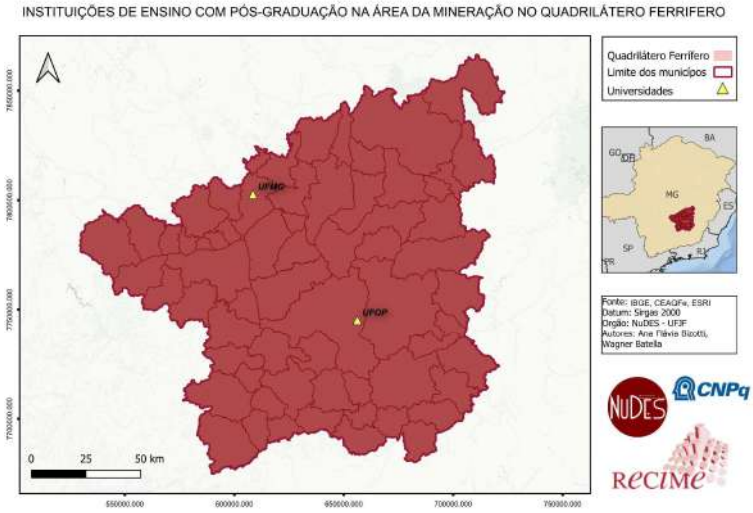
A concentração espacial está ligada ao processo de especialização. Em "A Natureza do Espaço", Milton Santos discorre sobre a produção pode ser mais vantajosa em áreas separadas, pois há um intercâmbio de espaços e é seguida por uma necessidade de circulação. O Quadrilátero Ferrífero é um exemplo disso, no âmbito da ciência. Localizado na porção centro-sul de Minas Gerais, é um importante terreno para o Brasil em relação aos seus recursos naturais, em especial o ferro e o ouro (AZEVEDO ET AL, 2012), e com cidades destaques, como Belo Horizonte, Mariana e Ouro Preto.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho busca analisar a concentração espacial dos programas de pós-graduação relacionados à mineração no Quadrilátero Ferrífero, identificando sua distribuição territorial e sua relação com os principais centros minerários e universitários da região. Além disso, levantar os programas de pós-graduação ligados à mineração existentes no Quadrilátero Ferrífero, assim como mapear espacialmente as instituições de ensino e pesquisa vinculadas ao setor mineral. Em um primeiro momento, foi feita uma pesquisa bibliográfica, separando as leituras por eixo temático. Após isso, realizou-se a delimitação da área de estudo. A que mais se adequa a pesquisa foi a delimitação feita pelo Centro de Estudos Avançados do Quadrilátero Ferrífero (CEAQFe) denominada Quadrilátero Ferrífero 2.0. Depois, realizou-se um levantamento das instituições de ensino públicas que possuem cursos de pós-graduação que se relacionam com a mineração por meio da plataforma sucupira e os próprios dados disponibilizados nos sites das universidades.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi possível analisar que existem duas cidades que norteiam a pós-graduação dentro do Quadrilátero ferrífero, Belo Horizonte e Ouro Preto. Cada uma atrai público de maneiras distintas, mas ambas concentram especialização no âmbito científico.



Universidade	Nome do programa	Área de concentração	Linhas de pesquisa	Localização
UFMG	Inovação tecnológica	Novos Materiais, Nanotecnologia e Química	Engenharia de novos materiais Nanotecnologia e nanometrologia Desenvolvimento de produtos e escalonamento em Química	Belo horizonte
	Geologia	Geologia Regional	Mineralogia, petrografia, geoquímica geral e aplicada	
		Geologia Econômica e Aplicada	Metalogenese de bens minerais metalicos com ênfase em ouro, ferro e manganes Metalogenese de bens minerais não-metalicos e minerais de alta tecnologia Geometalurgia e tratamento de minérios Quadrilátero ferrífero Geofísica Recursos minerais metálicos: da exploração à aplicação	
	Engenharia metalúrgica, materiais e minas	Metalurgia extrativa e meio ambiente	Processos metalúrgicos Hidro e Eletrometalurgia	
		Metalurgia física e de transformação	Estrutura e propriedade dos materiais e ligas	
		Tecnologia mineral	Caracterização dos recursos minerais Tratamento de minérios	
		Tecnologia mineral e meio ambiente	Caracterização e beneficiamento de minérios Pesquisa mineral, lavra de minas e segurança Geometalurgia dos recursos, reservas minerais e aproveitamento sustentável de rejeitos	
		Metalurgia Física	Estrutura, propriedade físicas, mecânicas e químicas dos metais e ligas Processamento termomecânico e químico de metais	
		Metalurgia Extrativa	Controle de processos metalúrgicos	
UFOP	Ciências	Física de materiais	Materiais e sistemas estruturados e nanoestruturados	Ouro Preto
	Engenharia ambiental	Meio ambiente	Gestão ambiental corporativa	
	Engenharia geotécnica	Geotecnia aplicada à mineração	Taludes e escavações Estéreis e resíduos de mineração	
	Engenharia de materiais	Processos de materiais	Elaboração, Processamento e refino de metais Hidrometalurgia	Ouro Preto E Belo Horizonte
		Análise e seleção de materiais	Caracterização de matérias primas Tecnologias integradas para o aproveitamento de rejeitos da mineração de ferro Reação ao fogo de materiais Fadiga e fratura de materiais	
	Engenharia mineral	Lavra de Minas	Planejamento de Lavra Lavra à Céu Aberto e Subterrânea Geomecânica e Geotecnia Fechamento de Mina	Ouro Preto
		Tratamento de minérios	Flotação Caracterização Tecnológica de Minérios e Resíduos Operações Complementares Métodos de Concentração, Separação Sólido-Líquido e Aglomeração	
	Evolução crustal e recursos minerais	Tectonica, petrogenênese e recursos minerais	Mineralogia aplicada	
		Geologia ambiental e recursos minerais	Geologia, controle e gênese de depósitos minerais Impactos ambientais de atividades de mineração	
	Geotecnia	Geotecnia	Geotecnia aplicada a mineração Obras de terras e mecânica de rochas Geologia de engenharia	
	Química	Físico-química	Química de Materiais e Termodinâmica Química	
	Instrumentação, Controle e Automação de Processos de Mineração	Instrumentação, Controle e Automação de Processos de Mineração	Instrumentação e processos Robótica e controle Sistemas inteligentes e computacionais	

Mestrado Profissional | Mestrado Acadêmico | Mestrado e Doutorado

CONSIDERAÇÕES

A concentração espacial da ciência no Quadriláterro Ferríreo está intimamente ligada ao caracter das cidades detendoras dos polos esducacionais. Belo Horizonte, por ser uma atrativa capital e referencia na ciência como um todo e Ouro Preto, com todo o hitório mineral e científico.

REFERÊNCIAS

ARBOLEDA, Martín. From Spaces to Circuits of Extraction: Value in Process and the Mine/City Nexus. **Capitalism Nature Socialism**. 31:3, pp. 114-13, 2020b.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processos, formas e interações espaciais. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 61, n. 1, p. 127-134, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. Meio Técnico-Científico e Urbanização: Tendências e Perspectivas. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 2, n. 2, p. 76–86, 2006.

Distribuição socioespacial de espaços públicos de lazer infantil em municípios paulistas: uma análise sobre a espacialidade do direito ao brincar na cidade

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Anelise Martins Barboza; Orientada por: Drª. Marina Castro de Almeida
Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro-SP

INTRODUÇÃO

O adultocentrismo encontra sua máxima expressão na esfera pública, invisibilizando as crianças na produção da cidade (Muller e Nunes, 2014). Com isso, seus impactos sobre o exercício da cidadania infantil por meio do brincar tornam-se perceptíveis na distribuição socioespacial desigual dos espaços públicos de lazer infantil.

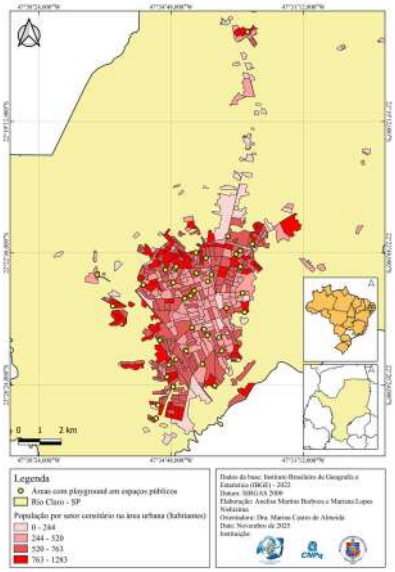
OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo: Compreender a distribuição socioespacial de playgrounds em áreas públicas nos municípios paulistas de Rio Claro, Presidente Prudente e Jundiaí.

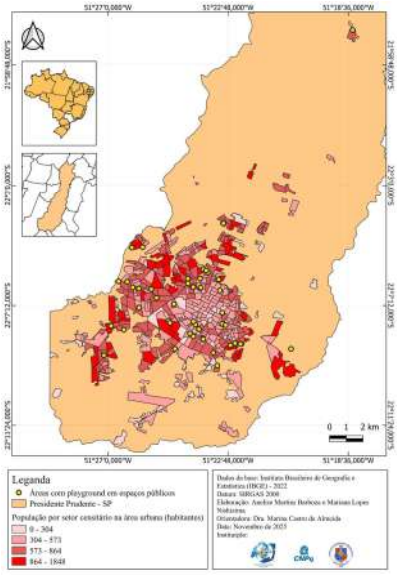


RESULTADOS E DISCUSSÕES

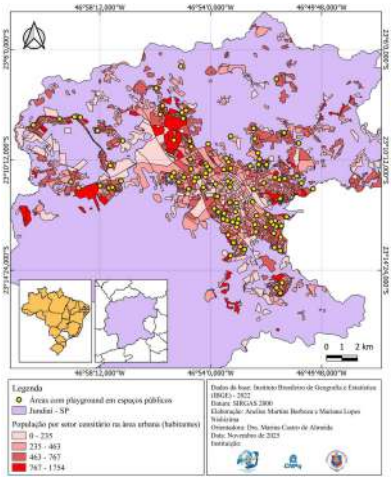
Mapa 1: Áreas com playground em espaços públicos de Rio Claro/SP



Mapa 2: Áreas com playground em espaços públicos de Presidente Prudente/SP



Mapa 3: Áreas com playground em espaços públicos de Jundiaí/SP



- A distribuição desigual evidencia vazios no tecido urbano.
- As áreas mais periféricas e densamente ocupadas possuem menor densidade ou ausência de playgrounds.
- As regiões centrais também apresentam vazios devido a apropriação desses espaços pelo capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distribuição fragmentada e desigual dos playgrounds reproduz hierarquias socioespaciais e mostra que o direito ao brincar não é garantido pelo poder público no recorte espacial analisado.

REFERÊNCIAS

KATZ, C. Capitalismo vagabundo e a necessidade da reprodução social. **Geousp – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 435-452, 2019.

LEFEBVRE, H. (1968). **O Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, J. J. M. A criança e sua condição geográfica: contribuições da Geografia da Infância. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 21, 2009.

MULLER, F.; NUNES, B. F. Infância e cidade: um campo de estudo e desenvolvimento. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-646, 2014.

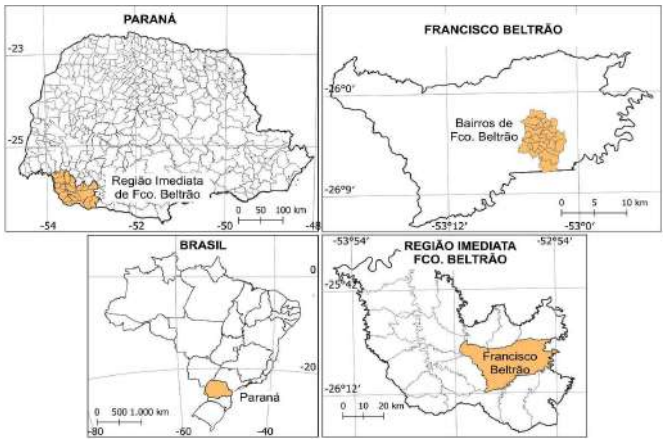
Caracterização Socioespecial da Distribuição de Renda, do Perfil demográfico e da infraestrutura Urbana de Francisco Beltrão/PR

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Aluno: Daniel Calheiros dos Santos
Orientador: Prof. Elvis Rabuske Hendges
UNIOESTE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetivou caracterizar aspectos socioeconômicas da cidade de Francisco Beltrão/Paraná.



Fonte: IBGE, 2025

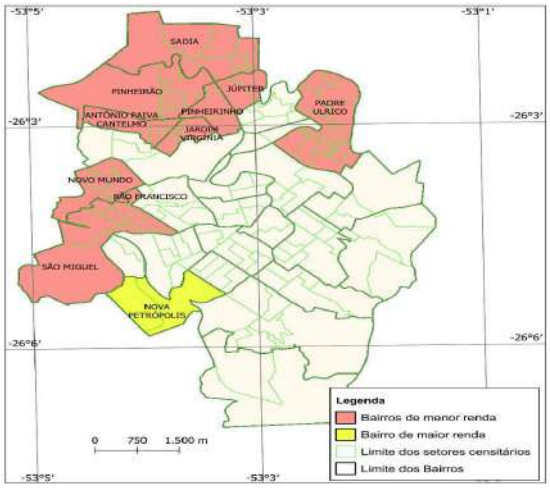
Os censos demográficos nos últimos anos evidenciam que houve uma desaceleração do processo de concentração da população urbana brasileira nos grandes centros urbanos do país, da mesma forma, as evidências apontam para um aumento e dispersão da população em cidades de porte médio no território brasileiro. Por isso as cidades de porte médio adotam uma posição estratégica potencial para a continuidade da desconcentração regional no Brasil, não somente no que tange as aglomerações populacionais, mas todos os aspectos do desenvolvimento socioeconômicos vinculados aos mesmos (STAUMM, et al., 2013, p. 252).

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo quantitativo e descritivo, fundamentado na análise espacial de dados socioeconômicos e de infraestrutura urbana do município de Francisco Beltrão. A metodologia envolveu levantamento, organização, espacialização e interpretação de dados do Censo Demográfico 2022, disponibilizados pelo IBGE. A área de estudo compreendeu exclusivamente o perímetro urbano do município. Para a representação cartográfica, foram utilizados dados vetoriais da malha territorial brasileira fornecidos pelo IBGE (2025), processados em ambiente de Sistema de Informação Geográfica (SIG) por meio do software QGIS.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos evidenciam significativa desigualdade socioeconômica entre os bairros urbanos de Francisco Beltrão, especialmente quando analisada a distribuição espacial da renda média mensal das pessoas responsáveis pelos domicílios. Em 2022, os valores variaram entre R$ 1.835,08 no I bairro Padre Ulrico e R$ 7.851,85 no bairro Nova Petrópolis, demonstrando elevada amplitude socioeconômica no espaço urbano municipal.



Dados IBGE (2023)

CONSIDERAÇÕES

O presente estudo permitiu compreender a distribuição espacial da renda e sua relação com aspectos da infraestrutura urbana na cidade de Francisco Beltrão/PR, evidenciando desigualdades socioeconômicas entre os bairros de maior e menor renda do município. Os resultados demonstraram significativa concentração populacional e de domicílios nos bairros pertencentes às classes de menor renda, enquanto os setores de maior renda apresentaram menor representatividade territorial e demográfica.

Apesar das diferenças econômicas observadas, os indicadores relacionados ao acesso aos serviços públicos urbanos apresentaram relativa homogeneidade entre os bairros analisados, especialmente no que se refere ao abastecimento de água e à coleta de lixo.

REFERÊNCIAS

STAUMM, Cristiano; STADUTO, Jefferson Andronio Ramundo; LIMA, Jandir Ferrera de; WADI, Yonissa Marmitt. A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil. *Interações*, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 251–265, jul./dez. 2013. Disponível em: Revista Interações. Acesso em: 25 maio 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Dados vetoriais da malha territorial brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: IBGE – Malhas territoriais brasileiras. Acesso em: 25 maio 2026.

LEME, Ricardo Carvalho. *Expansão urbana e verticalização: o mercado imobiliário de Francisco Beltrão/PR (1998 a 2012)*. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: UFSC – Tese sobre expansão urbana de Francisco Beltrão. Acesso em: 25 maio 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

A GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM MARINGÁ (PR)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Autor: Gabriel Fernando Gasparotti – Orientadora: Valeria Barreiro Postali Santana
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

INTRODUÇÃO

A presença de pessoas em situação de rua nas cidades brasileiras expressa desigualdades socioespaciais e revela contradições na produção e no uso do espaço urbano. No campo da Geografia, essa realidade pode ser analisada a partir das relações entre território, exclusão social e acesso desigual aos serviços urbanos, evidenciando como determinados grupos são marginalizados nas dinâmicas da cidade, processo que pode ser associado à aporofobia, entendida como a rejeição às pessoas em situação de pobreza (Cortina, 2020).

No município de Maringá, dados de 2025 do Cadastro Único indicam a existência de 979 famílias em situação de rua, configurando o quarto maior contingente do estado, atrás de Curitiba (4.510), Ponta Grossa (1.089) e Foz do Iguaçu (1.022).



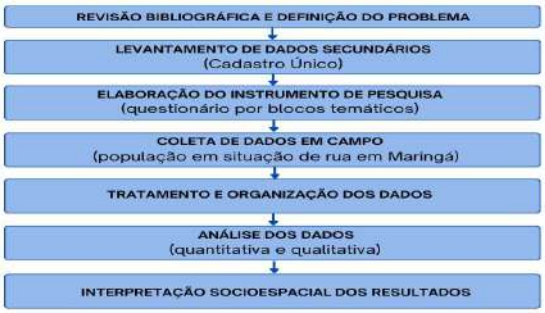
OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo geral

Analisar a distribuição espacial, as condições de vida e o acesso a serviços públicos da população em situação de rua em Maringá (PR). Pesquisa em andamento.

Objetivos específicos

- Caracterizar o perfil socioeconômico da população em situação de rua;
- Identificar padrões de uso e permanência no espaço urbano;
- Analisar o acesso a políticas públicas e serviços urbanos;
- Compreender fatores que contribuem para a permanência na rua.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nos dados do Cadastro Único, espera-se identificar o crescimento do número de famílias em situação de rua em Maringá ao longo do período analisado. Projeta-se aumento a partir de 2017, com intensificação no pós-2020, indicando agravamento das vulnerabilidades sociais no município.



Espera-se que esse processo esteja associado a fatores como desemprego, fragilização de vínculos familiares e dificuldades de acesso à moradia. Do ponto de vista espacial, projeta-se a concentração dessa população em áreas centrais, relacionadas à maior oferta de serviços e estratégias de sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa evidencia a relevância da análise da população em situação de rua a partir de uma perspectiva socioespacial, destacando a relação entre desigualdades urbanas e acesso à cidade. Espera-se contribuir para o debate acadêmico e para a formulação de políticas públicas mais inclusivas no município de Maringá.

REFERÊNCIAS

CORTINA, Adela. **Aporofobia: a aversão ao pobre: um desafio para a democracia**. São Paulo: Contracorrente, 2020.
BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social. **Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico)**. Brasília, 2024.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Base cartográfica contínua do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

ARQUITETURA HOSTIL EM POÇOS DE CALDAS - MG: uma análise da área central da cidade

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Igor dos Santos Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Poços de Caldas

INTRODUÇÃO

O termo "Arquitetura Hostil" foi cunhado por Benn Quin em 2014, no jornal The Guardian, denunciando ações e instalações do governo de Londres para evitar a permanência de moradores de rua e jovens que praticavam skate no local. Esse tipo de arquitetura em suas diferentes formas e aplicações tem como principal objetivo segregar e evitar com que certos indivíduos ou grupos tidos como "indesejáveis", que segundo Melgaço (2010), além de mendigos podem ser os usuários de drogas, vendedores ambulantes, garotas de programa e jovens, permaneçam e convivam em determinado espaço/lugar, em que, geralmente consistirá em um lugar de convívio, locação, permanência de pessoas da classe média-alta e também, como no caso por exemplo do município de Poços de Caldas - MG, um lugar de grande concentração, deslocamento e atração de turistas, que é a área central deste.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Geral: Analisar se há a presença de Arquitetura hostil na área central da cidade. **Específicos:** a) levantamento bibliográficio acerca do tema; b) realizar um trabalho de campo na área; c) observar se há a presença e onde essas arquiteturas estão inseriidas; c) fotografar para registrar e expor os tipos de arquiteturas encontradas na área.

Metodologia: Consulta de referências em artigos científicos, dissertações, teses, livros e links que tratam sobre o tema. Além deste, foi realizado um trabalho de campo, na área central da cidade - o recorte analisado - para averiguar *in loco* as arquiteturas e capturar as imagens. (figura 1)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi possível notar a presença de arquitetura hostil na área central do município (figura 1), sendo encontradas nas fachadas de lojas, em frente a hotéis, locais que são cobertos e, potencialmente, lugares onde pessoas poderiam sentar, tanto para descansar quanto para se abrigar de uma chuva por exemplo.

Foram encontrados, dispositivos como: espinhos, grades, ferros e plantas/ornamentação (colocadas de modo a evitar permanência e locação), que deixam claro um movimento de segregação e repulsa à certos indivíduos e grupos, impossibilitando a sua permanência, convívio e socialização, negando a estes, o direito à cidade, o direito ao lazer, ao descanso, restringindo a área e fazendo com que, cada vez menos, mais pessoas possam ter pleno acesso a localidade, deixando-a apta e pensada apenas para os turistas e para a classe média-alta da sociedade

Figura 1 - Exemplos de Arquitetura - Hostil encontradas



Fonte: do autor

CONSIDERAÇÕES

Observa-se como a arquitetura hostil está presente na área central do município de Poços de Caldas, em suas diferentes formas, negando o direito à cidade e a boa convivência, permanência de certos indivíduos e grupos. Esse trabalho se faz importante para compreender como o o território e os espaços não são neutros, atendendo quase que predominantemente à ordem e às logicas do capital .

REFERÊNCIAS

RAMPASI, Natalia de Lara; OLDONI, Sirlei Maria. Cidade para quem? Uma análise da arquitetura hostil e sua influência no espaço urbano. **Revista Thêma et Scientia**, v. 10, n. 2E, p. 385-398, jul./dez. 2020.

SEVERINI, Valéria Ferraz; NUNES, Gabriela Parreira. Arquitetura hostil: cidade para quem? **Cadernos CERU**, Série 2, v. 33, n. 2, p. 76-95, dez. 2022

Cidades recortadas: uma leitura da cidade a partir dos quadrinhos.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

João Luiz Loures Ribeiro; Orientado por: Angela Maria Endlich
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir de uma investigação de caráter qualitativo, realizada no Programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade Estadual de Maringá. A estrutura de uma cidade enquanto resultado de sua produção material, bem como de seus fenômenos social e culturais, pode manifestar-se em *narrativas e imagens*. No caso dos **quadrinhos**, a modelagem da paisagem urbana, fragmentações dos edifícios em quadros, menções e recortes espaciais são produzidos enquanto ferramentas de expressão a respeito do fenômeno urbano.

Em certo sentido, a articulação de imagens em um contexto urbano modela, conforme proposto por cada autor, expressões de força, poder, escala e dimensão urbana, vistos a partir dos personagens e situações cotidianas no espaço público.

Autores como Minaverry (2012), modelam os cenários urbanos a partir de uma noção que pode ser vista em Rolnik (1995), de que a cidade funciona, **simultaneamente enquanto proteção e controle**. Essa dualidade acontece pela natureza da cidade enquanto uma estrutura territorial, manifestando um domínio espacial a partir do poder político.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo desse trabalho baseia-se em propor uma leitura do espaço urbano a partir da histórias em quadrinhos, que dentro de suas particularidades, articulam seleções do espaço. Desse modo, utilizamos fontes que versam sobre a dinamicidade do espaço enquanto formador de percepções simbólicas, sentimentais e interpessoais.

Assim, a escolha de Dora (2012) se faz importante na medida que sua estrutura narrativa coloca a protagonista sob uma cidade com um peso histórico, e cultural, marcado por guerras e registros de uma participação efetiva do governo alemão no holocausto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A relação analisada trata-se da **ocupação humana dos espaços**, carregada de significados símbolos, ou que fogem do visível. Sposito (2022) e Ellard (2016) destacam essa dinâmica, elencando, respectivamente, **poder político e religioso nos processos de ocupação humana**. A cidade aparece enquanto fenômeno que radicaliza essas dinâmicas de significações perante o espaço: demarcando uma separação distinta de poder e de função social.

O **recorte** no espaço presente no quadrinho é uma forma de delimitar o que existe e o que não existe na narrativa, enquanto o **espaço entre os quadros** permite a complementação entre os fenômenos que ocorrem entre os mesmos (Bordes, 2017). A estrutura permite uma noção de que os personagens vivenciam um espaço que já existe, baseado nos recortes, e ao mesmo tempo, manipula espaços entre os quadros que produzem uma subjetividade pelas relações simbólicas e imateriais.



Fonte: Minaverry, 2012.

Em Minaverry (2012) essa relação é evidente, visto que, dentro de **Berlim – pós Segunda Guerra Mundial** – existe uma força simbólica da cidade perante a protagonista Dora. Esta, manifesta-se a partir dos edifícios enquanto poder, que carregam memórias bélicas e históricas, "pesando" sobre os corpos dos personagens.

CONSIDERAÇÕES

Com a leitura proposta é possível aliar essas duas áreas, Geografia e história em quadrinhos. Considerando, é claro, que essa relação versa sobre um processo de representação simbólica do espaço, se estabelece aqui um amparo para a possibilidade de leitura dos quadrinhos enquanto expressão geográfica.

REFERÊNCIAS

BORDES, Eric. **Cómic, arquitectura narrativa**. Madrid: Cátedra Signo e Imagem, 2017.
ELLARD, Colin. **Psicogeografía: la influencia de los lugares en la mente y el corazón**. Barcelona: Ariel, 2016.
MINAVERRY, Ignacio. **Dora**. São Paulo: Zarabatana Books, 2012.
ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16ª. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

Os mercados como marcas da transformação do litoral norte gaúcho

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Autora: Juliana Borba Caldas da Silva. Orientador: André Baldraia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

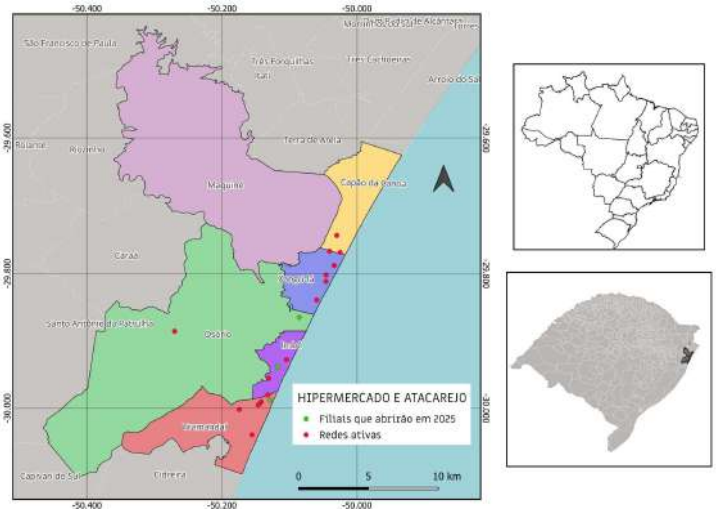
INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o Litoral Norte do Rio Grande do Sul tem passado por fortes transformações sócio-espaciais evidenciadas, entre outras questões, pela instalação de filiais de hipermercados nos municípios da região. Fato que, simultaneamente, evidencia o crescimento econômico e demográfico da região, bem como marcam a paisagem - tanto por conta da construção em si quanto dos letreiros que elas ostentam - e as dinâmicas locais previamente estabelecidas.

Em alguns dos municípios da área de estudo, houve um aumento populacional expressivo após a pandemia da Covid-19 em 2020 e as enchentes de 2023 e 2024, juntamente com a chegada de diferentes redes de hipermercados.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Analisar e explicar como a chegada das redes de hipermercados e atacarejos evidenciam o **crescimento econômico e a transformação do espaço** nos municípios do litoral norte do Rio Grande do Sul, através de **levantamento de dados** para a caracterização dos municípios selecionados (Capão da Canoa, Imbé, Maquiné, Osório, Tramandaí e Xangri-lá); Levantamento bibliográfico e de dados sobre as lojas de hipermercados e atacarejos da região.




Capão da Canoa/RS
2011


Capão da Canoa/RS
2024

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir de 2020, houve uma leva de construção de lojas distribuídas na região, com exceção dos municípios de Maquiné e Osório, com uma ou nenhuma filial cada, justamente os municípios que apresentaram menores índices de crescimento populacional no período. Coincidentemente ou não, estes não estão localizados na linha de costa. Contabilizou-se 16 lojas ativas, sendo 11 delas instaladas na região após 2020, com previsão de inauguração de mais 4 lojas (entre o final de 2025 e ao longo de 2026),

CONSIDERAÇÕES

Sendo assim, sabendo que as grandes empresas tendem a escolher locais com potencial de consumo para instalarem-se, o estudo sugere que os municípios analisados deixaram de ser procurados apenas para veraneio e passaram a receber turistas ao longo do ano todo, o que contribui para a transição de uma **economia sazonal para permanente**. Além disso, apontam uma potencialidade de crescimento frequente pela quantidade de marcas e a concorrência que é gerada.

REFERÊNCIAS

ALBA, R. S. DAMACENO, J. **Redes de supermercados e centros comerciais e sua relação com a dinâmica urbana de Chapecó**. Pós-Graduação em Geografia. Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, Paraná. v. 2, n. 1 , p. 3-28, 2010.
HARVEY, D. **Space as a keyword**. In: CASTREE, N.; GREGORY, D. (org.). David Harvey: a critical reader. Malden e Oxford: Blackwell. Tradução livre: Letícia Gianella. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2015- n. 35, v. 13, p. 126 - 152.
SILVA, Carlos Henrique Costa**. O papel dos supermercados e hipermercados nas relações entre cidade, comércio e consumo**. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 610-625, set./dez. 2005.
SILVAa, Juliana Borba Caldas. SOUZA, André Baldraia**. Veraneio?: transformações sócio-espaciais no litoral norte do Rio Grande do Sul no século XXI.** 2025. In: Salão da UFRGS, 2025. No prelo

Entre o concreto e a arte: o Viaduto Hélio Fadel como território juvenil a partir do grafite urbano em Juiz de Fora, MG

Juliane Nogueira Rodrigues; Orientada por: Clarice Cassab
Universidade Federal de Juiz de Fora

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em andamento, com conclusão prevista para julho de 2026. A pesquisa integra o projeto "Dos 'espaços mortos' à produção do lugar? Juventudes, planejamento urbano e outros usos da cidade", coordenado pela professora Clarice Cassab, vinculado ao NUGEA (Núcleo Geografia, Espaço e Ação). O estudo busca compreender de que maneira o grafite urbano presente no Viaduto Hélio Fadel, localizado em Juiz de Fora (MG), contribui para a apropriação do espaço público por jovens e para a construção de novas formas de vivência urbana.

A pesquisa parte da percepção de que espaços planejados prioritariamente para circulação e fluxo de veículos podem adquirir novos significados a partir das práticas culturais juvenis. Nesse contexto, o grafite é entendido não apenas como manifestação estética, mas como linguagem urbana capaz de produzir territorialidades, fortalecer identidades e transformar a paisagem da cidade.


Nugea (2024)


Nugea (2026)

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo geral da pesquisa é analisar de que forma o grafite urbano presente no Viaduto Hélio Fadel contribui para a apropriação do espaço público pelas juventudes e para a transformação da paisagem urbana em Juiz de Fora, compreendendo como esse espaço é utilizado como local de expressão, convivência e construção de pertencimento por meio da arte urbana.

A metodologia adotada combina revisão bibliográfica sobre juventudes, planejamento urbano, direito à cidade e grafite, com trabalho de campo realizado no Viaduto Hélio Fadel. Foram realizadas observações diretas do espaço, registros fotográficos das intervenções artísticas e conversas informais com jovens grafiteiros e frequentadores do local. A análise busca identificar os significados atribuídos ao viaduto pelos jovens e as transformações visuais e simbólicas produzidas pelos grafites na paisagem urbana.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As observações realizadas até o momento demonstram que os grafites presentes no local não são aleatórios. As produções carregam mensagens políticas, sociais, identitárias e estéticas relacionadas à realidade vivida pelos jovens. Além disso, as intervenções artísticas modificam visualmente a paisagem urbana, tornando o espaço mais dinâmico e simbólico.

Os grafites, por sua vez, também possuem caráter temporário, já que muitos murais são constantemente modificados, substituídos ou repintados. Nesse processo, observam-se acordos e relações entre os próprios grafiteiros sobre o uso dos espaços do viaduto, revelando dinâmicas próprias de organização e ocupação do local.


Nugea (2026)


Nugea (2024)

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa evidencia que o grafite presente no Viaduto Hélio Fadel ultrapassa uma função apenas estética, tornando-se uma forma de expressão das juventudes e de ressignificação do espaço urbano. As intervenções realizadas no local revelam que a cidade também é construída pelas práticas cotidianas e culturais de seus usuários. Dessa forma, o viaduto passa a ser compreendido não apenas como um espaço de passagem, mas como um lugar marcado por vivências, encontros e identidades juvenis.


Nugea (2024)

REFERÊNCIAS

CASSAB, Clarice. Práticas espaciais e grafias da juventude no espaço: Inventário dos graffitis no viaduto Arquiteto Hélio Fadel em Juiz de Fora–MG. Plural-Revista de Ciências Sociais, v. 32, n. 1, 2025.

CASSAB, Clarice (coord.). Dos "espaços mortos" à produção do lugar? Juventudes, planejamento urbano e outros usos da cidade. Projeto de extensão. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2024.

Juventudes e Cidade Pequena: Novas Geografias Juvenis

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Julya Norma Pedroso Pitol; Victor Hugo Nedel Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como temática o estudo das **Geografias das Juventudes** (Oliveira, 2024a; Oliveira, 2023; Cardoso; Turra Neto, 2011) de uma **cidade pequena**, apresentando como espaço de pesquisa, a cidade de **Gramado dos Loureiros**, localizada ao Norte do estado do Rio Grande do Sul, com pouco mais de 2 mil habitantes. O trabalho busca entender, as **vivências e percepções** dessas juventudes, dando vozes e, com isso, escutando jovens escolarizados da **Escola Estadual de Ensino Médio Adolfo Giordani**, que é a única instituição escolar da cidade que dispõe de EnsinoMédio.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral
Analisar as relações das juventudes de Gramado dos Loureiros (RS) com sua cidade e sua escola.
Objetivos Específicos
I) Conhecer os jovens de uma cidade pequena participantes da pesquisa;
II) Analisar as relações das juventudes participantes do estudo com sua cidade;
III) Compreender as percepções e relações dos jovens com sua escola.
Caracterização da Pesquisa (Gil, 2002)
Abordagem: qualitativa
Natureza: aplicada
Objetivo: descritivo
Procedimentos técnicos: estudo de caso
Produção de dados: pesquisa de campo com grupo focal realizado com 9 jovens (7 jovens mulheres e 2 jovens homens; 7 do 3° ano do EM e 2 do 2° ano do EM; 7 brancos, 1 pardo e uma pessoa “indiana”; 5 da área rural e 4 da área urbana da cidade)
Análise dos dados: Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).
Gravação transcrita; construção de nuvens de palavras; separação de palavras por categorias; construção de eixos de análise; conversão com o referencial teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percepções sobre o “ser jovem”:
Os participantes associam a juventude à “transformação”, mas sentem-se pressionados por escolhas futuras e estigmatizados pela falta de voz e escuta na sociedade.
Relação com a cidade:
Gramado dos Loureiros é percebida como uma “cidade para idosos” ou “para criar as crianças”, principalmente por conta da segurança percebida pelos jovens. No entanto, há carências de direitos básicos das juventudes assegurados pelo Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), com destaque para falta de trabalho, escassez de opções de lazer público ou privado e dificuldades com a mobilidade urbana que garante o acesso aos direitos nas cidades vizinhas, impulsionando uma “cultura de migração” para centros maiores.
Relação com a escola:
embora a estrutura física seja considerada referência na região, os alunos criticam as metodologias tradicionais de ensino. Manifestaram também, insatisfação com a proibição do uso do celular e com a implementação do Novo Ensino Médio, citando falta de materiais e formação docente adequada.

CONSIDERAÇÕES

O estudo demonstra que as percepções e vivências juvenis são profundamente influenciadas pelo recorte espacial.
A escuta dessas juventudes revela a necessidade de políticas públicas que garantam direitos básicos como trabalho e lazer no próprio território da cidade.
Os resultados reforçam a importância do Ensino de Geografia para formar sujeitos críticos, capazes de interpretar e transformar os espaços em que vivem.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no brasil. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, RJ, 1997, n. 05-06, p. 25-36.
BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
BRASIL. Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF: Presidência da República, 5 ago. 2013.
CARDOSO, Diogo da Silva; TURRA NETO, Nécio. Juventude, cidade e território: esboço de uma Geografia das Juventudes. 1º Seminário de Pesquisa: Juventudes e Cidade. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2011.
CASSAB, Clarice. Da casa para rua: a dimensão da juventude. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). A Cidade e Seus Jovens. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015, p.137-158.
CAVALCANTI, Lana de Souza. Juventudes, ensino de Geografia e formação/atuação cidadãs. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). Geografias das Juventudes. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação, GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 155-179.
OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org). Geografias das Juventudes. Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS. Porto Alegre, RS, 2023.
TURRA NETO, Nécio. Geografia cultural, juventudes e ensino de geografia: articulações possíveis. Revista Formação. São Paulo, 2013, v. 1, n.20, p. 38-56

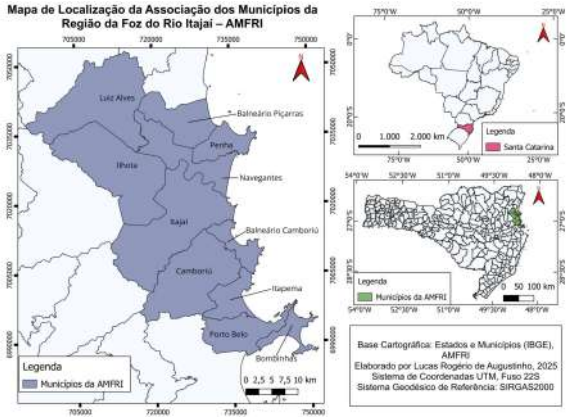
Processos de Aglomeração Urbana, Metropolização e Metrópole na Região da Foz do Rio Itajaí

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS - 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Lucas Rogério de Augustinho. Orientado por: Prof. Dr. Rodrigo Giraldi Cocco
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

INTRODUÇÃO

- Região da Foz do Rio Itajaí;
- População aproximada: 800 mil habitantes;
- Metrópole instituída (LC 221/2002 e LC 495/2010);
- Municípios: Itajaí, Balneário Camboriú, Camboriú, Navegantes e Penha (núcleo); Bombinhas, Itapema, Piçarras e Porto Belo (área de expansão).
- Associação dos Municípios da Foz do Rio Itajaí – AMFRI: municípios da RM + Ilhota e Luiz Alves.



Problemáticas:

- Conceito e características de metrópole;
- Aglomeração urbana e metropolização.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa tem por objetivo identificar e analisar a Região da Foz do Rio Itajaí enquanto uma aglomeração urbana e observar possíveis processos de metropolização, discutindo sua configuração socioespacial, a integração regional entre os municípios e os principais problemas urbanos decorrentes desses processos, especialmente relacionados à mobilidade urbana. Com isso, o trabalho busca contrapor a ideia de "região metropolitana" e conceituar precisamente a área analisada.

A metodologia adotada baseou-se em revisão bibliográfica, análise documental, levantamento histórico, utilização de dados secundários, sensoriamento remoto e observações empíricas acerca da dinâmica urbana regional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Base Conceitual:

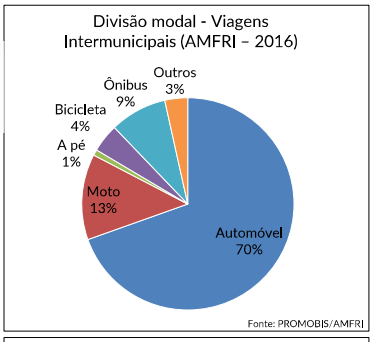
Sandra Lencioni — metrópole como resultado da integração econômica e urbana entre as cidades.

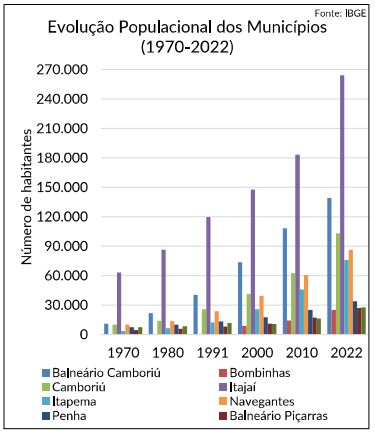
Milton Santos — a metrópole como centro de comando econômico e técnico, articulando diferentes regiões através dos fluxos urbanos.

Fang e Yu — tipos de aglomeração urbana.

Caracterização da Região:







CONSIDERAÇÕES

Até o momento, a pesquisa concluiu que não é possível considerar a região como "metrópole". A análise seguinte tem a intensão de discutir a verdadeira natureza da região e as razões pela qual ela foi estabelecida como "Região Metropolitana" pela lei estadual.

REFERÊNCIAS

FANG, Chuanglin; YU, Danlin. Urban agglomeration: An evolving concept of an emerging phenomenon. *Landscape and Urban Planning*, v. 162, p. 126-136, 2017.

LENCIONI, Sandra. O processo de metropolização do espaço: uma nova maneira de falar da relação entre metropolização e regionalização. In: SCHIFFER, Sueli (org.). *Globalização e estrutura urbana*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MARCON, Maria Teresinha de Resenes. A trajetória dos processos de regionalização em Santa Catarina: escalas geográficas e atores sociais. 2009. 447 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Edusp, 2005.

Transição Demográfica e a Reconfiguração Escolar em Porto Alegre: Entre a expansão do setor privado e a persistência das desigualdades territoriais

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Nome da autora: Luciana Freitas Klain ; Orientada por: Mário Leal Lahorgue
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa em andamento investiga as transformações no sistema educacional de Porto Alegre entre 2010 e 2022, período em que a capital se consolidou como um dos primeiros cenários de inflexão demográfica entre as capitais no Brasil. O objetivo é analisar como a retração do contingente em idade escolar impacta as redes de ensino e sua distribuição espacial.

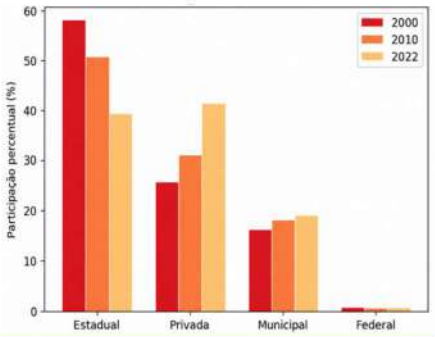
OBJETIVOS E METODOLOGIA

Analisar os efeitos da transição demográfica sobre a distribuição das matrículas e da infraestrutura escolar em Porto Alegre entre 2010 e 2022. Para isso, foram compatibilizados microdados dos Censos Demográficos (IBGE) e dos Censos Escolares (INEP), utilizando procedimentos de agregação e análise territorial por bairros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados preliminares indicam que, entre 2010 e 2022, a população de 0 a 19 anos diminuiu 11,4%, enquanto as matrículas da educação básica recuaram 14,3%. A redução não ocorreu de forma homogênea: a rede estadual apresentou queda de 26,6%, enquanto a rede privada registrou crescimento de 13,2%, Além disso, observa-se forte expansão das Parcerias Público-Privadas (PPPs), cuja oferta aumentou 96% no período analisado. Esses resultados apontam para uma crescente participação do setor privado na educação básica da capital.

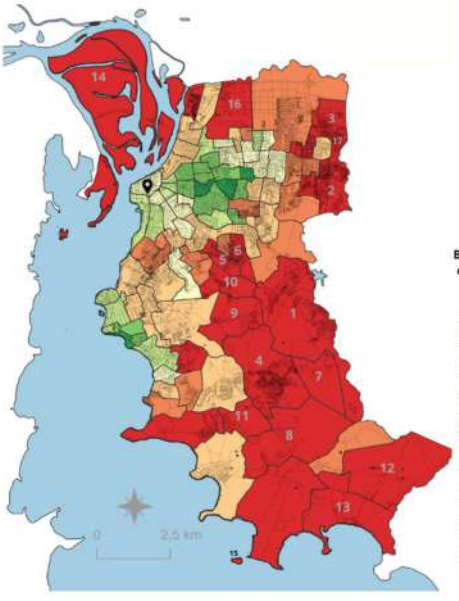
Gráfico 1 – Distribuição percentual das matrículas da educação básica por dependência administrativa em Porto Alegre (2000, 2010 e 2022)



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos Censos Escolares (INEP, 2000, 2010 e 2022).

Para Santos (2007), a cidadania depende da garantia territorial do acesso aos bens e serviços públicos. Nesse sentido, a expansão das PPPs e da participação privada na educação ocorre paralelamente à permanência de déficits de vagas nos bairros de menor renda. A insuficiência da oferta escolar evidencia a distribuição desigual dos equipamentos educacionais no território, refletindo, conforme Santos (2008), a desigual organização dos sistemas de objetos e ações e das condições de acesso aos serviços públicos.

Mapa 1 – Rendimento médio domiciliar e déficit de vagas escolares por bairro em Porto Alegre (2022)



Bairros de Porto Alegre com renda menor que 2 salários mínimos	Quantidade de vagas que faltam nas escolas do bairro
1 Lomba do Pinheiro	8116
2 Mário Quintana	7616
3 Santa Rosa de Lima	5662
4 Restinga	5433
5 Coronel Aparício Borges	2828
6 Vila São José	2601
7 Pitinga	1814
8 Lageado	1454
9 Belém Velho	679
10 Cascata	587
11 Chapéu do Sol	574
12 Extrema	567
13 Lami	417
14 Arquipélago	180
15 Boa Vista do Sul	101
16 Anchieta	54
17 Rubem Berta	0

Fonte: Elaborado pelos autores com base no Censo Demográfico 2022 (IBGE) e Censo Escolar 2022 (INEP)

CONSIDERAÇÕES

Os resultados indicam que a transição demográfica não tem sido acompanhada por uma redistribuição mais equitativa da oferta educacional. Apesar da redução da população em idade escolar, persistem déficits de vagas em bairros de menor renda, enquanto cresce a participação do setor privado e das PPPs. Esse processo evidencia uma reorganização desigual da rede escolar, mantendo o acesso à educação condicionado pelas desigualdades socioespaciais do território.

REFERÊNCIAS

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censos Demográficos 2010 e 2022. Rio de Janeiro: IBGE.
BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censos Escolares da Educação Básica 2000, 2010 e 2022. Brasília, DF: INEP.
SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 6. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

ANÁLISE GEOGRÁFICA DAS PRAÇAS DE MARINGÁ/PR: PRODUÇÃO DO ESPAÇO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

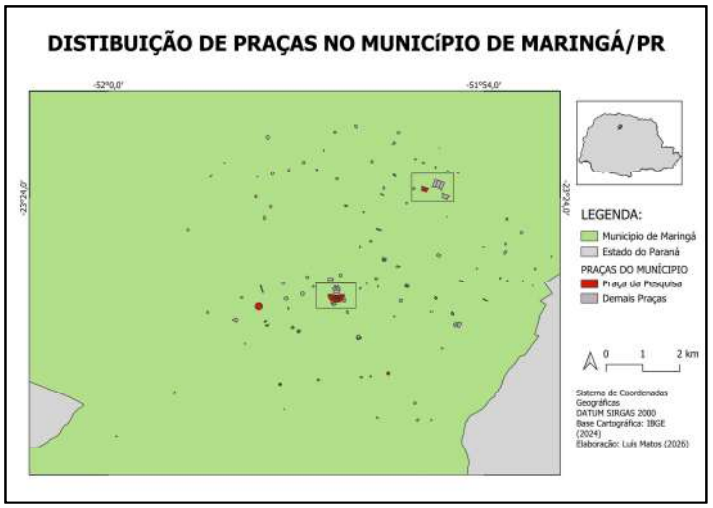
Luís Fernando da Silva de Matos; Univerisade Estadual de Maringá

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa encontra-se em desenvolvimento e busca analisar a distribuição espacial das praças públicas em Maringá/PR, considerando as transformações urbanas ocorridas nas últimas décadas.

Maringá/PR foi planejada sob os princípios da "cidade-jardim", consolidando-se como referência de qualidade de vida e áreas verdes. Entretanto, a imagem promovida pelo city marketing contribui para uma representação homogênea da cidade, ocultando desigualdades socioespaciais (SILVA; LIMA, 2021).

Nas últimas duas décadas, o município passou por processos de verticalização, expansão horizontal e conurbação com cidades vizinhas. Nesse contexto, questiona-se se a ampliação das praças ocorreu de forma equitativa ou se acompanhou a lógica desigual da produção do espaço urbano



OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral

Analisar a distribuição, qualidade e uso social das praças em Maringá/PR (2005–2025).

Metodologia

- Revisão bibliográfica;
- Levantamento de dados públicos;
- Análise espacial com SIG;
- Trabalho de campo em 12 praças.
- Cruzamento entre:
  - distribuição das praças;
  - renda;
  - vulnerabilidade social
  - índices de vegetação;

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa parte da hipótese de que o aumento do número de praças não ocorreu de forma equitativa, acompanhando a lógica desigual da produção do espaço urbano. As análises preliminares indicam diferenças significativas na infraestrutura, manutenção e usos sociais desses espaços, evidenciando maior qualificação das praças na região central em comparação às áreas periféricas.

Nas praças centrais, as observações de campo também evidenciam a presença recorrente de pessoas em situação de rua, o que suscita discussões sobre vulnerabilidade social, direito à cidade e apropriação dos espaços urbanos.

Até o momento, foram realizadas observações na Praça da Catedral e na Praça Profª. Rachel Dora Paraná Pintinha, baseando análises comparativas desenvolvidas ao longo da pesquisa.

Praça da Catedral



Foto: Luís Matos (2026)

Praça Profª Rachel Dora Paraná Pintinha



Foto: Luís Matos (2025)

CONSIDERAÇÕES

As praças constituem importantes elementos da estrutura urbana e permitem compreender as desigualdades presentes na produção do espaço em Maringá/PR. A análise preliminar indica que a distribuição, a infraestrutura e a conservação desses espaços acompanham processos de valorização urbana e diferenciação territorial, refletindo desigualdades no acesso aos equipamentos públicos de lazer.

Além disso, a pesquisa evidencia a importância das praças enquanto espaços de convivência, sociabilidade e exercício do direito à cidade, especialmente em áreas periféricas. Assim, o estudo busca contribuir para o debate sobre justiça espacial e subsidiar reflexões sobre políticas públicas mais equitativas no planejamento urbano maringaense.

REFERÊNCIAS

DE ANGELIS, B. L. D. et al. Avaliação das praças de Maringá, Estado do Paraná, Brasil. Acta Scientiarum. Agronomy, v. 27, n. 4, p. 629-638, 2005.

SILVA, G. H. S.; LIMA, V. As desigualdades socioespaciais na produção da imagem de Maringá-PR: cidade planejada para quem? Brazilian Geographical Journal, v. 12, n. 1, p. 40-58, 2021.

Formar-se em meio às águas: percepções sociais e estratégias resiliência de jovens estudantes atingidos por desastres climáticos na Região Metropolitana de Porto Alegre

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Marina de Assumpção Bello e Prof. Dr.Victor Hugo Nedel Oliveira[1]
[1]Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

O trabalho analisa as percepções sociais de jovens escolarizados atingidos pelas enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, articulando o enfrentamento da crise climática às Geografias das Juventudes. Perspectivamos os jovens enquanto sujeitos territoriais, atores das disputas políticas e que interpretam e elaboram percepções e sentidos sobre os desastres climáticos e sobre sua posição social neste contexto (Silva Júnior e Teixeira, 2025). Este é um recorte da pesquisa "Juventudes Contemporâneas e Desastres Climáticos: Impactos, Resiliência e Estratégias no Sul Global", financiada pela FAPERGS. Tem como objetivo compreender as percepções juvenis acerca dos impactos dos eventos extremos no âmbito social da suas vivências.

METODOLOGIA

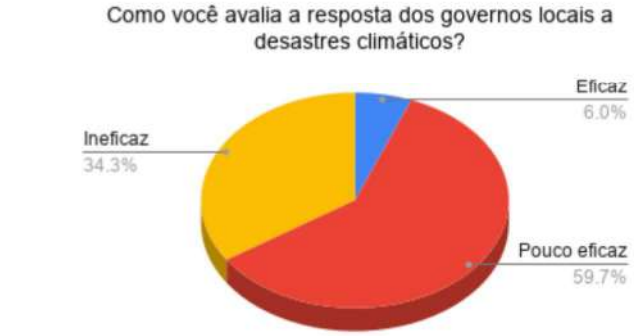
Estudo de natureza exploratório-descritiva e abordagem quanti-qualitativa, utilizou-se um questionário estruturado (Chaer et al. 2011) como metodologia de produção de dados, aplicado a 67 estudantes do último ano do ensino médio em escolas de Porto Alegre e Canoas, na região metropolitana.

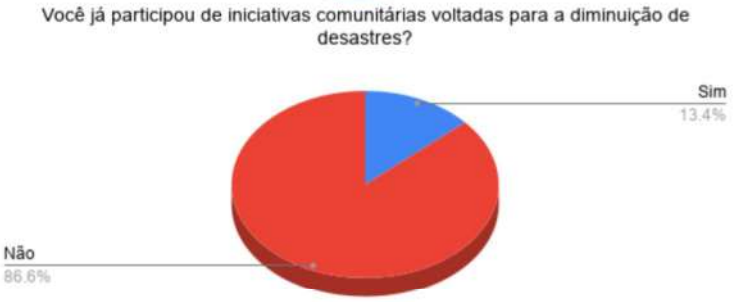
A pesquisa respeitou os cuidados éticos requeridos e foi aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa da UFRGS.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

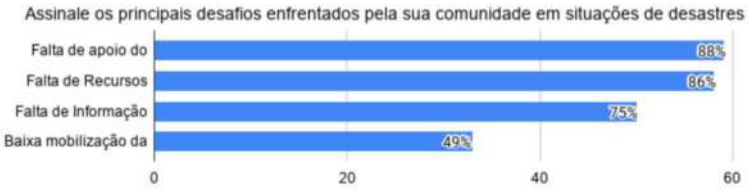












Fonte: Banco de dados da pesquisa (2026) Elaboração: a autora (2026)

CONSIDERAÇÕES

Os resultados indicam a relevância das relações interpessoais de convívio e comunidade para o enfrentamento dos desastres e o defasagem no alcance das organizações de luta popular ambientalista às juventudes de bairros periféricos da RMPA. Constata-se, que a resiliência construída pelos jovens se deu predominantemente a partir de estratégias cotidianas territorialmente situadas, e não como resultado do atendimento por políticas públicas preventivas.

REFERÊNCIAS

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251–266, 2011.

TEIXEIRA, Rylanneive Leonardo Pontes; SILVA JÚNIOR, Marcos Aurélio Freire da; ANDRADE, Flávia Alessandra Souza de. Juventude, mobilizações e mudanças climáticas. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Juventudes e mudanças climáticas.** Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2025.

Proposta de delimitação de centralidades em Juiz de Fora a partir da análise de dados de CNPJs

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Natã Morinigo de Sousa
Universiade Federal de Juiz de Fora

INTRODUÇÃO

As cidades médias brasileiras vêm passando por intensos processos de reestruturação urbana (Amorim Filho; Serra, 2001). Nesse cenário, o tradicional modelo de centro único vem perdendo seu potencial de explicar a realidade frente às novas centralidades que surgem e se consolidam (Sposito, 2010). Uma dessas novas centralidades se refere aos núcleos secundários também entendidos como subcentros, para Villaça (2001) o subcentro é uma réplica em tamanho menor do centro principal. Assim, com o surgimento e consolidação dessas novas áreas centrais, existe uma necessidade de se identificar, delimitar e mapear essas novas áreas.

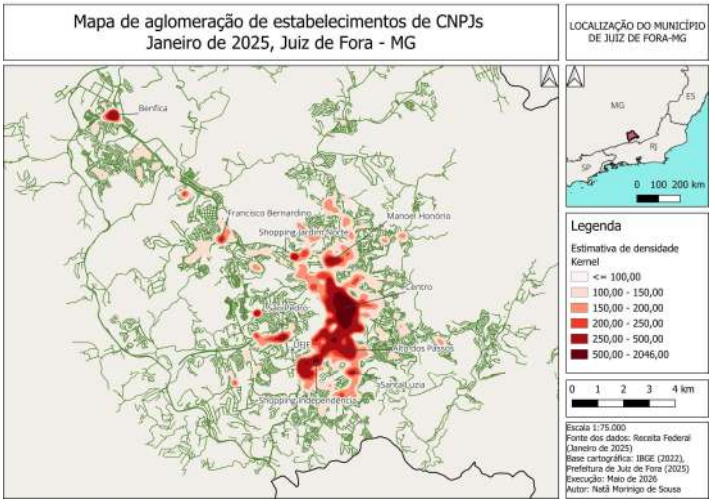
OBJETIVOS E METODOLOGIA

Nesse sentido, o uso do banco de dados do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) mantido pela Receita Federal desponta como uma nova ferramenta complementar às pesquisas socioespaciais (Silva; Britto, 2024). Para pesquisas sobre centro e centralidade o uso desses dados secundários se justifica pela importância que os estabelecimentos tem na atração de fluxos, que embora explique melhor a centralidade é mais difícil de ser mapeado do que a materialidade dos estabelecimentos, assim atuando como uma proxy para estimar o fluxo.

Dessa forma, objetivo foi o de identificar, delimitar e mapear as centralidades em Juiz de Fora a partir da concentração de estabelecimentos.

Inicialmente, os dados foram baixados na plataforma de dados abertos, onde então foram lidos e tratados no RStudio, interface para a linguagem de programação R que é voltada a análise estatística. Ainda no RStudio os estabelecimentos foram georreferenciados a partir do servidor do ArcGIS através do tidygeocoder. Com os dados georreferenciados, eles foram importados para o QGIS, onde foi utilizada a técnica de suavização de estimativa de densidade Kernel, para então ser mapeado e analisado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



A partir do mapeamento acima é possível observar alguns núcleos secundários como o Benfica, Francisco Bernardino e São Pedro. Outros núcleos como o Manoel Honório, Shopping Independência e Santa Luzia podem aparecer mais ou menos agregados ao centro principal dependendo dos parâmetros utilizados tanto na classificação da legenda tanto no processamento da estimativa de densidade Kernel, o que exige uma análise mais individual nesses núcleos para melhor classificá-los.

A Universidade Federal de Juiz de Fora, embora seja uma centralidade, não aparece no mapeamento, isso demonstra uma limitação da ferramenta. Outras manchas de aglomeração, apesar de aparecerem no mapeamento, não se mostram como centralidades de forma empírica.

CONSIDERAÇÕES

Dessa forma, é possível observar que embora Juiz de Fora tenha um centro forte e consolidado, existem núcleos secundários, principalmente na região noroeste e oeste.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SERRA, Rodrigo Valente. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, Thompson A.; SERRA, Rodrigo V. (org.) Cidades médias brasileiras. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p.1-34.
SILVA, K. A. A.; BRITTO, N. D. S. S. O Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica como recurso metodológico para as pesquisas socioespaciais: potencialidades e limitações da base de dados nacional. Caminhos de Geografia, v. 25, n. 99, p. 279-300, 2024.
SPOSITO, M. E. B. Multi(poli)centralidade urbana. In: SPOSITO, E. S.; SANT'ANNA NETO, J. L. (org.). Uma geografia em movimento. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 199-228.
VILLAÇA, F. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

TERRITÓRIO EM MOVIMENTO: A GÊNESE DE CONCÓRDIA/SC SOB A ÓTICA DA COLONIZAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO AGROINDUSTRIAL.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Nome do autor: Sérgio Cordeiro Righi
Instituição de origem: UNICENTRO-Guarapuava/PR

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compreender a organização territorial de Concórdia-SC a partir da inserção do modelo de colonização proposta pelas companhias colonizadoras e a contribuição da SADIA com a produção integrada de suínos e aves no município. Buscamos analisar o contexto histórico que embasou a reestruturação deste modelo de organização territorial a partir de três momentos distintos. Em um primeiro momento investigamos a construção da Ferrovia, em um segundo momento o papel das empresas colonizadoras e por último e também de grande relevância o papel da Sadia e o modelo industrial desenvolvido a partir de seu fundador Atillio Francisco Fontana Xavier(1900-1989).A ferrovia teve sua construção a cargo da empresa americana Brazil Railway Company e tem seu início seu funcionamento em 1910, e sua passagem em um região ocupada por indígenas, caboclos e mestiços pioneiros.

Segundo Nodari(1999), neste período a grande preocupação do governo era a ocupação das chamadas "terras devolutas" e tornando-se assim uma questão geopolítica de ocupação e posse. O segundo momento temos as empresas colonizadoras, que na região do rio engano e rancho grande na qual estava localizada Concórdia em 1910 ficaram a cargo da "Southern Brazil Lumber Company" tendo assim início o processo de colonização. O último momento temos a fundação da empresa Sadia e a implantação de um modelo de criação de suínos e aves que modifica consideravelmente as relações de trabalho, bem como na organização do espaço rural e urbano.

O município de Concórdia situa-se na Mesorregião do Oeste Catarinense, na Microrregião do Alto Uruguai, a 493 km de Florianópolis. O acesso terrestre ao município pode ser feito pelas rodovias BR-153 e SC-283, e SC- 463. O aéreo, através do aeroporto municipal "Prof. Olavo Cecco Rigon", ou pelo aeroporto Serafim Enoss Bertaso de Chapecó, distante 80 km do centro da cidade. Conforme Comasseto(2010), o seu território mede 799,88 Km², limita-se ao norte, pelo município de Lindóia do Sul, Ipumirim, Arabutã e Irani; ao sul, pelo estado do Rio Grande do Sul, e pelos municípios de Alto Bela Vista e Peritiba; a leste pelos municípios de Jaborá, Presidente Castelo Branco e Ipira; e a oeste pelo município de Itá (Figura 1).

Mapa 01 – Localização geográfica do município de Concórdia – SC



Fonte: Autor(2026)

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral: O objetivo central do estudo é compreender a organização territorial de Concórdia (SC) a partir de dois eixos principais: a implementação do modelo de colonização proposto pelas companhias colonizadoras e a contribuição da empresa SADIA através do modelo de produção integrada de suínos e aves.

Objetivos Específicos: Para alcançar o objetivo geral, a pesquisa se propõe a:

- Investigar o impacto da construção e funcionamento da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG) na configuração inicial do território.
- Analisar o papel das empresas colonizadoras na mercantilização da terra e no processo de ocupação por imigrantes.
- Avaliar a influência da SADIA e do modelo industrial desenvolvido por Attilio Francisco Fontana na reestruturação das relações de trabalho e na organização dos espaços rural e urbano.
- Analisar a transição da economia regional de uma base extrativista/madeireira para o modelo agroindustrial integrado.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa fundamenta-se no método histórico-geográfico, adotando uma abordagem qualitativa e analítica para interpretar o espaço como um fenômeno histórico e social. Os procedimentos estão estruturados da seguinte forma:

- Levantamento Bibliográfico e Documental: Utiliza-se de fontes secundárias, incluindo obras de autores como Milton Santos e Henri Lefebvre, além de dados estatísticos do IBGE para a caracterização demográfica e socioeconômica.
- Análise Categorial: A pesquisa centra-se na categoria de Território (focada em poder e posse), mas também articula os conceitos de Lugar (identidade dos colonos) e Redes (fluxos de mercadorias via ferrovia e rodovias).
- Análise Comparativa: Aplica-se a técnica de comparação entre diferentes períodos de ocupação para identificar as rupturas e continuidades na produção do espaço

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A evolução do município de Concórdia-SC pode ser sintetizada em três marcos fundamentais: a chegada da ferrovia, o processo de colonização dirigida e a consolidação do modelo agroindustrial liderado pela Sadia.

No primeiro momento temos a Ferrovia como Marco Geopolítico e Técnico. A construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), inaugurada em 1910, representa o primeiro grande sistema de objetos técnicos a redefinir o valor regional. Para o governo brasileiro, a obra possuía um caráter geopolítico, visando a ocupação das chamadas "terras devolutas" e a integração do sul ao sudeste do país.

Para Espig(2008), a execução do projeto, sob responsabilidade da *Brazil Railway Company*, trouxe cerca de 8.000 trabalhadores, conhecidos como "turmeiros", que atuaram na abertura de caminhos e assentamento de trilhos. Como contrapartida pela obra, a empresa recebeu o direito de explorar a madeira de araucária em uma faixa de 15km em cada margem da linha, iniciando um ciclo extrativista que alterou profundamente a cobertura florestal da região.

No segundo momento a colonização e a produção do espaço, contexto da formação territorial é marcado pela transição do "espaço absoluto" — habitado por populações indígenas, caboclos e posseiros — para o "espaço abstrato" ou mercantilizado. Empresas como a *Brazil Development and Colonization Company* e a *Companhia Mosele* atuaram como agentes modeladores, fatiando o território em lotes geométricos para venda.

Esse processo resultou em uma "substituição" populacional, muitas vezes acompanhada por conflitos e expulsões de posseiros caboclos que não possuíam títulos legais de terra. No lugar desses primeiros habitantes, as companhias atraíram imigrantes de origem italiana e alemã vindos do Rio Grande do Sul. Em 1925, a Vila de Concórdia foi estabelecida na região do rio dos Queimados, localização estratégica pela proximidade com Marcelino Ramos (RS) para o escoamento da produção via ferrovia.

A partir de Zotti(2006), com a fundação da SADIA em 1944, por Attilio Francisco Fontana, reconfigurou radicalmente a escala geográfica de Concórdia. O que começou como uma resposta à crise da Companhia Mosele e à necessidade de processar suínos, trigo e milho, evoluiu para um robusto modelo de produção integrada.

Conforme Santos(2004), através do meio técnico-científico-informacional, a agroindústria diluiu as fronteiras entre o urbano e o rural: o campo passou a subordinar-se à lógica industrial, transformando o colono em um trabalhador integrado a redes globais de commodities. Para fixar a mão de obra, a empresa investiu em infraestrutura que o Estado ainda não provia, criando vilas operárias, sistemas de saúde e centros de lazer, como a SER Sadia.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa bibliográfica sobre o território de Concórdia é um ponto de questionamento sobre a relação entre a modernização técnica e o desenvolvimento agroindustrial convivem com o apagamento da memória dos primeiros habitantes (indígenas e caboclos). O trabalho mostra-se pertinente ao revelar como a integração de sistemas técnicos (ferrovia e fábricas) subordinou o espaço local à lógica do mercado global. Entre as questões levantadas, destaca-se a necessidade de futuras investigações sobre perda de autonomia produtiva do colono frente à grande agroindústria. O modelo de integração avícola e suinícola ditado pela Sadia reconfigurou o trabalho do pequeno produtor rural. O antigo colono policultor transformou-se em um operário terceirizado em sua própria terra, rigidamente submetido aos pacotes tecnológicos, padrões sanitários e calendários da grande empresa. A subsistência e a soberania alimentar local foram substituídas pela dependência estrita dos insumos industriais e pelas oscilações das bolsas de mercadorias internacionais.

REFERÊNCIAS

COMASSETO, Leandro Ramires. **Associação Catarinense de Criadores de Suíno – 50 anos de história.** Chapecó: Arcus, 2010.

ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande (1908-1915).** Porto Alegre, UFRGS, 2008. (História, Tese de doutorado).

NODARI, Renato. **Estrada de ferro São Paulo Rio Grande: causas e conseqüências de sua construção em território catarinense 1900/1940.** Porto Alegre, UFRGS, 1999, p.84. (Economia, Dissertação de mestrado).

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos.** 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

ZOTTI, Solange Aparecida. **História faz história. Concórdia: Contestado**-UNC. HISED, 2006.

EXPANSÃO URBANA E POLÍTICAS PÚBLICAS EM BAIRROS RESIDENCIAIS: UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL DO RESIDENCIAL CASAS FLORENÇA, CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG
EIXO 2 - Geografia Urbana, Conflitos e Movimentos Sociais

Tamirys Maciel Tinoco Lima. Orientado por: Silvana Cristina da Silva
Universidade Federal Fluminense UFF - Campos

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma análise socioespacial sobre como ocorre a expansão urbana e as políticas públicas, em um bairro residencial, da cidade de Campos dos Goytacazes, observando como elas acontecem e se beneficiam os moradores. Segundo Teixeira, Faria e Neves (2024), a trajetória da cidade de Campos dos Goytacazes foi marcada pela transição de uma economia açucareira para uma lógica de mercado imobiliário segregacionista. O foco central é o Residencial Casas Florença, construído pela Realiza Construtora, na Estrada do Carvão, localizado a aproximadamente 6,5 km da praça central da cidade, a Praça São Salvador. A problematização consiste em saber se a ampliação da malha urbana é realmente benéfica ou se gera segregação socioespacial, privando os moradores do bairro, do acesso a serviços públicos essenciais como saúde, educação e transporte. A hipótese é que o papel do Estado tem se limitado à fase de licenciamento, ocorrendo um evidente abandono institucional após a entrega das chaves, o que acaba por converter o residencial numa zona de exclusão onde as políticas públicas não acompanham o ritmo imobiliário.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo geral consiste em analisar a configuração socioespacial do bairro Casas Florença a partir da lógica de expansão urbana e das políticas públicas aplicadas, identificando se a sua consolidação resultou em integração ou em barreiras geográficas e sociais. Os objetivos específicos pretendem reconstituir a trajetória de expansão da cidade, analisar o papel da prefeitura na gestão desse território e verificar como o mercado imobiliário utiliza o financiamento habitacional para produzir bairros de baixo custo e alta lucratividade. De acordo com Gomes (2015), existe uma estratégia dos incorporadores em oferecer imóveis financiados para famílias de menor renda em terrenos baratos nas periferias, garantindo o lucro mas isolando a população. A metodologia é qualitativa, fundamentada em um levantamento bibliográfico para embasar a análise, e visitas técnicas com o intuito de humanizar os dados técnicos e dar voz àqueles que vivenciam as dificuldades cotidianas no local.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados parciais indicam que a configuração espacial de Campos é definida por uma urbanização dispersa e fragmentada, onde a expansão contemporânea se concentra em enclaves fortificados que criam ilhas de infraestrutura privada em meio a áreas desprovidas de serviços públicos. No caso do Residencial Casas Florença, observa-se que o financiamento habitacional, embora ajude a reduzir o déficit habitacional, que no Brasil regista cerca de 6 milhões de domicílios, (FJP, 2024), acaba por gerar o endividamento das famílias e as empurra para áreas onde o valor do solo é menor. A análise demonstra que a produção do espaço na cidade é marcada por uma valorização desigual que beneficia setores específicos, resultando num modelo onde o financiamento viabiliza apenas a residência mas ignora a qualidade do espaço público ao redor. Assim, as evidências sugerem que o residencial funciona como um território que isola os seus moradores das centralidades funcionais da cidade.

CONSIDERAÇÕES

A principal reflexão do tema baseia-se na ideia de que a segregação socioespacial deve ser compreendida como um reflexo direto da propriedade privada sobre a produção do espaço urbano. Conforme define Carlos (2020), a segregação não é apenas uma distância geográfica, mas uma barreira que limita o cotidiano e o exercício pleno da cidadania, sendo entendida como a privação do acesso aos tempos espaços da vida urbana. A pertinência do trabalho reside em investigar se o residencial atende o direito à moradia ou se apenas gera mais desigualdades, questionando se o modelo de crescimento local é uma estratégia de infraestrutura ou apenas de venda de casas. Como resposta possível, a pesquisa sugere que a segregação é o resultado de uma gestão urbana que prioriza o lucro das incorporadoras em detrimento da função social da cidade. O estudo conclui que este modelo tem produzido apenas residências que negam o pleno uso da cidade, consolidando desigualdades que se manifestam na vivência social.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Segregação socioespacial e o "direito à cidade". **Geousp - Espaço e Tempo (On-line)**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 412-424, dez. 2020. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2020.177180. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/177180. Acesso em: 25 maio. 2026.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Brasil registra déficit habitacional de 6 milhões de domicílios. **FJP**, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://fjp.mg.gov.br/brasil-registra-deficit-habitacional-de-6-milhoes-de-domicilios/. Acesso em: 25 maio. 2026.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. A produção e a valorização desigual do espaço urbano em Campos dos Goytacazes-RJ: uma análise das ações do estado e dos promotores/incorporadores imobiliários. **Geografares**, [S. l.], n. 19, p. 1-18, 2015. DOI: https://doi.org/10.4000/geografares.14152. Disponível em: https://journals.openedition.org/geografares/14152. Acesso em: 25 maio. 2026.

TEIXEIRA, Dayana dos Santos; FARIA, Teresa de Jesus Peixoto; NEVES, Rafael Moreira. Produção do espaço urbano na cidade de Campos dos Goytacazes: uma análise dos principais eixos de expansão urbana. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 53-73, jul./dez. 2024. DOI: https://doi.org/10.12957/cdf.2024.84332. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/cdf/article/view/84332. Acesso em: 25 maio. 2026.

A Produção do Bairro Getúlio Vargas em Rio Grande/RS: Agentes, Técnica e Segregação

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Vinicius Cabral Centeno; Laura Dorneles Lemes; Débora de Gonçalves Pinheiro; Jéssica Leal Kirst; Fábio Löff Cunha; Orientado por: Profa. Dra. Elizangela de Felippe
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

INTRODUÇÃO

A formação do bairro Getúlio Vargas (BGV) em Rio Grande (RS), indicado na figura 1, é analisada sob a lógica da segregação socioespacial. O trabalho caracteriza o local como uma periferia consolidada de forma precária, resultado de escolhas históricas que priorizaram a "urbanidade belle époque" nas áreas centrais enquanto empurravam a classe trabalhadora para áreas distantes. O problema central reside em como o Estado e outros agentes manipulam o território para gerir a localização da pobreza em benefício da valorização imobiliária (Martins 2022).

Figura 1 – Mapa do BGV em 1904



Fonte: MARTINS, Solismar Fraga. Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Analisar o processo de produção do espaço urbano no Bairro Getúlio Vargas (BGV), buscando observar de forma integrada a atuação dos agentes produtores do espaço, o impacto das transformações técnicas e a consolidação da segregação socioespacial na periferia de Rio Grande (RS). Foi realizado uma revisão bibliográfica e na análise teórica qualitativa do recorte espacial. O arcabouço conceitual baseia-se nas formulações de Roberto Lobato Corrêa, para a compreensão das ações e interesses dos agentes urbanos; nas reflexões de Milton Santos, no que tange ao avanço dos sistemas técnicos e à transição para o meio técnico; e no resgate histórico e documental produzido por Solismar Fraga Martins a respeito do desenvolvimento industrial e urbano da cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apontam que a técnica e a segregação atuaram juntas na produção do bairro. Historicamente, a industrialização de Rio Grande gerou melhorias e investimentos técnicos apenas na área central. Para afastar a classe trabalhadora dessas zonas valorizadas, o Estado utilizou a técnica de forma segregadora, criando conjuntos habitacionais na periferia sem a infraestrutura adequada, funcionando apenas como "receptáculos" de mão de obra.

Essa divisão do território foi consolidada pela manutenção de grandes vazios urbanos entre o centro e o bairro. Esses vazios, controlados por proprietários de terras que lucravam com a especulação, serviram como barreiras físicas e sociais, mostrando que a segregação no BGV foi uma ação deliberada dos agentes para gerir a localização da pobreza.

CONSIDERAÇÕES

A criação do BGV revela que a paisagem urbana é o reflexo direto das desigualdades assumidas ao longo dos ciclos industriais. O bairro perdeu sua característica de "meio natural" para tornar-se um "meio técnico" segregado. O estudo reforça a pertinência de compreender a cidade não como um dado neutro, mas como um produto de interesses divergentes que moldam a forma e o conteúdo do espaço vivido.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.
MARTINS, Solismar Fraga. Rio Grande: gênese e formação do espaço urbano (1737-1920). Rio Grande: Ed. da FURG, 2006.
MARTINS, Solismar Fraga. Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990). 2. ed. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2022.
SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

A Produção de vídeo documentário no PIBID-Geografia: A Expansão Urbana e a Identidade do Jardim Requião\Maringá\Paraná

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

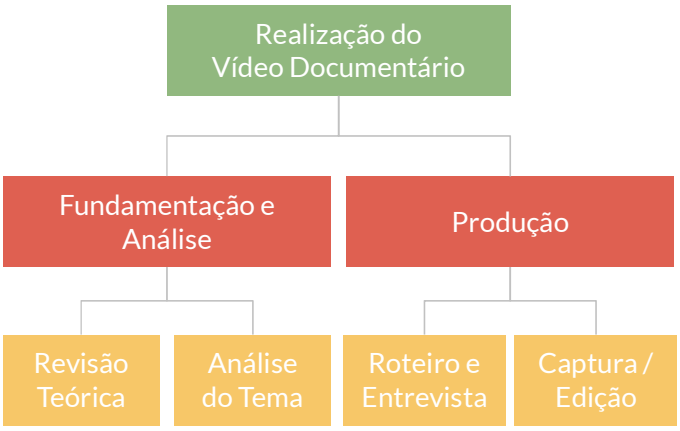
Vinicius Macri Da Silva; Fillipe Rozolem Pereira; Geovana Scodone da Silva; Marta Tokunaga
Orientado por: Maria das Graças de Lima
Universidade Estadual de Maringá - UEM; Secretaria de Educação/PR

INTRODUÇÃO

A experiência descrita neste trabalho surgiu a partir da realização de atividades vinculadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com atuação específica no subprojeto de Geografia. Nesse contexto, buscou-se analisar a origem do Conjunto Habitacional Requião, bairro localizado na cidade de Maringá (PR), inaugurado na década de 1990, através de uma parceria entre a prefeitura e o Governo do Estado, por meio da Companhia Paranaense de Habitação (COHAPAR) (Abe; Chagas, 2019, p.305), onde são desenvolvidas as atividades do projeto, com o objetivo de produzir um vídeo documentário (Lima, 2007), que discutisse os fatores que motivaram sua criação e as transformações ocorridas.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo do trabalho foi compreender o papel dos conjuntos habitacionais no processo de urbanização, com ênfase no Conjunto Requião em Maringá, analisando sua gênese, os critérios de acesso às moradias e sua relação com a migração de populações do meio rural para o urbano, posteriormente reunindo as principais informações em um vídeo documentário. Para isso, foram realizadas as seguintes etapas indicadas por Lima (2007):



RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho analisou a evolução do bairro desde a década de 1990 até a atualidade, destacando transformações estruturais e socioespaciais. A pesquisa utilizou imagens históricas (Imagem 01) para evidenciar mudanças nas ruas, nas moradias e na presença de equipamentos públicos, além de abordar a violência urbana. Como etapa final, foi realizada uma entrevista com o ex-diretor do Colégio Estadual Tânia Varella, cuja experiência desde 1997 contribuiu para compreender essas mudanças no bairro.



Imagem 01 *- Imagem Histórica x Imagem Atual de Residências do Conjunto Habitacional.*
Fonte: Maringá Histórica (2024); Google Maps (2024)

CONSIDERAÇÕES

O produto final sintetiza as transformações urbanas do Conjunto Requião, desde sua origem até a atualidade. O bairro deixou de ser um espaço de acolhimento de populações rurais e passou a ter forte presença comercial e industrial. Houve fortalecimento do comércio local e redução da criminalidade. Isso faz com que as novas gerações pouco conheçam o passado marcado pela violência.

REFERÊNCIAS

ABE, T. K.; CHAGAS, P. B. **Contorno Norte: reflexos da obra sobre o Conjunto Habitacional Requião em Maringá, PR, Brasil.** Terr@ Plural, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 296–312, 2019. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/9926. Acesso em: 19 de abril de 2026.

LIMA, Marias das Graças de. Ensino de Geografia e a Produção de Videodocumentário. *In:* Passini, Elza Yasuko. **Práticas de Ensino de Geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 132-142.

Imagens retiradas do Canva







EIXO 3
ESPAÇO AGRÁRIO E LUTAS DO CAMPO









TRAÇANDO UM ESTADO DA ARTE SOBRE O CONCEITO DE COMUNIDADE: R-EXISTÊNCIAS DOS POVOS PELA VIDA

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Autores: Gabriel da Rosa Gonçalves; Lucas de Sousa Pereira. Professora orientadora: Mercedes Solá Pérez.
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa "R-existências dos povos pela vida", desenvolvido com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). A pesquisa parte da compreensão de que o mundo contemporâneo é marcado hegemonicamente pelo capitalismo e pela expansão de um modelo de desenvolvimento baseado no extrativismo e na imposição de técnicas modernas, frequentemente dissociadas das realidades e necessidades das populações locais. Esse processo tende a desconsiderar as relações sociais historicamente construídas nos territórios, colocando em risco identidades coletivas, modos de vida e formas de organização comunitária, além de aprofundar processos de degradação ambiental e desigualdades espaciais (Cardoso, Faro, 2024).

Dessa forma, territórios e comunidades tornam-se espaços centrais de disputa entre diferentes projetos de sociedade, de desenvolvimento e de relação com a natureza. Ao mesmo tempo em que se intensificam processos de homogeneização cultural e econômica em escala global, observa-se também o fortalecimento de experiências locais de resistência, organização coletiva e defesa da vida. Comunidades indígenas, quilombolas, camponesas, tradicionais e periféricas têm articulado estratégias de defesa de seus territórios e modos de existência, reafirmando vínculos identitários profundamente conectados às especificidades de seus espaços de vida (Zibechi, 2024).

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo delimitar um estado da arte sobre o conceito de comunidade, reunindo contribuições teóricas que permitam compreender suas dimensões sociais, políticas, territoriais e identitárias.

Busca-se construir uma base conceitual que dialogue com as experiências concretas das comunidades investigadas no âmbito do projeto de pesquisa, contribuindo para a compreensão de suas práticas de organização coletiva e resistência.

METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa possui caráter qualitativo e fundamenta-se em revisão bibliográfica, realizada a partir da análise das obras de autores e autoras como: Zibechi, Cardoso, Faro, Peruzzo, Weber, Tönnies, Park e Burgess, Maciver e Page, Buber, Castells, Bauman, Palácios, dentre outros(as) que abordam o conceito de comunidade em diferentes contextos históricos e teóricos.

O levantamento incluiu livros, artigos científicos e produções acadêmicas que abordam o conceito de comunidade em diferentes contextos históricos e teóricos, organizados de forma temporal e temática para identificar continuidades e transformações interpretativas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados indicam que, nas reflexões contemporâneas latino-americanas, a comunidade passa a ser compreendida não apenas como forma de convivência social, mas também como prática política de resistência e de reprodução da vida. Autores como Raúl Zibechi (2017) destacam que comunidades organizadas em diferentes territórios da América Latina constroem experiências de autonomia, autogestão e defesa territorial frente às dinâmicas de exploração associadas ao capitalismo global.

De modo complementar, o debate sobre o comum presente no Dicionário de Ecologia Política contribui para compreender a comunidade como uma relação social baseada na cooperação, no cuidado e na construção coletiva da vida (Cardoso; Faro, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a comunidade se apresenta como experiência viva e dinâmica, construída a partir de práticas de solidariedade, comunalidade e cuidado com os territórios.

Nesse sentido, as experiências comunitárias apontam para a construção de horizontes sociais e políticos que colocam a vida no centro das formas de organização coletiva e das relações entre sociedade e natureza.

REFERÊNCIAS

PERUZZO, C. **Comunidades em tempo de redes.** In: Comunicação e movimentos populares: quais redes? São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. p. 275-298.

ZIBECHI, R. **A Multiplicação das Autonomias na América Latina.** Site Teia dos Povos, 2024. Disponível em: <https://teiadospovos.org/a-multiplicacao-das-autonomias-na-america-latina/>

CARDOSO, P. M; FARO, A. R. **Dicionário de Ecologia Política.** Organizado por Valter do Carmo Cruz... [et al.]. Rio de Janeiro: Consequência Editora, p.556-561, 2024.

ZIBECHI, R. **Cosmovisão Indígena, Comunidades e Movimentos na América Latina.** Curitiba: Site Vida Boa, 2017. Disponível em: <https://vidaboa.redelivre.org.br/2017/11/04/cosmovisao-indigena-comunidades-e-movimentos-na-america-latina/>

Biografia complementar:

Contatos: reatfurg
Gabriel da Rosa Gonçalves
Graduando em Geografia Licenciatura (FURG)
gabriel.rosa.goncalvess@gmail.com

Lucas de Sousa Pereira
Geógrafo e Mestrando em Geografia (PPGGEO FURG)
lucassousa.travail@gmail.com

FURG UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
[R]EAT

A Educação Escolar Quilombola e sua Relação com o Conhecimento das Comunidades

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Gabriel Igor Teodoro Moser Contreras; Orientado por: Maria das Graças de Lima
Doutorando no PGE, UEM; Professora Doutora vinculada ao PGE, UEM

INTRODUÇÃO

O presente trabalho deriva dos resultados parciais da pesquisa de doutorado intitulada "As Escolas Quilombolas e a Relação com o Conhecimento das Comunidades", elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Investigou-se como as práticas agroecológicas são abordadas no ensino de Geografia na educação quilombola, com foco na espacialização das características educacionais quilombolas. Justifica-se esta análise na carência de estudos, materiais e práticas adequadas à realidade da Educação Escolar Quilombola (EEQ), modalidade especial de ensino com os índices mais baixos. Optou-se por uma análise em escala nacional, permitindo uma visão ampla da distribuição dessas características e de suas diferentes realidades.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa objetivou a investigação do ensino quilombola e sua associação às práticas agroecológicas vinculadas à produção das Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs). Junto aos objetivos específicos, dá-se ênfase na construção cartográfica associada às CRQs e suas instituições de ensino. Buscou-se compreender as relações estabelecidas no ensino quilombola a partir das dinâmicas socioculturais das comunidades, evidenciando lacunas estruturais, formativas e científicas. A avaliação das carências estruturais associadas à EEQ foi construída a partir da associação de análise bibliográfica com a exploração de dados estatísticos, provenientes principalmente da Fundação Cultural Palmares (Fundação Cultural Palmares, 2022) e do Censo Escolar do INEP. A metodologia adotada permitiu a sistematização das informações associadas à produção e ensino quilombola, evidenciando as desigualdades territoriais e a carência de dados associada à produção e educação quilombola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O quilombo deve ser compreendida em função das suas próprias redes de sobrevivência (Anjos; Cypriano, 2006). A agroecologia caracteriza-se como um manejo sustentável dos agroecossistemas, construído pelo diálogo entre saberes tradicionais e científicos, articulando questões identitárias das CRQs (Caporal; Costabeber, 2002). O ensino nas CRQs perpetua um sistema no qual o quilombola não tem participação. A distribuição e acesso de infraestrutura de CRQs e escolas em CRQs ainda continua extremamente desigual.





A análise de dados indica que apenas 7,45% das escolas quilombolas possuem algum tipo de material pedagógico que aborde as questões quilombolas. Historicamente marginalizada, a EEQ ainda reproduz dinâmicas associadas aos modelos hegemônicos de ensino. A agroecologia emerge como uma possibilidade efetiva de permanência e sobrevivência das CRQs. Se articulada junto à educação, abrem-se caminhos metodológicos para a construção de práticas pedagógicas que integrem a vivência e cultura quilombola na prática de ensino.

CONSIDERAÇÕES

Espera-se que os resultados sirvam de base para as próximas etapas da pesquisa. Nesse sentido, a continuidade da pesquisa, a partir do aprofundamento da análise da relação entre ensino e agroecologia nas CRQs, objetiva a evidenciação das lacunas na incorporação de saberes locais no processo de ensino quilombola, de modo que se possibilite uma análise ampla de como o ensino nas comunidades pode servir como ferramenta para a manutenção dos quilombos brasileiros.

REFERÊNCIAS

ANJOS, R. S. A. dos; CYPRIANO, A. **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: AORI Produções Culturais, 2006.
CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 13-16, abr./jun. 2002.
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certificação quilombola.** Governo do Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecaopreservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola> Acesso em: Acesso em: 13 abr. 2026.

Mulheres e a Agroecologia: o papel do cuidado na luta por uma produção mais sustentável e justa

EIXO 3 – Espaço Agrário e Lutas do Campo

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CONEEG

Maria Eduarda Silva Leite; Marina Zandonato. Orientado por: Rosa Maria Vieira Medeiros
UFRGS

INTRODUÇÃO

Historicamente as mulheres sempre estiveram em posição de cuidados, seja em casa com os filhos, ensinando, cuidando da saúde dos seus ou plantando. Se fez necessário realizar uma pesquisa bibliográfica afim de analisar o que é agoecologia e qual o papel feminino nesta forma de produzir alimentos, evidenciando as potencialidades e dificuldades vividas pela mulher camponesa.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre mulheres e a agroecologia. Primeiramente foi preciso entender o que é agroecologia e qual o papel das mulheres nesse cultivo, para então entender as dificuldades vivenciadas e suas motivações para construir essa forma de cultura. Assim, elucidando o percurso feminino no campo e evidenciar suas dificuldades, além de problematizar a forma de agricultura tradicional e refletir sobre maneiras saudáveis de produzir nosso alimento. Para isso, serão utilizados artigos e sites diversos para compor a pesquisa bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo ALTIERI (2004), a agroecologia é definida como uma abordagem que une princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos. Avaliando as consequências para a sociedade e os sistemas agrícolas, superando a visão tradicional do cultivo de alimentos, focando na ecologia, sociedade e cultura local.

As mulheres que constroem esta forma de cultivo vivenciam diversa dificuldades como:

- Falta de acesso à informação;
- Dupla jornada de trabalho;
- Pouca discussão sobre o assunto (quando há);
- Distância de centros urbanos;
- Dificuldade em se reunir com outras mulheres;
- Além dos maridos dificultando o lugar de fala das mulheres no seu próprio núcleo familiar.

FAGUNDES (2021) ressalta que a visibilidade do movimento agroecológico se dá juntamente com as reivindicações trazidas pelos movimentos feministas e mostra que o lugar de segundo plano das mulheres nas tomadas de decisões tanto dentro das famílias quanto na sociedade é fruto da colonização europeia. O movimento agroecológico traz um novo parâmetro acerca do que já estamos habituados:

- Um cultivo com foco na soberania alimentar e nutricional;
- Os direitos dos povos tradicionais;
- A interação do campo com a cidade;
- Valorização de uma tradição cultivada por mulheres e as demais pessoas camponesas.

CONSIDERAÇÕES

Assim, é possível refletir sobre a importância da divulgação da agroecologia, levando em consideração aquelas que produzem esses alimentos nutritivos baseados em uma cultura de cuidados, preocupação com a saúde e o meio ambiente. Devemos nos perguntar qual seria a melhor forma de trazer informação para essas mulheres entenderem seus direitos? Será esse o passo inicial para a ampliação de uma agricultura livre de agrotóxicos?

REFERÊNCIAS

ALTIERI M. Agroecologia: objetivos e conceitos. In: ALTIERI M. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre, UFRGS, 2004, v.4, p. 23 – 28.
BERTICELLI, Grasiele. Emancipação de mulheres por meio de práticas agroecológicas. Erechim/RS. 26/11/2018, 37 f. Monografia(Graduação). Universidade Federal da Fronteira Sul.
COSTA G. M. da. Agroecologia (Eco)Feminismos e "bem-viver": Emergências descoloniais no movimento ambientalista brasileiro. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. (anais eletrônicos) Florianópolis, 2017, p. 12.
GABOARDI C. Shaiane; CANDIOTTO P. Z. Luciano. Agricultura orgânica e Agroecologia na Microrregião de Erechim/RS: As ações socioambientais do CAPA e do CETAP. Campo-Território, Revista de Geografia Agrária, v. 12, n. 28, p. 178-202, 2017.
FAGUNDES, Izabela. MULHERES E AGROECOLOGIA: PERSPECTIVAS SOBRE O EMPODERAMENTO FEMININO NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS. 2021. Ufsc, Florianópolis, 202.

Imagens retiradas do Canva







EIXO 4
NATUREZA E ABORDAGENS AMBIENTAIS









Sistematização e Desenvolvimento de Materiais Informativos para o Programa de Monitoramento do Ecossistema (CEMP) da Comissão de Conservação dos Recursos Marinhos Vivos Antárticos (CCAMLR)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS-04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CONEEG

Alexandra Viana Cardoso, Steve Parker e Claire van Werven; Orientado por: Steve Parker
Comissão de Conservação dos Recursos Marinhos Vivos Antárticos (CCAMLR)

INTRODUÇÃO

Com mais de quatro décadas de dados históricos produzidos pelos 27 países-membros da CCAMLR, o CEMP constitui um importante instrumento para a conservação do ecossistema marinho antártico. Apesar de sua relevância, as informações disponíveis sobre os locais de monitoramento ainda são limitadas e pouco acessíveis visualmente, dificultando a compreensão dos dados e a colaboração entre pesquisadores, além de restringirem a acessibilidade das informações para públicos gerais e especializados.

Nesse contexto, o projeto desenvolvido durante o Programa de Estágios Internacionais da CCAMLR, propõe a criação de infográficos para os sítios de monitoramento do CEMP, com o objetivo de centralizar, sistematizar e ampliar a visualização das informações produzidas ao longo das últimas décadas.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

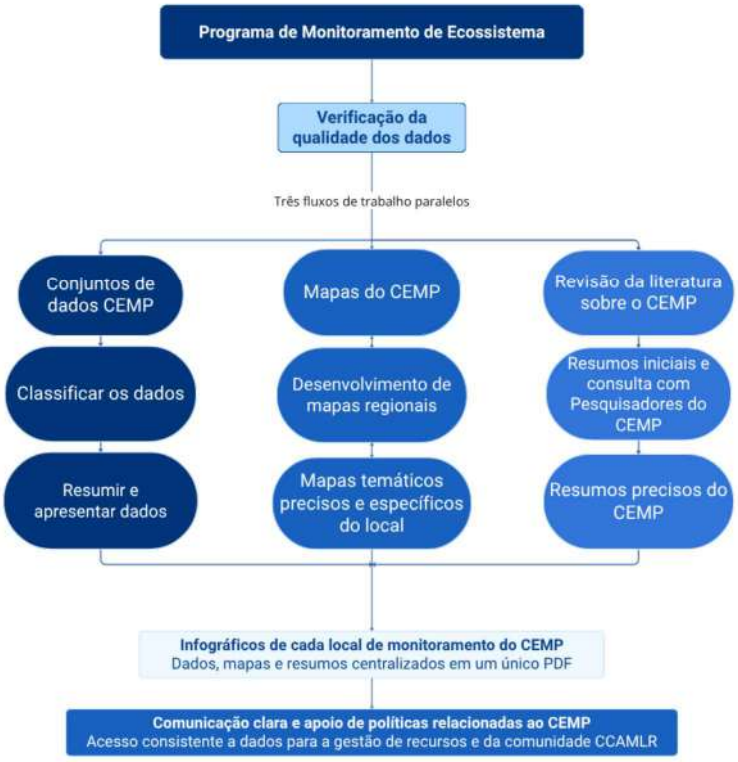


Figura 1 – Fluxograma metodológico do desenvolvimento dos infográficos para o Programa de Monitoramento de Ecossistemas (CEMP).
Fonte: Elaborado pela autora (2026).

REFERÊNCIAS

TRUMBO, J. Alfabetização visual e comunicação científica. Comunicação Científica, v. 20, n. 4, p. 409-425, 1999.

FRANKEL, F.; DEPACE, A. H. Estratégias visuais: um guia prático de gráficos para cientistas e engenheiros. New Haven: Yale University Press, 2012.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Atualmente, as informações disponíveis no site da CCAMLR sobre os locais de monitoramento do CEMP ainda são limitadas, especialmente pela ausência de recursos visuais e gráficos que evidenciem as especificidades geográficas das áreas monitoradas, as espécies-alvo observadas e os parâmetros ecológicos coletados. Essa limitação, em muitos casos, reduz o engajamento de diferentes públicos, sobretudo em um contexto de crescente modernização tecnológica, no qual a comunicação visual exerce papel central na compreensão das informações científicas (Trumbo, 1999). Nesse sentido, as representações gráficas tornam-se fundamentais para a visualização de dados numéricos e para a interpretação das pesquisas científicas (Frankel; DePace, 2012).



Figura 2 – Exemplo de infográfico produzido para o sítio de monitoramento Bird Island, do Reino Unido.
Fonte: CEMP/CCAMLR, elaborado pela autora (2026).

CONSIDERAÇÕES

Os resultados indicam que os infográficos elaborados potencializam de forma significativa a compreensão e a visualização das informações do CEMP, permitindo comparações mais claras entre os diferentes locais de monitoramento e incentivando uma maior integração dos dados produzidos pelos países membros. A articulação entre elementos visuais e textuais favorece a transparência, a acessibilidade e a divulgação científica, além de contribuir para o fortalecimento de análises ecológicas futuras e de processos decisórios voltados à conservação do ecossistema marinho antártico.

Geomorfologia da Ilha dos Marinheiros no contexto da Planície Costeira do Rio Grande do Sul : uma revisão bibliográfica

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Àlice Farias Rodrigues; Orientada por: Adriano Luis Heck Simon
Universidade Federal de Pelotas

INTRODUÇÃO

- A área é caracterizada por uma fragilidade ambiental intrínseca, onde a dinâmica hídrica e sedimentar define uma paisagem de transição entre os ambientes continentais e lagunares.
- A compreensão de sua geomorfologia é essencial não apenas para o registro histórico da Terra, mas como subsídio crítico para o planejamento territorial e a geoconservação frente aos impactos antrópicos crescentes.

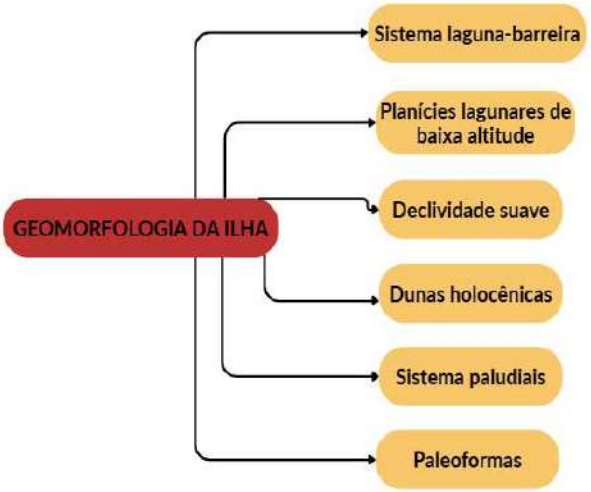


OBJETIVOS E METODOLOGIA

- O objetivo desta revisão é sistematizar o conhecimento geomorfológico sobre a Ilha dos Marinheiros, destacando sua evolução geológica e as transformações espaciais recentes.
- A metodologia baseia-se na análise comparativa de estudos geológicos regionais, levantamentos ecológicos e geográficos do estuário e análises morfo-hidrográficas com foco em intervenções humanas.



RESULTADOS E DISCUSSÕES



- Intervenções como a construção de diques, aterros e canais artificiais causaram o seccionamento de superfícies úmidas, interrompendo a conectividade entre a planície e a laguna.

CONSIDERAÇÕES

- A análise demonstra que a Ilha dos Marinheiros é um sistema ambiental dinâmico, mas altamente vulnerável.
- Conclui-se que o entendimento das formas de relevo como suporte físico para as atividades humanas é o primeiro passo para garantir a sustentabilidade e a preservação do patrimônio natural desta região estratégica do extremo sul do Brasil.

.



REFERÊNCIAS

DIAS, Rafael Antunes et al. Estuário da Lagoa dos Patos. In: CONSERVAÇÃO DE AVES MIGRATÓRIAS NEÁRTICAS NO BRASIL.[S.l.: s.n.], [s.d.]. p. 335–338.

SIMON, Adriano Luís Heck; SILVA, Pâmela Freitas da. Análise geomorfológica da planície lagunar sob influência do Canal São Gonçalo – Rio Grande do Sul – Brasil. Geociências, São Paulo: UNESP, v. 34, n. 4, p. 749–767, 2015.

TOMAZELLI, Luiz José; VILLWOCK, Jorge Alberto. O Cenozóico costeiro do Rio Grande do Sul. In: HOLZ, Michael; DE ROS, Luiz Fernando (org.). Geologia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: [s.n.], 2000. p. 375–406.

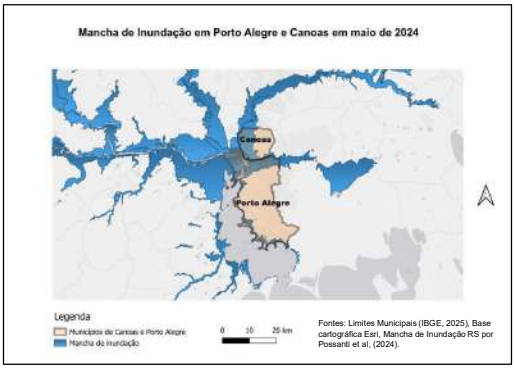
ENCHENTES DE MAIO DE 2024 E SEUS IMPACTOS FÍSICOS: PERCEPÇÕES DAS JUVENTUDES DE CANOAS E PORTO ALEGRE

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CONEEG

Autor: Ana Beatriz Weber Pithan - Orientador: Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

A enchente de maio de 2024 que atingiu o estado do Rio Grande do Sul impactou fortemente a sua capital, Porto Alegre, e a cidade limítrofe de Canoas. A magnitude dos seus impactos é resultado de um conjunto de fatores, como as características geomorfológicas do estado, as condições socioambientais e os efeitos das iminentes mudanças climáticas. Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, intitulada: "Juventudes Contemporâneas e Desastres Climáticos: Impactos, Resiliência e Estratégias no Sul Global". O principal objetivo foi analisar as percepções e os impactos físicos das enchentes em grupos de jovens estudantes de escolas localizadas nos bairros Humaitá e Sarandi (Porto Alegre) e nos bairros Mathias Velho e Rio Branco (Canoas) Ao todo, participaram 67 jovens escolares, distribuídos entre 4 escolas de Porto Alegre e Canoas.



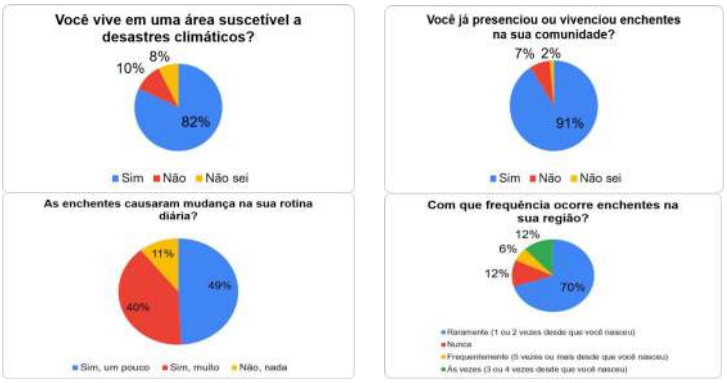
Elaboração: A autora (2026)

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O principal objetivo foi analisar as percepções e os impactos físicos das enchentes em grupos de jovens estudantes de escolas localizadas nos bairros Humaitá e Sarandi (Porto Alegre) e nos bairros Mathias Velho e Rio Branco (Canoas). A pesquisa foi realizada com a aplicação de um questionário e ao todo participaram 67 jovens escolares, distribuídos entre 4 escolas de Porto Alegre e Canoas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Somando as respostas dos jovens porto-alegrenses e canoenses, 82% afirmaram viver em área suscetível a desastres climáticos e 91% responderam que já presenciaram enchentes em suas comunidades. Apesar dessa alta percepção de risco, 72% afirmaram que as enchentes são eventos raros, tendo vivenciado entre uma e duas vezes desde que nasceram. 45% dos jovens afirmaram que suas comunidades não estão preparadas para enfrenta-las, mesmo que os dados mostrem forte presença desses eventos. No que se refere aos impactos na vida diária dos jovens, 49% afirmaram que tiveram a rotina altamente alterada. Além disso, no que se refere a percepção dos jovens sobre o padrão de precipitação, 51% dos jovens afirmaram uma considerável mudança.



Fonte: Banco de dados da pesquisa (2025)

CONSIDERAÇÕES

Ao pesquisar as percepções das juventudes, damos voz a eles e os reconhecemos como sujeitos de direitos e agentes fundamentais para a construção de uma democracia climática. Além disso, as observações das juventudes, quando alinhadas aos saberes científicos, possibilitam a construção de um panorama mais abrangente sobre as condições de suas realidades climáticas e contribuem para um caminho de políticas públicas que sejam efetivas para essa juventude.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Rafael Norberto de; SANTOS, Gisely Storch do Nascimento; CARDOSO, Mateus do Nascimento; TOLENTINO, João Paulo de Castro. Percepção da população sobre a quantidade e os períodos de chuvas em Vilhena, Rondônia. **Aracê**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 39181–39196, 2025. DOI: 10.56238/arev7n7-229. Disponível em: https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/6698. Acesso em: 10 nov. 2025.
AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (Brasil). **As enchentes no Rio Grande do Sul: lições, desafios e caminhos para um futuro resiliente**. Brasília: ANA, 2025. 57 p. il. ISBN 978-65-88101-73-5.
BASSALO, Lucélia de M. B. Jovens mulheres e feminismo. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Temáticas emergentes em juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2024. p. 128–151.
FAVERO, Eveline et al. Percepção de risco ambiental: uma análise a partir de anotações de campo. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 50, n. 1, p. 64–74, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28446021008. Acesso em: 9 nov. 2025
TEIXEIRA, Rylanneive Leonardo Pontes; SILVA JÚNIOR, Marcos Aurélio Freire da; ANDRADE, Flávia Alessandra Souza de. Juventude, mobilizações e mudanças climáticas. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Juventudes e mudanças climáticas**. Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2025. Disponível em: https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-mudancas-climaticas-4751015. Acesso em: 23 nov. 2025.
THUANY, Mabliny et al. Deslocamento ativo em adolescentes: prevalência e preditores associados ao trajeto casa–escola. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [S. l.], v. 26, p. 1–8, 2021. DOI: 10.12820/rbafs.26e0203. Disponível em: https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14419. Acesso em: 30 out. 2025.
HAMMES, Valéria Sucena. Impacto ambiental: efeitos físicos, econômicos, sociais, culturais e políticos. In: HAMMES, Valéria Sucena (org.). **Educação ambiental para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Brasília: Embrapa, 2012. p. 43–45.
Possantti et al. (2024). **Banco de dados das cheias na Região Hidrográfica do Lago Guaíba em Maio de 2024** [Data set]. Zenodo. https://zenodo.org/doi/10.5281/zenodo.11164049

Fragilidade ambiental em uma microbacia na Cordilheira Vilcanota (Peru) através de Sensoriamento Remoto por VANT

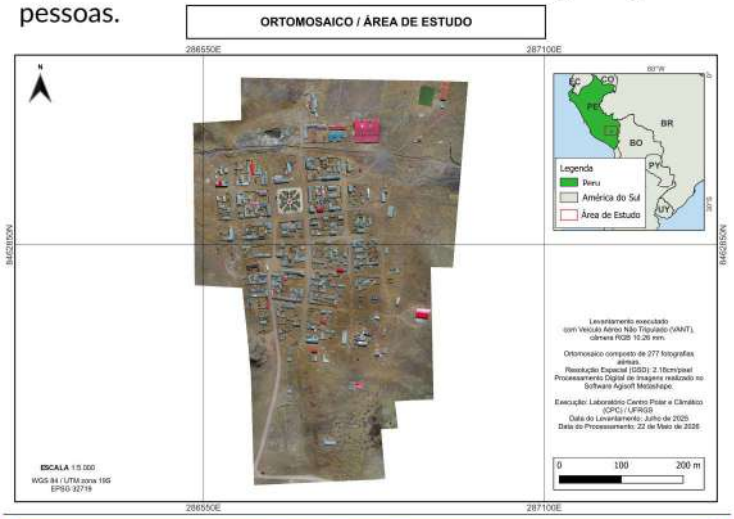
XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Anderson Zanatta, Kátia Kellem da Rosa (Orientadora), Júlia Lopes Lorenz, Rafaela Mattos Costa
Graduando em Geografia/UFRGS E-mail: anderszanatta@gmail.com; Dra. Professora no Dep. de Geografia/UFRGS e Coord. do Grupo de Geomorfologia e Sedimentologia Glacial do Centro Polar e Climático; Doutoranda em Geografia pelo POSGEA/UFRGS; Doutoranda em Geografia pelo POSGEA/UFRGS

INTRODUÇÃO

A Cordilheira Vilcanota, nos Andes Orientais do Peru, destaca-se por sua importância hidrológica e climática, pois abriga algumas das geleiras tropicais mais importantes do planeta, sensíveis às mudanças climáticas.

Essa área é de suma importância hidrológica, climática e social, e é nesse ambiente que interações entre as dinâmicas do gelo e as populações locais se configuram a chamada sociocriosfera (FIGUEIREDO, 2021; COSTA, 2022), onde as transformações físicas do relevo podem impactar diretamente o cotidiano e a segurança das pessoas.



OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo investigar as formas de relevo e os processos geomorfológicos, com base em Ross (1992), em uma microbacia hidrográfica localizada na Bacia Vilcanota, onde está situado o núcleo urbano da comunidade de Phinaya.

METODOLOGIA

Dados de Campo

VANT (Veículo Aéreo Não Tripulado)
Câmera RGB
Execução de Voo
Imagens de alta resolução

Processamento Digital de Imagens

Modelos digitais de elevação
Ortofotomosaico
Software Agisoft Metashape

Mapeamento

Vetorização de áreas
Perfis topográficos
Análise morfométrica
Software QGIS/Elevation Profile

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados iniciais dos dados de campo evidenciaram o padrão de drenagem e os processos erosivos pluviais, fluviais e antropogênicos. Observou-se a migração de um canal fluvial

Foram realizados perfis topográficos de diferentes setores do curso d'água, como apresentado na figura abaixo:



Na fig. 1) O curso superior do canal é identificado como meandrante sem incisão. Na fig. 2) O curso médio do canal é identificado como retilíneo com uma acentuada incisão antropogênica. Na fig. 3) O curso inferior do canal é identificado como anastomosado e retilíneo com incisão antropogênica em evidente processo de assoreamento.

CONSIDERAÇÕES

A continuidade da pesquisa será relevante para o entendimento dos fatores que influenciam a dinâmica fluvial, como a ação humana, as condições climáticas e geológicas. Além disso, conclui-se que o ortofotomosaico é uma ferramenta fundamental para o planejamento ambiental e contribui para a avaliação de vulnerabilidades socioambientais.



REFERÊNCIAS

COSTA, R. M. Migrações na comunidade campesina de Phinaya, Cordilheira Vilcanota, Peru: contexto das mudanças climáticas e socioambientais. 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.
FIGUEIREDO, Anderson Ribeiro de. Sociocriosfera andina: etnoconhecimento ancestral e a ruptura pós-colonial nos Andes Centrais. 2021. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
ROSS, J. L. S. Geomorfologia, ambiente e planejamento. São Paulo: Contexto, 1992.

AGRADECIIMENTOS

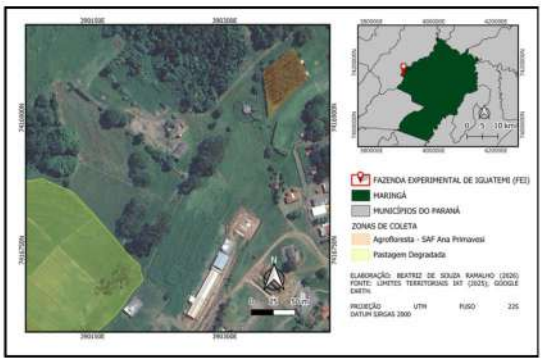
Avaliação da Densidade do Solo em Sistemas Agroflorestais e Pastagens Degradadas na Fazenda Experimental da Universidade Estadual de Maringá

Beatriz de Souza Ramalho; Gustavo Henrique Andrade da Cruz; Orientado por: Hélio Silveira
Universidade Estadual de Maringá

INTRODUÇÃO

A área de estudo situa-se na Fazenda Experimental de Iguatemi (FEI), localizada no Distrito de Iguatemi, em Maringá, na mesorregião Norte Central Paranaense (23°25'31" S e 51°56'19" W). A geologia local é composta por arenitos da Formação Goio Erê (Grupo Caiuá), que deram origem a solos de textura média, e por basaltos da Formação Paranapanema (Grupo Serra Geral), que geram solos de textura argilosa ou muito argilosa. Nesse recorte, coexistem áreas de monoculturas, pastagens e sistemas agroflorestais (SAFs), os quais, por meio da integração planejada entre culturas e animais, buscam viabilizar eficientemente a recuperação ambiental e a capacidade produtiva do solo (Senar, 2017).

Figura 1: Mapa de Localização da Área de Estudo: Fazenda Experimental de Iguatemi, Maringá - PR



Elaboração: Ramalho (2026)

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo avaliar os efeitos do uso e manejo na densidade do solo em pastagem degradada, comparando-os com sistemas agroflorestais na Fazenda Experimental de Iguatemi (FEI).

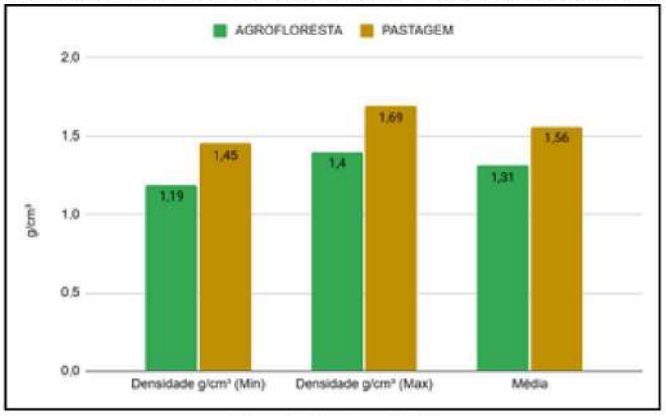
Os métodos adotados nessa pesquisa obedecem à metodologia descrita no Manual de Métodos de Análise do Solo (Embrapa, 2017). Para a realização do trabalho, foram coletadas 20 amostras com anéis volumétricos de 143 cm^3 para a determinação da densidade do solo em áreas de pastagem degradada e em sistemas agroflorestais. As coletas foram realizadas especificamente em solos de textura média, na profundidade de 0-10 cm, abrangendo uma área amostral de aproximadamente 100 m^2.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados indicaram que os valores de densidade do solo na área com o sistema agroflorestal variaram de 1,19 g/cm^3 a 1,40 g/cm^3, apresentando uma média de 1,31 g/cm enquanto na área de pastagem os valores variaram de 1,45 a 1,69 g/cm^3 com uma média de 1,56 g/cm^3.

Na área de pastagem degradada, os elevados valores de densidade do solo evidenciam os impactos negativos do pisoteio do gado, processo que intensifica a compactação e compromete a estrutura natural do solo, dificultando a infiltração da água e o pleno crescimento das raízes.

Figura 2: Resultados comparativos de densidade do solo entre o Sistema Agroflorestal e a Pastagem.



Elaboração: Os autores (2026)

CONSIDERAÇÕES

A partir dos dados obtidos, pode-se concluir que o sistema agroflorestal, onde anteriormente se tinha um histórico de uso semelhante ao da pastagem, está recuperando o solo de forma eficiente.

Nesse sistema, a reestruturação é possibilitada pela alta ciclagem de matéria orgânica, principalmente na superfície, o que contribui diretamente para a melhoria dos atributos físicos como a densidade do solo, e para o aumento da porosidade, além de contar com a própria ação mecânica das raízes que permite a descompactação do meio.

REFERÊNCIAS

CEPLAC - Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. **Sistemas agroflorestais: cartilha do SENAR**. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/ceplac/informe-ao-cacauicultor/manejo/cartilhas-senar/199-sistemas-agroflorestais.pdf.
EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Manual de métodos de análise de solo**. 3. ed. Brasília, DF: Embrapa Solos, 2017.

‘*corpo-trilha*’: um audiovisual e uma educação ambiental

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Débora Steffen e Guilherme de Abreu Machado. Orientação: Ana Maria Hoepers Preve
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

INTRODUÇÃO

Este trabalho acompanha a criação do audiovisual *corpo-trilha*(2024), realizado no âmbito do Programa de Extensão Bicho Geográfico (UDESC) em articulação com o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST). O que pode ser chamado de curta-metragem é uma experiência sensível que combina gravações de áudio e vídeo na Trilha das Antas no PAEST, animação em *stop motion*, escrita poética e trilha sonora experimental que busca desacelerar e entrar em composição com a trilha.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho busca acompanhar como o processo de criação do corpo-trilha pode mobilizar práticas de educação ambiental mais abertas aos encontros multiespécie e mais implicadas com o envolvimento com a terra.

A pesquisa é pautada nas cartografias intensivas em educação (PREVE, 2010) e apresenta-se como aberta as afetações, imprevistos e mudanças de curso no caminho da pesquisa. corpo-trilha escapa das linhas fixas da pesquisa acadêmica e converge com uma noção de ciência feita no encontro, feita nos entremeios entre o ‘eu’ e o ‘outro’.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A educação ambiental que corpo-trilha se aproxima opera em um campo relacional e não informativo, trata-se de um processo em que importa mais os meios que os fins, as experimentações e alianças feitas no caminho. O que acontece quando rompemos as barreiras entre humanos e não humanos? Uma inevitável mistura.

Inspirados por pensadores como Ailton Krenak, Emanuelle Coccia, Donna Haraway e Ursula Le Guin, bem como por pássaros, sapos, flores, musgos, ervas, árvores, ventos, movimentos, vidas, noite, dia, silêncios, amigos, professoras, educadores ambientais... produzimos um corpo-trilha. O lugar de movimento do pensamento e de coleta de sons, imagens e inspirações foi o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST).

Neste lugar, com um olhar atento e uma escuta que se dava por todos os poros, entramos num movimento de desaceleração e de envolvimento criando um corpo expandido. O desvio da imagem roteirizada e objetificada de uma trilha , aquela que vai do ponto ‘A’ para o ponto ‘B’, fez emergir uma multiplicidade entre as nuances do caminho marcado, fez ver o que se apresentava invisível dada a força do que é visível e “conhecido”. Um experimento de fazer o caminho sem pressa, perdidos com atenção, atentos aos detalhes, pois eles muito importam, pois vinculam seres reais a responsa-habilidades reais. (Haraway, 2023)

Trata-se de um processo relacional que propõe uma escuta em composição com o meio, que borra as fronteiras entre o humano e a trilha, por meio de palavras, sons, imagens, colagens, que escapam de linhas fixas, se encontram e criam corpos outros, como a vida que transpassa de um corpo ao outro em constante metamorfose (Coccia, 2020). Ao tentar desviar das lógicas informacionais que dominam a educação ambiental, corpo-trilha propõe uma experiência sensível, onde o saber não se restringe ao “sobre”, mas se expande para o “com”.

CONSIDERAÇÕES

Se este trabalho tocar alguém, que seja pelo espaço que abre, um espaço de dúvida fértil, de escuta radical, de pesquisa que é também vida.

Às intensidades apresentadas aqui como a prática-ação que é corpo-trilha seguem reverberando como possibilidade aberta de continuidades, acreditamos que corpo-trilhar, como verbo, pode ser entendido como uma experiência de educação ambiental que seja menos sobre ensinar e mais sobre estar junto, menos sobre dizer e mais sobre escutar, uma educação pela aliança, que busque o envolvimento radical com as coisas da terra na terra. Essa radicalidade implica responsabilidade com a realidade, com o ficar com os problemas, com a sensibilidade de quem dança no mesmo ritmo das metamorfoses da vida.

Enfrentar as crises do nosso tempo, demanda a sensibilidade de quem dança no mesmo ritmo das metamorfoses da vida, cientes da noção de que somos todos partes do grande “organismo vivo da terra” (Krenak, 2019), que a capacidade intrínseca, incessante e múltipla das conexões entre todas as coisas entranhe nossas pesquisas e formas de habitar este mundo em col

Link para o audiovisual *corpo-trilha:*

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. Metamorfoses / Emanuele Cocia; desenhos de Luiz Zerbini; tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro; Dantes Editora, 2020.
HARAWAY, Donna. Ficar com o Problema: Parentescos na Chthuluceno. Traduzido por Ana Luiza Braga, São Paulo: n-1 edições, 2023.
KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo / Ailton Krenak - 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
PREVE, Ana Maria Hoepers. Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação. 2010. 268 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1613709. Acesso em: 20 maio. 2026.
STEFFEN, Débora; MACHADO, Guilherme de Abreu. Corpo-trilha. ClimaCom – Desvios do “ambiental”. [online], Campinas, ano 11, n. 27. dez. 2024. Disponível em: https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/corpo-trilha/

Transformações do uso e cobertura da terra e a gestão do território no município de Turvo (PR)

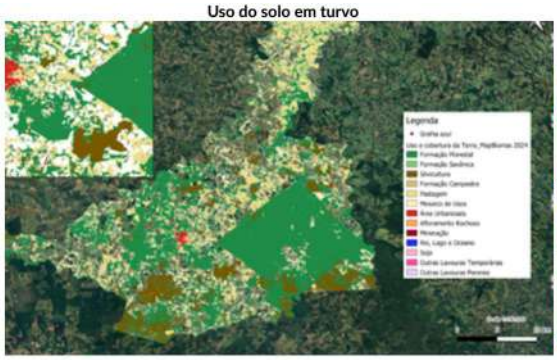
XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Fellipe de jesus quintão (Professores orientadores Diego Flores e Paulo Miguel Terassi)
Unila - Universidade da integração Latino-Americana

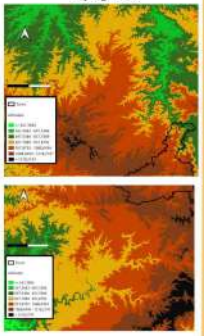
INTRODUÇÃO

O município de Turvo esta inserido no contexto geológico da Formação Candói e do Grupo Serra Geral, a área possui derrames basálticos que condicionam a formação do relevo, os sistemas de drenagem e os diferentes usos da terra. O trabalho de campo permitiu analisar elementos geomorfológicos, hidrográficos e socioterritoriais, relacionando aspectos naturais e culturais. Além das características físicas da paisagem, foram observadas comunidades tradicionais, como a Comunidade Quilombola Campina dos Morenos e a Aldeia Guarani Koe Ju Porã. Se destacou a importância do ecoturismo local, desenvolvido pela Gralha Azul Ecoturismo, que contribui para a geração de renda das comunidades e para a valorização ambiental e cultural da região.

Uso do solo em turvo



topografia







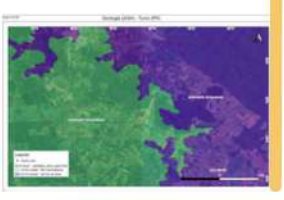


OBJETIVOS E METODOLOGIA

O estudo buscou: I) compreender a influência geomorfológica nas atividades agrária e usos da terra II) investigar mudanças climáticas na região. A metodologia combinou trabalho de campo, análise espacial, dados TerraClimate e ERA5-Land, além de revisão bibliográfica baseada em estudos do IAT, CPRM, Mineropar.



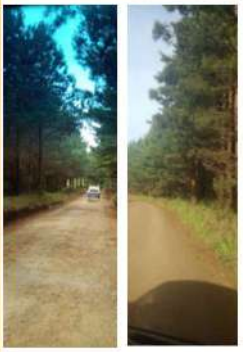




RESULTADOS E DISCUSSÕES

Silvicultura





Comunidades tradicionais/eco-turismo



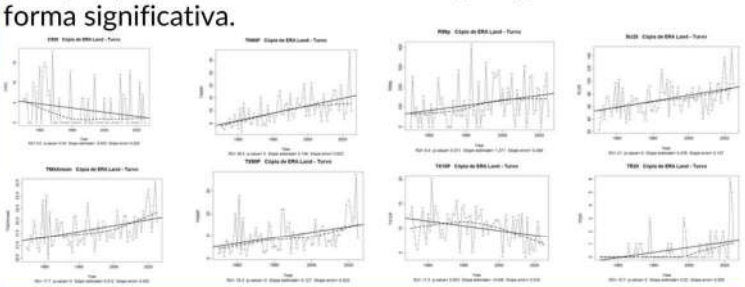








Na analise, destacou-se que entre 1950 e 2025, houve aquecimento significativo evidenciado pelo aumento de dias e noites quentes (SU25, TN90P, TX90P, TR20) e redução de dias frios (TX10P) e ondas de frio (CSDI), enquanto na precipitação os eventos extremos (R99p) aumentaram de forma significativa.



CONSIDERAÇÕES

Expansão do agronegócio de monocultura/silvicultura pressiona recursos e áreas de agricultura familiar e territórios tradicionais. A Comunidade Quilombola e a Aldeia representam formas de resistência, mantendo práticas sustentáveis e relações comunitárias com a terra. O território expressa o conflito entre o agronegócio mercantil e à agricultura familiar/subsistência. Os dados obtidos evidenciaram tendências de mudanças climaticas. Logo, torna-se essencial fortalecer políticas de preservação, valorização das comunidades tradicionais e incentivo a modelos sustentáveis de produção.

REFERÊNCIAS

ATLAS GEOMORFOLÓGICO DO ESTADO DO PARANÁ. Escala 1:250.000 modelos reduzidos 1:500.00. Minerais do Paraná.UFPR . Curitiba, 2006.
BEHLING, Hermann; JESKE-PIERUSCHKA, Vivian; SCHÜLER, Lisa; PILLAR, Valério de Patta. Dinâmica dos campos no sul do Brasil durante o Quaternário Tardio.
BERTOLDO, Édson; PAISANI, Julio Cesar ; OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. Registro de Floresta Ombrófila Mista nas regiões sudoeste e sul do Estado do Paraná, Brasil, durante o Pleistoceno/Holoceno
MARTINS, José de Souza. O cativeiro da terra. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária. São Paulo: FFLCH-USP, 2007.
RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

Território, saneamento e desigualdade: uma análise do acesso aos serviços na bacia hidrográfica do rio Pirapó (PR)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Fernanda Leandro Domanski
UEM – Universidade Estadual de Maringá

INTRODUÇÃO

O saneamento básico constitui um elemento fundamental para a promoção da saúde pública, a preservação ambiental e a melhoria das condições de vida da população. No Brasil, apesar dos avanços institucionais e normativos, persistem desigualdades significativas no acesso aos serviços, especialmente em áreas rurais, caracterizadas pela dispersão populacional, baixa densidade demográfica e limitações na atuação do Estado. Nesse contexto, o saneamento ultrapassa sua dimensão técnica, configurando-se como uma questão territorial, diretamente relacionada á produção e reprodução das desigualdades sociais.

A problemática do saneamento também se insere no debate internacional por meio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (OSD), especialmente o ODS6, que trata da universalização do acesso à água potável e ao saneamento, além de dialogar com o ODS 3 (saúde e bem-estar), o ODS 10 (redução das desigualdades) e o OSD 11 (cidades e comunidades sustentáveis). No entanto, a concretização dessas metas ocorre de forma desigual no território brasileiro, evidenciando a necessidade de análises territorializadas.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta resultados parciais da tese da autora sobre o saneamento rural como expressão das desigualdades territoriais na bacia hidrográfica do rio Pirapó, no norte do Paraná. Parte-se do pressuposto de que a distribuição dos serviços de saneamento ocorre de forma desigual, condicionada por fatores socioeconômicos e territoriais, contribuindo para a reprodução das desigualdades socioespaciais.

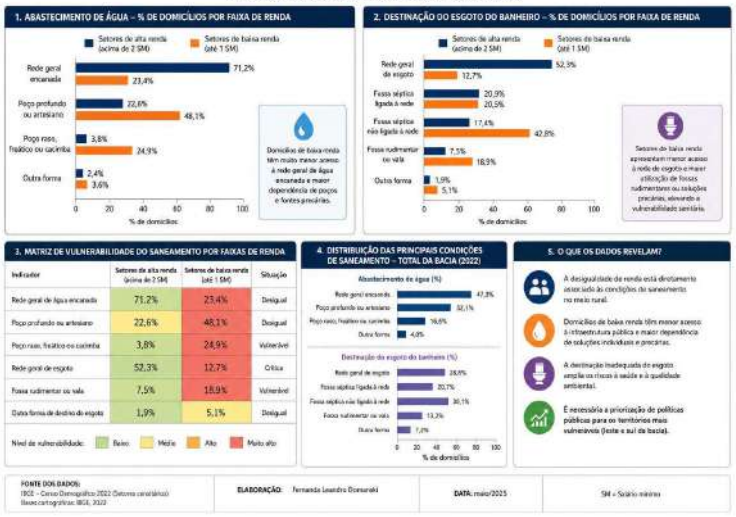
A pesquisa adota abordagem qualitativa e quantitativa, com base em dados do Censo Demográfico de 2022, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram gráficos que contemplam variáveis relacionadas ao abastecimento de água, esgotamento sanitário e renda domiciliar, buscando identificar padrões territoriais e relações entre as variáveis analisadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados evidenciam a existência de um padrão desigual no acesso aos serviços de saneamento. Observa-se a limitada cobertura da rede geral de abastecimento de água em áreas rurais, sendo predominante o uso de soluções individuais, como poços profundos. No que se refere ao esgotamento sanitário, verifica-se a ampla utilização de sistemas não conectados à rede pública, indicando um quadro de precariedade estrutural. Além disso, a distribuição dessas condições apresenta associação com áreas de menor renda domiciliar, sugerindo a existência de uma dimensão socioespacial no acesso aos serviços.

DESIGUALDADES TERRITORIAIS NO SANEAMENTO RURAL NA BACIA DO RIO PIRAPÓ (PR), 2022

Síntese dos principais indicadores por faixas de renda domiciliar



CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que o saneamento rural na área analisada não se configura apenas como um problema de infraestrutura, mas como expressão das desigualdades territoriais, revelando limites na efetivação das metas propostas pelos ODS. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de políticas públicas territorializadas, capaz de considerar as especificidades do meio rural e promover a universalização dos serviços de forma equitativa.

REFERÊNCIAS

BORJA, Patrícia Campos. **Política pública de saneamento básico: uma análise da recente experiência brasileira**. Saúde e Sociedade, v. 23, n. 2, p. 432-447, 2014.

CASTRO, César Nunes de, CEREZINI, Monise Terra. **Saneamento rural no Brasil: a universalização é possível?** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de janeiro: Ipea, 1990.

HELLER, Léo. **Saneamento e saúde no Brasil: desafios para a universalização em contextos de desigualdade**. São Paulo: Hucitec, 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2026.

Gestão de Inundações Urbanas em Franco da Rocha: Entre Medidas Estruturais e Planejamento Preventivo

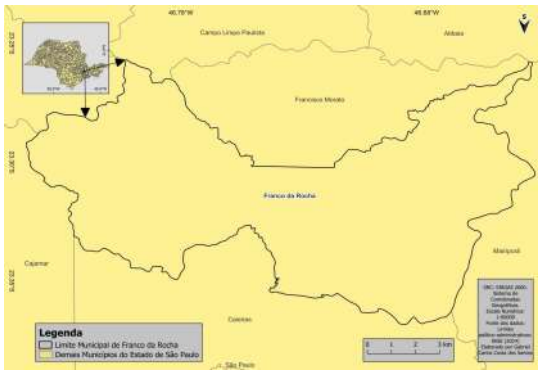
XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS - 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Gabriel Carlos Costa dos Santos; Orientador: Raul Reis Amorim
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

INTRODUÇÃO

O município de Franco da Rocha está localizado na Região Metropolitana de São Paulo (Figura 1), sendo banhado pela Bacia do Rio Juqueri, afluente do Rio Tietê.

Figura 1 – Mapa de Localização de Franco da Rocha/SP



Elaboração Própria

As inundações são frequentes no município, principalmente no período chuvoso do ano e atingindo a região central todos os anos. A problemática das inundações está relacionada à urbanização acelerada, à ocupação de áreas de várzea e à insuficiência da infraestrutura de drenagem urbana, fatores que intensificam os impactos das chuvas intensas e aumentam a ocorrência de desastres (Canholi; Batista; Porto, 2001) .

O presente estudo analisa as medidas adotadas para a gestão do risco de inundações no município de Franco da Rocha entre 2015 e 2025, com foco nas ações desenvolvidas pelos governos estadual e municipal para reduzir os impactos decorrentes das inundações.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa utiliza abordagem qualitativa e descritiva, baseada na análise de documentos oficiais, relatórios institucionais e informações divulgadas por órgãos públicos ligados à gestão hídrica e à infraestrutura urbana. O estudo concentra-se nas principais intervenções realizadas entre 2015 e 2025, abrangendo obras estruturais, ações de manutenção hidráulica e instrumentos de planejamento urbano voltados à prevenção de desastres.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados demonstram que, no período analisado, foram executadas importantes obras de controle hidráulico. Entre elas destaca-se o reservatório EU-09, localizado na Avenida Israel, com capacidade para armazenar aproximadamente 92 mil m³ de água. A obra, executada pela SP Águas, iniciou-se em janeiro de 2017 e foi inaugurada em março de 2019, representando investimento de R$54,4 milhões.

Outra intervenção relevante foi o reservatório EU-08, também conduzido pela SP Águas, com investimento estimado de R$47,8 milhões e capacidade de armazenamento de 176 mil m³. O empreendimento integra o conjunto de obras voltadas à ampliação da drenagem urbana e ao controle das inundações na região.

No campo do planejamento urbano, o Plano Diretor Municipal de 2007, atualizado em 2015, estabeleceu no artigo 40 a criação de um plano municipal de prevenção e combate às inundações. Entre as medidas previstas estavam o controle do uso e ocupação do solo, ações de educação ambiental e gestão de resíduos sólidos. Entretanto, parte dessas iniciativas não foi implementada integralmente no município (FGV, 2024).

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que as intervenções realizadas entre 2015 e 2025 representaram avanços importantes na gestão de riscos hidrológicos em Franco da Rocha, especialmente por meio de grandes obras hidráulicas. Contudo, a redução efetiva das inundações depende também da integração de medidas não estruturais, como planejamento territorial, fiscalização ambiental, educação preventiva e políticas habitacionais. Dessa forma, o enfrentamento das inundações exige uma atuação contínua e integrada entre infraestrutura urbana, gestão ambiental e planejamento sustentável.

REFERÊNCIAS

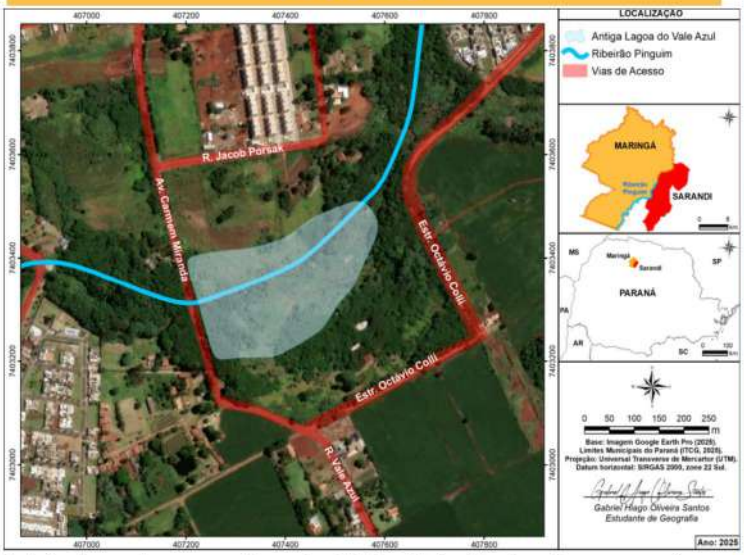
CANHOLI, A. P.; BATISTA, M. B.; PORTO, M. F. do A. *O Plano Diretor de Macrodrenagem da Bacia do Alto Tietê: arquitetura geral e principais recomendações*. In: Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos. Anais [...]. Aracaju: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2001. Disponível em: https://files.abrhidro.org.br/Eventos/Trabalhos/154/413.pdf. Acesso em: 15 abr 2026.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Centro de Estudos em Sustentabilidade. *Aprendizados e desafios para a gestão de riscos de desastres relacionados a extremos de chuva em municípios brasileiros: sumário executivo – Franco da Rocha/SP*. São Paulo: FGVces, 2024. 38 p

ANÁLISE DA COBERTURA VEGETAL SECUNDÁRIA EM ÁREA DE ROMPIMENTO DE BARRAGEM NO RIBEIRÃO PINGÜIM, DIVISA DOS MUNICÍPIOS DE MARINGÁ E SARANDI, PR.

Gabriel Hiago Oliveira Santos[1] Maria Eugenia Moreira Costa Ferreira[2](Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

INTRODUÇÃO



Originalmente ocupado pelo Clube Vale Azul, a área possuía uma barragem que represava as águas formando um lago de lazer. Em 2003, a barragem rompeu, o lago foi esvaziado e o clube foi desativado. Desde então, a vegetação vem recolonizando o local espontaneamente. Diante disso, o objetivo deste trabalho é avaliar a qualidade dessa vegetação, verificando se a sucessão ecológica avança rumo ao clímax original (Floresta Estacional Semidecidual), estaciona em disclímax ou sofre regressão por espécies exóticas invasoras.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivos
Geral: Analisar a qualidade e o estágio da cobertura vegetal secundária na área do antigo Clube Vale Azul (Maringá/Sarandi-PR), verificando se a sucessão ecológica avança ao clímax da Floresta Estacional Semidecidual ou regride por espécies exóticas.
Específicos: Avaliar a adequação da área às normas de APP; caracterizar fitogeograficamente o geossistema local; mapear a dinâmica temporal da vegetação (2003-2025); propor diretrizes para revitalização.
Procedimentos Metodológicos: Pesquisa qualitativa, estudo de caso (PIBIC/Capes, 2021-2025). Etapas: levantamento bibliográfico; trabalhos de campo (fev e mai/2025) com transecto linear de 50 m (30 cm lateral, 6h de amostragem); herborização e identificação taxonômica; análise espacial com Google Earth Pro (2003-2025); integração dos dados para avaliar a dinâmica sucessional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram amostradas15 espécies, distribuídas entre 7 nativas e 5 exóticas, com predominância de pioneiras e invasoras como o Capim-Mombaça (Panicum maximum) e a Leucena (Leucaena leucocephala), cuja ação alelopática inibe o desenvolvimento de nativas. A área, em recuperação pós- queimada, apresenta na margem do Ribeirão intensa substituição da vegetação original por essas invasoras, associada à erosão visível do solo. Registrou-se também a presença de pioneiras (Fumeira - Solanum mauritianum e Falso Jaborandi - Piper aduncum) e de ornamentais. Apesar do quadro crítico, espécies como Eugenia uniflora e Nectandra megapotamica demonstram resiliência. Por fim, a análise espacial revelou erosão, assoreamento, poluição do ribeirão e ausência de políticas públicas, confirmando que a área verde nativa vem sendo progressivamente ocupada pela leucena.





CONSIDERAÇÕES

Fatores Agravantes e Ações Necessárias
Causas da Degradação:
Ausência de políticas públicas e manejo.
Expansão de espécies invasoras e/ou exóticas e degradação do Córrego Pingüim.
Formação vegetal tendendo a disclímax ou regressão vegetal
Processos de erosão e assoreamento.
Necessidade Imediata:
Implementação urgente de um PRAD (Plano de Recuperação de Áreas Degradadas).
Controle de espécies invasoras.
Replantio de vegetação nativa.
Medidas de conservação do solo e da água.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Maria; COSTA, Eugenia Moreira; ENDLICH, Angela Maria; ROCHA, Márcio Mendes (org.). Técnicas de levantamento biogeográfico da vegetação. Maringá: PGE, 2011. (Apontamentos Geográficos)
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Manual técnico da vegetação brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

RAMOS, V. S.; DURIGAN, G., FRANCO, G. A. D. C., SIQUEIRA, M. F. de, & RODRIGUES, R. R. **Árvores da floresta estacional semidecidual: guia de identificação de espécies.** São Paulo: EDUSP, 2008.

A cartografia participativa como ferramenta de prevenção de riscos geo-hidrológicos: Um relato de experiência com as lideranças comunitárias de Estrela-RS

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Giovanna Pazini Papi, Daniel Leal dos Santos, Cecília Balsamo Etchelar; Orientado por:Lucimar de Fatima dos Santos Vieira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

A sucessão de eventos extremos ocorrida no Rio Grande do Sul entre 2023 e 2024 evidenciou a crescente vulnerabilidade dos territórios frente às mudanças climáticas, com impactos particularmente severos na bacia hidrográfica do rio Taquari-Antas. Em Estrela (RS), as cheias registradas em setembro e novembro de 2023 atingiram cotas de 29,55 m e 29,06 m, respectivamente (SGB, 2024). Em maio de 2024, precipitações excepcionais provocaram o maior desastre geo-hidrológico da história recente do estado, com o rio Taquari alcançando 33,67 metros no mesmo local (SGB, 2024). Esse cenário reforça a necessidade de estratégias de gestão e prevenção de desastres que incorporem as experiências das comunidades locais. Nesse contexto metodologias como a cartografia participativa, constituem uma importante ferramenta capaz de identificar vulnerabilidades, registrar memórias territoriais e fortalecer a participação social na gestão de riscos a desastres. Assim, este trabalho apresenta um relato de experiência da construção de uma Cartografia Territorial Participativa desenvolvida com lideranças comunitárias de Estrela (RS), em uma parceria entre o Projeto Previne Taquari-Antas com o Comitê Científico de Adaptação e Resiliência Climática, a Tide Sat e a Defesa Civil municipal.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

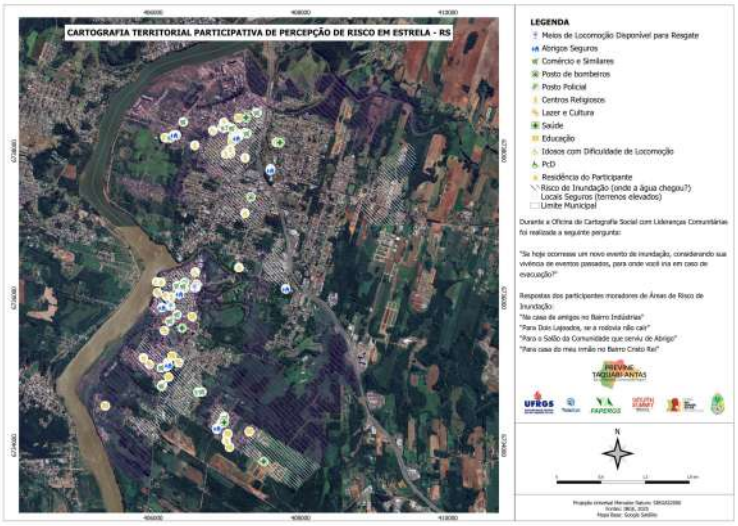
A construção da Cartografia Territorial Participativa visa identificar e especializar a percepção de risco de representantes comunitários do município de Estrela-RS, severamente atingido por desastres geo-hidrológicos. Além disso, buscou-se promover a prevenção a partir da apropriação das linguagens cartográficas utilizadas na gestão de risco.

A metodologia utilizada envolveu a elaboração de mapas-físicos e de uma simbologia simplificada destinados à representação de alguns dos eixos que constituem um desastre: ameaça, exposição e vulnerabilidade. Para a realização da oficina participativa foram selecionados representantes de áreas rurais e urbana.

Posteriormente foi realizada digitalização dos mapas co-produzidos em ambiente SIG e análise dos resultados

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A cartografia participativa possibilitou a espacialização das percepções comunitárias sobre áreas que apresentam ameaça, a exposição da ocupação territorial e possíveis vulnerabilidades. Observou-se a partir do resultado dos mapeamentos que determinados locais foram classificados de forma distinta pelos participantes, evidenciando que a percepção dos perigos não é homogênea, mas construída socialmente a partir das experiências, memórias e relações estabelecidas com o território (ACSELRAD, 2002). Abaixo apresenta-se o resultado da digitalização dos mapas



Ademais, ao comparar relatos dos representantes foi notável a maior preocupação com o isolamento territorial que as comunidades rurais sofrem durante inundações, enquanto na área urbana há uma predominância de representações referentes a exposição ao perigo

CONSIDERAÇÕES

A experiência demonstrou o potencial da Cartografia Participativa como ferramenta de prevenção de riscos a desastres. O processo permitiu a apropriação da linguagem cartográfica pelas lideranças comunitárias, fortalecendo a participação social e a construção de estratégias mais resilientes para a prevenção de desastres. Agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul pela concessão de apoio financeiro ao projeto de pesquisa conforme Termo de Outorga n° 24/2551-0002124-8 no âmbito do Edital FAPERGS 06/24

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n. 5, p. 49-60, 2002.
ACSELRAD, Henri. Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL (SGB-CPRM). Nota técnica: aferição direta e avaliação indireta do nível máximo de rios em estações fluviométricas e marcas de inundação no Rio Grande do Sul na grande cheia de maio de 2024. 7. versão. Brasília: Serviço Geológico do Brasil, 2024. Disponível em:https://rigeo.sgb.gov.br/server/api/core/bitstreams/f236ea88-b254-4b73-a4e5-ce8ed187fe64/contente

OSARP – UMA PROPOSTA DE CIÊNCIA CIDADÃ

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Gustavo Armando Pilger; Fernanda Camile Hentges; Jackson Souza Pedrosa; Marieli Zamprogna; Orientado por: Luciano Zanetti Pessôa Candiotto
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Universidade Tecnológica Federal do Paraná — UTFPR

INTRODUÇÃO

O OSARP é um projeto de monitoramento socioambiental participativo desenvolvido ao longo da bacia do Rio Pedrosa, córrego urbano que abastece parte significativa da população de Chopinzinho/PR. O rio, em 2011, já era responsável pelo abastecimento de aproximadamente 11.000 pessoas (Sanepar, 2011). O OSARP visa engajar academia e comunidade na coleta sistemática de dados físicos, químicos e sociais ao longo do rio, criando uma base objetiva para gestão local.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo geral é viabilizar a criação e o desenvolvimento do "Observatório Socioambiental do Rio Pedrosa (OSARP)", no município de Chopinzinho/PR, implantando ações participativas de diagnóstico e de monitoramento das águas e do entorno no trecho urbano. Tomou-se como modelo metodológico, outros projetos de ciência cidadã e monitoramento ambiental, como o programa Observando os Rios (SOS Mata Atlântica), o projeto Ciência Cidadã, da UNESCO e o projeto Icatu (UFFS/IFPR).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 1 - Resultados das coletas de percepção socioambiental no Rio Pedrosa



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Em sua primeira fase (14 de março de 2026), foi realizada uma série de coletas no trecho urbano acessível do rio por meio do Survey123, totalizando 47 pontos registrados. Essas tinham por objetivo a identificação de pontos críticos e o entendimento da situação geral do trecho urbano do Pedrosa. Para tal fim, realizou-se coletas de percepção individual e foram armazenados registros (fotográficos e geoespaciais) de cada ponto.

Mapa 1 – Área de estudo



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Figura 2 - Registros de degradação ambiental e presença de resíduos sólidos



Fonte: Acervo dos autores (2026).

CONSIDERAÇÕES

A análise das coletas indicou condições preocupantes quanto a qualidade da água no trecho urbano do Rio Pedrosa, desse modo, a instalação de um observatório para as questões socioambientais em sua área de influência surge como possível mecanismo de atenuação das problemáticas identificadas.

REFERÊNCIAS

SOS MATA ATLÂNTICA. **Observando os Rios**. 2022. Disponível em: http://observandoosrios.sosma.org.br/. Acesso em: 20 mar. 2026.
UNESCO. **Projeto Ciência Cidadã na Bacia do Rio Doce**. 2025. Disponível em: https://www.unesco.org/pt/articles/projeto-ciencia-cidada-na-bacia-do-rio-doce. Acesso em: 22 mar. 2026.
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. **Parceria entre UFFS e IFPR desenvolve projeto de monitoramento participativo de rios.** 2025. Disponível em: https://site-antigo2025.uffs.edu.br/campi/realeza/noticias/parceria-entre-uffs-e-ifpr-desenvolve-projeto-de-monitoramento-participativo-de-rios. Acesso em: 21 mar. 2026.

Caracterização da microbacia do córrego Jataí (Uberlândia/MG) sob a ótica dos geofácies de Bertrand

João Masaia Alvarenga de Toledo; Pedro Henrique Oliveira Crivelli; Sarah Miranda Rodrigues; Guilherme Resende Corrêa. Orientado por: Ângela Maria Soares
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

INTRODUÇÃO

A microbacia do córrego Jataí foi determinada por possuir uma vasta mancha que percorre oito dos mais importantes bairros do município de Uberlândia/MG. Localizado no setor leste da cidade, a microbacia cobre uma área de 17,05km2, onde se concentra os polos econômicos e culturais da cidade, além dos poderes municipais e a própria Universidade Federal de Uberlândia (UFU). As regiões próximas do córrego, por tratarem-se das mais baixas altimetrias da área de estudo, enfrentam frequentes cheias.

É importante destacar que toda a mancha urbana supera os córregos em canais, em sua maioria, fechados. Esta estrutura urbana transforma o cenário urbano em extensões dos córregos, diga-se enchente, durante as épocas mais chuvosas. O córrego Jataí, em si, passou por modificações ao longo das décadas devido às diferentes configurações de canalização; nos dias atuais, a nascente ocorre no centro urbano e o corpo d'água dispõe-se em direção a um grande reservatório, onde se estrutura o principal parque da cidade, o Parque Sabiá.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

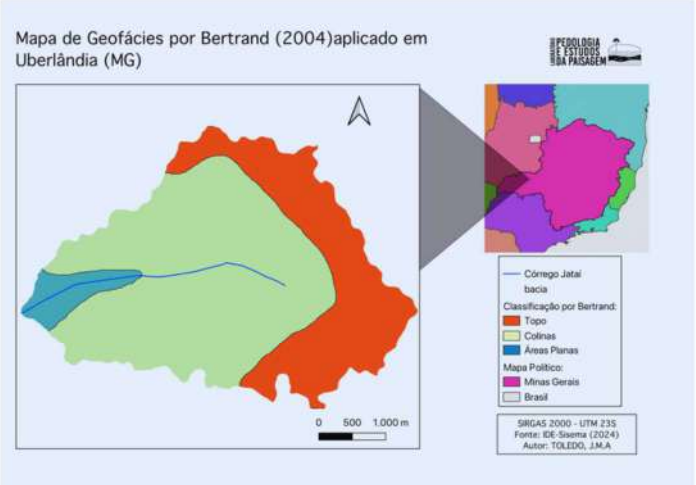
O seguinte trabalho tem como objetivo a caracterização geral da microbacia do córrego Jataí, dispondo em prática a ótica metodológica desenvolvida por Bertrand (2004) que utiliza dos geofácies para a descrição das unidades menores da paisagem. Além disso, o método incorpora a ação humana, ou seja, analisa a paisagem como um conjunto biogeográfico, abordando a atividade antrópica, vegetação e a geomorfologia. A antropização contrastante do córrego Jataí permite que Bertrand seja contemplado, já que é inviável caracterizá-lo sem integrar as diversas facetas de seus perímetros.

Para a caracterização em geofácies, primeiro utilizou-se de ferramentas de geoprocessamento, através do software QGis, para gerar o Modelo Digital de Elevação (MDE) e os mapas delimitantes da área. Posterior a isso, já em campo foi possível identificar e visualizar os principais divisores de água, além de todo o trajeto canalizado até o momento em que o córrego é permitido fluir na superfície, já nos perímetros do Parque Sabiá.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentro do parque, Jataí avança cercado de uma mata ciliar pouco degradada, e desagua em um lago qual, devido à drenagem integralmente urbana que carrega consigo poluentes, é impróprio para consumo e banho. Dessa maneira, o cruzamento dos processos mostra uma área com três diferentes geofácies; 1) áreas planas, localizadas próximas do córrego, onde se encontram as diferentes drenagens, fator este que potencializa a ocasionalidade das enchentes; 2) topo, nos pontos com maiores altimetrias da microbacia, onde observa-se os divisores de água nas ruas integralmente impermeabilizadas; 3) e as colinas, caracterizadas por vertentes retilíneas levemente convexas, que representam o intermédio entre os topos e as áreas planas, também integralmente impermeabilizadas.

Figura 01: Mapa de classificação em geofácies do Córrego do Jataí, em Uberlândia/MG



CONSIDERAÇÕES

A visualização integrada da paisagem é de suma importância para uma plena abordagem do planejamento ambiental e urbano, prezando pela integridade dos corpos d'água e da saúde estrutural dos centros urbanos, ao evitar as enchentes causadas nos principais bairros da cidade.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, G. PAISAGEM E GEOGRAFIA FÍSICA GLOBAL. ESBOÇO METODOLÓGICO. Paisagem e geografia física global, v. 8, p. p. 141-152, 2004.

Juventudes e Desastres Climáticos: reflexões e impactos no território escolar do Bairro Humaitá (Porto Alegre/RS)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Julia da Silva Lima; Orientação: Victor Hugo Nedel Oliveira
UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no contexto das intensas transformações socioambientais associadas às mudanças climáticas, evidenciadas no Rio Grande do Sul, sendo assim está inserido em uma pesquisa mais abrangente intitulada: "Juventudes Contemporâneas e Desastres Climáticos: Impactos, Resiliência e Estratégias no Sul Global". Essa pesquisa investiga as percepções e formas de enfrentamento construídas por jovens afetados por enchentes em municípios gaúchos severamente atingidos no ano de 2024. O problema que orienta este estudo parte da seguinte questão: de que maneira jovens estudantes percebem e vivenciam os impactos das enchentes no território escolar e quais estratégias de resiliência são construídas nesse contexto. Além disso, busca-se compreender as implicações desses acontecimentos para as dimensões sociais, emocionais e pedagógicas desses sujeitos.



Fonte: Dados da pesquisa 2025

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem metodológica quanti-qualitativa. Como instrumento de coleta, utilizou-se um questionário estruturado com questões abertas e fechadas. Participaram da etapa piloto 23 estudantes do 3º ano do Ensino Médio, de um grupo de 34 com frequência regular. A participação foi voluntária e anônima, condicionada à assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e do TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) de acordo com as resoluções éticas de pesquisa com seres humanos (Brasil,2016).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com relação aos resultados, no âmbito físico e social, os resultados indicam que as redes de apoio interpessoais desempenham papel central nas estratégias de enfrentamento mobilizadas pelos jovens. No campo emocional, observa-se a presença de uma diversidade de sentimentos, tais como ansiedade, medo e preocupação, os quais podem ser associados ao fenômeno da ecoansiedade. Paralelamente, emergem sentimentos como solidariedade, esperança e resiliência, revelando a natureza ambivalente e multifacetada das experiências juvenis em contextos de crise climática. No que se refere às dimensões pedagógicas, os achados apontam que os desastres climáticos impactam diretamente as trajetórias escolares, especialmente em função da interrupção das atividades letivas e da diminuição da motivação para a continuidade dos estudos, o que suscita reflexões acerca das implicações desses eventos para a garantia do direito à educação em territórios socialmente vulnerabilizados.



Fonte: Dados da pesquisa 2025

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que desastres climáticos não são eventos pontuais, a centralidade das redes de apoio interpessoais nas estratégias de enfrentamento revela que, na ausência ou insuficiência do Estado, são os vínculos comunitários que constituem redes de apoio e assistências. Destarte, a ecoansiedade manifestada entre os jovens não é um dado psicológico isolado, mas uma resposta coletiva.Portanto, as enchentes não apenas interromperam aulas, mas comprometeram o próprio direito à educação, evidenciando que o sistema de ensino enquanto instituição, permanece estruturalmente despreparado para lidar com as emergências climáticas recorrentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1, p. 44.

A retração glacial de geleiras na Cordilheira Vilcanota, Peru, desde 1986

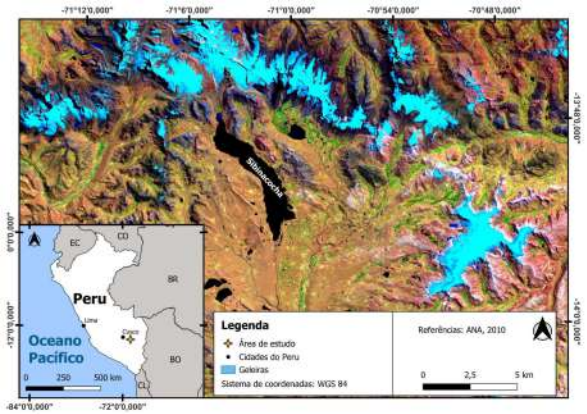
XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS - 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Laura Machado Pereira; Orientado por: Kátia Kellem da Rosa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas têm provocado o recuo acelerado das geleiras tropicais, consideradas importantes indicadores ambientais (Barry, 2006). Na Cordilheira Vilcanota, nos Andes Peruanos, a redução da cobertura glacial compromete a segurança hídrica das populações que dependem desses recursos naturais.

Figura 1: Mapa de localização da área de estudo

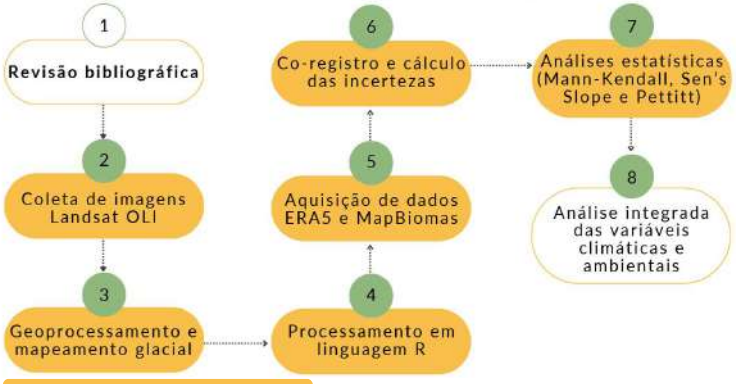


Fonte: Autora, 2025

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O estudo busca analisar as relações entre as mudanças climáticas e a retração das geleiras da Cordilheira Vilcanota, com enfoque nos eventos ENSO 3.4 e nas anomalias de temperatura do ar, por meio do mapeamento da perda de área glacial e da avaliação das tendências climáticas relacionadas ao comportamento das geleiras.

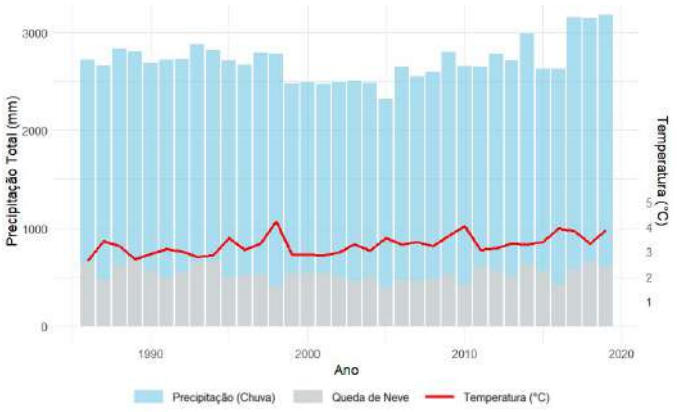
Figura 2: Fluxograma metodológico da pesquisa



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados indicam aumento significativo da temperatura do ar (Rabatel et al., 2013; Vuille et al., 2018) na Cordilheira Vilcanota entre 1986 e 2020, principalmente após 2016, acompanhado por tendências de redução da precipitação total e da precipitação de neve. Essas condições favorecem o balanço de massa negativo das geleiras, intensificando a ablação glacial. Entre 2021 e 2024, foi observada perda de 3,582 km² de área glacial (6,12% da área analisada). Os eventos de El Niño de 2023 e 2024 podem ter contribuído para acelerar o derretimento glacial devido ao aumento das temperaturas regionais. Os resultados evidenciam a elevada sensibilidade das geleiras tropicais às mudanças climáticas e os impactos potenciais sobre a segurança hídrica das populações andinas (Costa, 2024).

Figura 3: Gráfico de precipitação (chuva + neve) e temperatura anual



Fonte: Autora, 2025

CONSIDERAÇÕES

A temática evidencia a importância da ciência climática e ambiental para compreender as transformações contemporâneas do planeta. A retração das geleiras da Cordilheira Vilcanota não é um fenômeno isolado, mas parte de um processo mais amplo de reorganização climática global, cujos efeitos tendem a se intensificar nas próximas décadas com o contínuo aquecimento global.

REFERÊNCIAS

BARRY, R. G. The status of research on glaciers and global glacier recession: a review. *Progress in Physical Geography*, v. 30, n. 3, p. 285–306, 2006.
COSTA, Rafaela Mattos. *Mudanças climáticas e a retração de geleiras da Cordilheira Vilcanota (vertente do Atlântico), Peru, entre 1985 e 2021*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.
NATIONAL OCEANIC AND ATMOSPHERIC ADMINISTRATION (NOAA). *El Niño/Oscilação do Sul (ENSO)*. 26 set. 2023. Disponível em: https://www.noaa.gov.
RABATEL, A. et al. Current state of glaciers in the tropical Andes: a multi-century perspective on glacier evolution and climate change. *The Cryosphere*, v. 7, p. 81–102, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.5194/tc-7-81-2013.
VUILLE, M. et al. Rapid decline of snow and ice in the tropical Andes – Impacts, uncertainties and challenges ahead. *Earth-Science Reviews*, v. 176, p. 195–213, 2018. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0012825216304512.

AGRADECIMENTOS

O Mangue de Pedra em Armação dos Búzios – RJ: aspectos ecológicos e singularidades de um ecossistema único

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

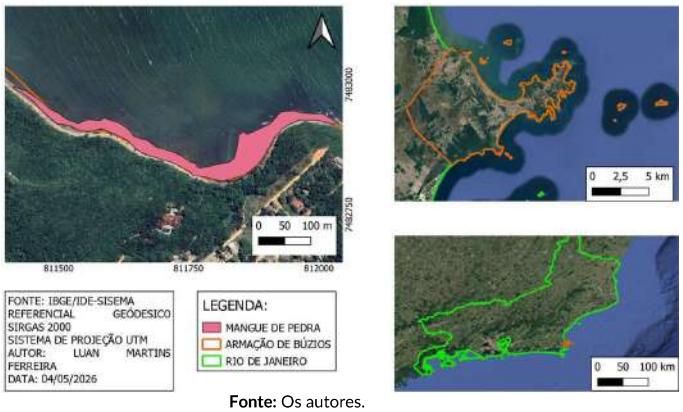
Luan Martins Ferreira; Orientado por: Camila Neves Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora

INTRODUÇÃO

Os manguezais são ecossistemas costeiros de grande relevância ecológica, reconhecidos pela elevada biodiversidade e pelas funções ambientais que desempenham, como proteção da linha de costa, manutenção de espécies e suporte às comunidades tradicionais. Segundo Soffiati (2011), esses ambientes atuam como importantes berçários naturais, fornecendo abrigo e condições favoráveis para reprodução de diversas espécies.

O Mangue de Pedra, localizado na Praia Gorda, em Armação dos Búzios – RJ, conforme destacado na figura 1, ele apresenta características singulares que o diferenciam dos manguezais convencionais. Conforme Mansur (2010), trata-se de um dos três únicos manguezais de pedra existentes no mundo. Sua existência está associada à infiltração das águas pluviais e à presença de substratos rochosos, fatores que contribuem para sua singularidade ecológica e elevada importância científica e ambiental. Diante disso, destaca-se a necessidade de compreender suas especificidades ecológicas e reforçar sua conservação.

Figura 1: Localização do Mangue de Pedra



Fonte: Os autores.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa possui abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise documental acerca dos manguezais, ecossistemas costeiros e estudos específicos sobre o Mangue de Pedra em Armação dos Búzios - RJ. Foram utilizados artigos científicos, monografias, trabalhos acadêmicos e documentos técnicos que abordam as características ecológicas, hidrogeológicas e ambientais do ecossistema, com destaque para os estudos de Mansur (2012), Rebelo (2013) e Santos (2016). A partir do levantamento dessas informações, realizou-se a interpretação e discussão dos dados, buscando compreender os fatores naturais responsáveis pela singularidade ecológica do Mangue de Pedra.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados preliminares demonstram que o Mangue de Pedra apresenta características ambientais distintas dos manguezais tradicionais. Sua manutenção está associada à infiltração das águas pluviais e à presença de substratos rochosos, como pedras, cascalhos e areia grossa, fatores que contribuem para sua singularidade ecológica.

Estudos sobre a área indicam que essa dinâmica hidrogeológica específica é responsável pela existência desse ecossistema raro, considerado um dos três únicos manguezais de pedra do mundo (Mansur, 2012). A partir dessas informações, foi produzido um esquema ilustrativo da dinâmica ecológica do Mangue de Pedra por meio de Inteligência Artificial (Figura 2), visando representar os principais processos naturais relacionados ao funcionamento do ecossistema.

Figura 2: Esquema da dinâmica ecológica do Mangue de Pedra e Foto Real do local



Fonte: Elaborado pelos autores com auxílio de Inteligência Artificial (IA), 2026.

CONSIDERAÇÕES

O Mangue de Pedra possui elevada relevância ecológica e científica por ser um ecossistema raro, marcado por características hidrogeológicas e substratos rochosos singulares. Sua preservação é fundamental diante das pressões ambientais e urbanas, contribuindo para o fortalecimento das discussões sobre conservação dos ecossistemas costeiros.

REFERÊNCIAS

MANSUR, K. L. **Porque o mangue de pedras deve ser incorporado ao PECSOL**. UFRJ. Rio de Janeiro, p. 12. 2010.
REBELO, V. A. C. **Caracterização Hidrogeológica e Hidrogeoquímica da região do Mangue de Pedra (Armação dos Búzios, RJ).** Trabalho de Conclusão do Curso de Geologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/hand-le/11422/5398. Acesso em 22 mai. 2026.
SOFFIATI, A. Os Manguezais de Búzios. **Boletim do Obs. Amb. Alberto Ribeiro Lamego.** Campos dos Goytacazes - RJ, 2011.

Bacias Hidrográficas como Ferramenta de Análise Socioespacial

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS - 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Luiz Alberto Maltezi Vieira
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) - Rio Claro/SP

INTRODUÇÃO

Na obra Torto Arado, escrita por Itamar Vieira Junior (2019), o eu lírico evidencia a função da água tanto na natureza quanto na infraestrutura humana. O livro trata da trajetória de duas irmãs que vivem no sertão brasileiro em um contexto de exploração social, no qual é descrita a relação entre o indivíduo e a água, elemento vital que atravessa constantemente algumas das questões mais polêmicas no corpo social, como a desigualdade. Diante desse cenário, é necessário relembrar que a água é um componente estruturador da sociedade e do sistema físico terrestre, sendo indispensável para a manutenção da vida e das atividades humanas. Conforme aponta Antonio Carlos Moraes (1981), o espaço geográfico, as desigualdades sociais e as relações de poder estão intrinsecamente conectados, resultando nas relações entre sociedade e natureza, no qual é moldado continuamente a partir das ações humanas. Logo, rios, lagos, oceanos e aquíferos possuem características distintas, influenciadas pelas condições ambientais e sociais de cada território.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A justificativa desta pesquisa fundamenta-se na necessidade de compreender as bacias hidrográficas como instrumentos essenciais para análises socioespaciais e para o planejamento ambiental.

O objetivo consiste em analisar as relações entre dinâmica hídrica, impactos ambientais e desigualdades sociais, buscando identificar como os problemas ambientais afetam diferentes territórios e populações.

A metodologia adotada possui caráter qualitativo e bibliográfico, utilizando a análise da obra literária, referenciais da Geografia e estudos sobre impactos ambientais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nessa perspectiva, uma bacia hidrográfica, entendida como uma área terrestre composta por conjuntos de drenagens convergentes, também possuirá águas distintas, pois se forma em diferentes locais e contextos geográficos. As múltiplas trajetórias dos cursos d'água podem ser evidenciadas na música Riacho do Navio, de Luiz Gonzaga (1955), quando o compositor descreve o percurso das águas até o mar. Conforme ressaltado, uma bacia hidrográfica percorre muitos lugares, característica fundamental para análises sociais e projetos de planejamento ambiental. Dessa forma, um lago contaminado por resíduos sólidos pode comprometer outros corpos hídricos conectados ao seu fluxo, afetando comunidades que utilizam essas águas para abastecimento e consumo. Segundo Paul de La Blache (1922), existe uma geografia possibilista, onde as pessoas têm total capacidade de escolher e alterar seu ambiente.

Ademais, indústrias localizadas próximas aos leitos fluviais podem lançar resíduos tóxicos capazes de comprometer a qualidade da água consumida pelas populações locais. Os sistemas hidrográficos funcionam de maneira integrada, fazendo com que alterações em um setor repercutam em toda a dinâmica ambiental da bacia (Christofoletti, 1980).

CONSIDERAÇÕES

Como expectativas esperadas, pretende-se evidenciar a importância da preservação dos recursos hídricos e da gestão ambiental integrada para a promoção da sustentabilidade e da justiça social.

Por fim, conclui-se que as bacias hidrográficas são fundamentais para compreender as relações entre sociedade e natureza, permitindo identificar problemas ambientais e seus impactos sociais de maneira ampla e integrada.

REFERÊNCIAS

CHRISTOFOLETTI, Antonio. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blücher, 1980.
MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1981.
VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Princípios de Geografia Humana. Lisboa: Cosmos, 1922.
VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2019.

Variabilidade pluviométrica e sua relação com o relevo e a vegetação na região sul do estado da Bahia

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Luiz Wagner Novais Honório; Orientado por: André Batista de Negreiros
Universidade Federal de Juiz de Fora; Universidade Federal de São João del Rei

INTRODUÇÃO

A precipitação atmosférica apresenta grande variabilidade espacial e temporal, especialmente em regiões tropicais influenciadas por fatores climáticos, geomorfológicos e antrópicos. No sul da Bahia, a interação entre relevo, cobertura vegetal e sistemas atmosféricos produz padrões pluviométricos complexos. Nesse contexto, este estudo analisa a variabilidade das chuvas entre 1989 e 2018 e sua relação com o relevo e o uso da terra na região sul do estado da Bahia.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo do trabalho é analisar a variabilidade espacial e temporal da precipitação no sul da Bahia e sua relação com o relevo e a cobertura vegetal entre 1989 e 2018.

Metodologia:

- Dados pluviométricos de 18 estações da ANA;
- Uso do produto CHIRPS;
- Dados SRTM para relevo;
- Dados MapBiomas para uso e cobertura da terra;
- Processamento no QGIS;
- Interpolação IDW;
- Análises anuais, sazonais e decadais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados evidenciaram forte variabilidade espacial da precipitação na região sul da Bahia, influenciada principalmente pelo relevo.

Variabilidade espacial:

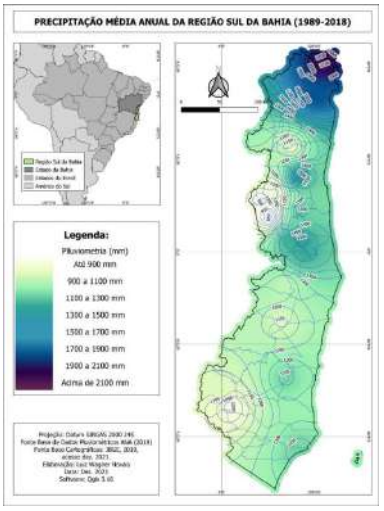
- Maiores índices pluviométricos no norte da região;
- Menores médias no setor central;
- Forte influência orográfica na distribuição das chuvas.

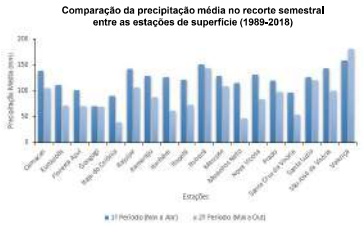
Variabilidade temporal:

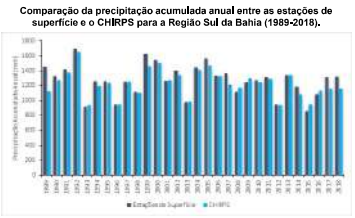
- Redução aproximada de 100 mm na precipitação média anual nas últimas décadas;
- Alta variabilidade interanual;
- 2015 apresentou os menores registros pluviométricos.

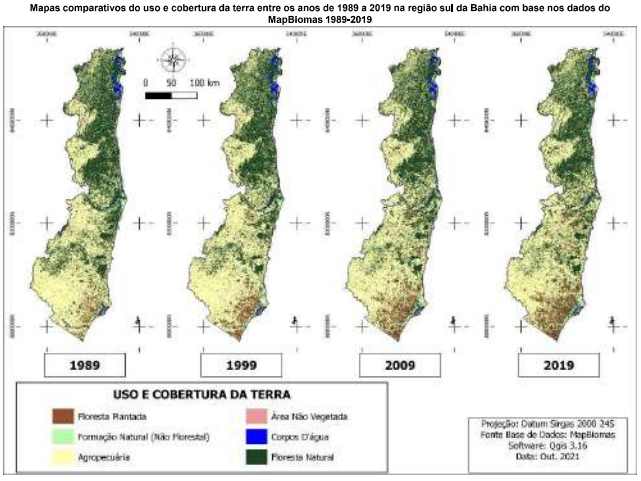
Uso e cobertura da terra:

- Expansão da silvicultura entre 1989 e 2019;
- Redução da vegetação nativa;
- Possível influência microclimática das mudanças no uso do solo.









CONSIDERAÇÕES

O relevo mostrou-se o principal fator controlador das chuvas no sul da Bahia. Também foi observada redução pluviométrica na última década e mudanças no uso da terra ao longo do período analisado.

REFERÊNCIAS

AYOADE, J. O. Introdução à climatologia dos trópicos. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
COSTA, J. et al. Validação dos dados de precipitação estimados pelo CHIRPS para o Brasil. Revista Brasileira de Climatologia, v. 24, n. 15, p. 228–243, 2019.
MARENGO, J. A. et al. Assessing drought in the drylands of northeast Brazil under regional warming exceeding 4 °C. Natural Hazards, 2020.
SMITH, R. B. The influence of mountains on the atmosphere. In: SALTZMAN, B. (ed.). Advances in Geophysics. New York: Academic Press, 1979. p. 87–230.
TUCCI, C. E. M. (org.). Hidrologia: ciência e aplicação. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; ABRH, 2007.

Análise de movimentos de massa e seus impactos no município de Encantado – RS (maio/2024)

XXVII ENEG
PARA QUE (M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS - 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Marina Zandonato e Maria Eduarda Silva Leite; Orientado por: Rafael Ribeiro
UFRGS

INTRODUÇÃO

Em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul foi atingido por uma das mais graves catástrofes climáticas de sua história. As chuvas intensas que se estenderam por praticamente todo o território gaúcho causaram enchentes, deslizamentos de terra e prejuízos expressivos em diversas regiões. Dos 497 municípios do estado, 478 foram diretamente afetados, o que evidencia a extensão dos danos (Guedes, 2024). Entre os municípios mais afetados está Encantado, localizado no Vale do Taquari. O município situa-se na latitude 29°14'10" sul e longitude 51°52'11" oeste, a uma altitude de aproximadamente 58 metros, e pertence à Mesorregião do Centro Oriental Rio-Grandense. No início de maio de 2024, o município decretou situação de emergência por meio do Decreto Municipal no 067/2024 (Encantado, 2024). As chuvas provocaram não apenas danos materiais, mas também deixaram feridos e causaram perdas de vidas. O município de Encantado está inserido em uma região de relevo acidentado, com morros e encostas íngremes, características que favorecem a ocorrência de deslizamentos, especialmente em situações de chuvas intensas.

O encharcamento do solo compromete sua estabilidade, provocando escorregamentos que podem carregar terra, pedras e construções inteiras. A população local sofreu diversas consequências. Famílias perderam suas residências e propriedades rurais registraram perdas significativas, como o desaparecimento de áreas agricultáveis e a morte de animais criados tanto para consumo próprio quanto para fins comerciais. A coleta de leite também foi prejudicada, já que o bloqueio de estradas por deslizamentos impossibilitou a chegada dos caminhões responsáveis pelo escoamento da produção. Ainda que muitos impactos tenham sido associados às inundações, é fundamental reconhecer que os movimentos de massa também causaram prejuízos consideráveis. Esses eventos demandam atenção específica, uma vez que representam riscos recorrentes em áreas com características semelhantes às de Encantado, especialmente sob condições de chuvas extremas.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa teve como base metodológica o mapeamento dos deslizamentos ocorridos no estado do Rio Grande do Sul, em decorrência da catástrofe ambiental registrada em maio de 2024. Os dados iniciais utilizados foram fornecidos pelo professor Clódis, docente do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que coordena uma pesquisa voltada à compreensão dos impactos e dinâmicas relacionados aos eventos geológicos desencadeados nesse período (Andrades Filho; Mexias, 2024).

Com base nesse material, a estudante Marina Zandonato, do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizou um levantamento detalhado das áreas afetadas por deslizamentos. As informações obtidas foram sistematizadas e inseridas na plataforma QGIS, sendo também incorporado um BASEMAP com o objetivo de facilitar a visualização e a análise espacial dos dados geográficos. Durante o processo de análise, constataram-se diversas ocorrências de deslizamentos que ainda não haviam sido representadas cartograficamente. Diante disso, foi realizada uma atualização do mapeamento dos movimentos de massa na área urbana e rural do município de Encantado. Por fim, procedeu-se à inserção das rodovias municipais no mapa, o que possibilitou a identificação mais precisa dos trechos atingidos pelos desastres, contribuindo para a análise dos impactos sofridos pela infraestrutura viária local.

REFERÊNCIAS

ANDRADES FILHO, Clódis de; MEXIAS, Lorenzo Sampaio Fossa (Editores). (2024). WebMapa de Movimentos de Massa para equipes de apoio na situação de calamidade - RS - Maio de 2024. Lab. Latitude – CEPSRM/PPGSR / DEGD | IGeo | UFRGS. Disponível em: https://arcg.is/0KCHn80. Acesso em: 28 jun. 2025.

ENCANTADO. Decreto nº 67, de 1 de maio de 2024. Declara Situação de Anormalidade em toda área territorial do município, afetado por eventos climáticos de chuvas intensas - COBRADE 1.3.2.1.4, conforme Portaria no 260/2022 - MDR. Gabinete do prefeito de Encantado. Encantado, RS. 1º de maio de 2024.

GUEDES, Aline. Comissão temporária do Rio Grande do Sul aprova relatório final. Senado Notícias, 5 dez. 2024. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/12/05/comissao-temporaria-do-rio-grande-do-sul-aprova-rel atorio-final#:~:text=A%20comiss%C3%A3o%20tempor%C3%A1ria%20externa%20do%20Senado%20criada% 20para,quinta-feira%20%285%29%2C%20por%20unanimidade%2C%20o%20seu%20relat%C3%B3rio%20fin al. Acesso em: 28 jun. 2025.

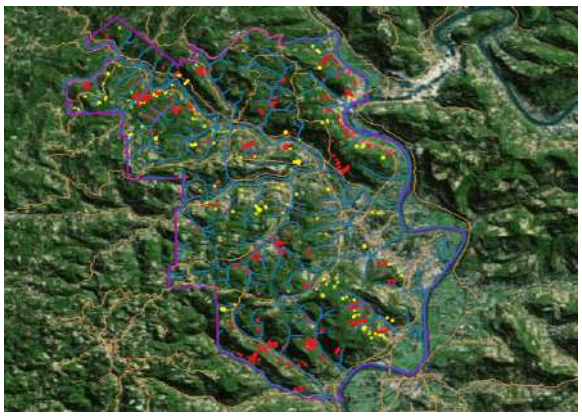
RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do mapa atualizado mostra um aumento significativo na ocorrência de movimentos de massa, que, em maio de 2024, atingiram diversas rodovias e estradas rurais e causaram o bloqueio da passagem de veículos. Além desses bloqueios viários, é essencial considerar os deslizamentos que avançam em direção ao leito fluvial. O material transportado por esses movimentos é composto por troncos de árvores de vários tamanhos, rochas de diferentes tipos e dimensões e, em casos mais graves, por fragmentos de construções. Quando esse material atinge o curso da água de forma brusca, pode formar uma barreira que impede o fluxo normal, resultando em um acúmulo de água. Esse acúmulo aumenta a energia potencial do fluxo hídrico, intensificando sua correnteza e promovendo o transporte de sedimentos e detritos. Essa dinâmica pode afetar as rodovias situadas em uma menor altitude, que podem ser impactadas pela força da água e dos materiais transportados.

Observa-se, ainda, que a maioria dos deslizamentos ocorre nas proximidades de estradas e rodovias. Esse padrão pode ser atribuído às intervenções realizadas para a construção dessas vias, as quais envolvem escavações e, frequentemente, detonações de encostas. No caso do município de Encantado, localizado em um vale, tais intervenções tornam-se ainda mais suscetíveis a instabilidades. O elevado acúmulo de água no solo, resultante das chuvas intensas da região, promove o encharcamento dos poros do material geológico, aumentando seu peso e reduzindo a coesão entre os grânulos. Essa condição facilita o deslizamento do material, gerando movimentos de massa de grande escala. A retirada do solo para a construção de estradas e rodovias compromete a estabilidade das encostas, uma vez que elimina a base de sustentação do terreno. A ausência dessa camada contribui para o aumento da vulnerabilidade a processos de instabilização, especialmente em regiões com relevo acidentado e exposto. Dessa forma, com a ausência do solo retirado para a abertura de passagens, sejam agrícolas ou rodoviárias, é mais comum que tenha estas ocorrências, pois não há base para a sustentabilidade do material.

Conclui-se que este trabalho é fundamental para identificar as áreas de risco de Encantado - RS por meio do Sensoriamento Remoto. O estudo das regiões afetadas por movimentos de massa é extremamente importante para prevenir novos casos de óbitos e feridos, já que essas áreas são classificadas como zonas de risco. Nesse contexto, é responsabilidade das entidades governamentais fornecer meios para que a população se informe e possa buscar abrigo em locais seguros. Embora os deslizamentos ocorram de forma natural, as informações disponíveis atualmente permitem adotar medidas que aumentam a segurança.

Figura 1 - Imagem comparativa dos deslizamentos em Encantado-RS; deslizamentos atualizados na cor amarelo, feito de autoria própria.



Deslizamentos mapeados em Encantado (RS) após atualização, com novas ocorrências representadas em amarelo. Fonte: elaboração própria a partir de dados vetoriais e basemap do QGIS (2024).

Futuros alagados: juventudes de Canoas e a vida sob a emergência climática

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

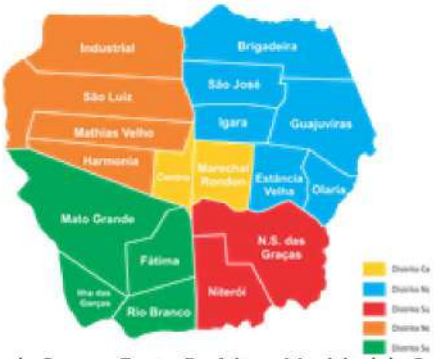
Nome do Autor: Matheus Silva Fernandes. Orientador por: Victor Hugo Nedel Oliveira
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

A análise das relações espaço-sociedade, central na Geografia, torna-se ainda mais urgente diante dos fenômenos climáticos globais. Este trabalho, de caráter investigativo-qualitativo, integra a pesquisa "Juventudes Contemporâneas e Desastres Climáticos: Impactos, Resiliência e Estratégias no Sul Global", e investiga as percepções de jovens estudantes frente às enchentes históricas que atingiram o Rio Grande do Sul em abril e maio de 2024.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

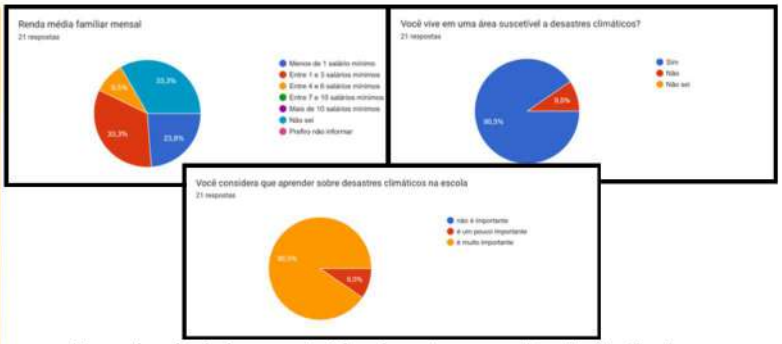
A presente pesquisa foi realizada em uma perspectiva quantitativa-qualitativa na qual foi realizado um questionário com questões fechadas e abertas, com objetivo de analisar os mais diversos aspectos das realidades do público alvo escolhido: jovens terceiristas e secundaristas do ensino médio moradores do bairro Rio Branco e que frequentam a escola Visconde do Rio Branco. A realização do questionário visava compreender as percepções dos jovens participantes nos aspectos pedagógicos, físicos, emocionais e psicológicos durante os eventos das enchentes de Abril e Maio de 2024



Mapa de Canoas. Fonte: Prefeitura Municipal de Canoas

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a visita inicial e o firmamento da realização da pesquisa na Escola Estadual de Ensino Médio Visconde do Rio Branco, e o aceite dos termos pela escola e pelos 21 participantes do questionário, sendo estes 18 terceiristas e 3 secundaristas, majoritariamente - 91% - moradores do bairro da escola onde se trabalhou as perspectivas físicas, emocionais, psicológicos e pedagógicos.



Exemplos de dados construidos durante a pesquisa: Fonte: Gepjuve

O resultado é da produção de diversos gráficos - como os acima - falando sobre as perspectivas trabalhadas na pesquisa. Na perspectiva psicológica, 95,2% dos jovens concorda com a necessidade de um acompanhamento psicológico, mas 81% admite não ter tido esse acompanhamento pós-enchente e sentir a necessidade de um acompanhamento. Na questão física, 90,5% dos jovens compreendem estarem em áreas de risco, por conta do Plano de Contingência de Canoas, o Plancon, que auxiliou na compreensão dos jovens do ensino médio sobre as mudanças climáticas. similarmente, 90,5% deles entendem como importante a educação ambiental nas escolas, 95,3% dos jovens percebem a ação dos poder público como insatisfatória, ao mesmo tempo que reconhecem a comunidade majoritariamente como quem realizou os serviços de ajuda e auxiílio para a população.

CONSIDERAÇÕES

Podemos refletir que a partir desses dados pode-se iniciar várias outras pesquisas que aprofundem essas perspectivas tanto dos jovens participantes quanto das carências que esses apontam, ainda mais levando em consideração o agravamento da crise climática, certamente esse material realizado em conjunto com estas juventudes pode ser utilizado para a produção de novas políticas públicas que visam lidar com a possibilidade de recorrência destes fenômenos climáticos. Compreendemos os jovens como articulados e engajados nessas mudanças, e com uma ânsia para verem as mudanças que apontam serem realizadas pelo poder público e pela sociedade cívil. Conclui-se então que ainda há muito o que ser trabalhado nessa área para que possamos dar por completo este capítulo das enchentes de Abril e Maio de 2024 no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1, p. 44.
CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. Evidência, Araxá, v. 7, n.7, p. 251-266, 2011. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesqusia_social.pdf Acesso em: out. 2025.

O Tripé do Risco na Regularização Fundiária: Variáveis analíticas para diagnósticos técnicos.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Autor: Paulo Vitor R. Oliveira - Coautora: Queila Fabiana de S. Neves - Orientadora: Valéria Barreiro P. Santana
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

INTRODUÇÃO

O crescimento urbano acelerado no Brasil ocorreu, em grande parte, de forma desigual e desordenada, resultando na ocupação de áreas ambientalmente frágeis e na formação de assentamentos informais. Esse processo evidencia a reprodução de desigualdades socioespaciais e a maior exposição de determinadas populações a diferentes tipos de riscos. Nesse contexto, a Regularização Fundiária Urbana (REURB) surge como um instrumento para integrar essas áreas ao espaço urbano formal, embora sua efetividade dependa de uma análise adequada das condições socioambientais.

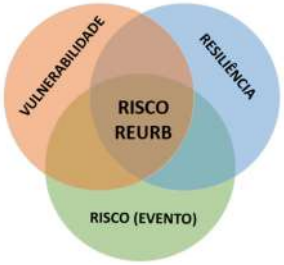
Compreender o risco apenas como a ocorrência de eventos é insuficiente, sendo necessária uma abordagem mais ampla que integre evento, vulnerabilidade e resiliência — o chamado tripé da análise de risco. Assim, este trabalho analisa esse tripé no contexto da REURB, buscando contribuir para diagnósticos mais precisos e para a formulação de políticas públicas que promovam maior segurança territorial e melhores condições de vida.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O tem como objetivo analisar o tripé do risco aplicado à REURB, destacando a articulação entre evento, vulnerabilidade e resiliência na compreensão das dinâmicas territoriais. Busca-se compreender o risco de forma sistêmica, identificar eventos em áreas irregulares, avaliar a vulnerabilidade socioambiental e discutir o papel da resiliência na redução de impactos. A metodologia é qualitativa, de caráter exploratório e analítico, baseada em revisão bibliográfica. Utiliza referenciais da geografia, planejamento urbano e gestão de riscos para construir um modelo interpretativo fundamentado no tripé do risco, considerando a interdependência entre seus elementos e propondo uma análise integrada das áreas de REURB.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados evidenciam que a análise isolada dos eventos de risco é insuficiente para compreender a complexidade dos territórios urbanos irregulares. A vulnerabilidade das populações, marcada por desigualdades socioeconômicas, precariedade de infraestrutura e ocupação de áreas ambientalmente frágeis, intensifica os impactos dos eventos adversos e amplia a exposição aos riscos. Além disso, essas condições dificultam a capacidade de resposta e recuperação das comunidades afetadas. Nesse contexto, a resiliência é um fator, relacionado à capacidade das comunidades de resistir, adaptar-se e se reorganizar frente às situações de risco, sendo fundamental para a redução dos danos e para a construção de territórios mais seguros.



CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que a incorporação do tripé da análise de risco nos processos de REURB pode contribuir significativamente para a elaboração de diagnósticos mais precisos e para a implementação de políticas públicas mais eficazes.

Ao integrar dimensões sociais, ambientais e territoriais, essa abordagem possibilita não apenas a regularização jurídica dos assentamentos, mas também a promoção de melhores condições de vida e maior segurança para as populações envolvidas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC).** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2012.
MENDES, J. M. **Risco, vulnerabilidade social e resiliência: conceitos e desafios. Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental,** Florianópolis, v. 7, 2018.

Identificação das Zonas de Fragilidade Ambiental da Microbacia do Córrego Jataí (Uberlândia, MG)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Autores: Pedro Henrique Oliveira Crivelli, Sarah Miranda Rodrigues, João Masaia Alvarenga de Toledo e Guilherme Resende Corrêa. Orientadora: Ângela Maria Soares.
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo o mapeamento das zonas de fragilidade ambiental inseridas na microbacia urbana do córrego Jataí. Localizada no município de Uberlândia em seu Setor Leste, nela estão importantes avenidas, como a Anselmo Alves dos Santos, que transmite a essência ocupacional da área, com intenso fluxo de veículos, forte atividade comercial, lazer, edifícios da administração municipal, além de contar com bairros expressivamente populosos e antigos, como Santa Mônica, onde se encontra o campus principal da Universidade Federal de Uberlândia, além de bairros novos, já na altura da cabeceira do córrego. Sendo assim uma importante centralidade para a cidade. Essa área está em processo constante e acelerado de urbanização, seja nas áreas hidromórficas ainda não ocupadas, margeadas pela avenida Anselmo no curso inferior, seja pela ocupação residencial de sua nascente, no topo da chapada leste de Uberlândia. A área sofre com uma série de enchentes de rápido fluxo no trecho inferior e alagamentos no trecho superior da bacia.

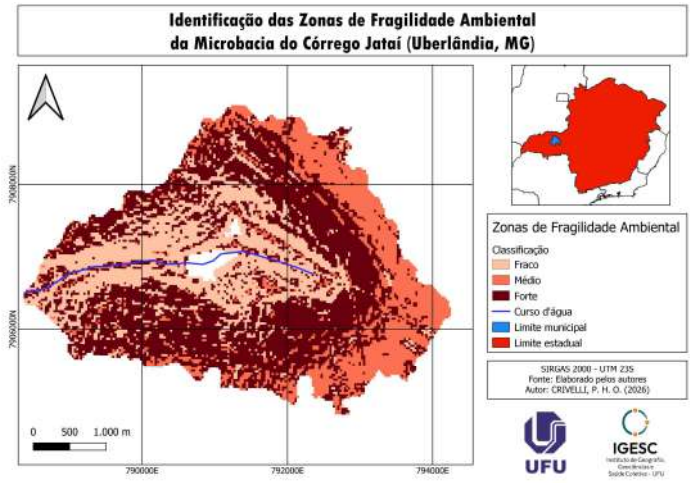
OBJETIVOS E METODOLOGIA

Para compreender e identificar as zonas de fragilidade ambiental da microbacia, a metodologia desenvolvida por Jurandyr Ross (1994) foi escolhida. Assim, em primeiro momento, dados espaciais recentes de uso ocupação, declividade e solo do IDE/SISEMA referentes a área de estudos foram coletados. Em segundo momento, com a utilização do software QGIS, esses dados passaram pelo processo de reclassificação, acompanhando uma tabela específica para cada dado, qualificando as feições em graus de 1 à 5, sendo 1, no caso do grau de declividade e grau fragilidade do solo, muito fraco e 5 muito forte, já para o grau de preservação ambiental, 1 foi tido como muito alto e 5 como muito baixo. Desta forma os dados reclassificados foram interpolados com a utilização da ferramenta calculadora raster do software QGIS, sendo possível a partir das feições do raster resultante a delimitação das zonas de fragilidade ambiental.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram encontradas as seguintes zonas (Figura 1): zonas com forte grau de fragilidade, justificada pela forte à média declividade associadas a muito baixo grau de preservação sustentando solos hidromórficos localizadas nas áreas mais baixas da bacia, resultando em recorrentes enchentes; as zonas de médio grau foram tidas como as áreas de topo no leste da microbacia, de declividade fraca à muito fraca com baixo grau de preservação, áreas essas sujeitas a alagamentos sob latossolos; e por final as zonas de fraco grau, sendo compostas pelas áreas de fraca declividade e alto à muito alto grau de proteção sustentado por latossolos, onde localiza-se parques e APPs.

Figura 1 - Mapa das Zonas de Fragilidade Ambiental da



CONSIDERAÇÕES

O resultado do presente estudo oferece um diagnóstico de suma importância aos agentes executivos poder público, como órgãos atuantes no planejamento urbano, já que realiza um zoneamento baseado na fragilidade ambiental para uma área acometida por diversos problemas.

REFERÊNCIAS

Ross, J. L. S. (2011). ANÁLISE EMPÍRICA DA FRAGILIDADE DOS AMBIENTES NATURAIS ANTROPIZADOS. Revista Do Departamento De Geografia, 8, 63-74.

Juventudes e mudanças climáticas: um estado da arte da produção acadêmica brasileira

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Raquel Amaro da Silveira Torres
Orientador: Victor Hugo Nedel Oliveira
POSGEA/UFRGS

FAPERGS
GEPJUVE Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Espaço UFRGS

INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas, intensificadas sobretudo pelas ações humanas, como a expansão industrial, o desmatamento e o uso excessivo de recursos naturais, têm provocado impactos significativos nos sistemas naturais e sociais do planeta. O aumento da frequência de eventos extremos, é uma evidência destas mudanças, ocasionando desastres como os observados nas enchentes ocorridas no Estado do Rio Grande do Sul/Brasil nos anos de 2023 e 2024.

No atual contexto de crise climática, é urgente repensar o papel social das juventudes, não mais como promessa de futuro, mas sim como um grupo diretamente afetado por estes extremos climáticos e capaz de contribuir para mudar esta realidade.

Sendo assim, ao reconhecer a importância das juventudes no presente, compreendemos que o campo de estudo e pesquisa da Geografia das Juventudes (Cardoso & Turra Neto, 2011; Oliveira, 2023) possui a capacidade de analisar as relações desses sujeitos com seus espaços cotidianos, suas percepções acerca das mudanças climáticas e suas perspectivas de futuro frente ao cenário atual.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Com o objetivo de mapear o estado atual do conhecimento sobre juventudes, desastres climáticos e mudanças climáticas, foi realizada uma revisão bibliográfica do tipo estado da arte, com base em teses e dissertações da pós-graduação brasileira (Gil, 2007).

Foram analisados trabalhos publicados entre 2005 e 2024, localizados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) por meio dos descritores “juventudes”, “jovens”, “mudanças climáticas”, “desastres naturais” e “desastres ambientais”.

Este trabalho integra parte da metodologia da pesquisa “Juventudes contemporâneas e desastres climáticos: impactos, resiliência e estratégias no sul global“ que conta com financiamento da FAPERGS.

REFERÊNCIAS

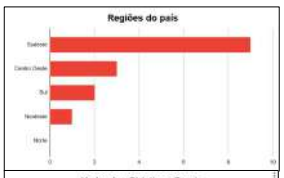
Cardoso, D. S., & Turra Neto, N. (2011). Juventude, cidade e território: esboços de uma geografia das juventudes. In *Anais do 1º Seminário Juventudes e Cidade* (pp. 1–19). Universidade Federal de Juiz de Fora.
Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). Atlas.
Oliveira, V. H. N. (2023). Geografias das juventudes: a construção do estado da arte na pós-graduação brasileira. *ParaOnde!?*, *17*(2), 59–78.

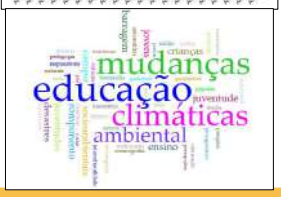
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Houve uma predominância de dissertações (11) sobre teses (4), com ocorrência a partir do ano de 2017, com pico de produção nos anos de 2023 e 2024. A região Sudeste é a que mais concentra publicações, tendo em âmbito geral a maioria dos PPGs com conceitos Capes 3 e 4. As palavras chave destacam temas com “mudanças”, “climáticas”, “educação”, “ambiental” e “juventudes”.

Os objetivos gerais concentraram-se em compreender ou analisar, configurando pesquisas de média a baixa complexidade. Nas metodologias predominam estudos qualitativos, com revisão bibliográfica e pesquisa documental como principais metodologias de produção de dados. Quanto à análise de dados a maioria optou pela análise de conteúdo. Os sujeitos investigados são na maioria jovens, sendo a escola o principal cenário. Dois terços dos trabalhos apresentaram procedimentos éticos. Os quadros abaixo demonstram parte dos resultados:









CONSIDERAÇÕES

Os resultados deste estudo de estado da arte identificaram tendências, abordagens e lacunas nas pesquisas sobre juventudes e mudanças climáticas, evidenciando a necessidade de investigações que compreendam as juventudes de forma mais ampla e integrada.

Ao mapear a produção da pós-graduação brasileira, o estudo contribui para orientar futuras pesquisas, que possam subsidiar políticas públicas e práticas pedagógicas voltadas ao fortalecimento da resiliência juvenil em contextos de vulnerabilidade climática.

Além de sintetizar o conhecimento existente, a pesquisa amplia as possibilidades de aprofundamento desse campo de investigação, especialmente no contexto do Sul Global.

Transformações geomorfológicas associadas à erosão na orla urbana do município de Chaves - PA

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Raylan da Silva Martins; Orientado por: Fabiano Luis Belem
Universidade Federal do Amapá - (UNIFAP)

INTRODUÇÃO

O município de Chaves situa-se na mesorregião do Marajó, na zona costeira atlântica brasileira e possui um total de 20.757 habitantes (IBGE, 2022). É formado por um conjunto de inúmeras ilhas e canais que compõem a desembocadura do rio Amazonas (João *et al.*, 2013).

No ano de 2018, a Prefeitura de Chaves-PA, por meio do Decreto nº 023/2018, declarou situação de emergência em áreas da orla do município, em função da erosão causada pelo fenômeno natural das cheias do rio Amazonas. Tal fenômeno pode ser intensificado quando combinado ao período das chuvas (Santos *et al.*, 2009).

A zona costeira tornou-se uma área onde a vulnerabilidade se apresenta em níveis críticos devido ao processo de ocupação desordenada durante as últimas cinco décadas (Muehe, 2009).

Sob esse viés, as cheias do rio Amazonas na orla do município acabaram provocando impactos como desabamento de domicílios, degradação no cais de arrimo, assim como também a aberturas de voçorocas. Portanto, o estudo evidencia a urgência de planejamento urbano e gestão de riscos em função das alterações da paisagem na orla do município na foz do rio Amazonas.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Os objetivos da pesquisa consistiram em mapear a linha de costa e realizar a descrição das áreas afetadas pelos impactos ocorridos ao longo da orla, para isso, seguiu-se as seguintes fases de acordo com a **Figura-1**:

Figura-1: Procedimentos metodológicos da pesquisa



RESULTADOS E DISCUSSÕES

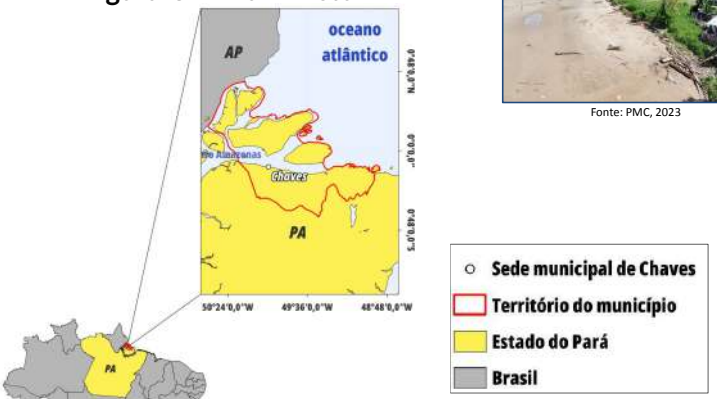
Figura-2: Desbarrancamento na orla



Fonte: Raylan Martins, 2026.

Fonte: PMC, 2023

Figura-3: Área de estudo



Fonte: Raylan Martins, 2026.

Figura-4: Mapeamento da linha de costa



Fonte: Raylan Martins, 2026.

CONSIDERAÇÕES

O presente estudo evidenciou que a orla de Chaves apresentou uma tendência erosiva acentuada entre os anos de 2015 e 2020, decorrente da precariedade na manutenção das estruturas de contenção e da carência de planejamento urbano por parte da gestão, o que afetou um total de 100 pessoas, segundo a Defesa Civil Municipal (COMDEC). Portanto, é possível concluir que a linha de costa mapeada representa um risco, pois a população que reside e circula nessas áreas está vulnerável aos problemas causados pela erosão do rio Amazonas.

REFERÊNCIAS

IBGE, 2022. Cidades e estados. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/ Acesso em: 07 de novembro de 2025.

JOÃO, X. S. J.; TEIXEIRA, S. G.; FONSECA, D. D. F. (Org.). Geodiversidade do estado do Pará. Belém: CPRM, 2013. 218 p. Programa Geologia do Brasil. Levantamento da Geodiversidade. Disponível em: https://rigeo.sgb.gov.br/handle/doc/16736. Acesso em: 03 de abril de 2026.

MUEHE, D. 2009. A Zona Costeira e sua Vulnerabilidade Frente à Ocupação e às Mudanças Climáticas.
Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276069385 Acesso em: 13 de abril de 2026.

SANTOS, G. G.; GRIEBELER, N. P.; OLIVEIRA, L. F. C. Chuvas intensas relacionadas à erosão hídrica. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental.** v.14, n.2, p.115–123, 2009. Campina Grande, PB, UAEA/UFCG. Disponível: https://doi.org/10.1590/S1415-43662010000200001. Acesso em: 8 maio de 2026.

Análise de compartimentação do relevo pelo método Ab'Saber da microbacia do córrego Jataí, em Uberlândia (MG)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Sarah Miranda Rodrigues; João Masaia Alvarenga de Toledo; Pedro Henrique Oliveira Crivelli
Orientado por: Ângela Maria Soares
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

INTRODUÇÃO

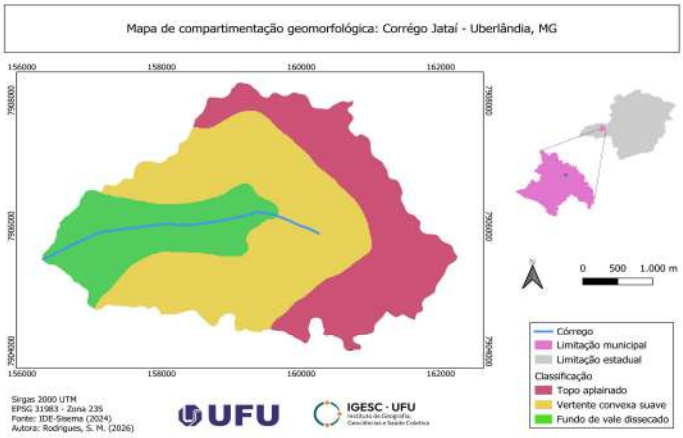
A microbacia hidrográfica do Córrego Jataí possui uma área aproximada de 15 km², sendo de grande importância para o munícipio de Uberlândia (MG) por ser um afluente do Córrego São Pedro. Localiza-se no Triângulo Mineiro, entre as coordenadas 18°54' e 18°55' S 48°15' e 48°12' O. A bacia tem sua nascente em torno de 903 metros e sua foz a 832 metros de altitude. Segundo Ferreira (2019), a bacia do córrego São Pedro sofre inundações recorrentes devido à canalização fechada, realizada na década de 1980, que, além da ocupação urbana intensa na região, culminou na impermeabilização excessiva do solo. A litologia da bacia é composta por rochas da classe ígnea da formação do Grupo Serra Geral, datada do período Jurássico, e com presença de material residual de sedimento inconsolidado denominado como Cobertura Detrito-laterítica, caracterizado pelo litotipo areia. A bacia está sobre o compartimento geomorfológico de Chapada, classificado como Pediplano Degradado de Aplanamento (Pge), localizado na região do Planalto do Rio Paraná e sob o domínio de bacia sedimentar, datado do Éon Fanerozoico.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A cartografia geomorfológica contribui para análises mais detalhadas e interpretações mais precisas das características do terreno e do ambiente que o envolve. A relevância desse trabalho é justificada pela sua capacidade de fornecer dados sobre uma das microbacias do município de Uberlândia-MG. Também fundamental para planejar medidas mitigadoras capazes de combater a fragilidade ambiental de ocorrências de inundações e alagamentos nas avenidas locais. O desenvolvimento do trabalho baseou-se em pesquisa bibliográfica, observações de campo e análise no software QGIS (versão 3.40.12), foi possível obter uma avaliação empírica das formas e padrões de relevo. O mapa de declividade foi elaborado a partir do Modelo Digital de Elevação (MDE) obtido através do radar SRTM - Shuttle Radar Topography Mission, de resolução 30x30 metros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observa-se que as áreas classificadas como declividade plana coincidem com as superfícies de Dissecação fluvial ou fundos de vale, indicando setores de maior estabilidade morfológica e processos antigos mais intensos. A classe de suave ondulado a ondulado, são características de uma paisagem de Colinas, onde o intemperismo atua de forma homogênea, arredondando as vertentes e criando um perfil convexo, funcionando como divisores de águas para a rede de drenagem urbana. Por fim, o compartimento geomorfológico classificado por Topos aplainados atua como unidade de dissecação, onde há predomínio da erosão sobre a sedimentação.



CONSIDERAÇÕES

O mapa de compartimentação geomorfológica resultante desta análise consolida-se como um documento cartográfico indispensável para investigações interdisciplinares e para o planejamento ambiental e urbano do município de Uberlândia-MG. Diante do histórico de inundações recorrentes na região, agravadas pela crescente impermeabilização do solo, o mapeamento gerado atua como uma ferramenta técnica estratégica para a gestão pública, fornecendo subsídios concretos para a formulação de medidas mitigadoras eficazes e para a promoção da segurança socioambiental.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o quaternário. Geomorfologia, n. 18, p. 1-23, 1969 Tradução. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1348929_UmConceitoDeGeomorfologia.pdf. Acesso em: 01 maio 2026.
DANTAS, M. E. Guia Técnico de Padrões de Relevo: volume 7 – versão 2. Brasília: Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM), 2024, 71 p.
FERREIRA, V. O.; CAIXETA, A. C. M.; NISHIYAMA, L. Caracterização geotécnica e geoambiental da bacia do Córrego São Pedro-Uberlândia/MG: contribuição para elaboração do plano de drenagem urbana. Sociedade & Natureza, v. 31, p. e46344, 2019.

LEVANTAMENTO BIOGEOGRÁFICO DA AVIFAUNA NA BACIA DO RIBEIRÃO TAQUARUÇU, IVATUBA/FLORESTA, PARANÁ: INTERAÇÃO ENTRE AVES E AMBIENTE

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CONEEG

Tauana Carolina Santana Cavichioli, Maria Eugênia Moreira Costa Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

INTRODUÇÃO

A avifauna é um importante indicador da saúde ambiental de um ecossistema. Quando as aves ocorrem em abundância, isso indica boas condições ecológicas; sua ausência pode representar sinais de degradação.
Este trabalho realizou um levantamento preliminar das espécies de aves da Bacia do ribeirão Taquaruçu, localizada entre os municípios de Ivatuba e Floresta (PR). A região é marcada por monoculturas agrícolas, mas também apresenta banhados, fragmentos florestais, matas de galeria e áreas de habitação rural.
A pesquisa possui enfoque biogeográfico, voltado ao reconhecimento da avifauna local e à compreensão da relação entre as espécies e os diferentes ambientes da paisagem.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo foi realizar um levantamento da avifauna da Bacia do ribeirão Taquaruçu, analisando a distribuição das espécies em diferentes ambientes e sua relação com a paisagem. A coleta de dados ocorreu entre outubro de 2024 e julho de 2025, com a definição de 14 pontos de observação distribuídos em cinco tipos de ambientes: APPs, banhados, lavouras temporárias, pastagens e habitações rurais.
Foram utilizadas técnicas não invasivas de observação direta (Venturi, 2010), como registros fotográficos e sonoros, uso de binóculos e anotações de campo. A identificação das espécies seguiu o CBRO (2021), guias de ornitologia e plataformas digitais como WikiAves. A análise da paisagem foi realizada com apoio de Sistemas de Informação Geográfica (QGIS) e imagens do Google Earth.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram registradas 88 espécies de aves na área de estudo. As áreas de habitação rural apresentaram a maior diversidade, com 68 espécies, possivelmente devido à variedade de recursos alimentares presentes nesses ambientes.

Foram registradas 88 espécies de aves na área de estudo. As áreas de habitação rural apresentaram a maior diversidade, com 68 espécies, possivelmente devido à variedade de recursos alimentares presentes nesses ambientes.



APPs e banhados também apresentaram elevada diversidade, abrigando espécies associadas à vegetação nativa e aos ambientes úmidos. Já as lavouras e pastagens apresentaram menor número de espécies, embora ainda abriguem aves adaptadas a áreas abertas.
Durante as visitas de campo foram observados sinais de degradação em APPs e banhados, o que pode comprometer a qualidade do habitat. Mesmo em paisagens agrícolas, ambientes diversificados podem funcionar como refúgios para a avifauna.

Nº	Registros	Família	Nome científico	Nome Popular	Locais de avistamento
7		Ardeidae	*Butorides striata*	Socozinho	
8		Ardeidae	*Syrigma sibilatrix*	Maria-faceira	
9		Caprimulgidae	*Nyctidromus albicollis*	Bacurau	
10		Cathartidae	*Coragyps atratus*	Urubu-preto	
11		Charadriidae	*Vanellus chilensis*	Quero-quero	
12		Ciconiidae	*Mycteria americana*	Cabeça-seca	

Legenda
- Habitação rural
- Lavoura temporária
- Pastagem
- Banhado (AU)
- Área de Preservação Permanente (APP)

CONSIDERAÇÕES

O levantamento da avifauna permitiu compreender melhor a relação entre as aves, os diferentes ambientes e a qualidade ambiental da Bacia do ribeirão Taquaruçu. Os resultados reforçam a importância da conservação dos ambientes naturais e da adoção de práticas sustentáveis no manejo da paisagem, contribuindo para a manutenção da biodiversidade local.

REFERÊNCIAS

CBRO, Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Listas de aves do Brasil.** [S. l.]: CBRO, 2021. Disponível em: https://www.cbro.org.br. Acesso em: 29 ago. 2025.
CREPALDI, Marcelo Tenório; FERREIRA, Maria Eugenia Moreira Costa. Comparativo da avifauna do Parque do Cinquentenário com a área urbana de Maringá – PR. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 40, v. 1, p. 134-146, Jan./Jun. 2018. ISSN: 2176-5774.
VENTURI, Luis Antonio Bittar (Org.). **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. São Paulo: Sarandi, 2010.

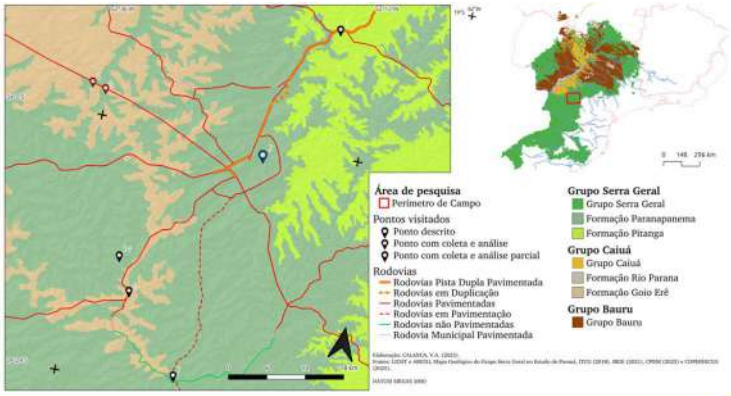
CARACTERIZAÇÃO MINERALÓGICA E EVIDÊNCIAS DE INTERAÇÃO ENTRE ARENITOS DA FORMAÇÃO GOIO-ERÊ E BASALTOS DO GRUPO SERRA GERAL NO CENTRO-OESTE DO PARANÁ

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Nome dos autores; Vinicius Alonso Calanca e Beatriz de Souza Ramalho. Orientado por: Cleber Eduardo Neri Rabelo e Susana Volkmer
Universidade Estadual de Maringá

INTRODUÇÃO

A área de análise se situa na dicordância da Supersequência Bauru com os derrames basálticos do Grupo Serra Geral. A Superseuqência constitui uma importante unidade siliciclástica cretácea no setor centro-sul da Bacia do Paraná. Sua origem está associada a processos de subsidência por carga supracrustal e esforços intraplaca (Sistema de retroarco antepaís), ocorrendo após a ruptura do Gondwana. Embora tradicionalmente atribuída ao Cretáceo Superior, revisões bioestratigráficas e cronoestratigráficas recentes, baseadas em achados paleontológicos de vertebrados, posicionam o Grupo Caiuá no Cretáceo Inferior, durante o Aptiano–Albiano. Neste contexto, a deposição dos arenitos do Grupo Caiuá retrabalha a geoquímica dos basaltos da região, e concomitantemente, os basaltos alteram a física e química da formação dos arenitos. Desta forma, esse trabalho busca estudar o quanto essa relação entre as litologias dos arenitos Goio-Erê e basaltos Serra Geral.



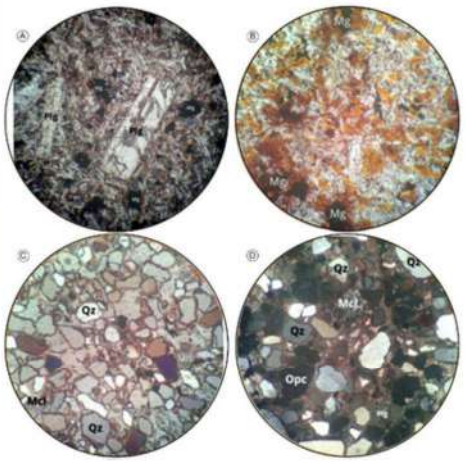
OBJETIVOS E METODOLOGIA

Este trabalho busca caracterizar, com base em dados de campo, petrografia óptica e análise granulométrica, as relações entre os arenitos e os basaltos, identificando evidências de contato, alteração mineral. As análises petrográficas foram realizadas em lâminas delgadas, com microscópio óptico e as granulométricas foram aplicadas a três amostras, duas de arenito e uma de saprólito basáltico, com separação das frações areia, silte e argila.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados indicam que o contato litoestratigráfico entre os arenitos da Formação Goio-Erê e os basaltos do Grupo Serra Geral é é marcado pela Discordância Suprabasáltica, de natureza predominantemente discordante-erosiva. Os basaltos são compostos principalmente por plagioclásio cálcico, augita e magnetita, mas apresentam transformações associadas à cloritização, sericitização, saussuritização, uralitização e hematitização, indicando atuação de processos intempéricos e possível circulação hidrotermal. Os arenitos são caracterizados como quartzoarenitos a subarcóseos, mineralogicamente maduros, apresentam composição dominantemente quartzosa, grãos ferruginizados, feldspatos alterados e minerais acessórios de possível origem vulcânica. O saprólito basáltico, rico em silte e argila, reflete alteração avançada dos basaltos. A interação entre as litologias é evidenciada pela circulação de soluções silicosas e ferruginosas de natureza hidrotermal, responsáveis pela silicificação, ferruginização e cimentação sílico-ferruginosa observadas na base da supersequência.



A) Basalto com plagioclásio, augita e provável celadonita.
B) Saprólito basáltico com hematitização e plagioclásios alterados.
C–D) Arenito com grãos de quartzo recobertos por oxi-hidróxidos de ferro, feldspatos subordinados e cimento silicoso.

Abreviações:
Qz-quartzo;
Mcl-microclíneo;
Plg-plagioclásio;
Ort-ortoclásio;
Opc-opacos;
Mg-magnetita.

Fonte: Os autores.

CONSIDERAÇÕES

O trabalho encontra evidências do hiato Suprabasáltico e de transporte de material por vias hidrotermais do basalto com o arenito, tal como evidências de metamorfismo de contato no próprio basalto, reforçando sua natureza hidrotermal. Os dados adquiridos neste estudo apontam ao potencial de pesquisa mais aprofundada nesta área de pesquisa, com utilização de outras técnicas mais diagnósticas para análises mais certeiras.

REFERÊNCIAS

ARAI, M.; DIAS-BRITO, D. Supersequência Bauru (Cretáceo da Bacia do Paraná): revisão estratigráfica com base em dados paleontológicos recentes. Derbyana, v. 44, 2023.; BESSER, M. L.; BRUMATTI, M.; SPISILA, A. L. Mapa Geológico e de Recursos Minerais do Estado do Paraná. Curitiba: Serviço Geológico do Brasil – CPRM, 2021. Escala 1:800.000.; DIAS-BRITO, D. et al. The Bauru Group: a continental Cretaceous unit in Brazil – concepts based on micropaleontological, oxygen isotope and stratigraphical data. Geologia USP, p. 245–304, 2001.; EMBRAPA. Manual de métodos de análise de solo. 3. ed. Brasília: Embrapa, 2017.; FERNANDES, L. A.; COIMBRA, A. M. O Grupo Caiuá (Ks): revisão estratigráfica e contexto deposicional. Revista Brasileira de Geociências, v. 24, n. 3, p. 164–176, 1994.; FÚLFARO, V. J.; PERINOTTO, J. A. J. A Bacia Bauru: estado da arte. In: SIMPÓSIO SOBRE O CRETÁCEO DO BRASIL, 4., 1996, Rio Claro. Boletim. Rio Claro: UNESP, 1996. p. 297–303.; LICHT, O. A. B.; ARIOLI, E. E. Mapa Geológico do Grupo Serra Geral no Estado do Paraná. Curitiba: ITCG, 2018.; MENEGAZZO, M. C. Sedimentação da Bacia Bauru: cenário tectônico, idade dos depósitos e ambientes paleodeposicionais. Tese (Doutorado em Geologia) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2016.; SOARES, P. C.; LANDIM, P. M. B. Comparison between the tectonic evolution of the intracratonic and marginal basins in South Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências, v. 48, supl., p. 313–324, 1976.

Produção de Água: A Bacia Hidrográfica do Rio Ivaí, Paraná.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Vinícius Barboza Tezolin , Edison Fortes (Orientador)
[1]**Universidade Estadual de Maringá**

INTRODUÇÃO

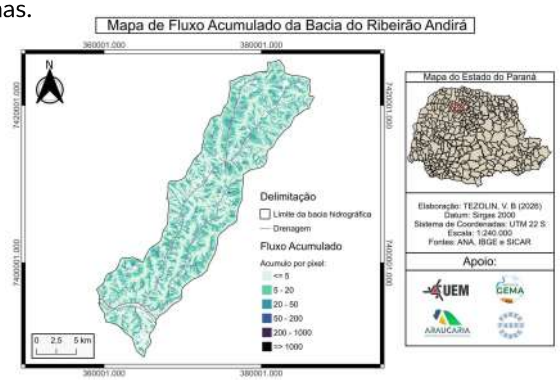
As bacias de infiltração, comumente conhecidas como barraginhas, são escavações sob o solo, com baixa profundidade, diâmetro de até 20 metros, raio entre 8 a 10 metros e com rampas pouco inclinadas. Tem como função diminuir o tempo de infiltração da água no solo entre períodos chuvosos, interceptar as enxurradas, mitigar os processos erosivos e promover a recarga rápida do lençol freático (Barros; Ribeiro, 2009). Implementadas de forma pioneira no Brasil em 1995 pela Embrapa Milho e Sorgo, no município de Sete Lagoas-MG, essa técnica consolidou-se como importante prática conservacionista voltada à gestão dos recursos hídricos. Além disso, as barraginhas enquadram-se como Soluções Baseadas na Natureza (SBN), conceito com ações voltadas à proteção, manejo e recuperação de ecossistemas saudáveis ou modificados. A pesquisa tem como áreas de estudo as microbacias dos ribeirão Andirá e rio São Pedro, ambas inseridas na bacia hidrográfica do rio Ivaí, no estado do Paraná.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

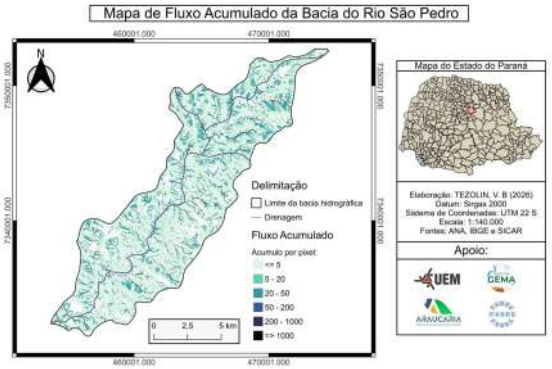
Este trabalho tem como objetivo identificar e avaliar as zonas com fluxo acumulado ideal para a instalação das barraginhas dentro do limite das microbacias do ribeirão Andirá e rio São Pedro. Para isso, utilizou-se o software QGIS, com o suporte do plugin Whitebox Tools (Lindsay, 2014) aplicando o método D-Infinity (Tarboton, 1997), reconhecido por sua capacidade de representar com maior precisão a dispersão do fluxo em múltiplas direções, O fluxo acumulado corresponde às áreas da paisagem onde ocorre maior concentração do escoamento superficial da água (Freitas *et al*., 2013). Em ambiente SIG, sua representação é realizada por meio de imagens raster, nas quais os valores dos pixels indicam a quantidade de fluxo acumulado em cada ponto da área de estudo. Fora desconsiderado das áreas de estudo, as porções das bacias ocupadas por APPs, Reservas Legais e buffer de 50 metros a fim de evitar que estas zonas sejam vistas como aptas.

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÕES

Tendo em vista que para a instalação de barraginhas o acúmulo de fluxo ideal deve ser mediano, ou seja, não deve ser disperso ou concentrado, obteve-se parcialmente o indicativo que as cabeceiras de drenagem na porção nordeste em ambas bacias hidrográficas tendem a ser as áreas mais aptas à instalação das mesmas.



A região nordeste de ambas bacias possuem relevo muito dissecado, conectividade lateral menos abrupta e pouca declividade, podendo ser estes, fatores que colaborem para que a mesma seja a área indicada para a instalação de barraginhas.



CONSIDERAÇÕES

O mapeamento do fluxo acumulado possibilitou a melhor compreensão da dinâmica entre o relevo e o ciclo hidrológico, oferecendo subsídios técnicos para a tomada de decisão, além de ressaltar o uso de geotecnologias para a na identificação de soluções baseadas na natureza.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. C. DE.; RIBEIRO, P. E. DE A. **Barraginhas: água de chuva para todos** (ABC da Agricultura Familiar, 21). Brasília - DF, Embrapa Informação Tecnológica, p. 56, 2009. Disponível em: http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/256599. Acesso em: 18 maio. 2026.

FREITAS, L. F. de; GUIMARÃES, R. F.; CARVALHO JUNIOR, O. A. de; GOMES, R. A. T. Relacionamento entre a mudança da rede de drenagem devido à construção de estruturas urbanas e o surgimento de voçorocas no bairro do jardim botânico no distrito federal. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, [S. l.], v. 13, n. 4, 2013. DOI: 10.20502/rbg.v13i4.294. Disponível em: https://rbgeomorfologia.org.br/rbg/article/view/294. Acesso em: 12 maio. 2026.

LINDSAY, J. B. O projeto Whitebox Geospatial Analysis Tools e GIS de acesso aberto . In: **Anais da 22ª Conferência Anual do GIS Research UK**, Universidade de Glasgow, 16 a 18 de abril. 2014. DOI: 10.13140/RG.2.1.1010.8962. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271205138_The_Whitebox_Geospatial_Analysis_Tools_project_and_open-access_GIS. Acesso em: 14 maio. 2026.

Start. (2024, Jun 3). In TerraHidro. Retrieved 22:30, May 7, 2026, from https://www.dpi.inpe.br/terrahidro/doku.php?id=start&rev=1717435439. MLA TARBOTON, D. G. A new method for the determination of flow directions and contributing areas in Grid Digital Elevation Models. **Water Resources Research**, v. 33, n. 2, p. 309-319, 1997. Disponível em: https://agupubs.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1029/96WR03137. Acesso em: 10 maio. 2026.

Imagens retiradas do Canva















EIXO 5
ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Do Território Vivido à Construção do Conhecimento: metodologias ativas no ensino de Geografia

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

ALERRANDRO CARDOSO LEITE[1]
Orientadora: Profa. Ma. Rossana Madruga Telles
[1]Universidade Federal do Rio Grande – FURG

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a aplicação de metodologias ativas no ensino de Geografia por meio de uma experiência do PIBID/FURG desenvolvida na Escola Estadual Brigadeiro José da Silva Paes, em Rio Grande (RS). Fundamentado em Callai (1999), o estudo compreende o Ensino Médio como etapa crucial para o aprimoramento humano e o desenvolvimento da autonomia intelectual, buscando superar modelos tradicionais que desmotivam o aluno ao desvincular o conteúdo de sua realidade. A intervenção, realizada com turmas do 2º ano, utilizou a enchente histórica de 2024 no Rio Grande do Sul como eixo temático para promover a "geografia vivida". Ao adotar o território vivido como ponto de partida, o trabalho mediou experiências imediatas e conceitos científicos através de cinco momentos: análise de documentário da TVE RS, rodas de conversa sobre memórias locais, aulas de instrumentação em pesquisa, produção orientada por uma "Folha Guia" e a exposição final dos resultados no pátio escolar.

Fig.01 Desenvolvimento dos Cartazes



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Fig.02 - Turmas 2ª do Ensino Médio



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A investigação objetiva promover o protagonismo estudantil e o pensamento geográfico (Cavalcanti, 2020), capacitando discentes na análise crítica do espaço. Caracteriza-se como um relato de experiência qualitativo pautado na mediação entre vivências e conhecimento sistematizado. O foco técnico residiu na instrumentação para o uso de fontes seguras e no combate à desinformação sobre dados municipais e socioambientais. A dinâmica de "apadrinhamento" pelos pibidianos foi o diferencial metodológico para assegurar a inclusão efetiva e o engajamento coletivo, permitindo uma construção autônoma e democrática do saber (Morán, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As metodologias ativas ampliaram o engajamento (Morán, 2015), culminando em uma exposição que demonstrou domínio técnico e visão crítica sobre a catástrofe ambiental. Articular o território à ciência foi estratégico para mitigar a apatia de alunos que enfrentam a exaustiva dupla jornada de trabalho e estudo. O suporte pedagógico direto aos alunos de inclusão na turma 201 supriu carências críticas de recursos humanos no ambiente escolar. Apesar de desafios estruturais e da fragmentação temporal (Callai, 1999), a prática validou a "geografia vivida" como ferramenta de amadurecimento docente e formação de sujeitos históricos.

Fig. 03 : Apresentação dos Resultados de Pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

CONSIDERAÇÕES

Esta intervenção prova que metodologias ativas e geografia vivida são imperativas para a formação de uma cidadania consciente (Cavalcanti, 2020). O trabalho enfrentou o desafio do engajamento ao tocar na realidade social, mas denunciou a fragilidade da inclusão escolar diante da precariedade de recursos estatais e da falta crítica de monitores. É urgente romper o isolamento entre projetos acadêmicos e a rotina das escolas para consolidar práticas efetivamente transformadoras. Conclui-se que o ensino de Geografia só cumpre sua função social quando instrumentaliza o aluno para intervir e agir de forma crítica sobre o território em que vive.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia no Ensino Médio. **Terra Livre**, São Paulo, n. 14, p. 59–92, 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Formar para a vida urbana cidadã como meta para o professor de Geografia: aportes teóricos e ensinamentos da experiência. **AGALI Journal**, n. 10, p. 45–64, 2020.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). **Mudando a educação com metodologias ativas**. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

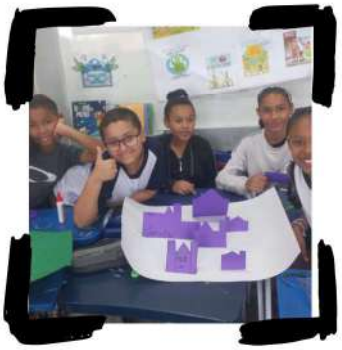
"Circuito Histórico, Artístico e Arquitetônico das Igrejas Barrocas de Campos dos Goytacazes"

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS-DE 4 A 07 DE JULHO DE 2026

Allana H.P. de Souza, Leon K.C.Santos , Edimilson Motta.
Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO

Em Campos dos Goytacazes, a urbanização acelerada e a ausência de políticas contínuas de preservação têm contribuído para o distanciamento dos estudantes da educação básica em relação ao patrimônio histórico-cultural local. Nesse contexto, diversas igrejas barrocas do município enfrentam processos de deterioração e desvalorização social. Diante dessa realidade, a pesquisa desenvolvida pelo Laboratório Ludoteca da Geografia da Universidade Federal Fluminense, em parceria com a Escola Municipal Lídia Leitão Albernaz, voltada aos anos finais do Ensino Fundamental II, busca transformar esses espaços em recursos pedagógicos vivos, fortalecendo a memória territorial, a educação patrimonial e a formação cidadã crítica dos estudantes.



OBJETIVOS E METODOLOGIA



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados parciais demonstram elevado engajamento dos estudantes, que passaram a interpretar de forma mais crítica a paisagem urbana e o patrimônio histórico local. A oficina de maquetes contribuiu para a compreensão da organização do espaço colonial, enquanto as visitas e práticas interdisciplinares fortaleceram o sentimento de pertencimento, a valorização da memória territorial e a aproximação entre universidade, escola pública e comunidade.



CONSIDERAÇÕES

As considerações finais evidenciam que a educação patrimonial, quando articulada às práticas interdisciplinares e à vivência do território, fortalece a formação crítica dos estudantes e amplia o reconhecimento do patrimônio barroco como parte da identidade cultural local.



A integração entre universidade e escola pública mostrou-se fundamental para aproximar os alunos de sua memória histórica, promovendo pertencimento, valorização cultural e maior consciência sobre a preservação do patrimônio em Campos dos Goytacazes.

REFERÊNCIAS

- CLAVAL, Paul. La Géographie Culturelle. Paris: Nathan, 1995.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MOTA, Edimilson. A Igreja da Ordem Terceira de N. Sra. do Carmo no conjunto da paisagem histórica de arquitetura barroca... In: CONFICT, 2022.
- RIBEIRO, Rafael Winter. Cidadania paisagística. Rio de Janeiro: UFRJ.

Audiovisual como Ferramenta de Transformação no Ensino de Geografia

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Ana Marony Viana Pontes; Orientado por: Leandro Bruno Santos
Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO

Para compreender as transformações globais das últimas décadas, implementamos a exibição e discussão de audiovisuais com estudantes do ensino médio em escolas públicas de Campos dos Goytacazes, RJ. As temáticas abordadas incluem as consequências da globalização e do neoliberalismo, como financeirização, redução do papel do Estado, precarização do trabalho, uberização, consumismo, degradação ambiental e o papel das corporações multinacionais.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

GERAL: Utilizar o audiovisual como recurso didático para abordar processos e dinâmicas contemporâneas em turmas de ensino médio de escolas públicas em Campos dos Goytacazes.

ESPECÍFICOS:
i) Exibir ciclos de documentários;
ii) Fortalecer a parceria entre NEEPG/UFF e escolas;
iii) Apoiar a formação de alunos da educação básica e graduação.

METODOLOGIA:
Revisão bibliográfica; Reuniões com professores; Análise de conteúdo trimestral; Seleção de filmes; Exibição e debate audiovisual; Aplicação de *survey* de impacto.

Imagem 1 - Foto reprodução C.E Rotary II - Enilda Barreto Rangel



Fonte: Acervo pessoal da autora Ana Pontes(2026).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

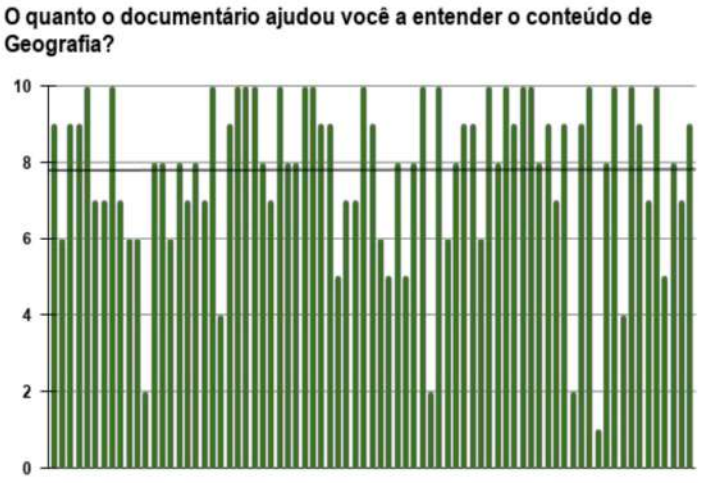


Imagem 2 - Fonte: Dados do Survey do Projeto

- O uso do documentário contribuiu positivamente para a aprendizagem em Geografia;
- A maioria das avaliações ficou entre 7 e 10;
- O recurso audiovisual tornou as aulas mais dinâmicas e significativas;
- As poucas avaliações baixas refletem diferentes formas de aprendizagem dos alunos.

CONSIDERAÇÕES

O projeto de ensino teve como objetivo levar para a escola o debate sobre as transformações globais, utilizando as premissas de Santos (2003) e Claval (2003). A meta foi explicar como os fatores econômicos se inter-relacionam com o espaço geográfico e o contexto local, sendo essenciais para a compreensão das dinâmicas econômicas globais e regionais e seus impactos socioambientais. Vídeos e documentários foram empregados como ferramentas didáticas para revelar essas interações econômicas e sociais em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- CLAVAL, P. Geografia econômica e economia. GeoTextos, [S. l.], v. 1, 2008. DOI: 10.9771/1984-5537geo.v1i1.3028. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3028. Acesso em: 17.maio. 2026;
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003;
- MEU amigo nietzsche. Direção: Fáuston Da Silva. Roteiro: Fáuston Da Silva. YouTube: Univers Court, 2023. Disponível em: https://youtu.be/DN0qoSCJYII?si=37qVu0MIH11NuZZN. Acesso em: 16 mar. 2026.

Brasil em tela: Potencialidades do cinema nacional no ensino de Geografia

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUnho DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Nome dos autores: Bruna Aparecida Fontes da Silva, Lucas Gabriel dos Santos
Orientado por: Jessica Soares de Freitas
Instituição de origem: Universidade Estadual de Maringá - UEM

INTRODUÇÃO

Como trazer a atenção e o foco dos discentes para a aula de geografia e tornar o assunto mais convidativo para eles?

A variabilidade de recursos didáticos é uma arma do professor em sala, e partir dessa questão busca-se refletir nessa pesquisa, sobre como o cinema nacional contribui com o ensino e aprendizagem, sendo uma possibilidade prática e acessível.

A intenção ao trabalhar com produções visuais brasileiras é despertar o senso de pertencimento aos alunos e por sua vez, oferecer um repertório próprio ao retratar nossas próprias contradições, paisagens, diversidades, belezas, potencialidades e discrepâncias. Produções cinematográficas brasileiras fornecem um espelho em que os alunos podem exercitar o pensamento crítico e ao mesmo tempo, reconhecer ou estranhar as vivências do povo brasileiro, em um país tão diverso como o Brasil.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é destacar o potencial cinematográfico brasileiro como recurso didático para o ensino de Geografia, identificando possibilidades de articulação das obras com conceitos geográficos e habilidades previstas na BNCC:

Metodologia

- Pesquisa bibliográfica sobre ensino de Geografia e uso do cinema como recurso pedagógico;
- Análise dos filmes **Central do Brasil** (1998), de Walter Salles, e **Saneamento Básico, o Filme** (2007), de Jorge Furtado;
- Relação das narrativas cinematográficas com conceitos geográficos e competências da BNCC;
- Discussão das potencialidades didáticas das obras para o ensino básico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Saneamento Básico, o Filme (2007)

A obra permite discutir:

- Desigualdades socioespaciais;
- Infraestrutura urbana e saneamento básico;
- Políticas públicas;
- Cidadania e organização popular.

Central do Brasil (1998)

A obra possibilita trabalhar:

- Migrações internas;
- Diferenciação socioespacial;
- Relações centro-periferia;
- Lugar, identidade e pertencimento.



Central do Brasil (1998). Direção: Walter Salles. Cartaz oficial do filme.



Saneamento Básico, o Filme (2007). Direção: Jorge Furtado. Cartaz oficial do filme.

CONSIDERAÇÕES

A análise demonstrou que o cinema nacional constitui um importante recurso didático para o ensino de Geografia. Quando utilizado de forma planejada, contribui para a compreensão crítica do espaço geográfico, das desigualdades socioespaciais, das migrações, das identidades e das políticas públicas.

Além de diversificar as práticas pedagógicas, o cinema fortalece a formação cidadã dos estudantes, tornando o ensino mais significativo, humano e conectado às vivências sociais brasileiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/bncc. Acesso em: 13 nov. 2025.

Central do Brasil. [Filme-vídeo] Produção de Arthur Cohn, direção de Walter Salles. Brasil/França, VideoFilmes e MACT Productions, 1998. 113 min, vídeo, colorido, som.

Saneamento Básico, o Filme. [Filme-vídeo] Produção de Zu Escobar, direção de Jorge Furtado. Brasil, Casa de Cinema de Porto Alegre e Globo Filmes, 2007. 112 min, vídeo, colorido, som.

Temas e Competências das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Caroline Tenedini Lemos; Orientada por: Aline de Lima Rodrigues
Universidade Federal de Santa Maria

INTRODUÇÃO

O projeto Temas e competências das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio foi desenvolvido com recursos Prolicen/UFSM.
Em primeiro plano, buscou-se desenvolver as práticas pedagógicas voltadas ao Ensino Médio, integrando os saberes da Geografia, História, Sociologia e o desenvolvimento do pensamento crítico em sala de aula. Porém, ao decorrer do projeto foram necessários alguns ajustes, levando a uma mudança de proposta pedagógica. A partir da reformulação do projeto, foi desenvolvido um material pedagógico integrando os saberes Geográficos com a Agroecologia e Segurança Alimentar, por meio de projetos educativos.

OBJETIVOS

Desenvolver prática pedagógica com tema das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio por meio de projetos de pesquisa.

a) Realizar levantamento bibliográfico sobre o uso de projetos de pesquisa no Ensino Médio, sobretudo nas Ciências Humanas;
b) Elaborar e aplicar prática pedagógica voltada aos temas e competências das Ciência Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio, utilizando se projetos de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES

Por fim, o projeto proporcionou a atuação de uma Geografia reflexiva que perpassa a pesquisa e a extensão até chegar na sala de aula. Embora não tenha seguido a premissa inicial, contribui para o desenvolvimento de atividades e materiais pedagógicos que integram a universidade e a escola básica, contribuindo, também, com a formação inicial de professores

METODOLOGIA

De início, para a sensibilização sobre o tema propõe-se a realização de uma roda de conversa sobre o tema escolhido para abordar a relação Agroecologia e Segurança alimentar. Posteriormente, a temática pode ser trabalhada a partir de uma aula expositiva com exemplos que conectam o dia a dia dos alunos com a problemática de pesquisa, e um vídeo produzido pelo comunicador indígena Xainã Pitaguary, sobre a correlação da preservação da natureza com a ancestralidade e o bem-viver praticado pelos povos originários. A partir da consolidação do tema, a turma deve ser dividida em grupos, onde cada grupo receberia uma manchete de jornal contendo um dos tópicos abordados em aula, dentre eles: disputa por terra, soberania alimentar, agronegócio e saberes ancestrais em relação com a sociedade e a natureza.
Como produto final, com intuito de estimular a escrita argumentativa, cada grupo deverá desenvolver uma redação dissertativa argumentativa no mesmo modelo empregado nos processos seletivos da UFSM, tendo as seguintes problemáticas: A relação entre a grilagem, disputa por terra e a comunidade indígena situada no extremo sul da Bahia; A correlação do Agronegócio com aumento das queimadas e a insegurança alimentar no Brasil; É possível alcançar a soberania alimentar no Brasil?; O papel desempenhado pelos povos indígenas e originários na conservação do meio ambiente por meio de práticas culturais.

AR Sandbox: caixa de areia de realidade aumentada, opção para ensino de Geografia

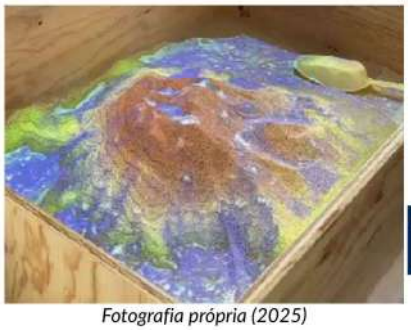
XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Dante Aldheir Moreno Rivera
Universidade Federal Fluminense -UFF
(estudante de intercâmbio, Universidad de Guanajuato, México)

INTRODUÇÃO

O **ensino da geografia é um desafio** para todos os níveis de ensinansa e em sua difusão científica. **É complexo representar uma realidade 3D em um espaço 2D** seja ele físico ou virtual, uma solução é a realidade aumentada com a CARA.

Uma ferramenta inovadora, a Realidade Aumentada (AR), é uma tecnologia imersiva na qual se misturam elementos digitais e a realidade (Marr, 2019 apud Mora, 2022). **A Caixa de Areia de Realidade Aumentada (CARA) permite gerar uma simulação em tempo real de um mapa topográfico** sobre o relevo da areia, com simulação do fluxo da água e, inclusive, da neve (última versão).



Fotografia própria (2025)

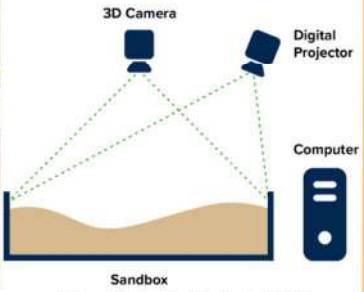


Foto: UC Davies Data Lab (S/F)

Mostra videográfica do uso da CARA e referências

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Revisão bibliográfica e empírica da aplicação de uma CARA para o ensino da geografia, bem como recomendações para sua criação e uso.

O projeto da CARA foi desenvolvido na Universidade de Guanajuato, na División de Ingenierias em Guanajuato, México com apoio do Departamento de Ingeniería Geomática e Hidraúlica

RESULTADOS E APRENDIZAJES

O projeto foi implementado em feiras de ciências com alunos do ensino fundamental, médio e superior em vários locais do município de Guanajuato, no México.

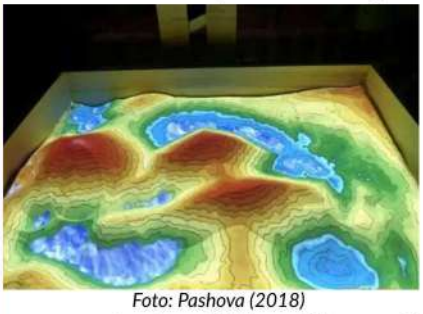


Foto: Pashova (2018)

As atividades educativas feitas foram baseadas em Mora (2022) e Mezzomo (2020) principalmente, sendo centradas no ensino da **geografia física e ambiental com conceitos principais** como bacia hidrográfica, rios, represas, encheios, classificação do relevo, vulcões, processos geomorfogênicos da paisagem, e aplicações da cartografia. os temas sociais abordados foram geografia dos riscos, desigualdades socioespaciais e sua relação com a paisagem.

BENEFÍCIOS EDUCACIONAIS

- Aplicação de tecnologias inovadoras
- Aprendizagem ativa e interativa
- Compreensão do espaço geográfico.
- Desenvolvimento de habilidades espaciais
- Universalidade de aprendizagem

CONSIDERAÇÕES PARA O USO

1. Todos os **métodos de instalação de software** deixaram de funcionar e estão obsoletos, com exceção do Kreylos (2025) versão 5.1 e do System76 (2022) versão 2.8
2. O tamanho recomendado é 100x75cm, mas pode ser reduzido em até 40% sem problemas.
3. **Duas versões: móvel e fixa**
4. Diversos materiais podem ser usados como enchimento.
5. Esta é uma versão de software livre e de código aberto do tipo GNU, projetada para funcionar no Linux. Existem versões para Windows que são mal otimizadas, exigem pagamento etc.
6. **Possível aplicação de Sistemas de Informação Geográfica e elementos físicos para maximizar o seu uso.**

REFERÊNCIAS

1. **CUNHA, C.; et al**. SANDBOX: caixa de areia de realidade aumentada aplicada ao ensino de geomorfologia. In: SINAGEO, XII, 2018.
2. **GARCÍA-CASTELLANOS, D.** Modified AR Sandbox. 2022.
3. **KREYLOS, O.** Vrui – Open Source xR for Collaborative Scientific Investigation of 3D Data: AR Sandbox. 2025.
4. **MEZZOMO, M. et al.** Manual de instalação, configuração e uso da caixa de areia de realidade aumentada (SARndbox): versão atualizada. Campo Mourão, PR: Nova História Assessoria e Gestão Cultural, 2020.
5. **MORA GONZÁLEZ, R.** Modelo topográfico em uma caja de arena de realidade aumentada: uma propuesta de manual de consulta. 2022. Tesis (Graduação) – Universidad Nacional Autónoma de México, Campus Morelia.

LIMITES E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Débora de Gonçalves Pinheiro; Laura D. Lemes; Vinicius C. Centeno; Jessica L. Kist; Fábio L. Cunha.
Orientado por: Prof. Dr. Elisângela de Felippe Rodrigues
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

INTRODUÇÃO

A escrita abaixo propõe-se a evidenciar as experiências pedagógicas encontradas durante a trajetória acadêmica, entendendo seus limites e possibilidades.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

As informações apresentadas foram coletados de cinco graduandos do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, a partir de rodas de conversa, como proposta pela autora Cecília Warschauer (2017), que à apresenta sendo uma troca de conhecimentos entre indivíduos abertos à escuta, que acaba por promover uma reflexão sobre a própria prática. Por fim, a obra de Paulo Freire (1996), Pedagogia da Autonomia, oferece a base teórica para aprofundar a discussão sobre a aquisição de conhecimento por meio da prática e da reflexão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

E comum que alunos em conclusão de curso refiram-se à graduação como "teórica", alegando que a profissão se aprende "na prática". E para contornar esse problema, se vale então experienciar diferentes ambientes durante o processo de formação docente.

A primeira experiencia que vem de nosso interesse relatar começa com a monitoria de inclusão, um estágio não obrigatório é oferecido pela Secretaria de Educação Municipal para atuar nas escolas de ensino fundamental, sendo o seu principal objetivo auxiliar estudantes com necessidades específicas em suas atividades na escola. Vale ressaltar que não precisando de nenhuma formação específica para atuação, de nenhum tipo. Mesmo assim, a maioria de nós acabou por concluir que é de extrema valia um desafio como tal, de como, para a formação docente a monitoria é um prato cheio, não só por lidar com estudantes que te desafiam com ideias de práticas educativas específicas, mas uma nova forma de pensar e refletir sobre a dinâmica entre aluno-professor.

Entendemos que a extensão não tem por objetivo a formação docente, já que ela tem a missão de promover iniciativas que representam o compromisso social das instituições de ensino superior. De todo modo, a peculiaridade da experiência vivida na extensão pelos graduandos da geografia num projeto de extensão que era conectado com a escola, proporcionou um resultado inesperado no que diz respeito à formação docente.

Os alunos assistidos pelos extensionistas dialogaram, repensaram, transformaram o sentido sobre seus bairros e a ocupação dos espaços, estimulando o protagonismo e valorização dos saberes locais. E nos licenciando um olhar novo para o ambiente escolar e seu entorno, aquele espaço ao redor da escola que virou um agente de formação social. Já a inserção no PIBID é uma consolidação mais profunda da formação, que vai proporcionar uma vivência prática em salas de aula, essa que foi experienciada por alguns de nós no ensino fundamental e por outros no ensino médio, mesmo com propostas, metodologias e práticas diferentes, acabamos por passar por todas as camadas da docência.

A última experiência em comum foi o estágio, prática pedagógica obrigatória feita tanto no ensino fundamental, ao passar por tal, entendemos a importância do estágio como um espaço de construção do saber-fazer docente, sobre as diferentes concepções de docência.

Destacamos como as experiências relatadas tiveram relação direta com como levamos o estágio, já que o espaço da escola não era um território desconhecido, as inserções foram tranquilas e favoráveis, e no momento de enfrentar as adversidades encontradas, como número expressivo de estudantes com necessidades específicas ou com calendários corridos, nós todos conseguimos passar por esse momento com o entendimento de que há diversos limites e possibilidades no que tange à formação de um professor.

Imagem 1: Autores reunidos no início do ano letivo de 2026.



Fonte: Autores, 2026.

CONSIDERAÇÕES

Gostaríamos de destacar uma questão: das quatro experiências citadas, apenas duas são obrigatórias, sendo que nem todas têm como objetivo principal a formação docente; A exemplo da extensão, que é obrigatória, mas cuja experiência está atrelada ao projeto proposto. Contudo, as experiências de monitoria e PIBID demonstram grande relevância para a futura profissão do professor, e ao chegarmos ao estágio, os licenciandos que participaram dessas atividades já conhecem os limites e as possibilidades da docência, o que os auxilia a lidar com as frustrações e a celebrar as vitórias inerentes à profissão. Por fim, essas experiências revelaram-se essenciais para atenuar a lacuna entre a teoria acadêmica e a prática escolar, que, no currículo da graduação de Geografia da FURG, seria suprida apenas pelo estágio.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em Rede: oportunidade formativa na escola e fora dela.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E AMBIENTAL: PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES EM ESCOLA PÚBLICA DE CÁCERES - MT

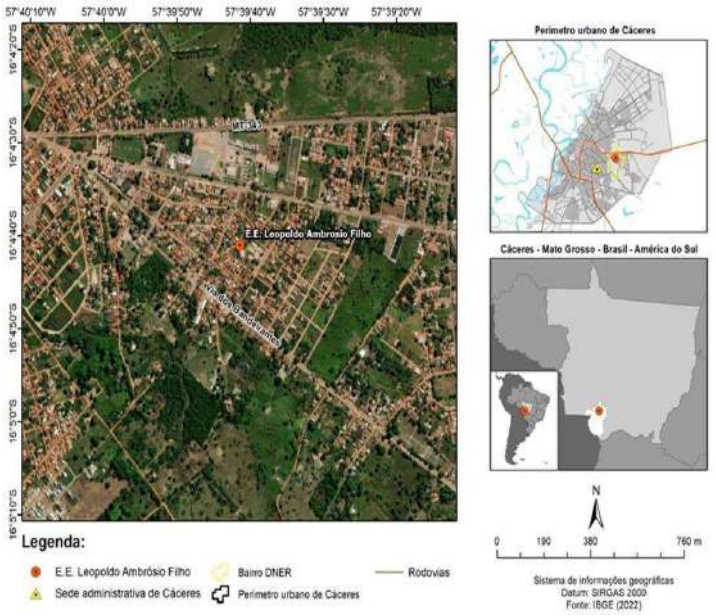
XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Edna Maria de Paula Araújo e Alex Bruno Silva Costa; Orientado por: Renato Fonseca de Arruda
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo)

INTRODUÇÃO

A educação patrimonial e ambiental desempenha papel importante na formação crítica dos estudantes e na valorização da identidade territorial.

Nesse contexto, o trabalho analisa uma experiência interdisciplinar desenvolvida na Escola Estadual de Tempo Integral Dr. Leopoldo Ambrósio Filho, em Cáceres.



OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral: compreender como práticas interdisciplinares de educação patrimonial e ambiental contribuem para a valorização cultural, consciência ambiental e pertencimento territorial no espaço escolar.

Objetivos Específicos: Desenvolver atividades interdisciplinares voltadas à realidade local; estimular reflexões sobre patrimônio cultural e conservação ambiental; fortalecer a relação entre escola, comunidade; território e incentivar práticas educativas e participativas e contextualizadas.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados demonstram que a integração entre educação patrimonial e ambiental favoreceu:

- O fortalecimento da consciência cidadã;
- O pertencimento territorial;
- A valorização cultural;
- O engajamento socioambiental dos estudante.

As práticas interdisciplinares contribuíram para aproximar escola, território e comunidade.

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que práticas interdisciplinares contextualizadas constituem importantes instrumentos para a construção de uma educação crítica e transformadora.

O estudo reforça a relevância patrimonial e ambiental como estratégia de valorização cultural, fortalecimento territorial e formação cidadã no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília, 2014.
Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília, 2018.

PPG UNEMAT GEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso

A OBSERVAÇÃO DA PAISAGEM COMO BASE PARA O MAPEAMENTO DE EVENTOS CLIMÁTICOS LOCAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Eduarda Nazario; Orientada por: Dra. Rosana Cristina Biral Leme
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus Francisco Beltrão - UNIOESTE

INTRODUÇÃO

A intensificação dos eventos climáticos tem provocado impactos ambientais e sociais em diferentes escalas, tornando-se uma problemática debatida globalmente no contexto científico e educacional, sobretudo, na Geografia.

Embora a divulgação dos dados sobre as mudanças climáticas sejam frequentes, por vezes os estudantes possuem dificuldades em relacionar tais transformações globais com a realidade em que vivem. Dessa forma, os estudos sobre a paisagem e os espaços vividos pela comunidade tornam-se relevantes para o entendimento e para análise crítica multiescalar presentes no conteúdo curricular (Callai, 2001).

Converge para esse entendimento as orientações produzidas pelo IPCC (2023) e fundamentadas no Marco de Sendai – ONU (2015) sobre a importância da educação no processo de prevenção de riscos de desastres climáticos.

Nesse contexto, a presente pesquisa de mestrado em Geografia vinculada ao PPGG – Unioeste FB, linha de pesquisa Educação e Ensino de Geografia e laboratório ANEA, propõe realizar o estudo sobre a Geografia do Clima no município de Nova Esperança do Sudoeste - PR, a partir do acompanhamento dos elementos do clima realizado nas escolas por estudantes do Ensino Fundamental II. Essa prática objetiva estimular, por meio da observação dos fenômenos atmosféricos locais, a análise crítica e multiescalar para o processo de fortalecimento da Educação Ambiental e da Educação para o Clima.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

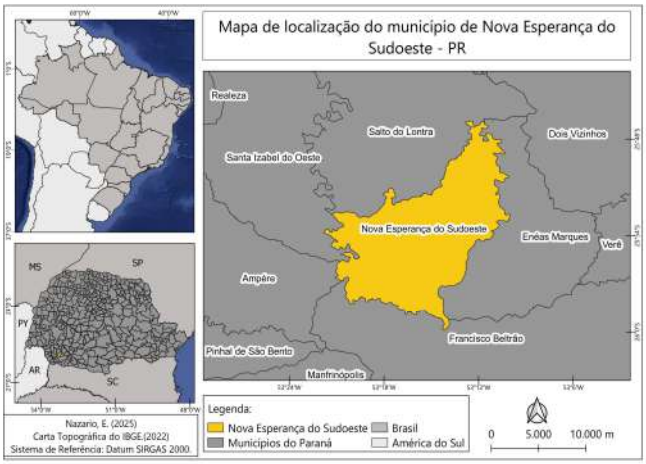
O objetivo geral da pesquisa é registrar os eventos climáticos ocorrentes no município de Nova Esperança do Sudoeste – PR por meio de mapeamento participativos, visando construir uma proposta de Educação Ambiental a partir do conhecimento e problematização dos elementos do clima com os 6° e 7° anos do Ensino Fundamental II das escolas estaduais no município.

A pesquisa possui abordagem participativa, qualitativa e quantitativa. Utiliza os dados de monitoramento diário do Simepar e do formulário georreferenciado elaborado a partir das ocorrências registradas em relatórios anteriores da Defesa Civil do Paraná. O banco de dados é integrado no ArcGIS Survey 123 e preenchido pelos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O município de NES está localizado na região Sudoeste do Paraná (Mapa 1), possui de 5.597 habitantes (IBGE, 2022) e com 3 escolas estaduais que atendem o Ensino Fundamental II.

Mapa 1: Mapa de localização do município de Nova Esperança do Sudoeste – PR.



Elaboração: QGIS desktop 3.16.14, Eduarda Nazario, 2025.

No município os registros da Defesa Civil indicaram 35 ocorrência de 2004 a 2025 por estiagem, alagamento, enxurrada, tempestades por chuva intensa, granizo e vendaval. No que tange ao período acompanhado pelos estudantes, esses fenômenos não foram significativos.

Os dados, gerados pelo monitoramento dos estudantes correspondem aos meses de novembro de 2025 a maio de 2026. Nesse período, verificou-se a correspondência dos dados divulgados pelo Simepar. No entanto, até o momento, os resultados dos estudantes indicam que os dias com registros de chuvas e nebulosidade apresentam maior constância nos relatos dos alunos.

CONSIDERAÇÕES

Os resultados parciais revelam que os estudantes tendem a registrar eventos associados a impactos visíveis no cotidiano, o que indica uma percepção ambiental vinculada a situações de risco e alterações na rotina. A proposta de Educação Ambiental buscará fomentar também a percepção e valorização dos elementos de ocorrência ordinária como indicadores importantes para a análise das mudanças climáticas em escala local.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. *A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino?* Terra Livre, São Paulo, n. 16, p. 133-152, 2001.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2022: Nova Esperança do Sudoeste – Paraná*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/nova-esperanca-do-sudoeste/panorama. Acesso em: 28 maio 2026.
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030*. Genebra: United Nations Office for Disaster Risk Reduction (UNDRR), 2015. Disponível em: https://www.unisdr.org/files/43291_63575sendaiframeworkportunofficialf.pdf. Acesso em: 28 maio 2026.
PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇA DO CLIMA (IPCC). *Sumário para formuladores de políticas: contribuição do Grupo de Trabalho I ao Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima*. Tradução do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília, DF: MCTI, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/IPCC_mudanca2.pdf. Acesso em: 28 maio 2026.

Cidades vividas, cidades imaginadas: Literatura e imaginários urbanos no ensino de Geografia em Porto Alegre

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Eduardo Gomes Haubert; Orientado por Cláudia Luísa Zeferino Pires
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga de que maneira a aproximação entre Geografia e Literatura, a partir de As Cidades Invisíveis, de Italo Calvino, pode contribuir para mobilizar os imaginários urbanos de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Porto Alegre. A pesquisa parte do entendimento de que os espaços urbanos estão carregados de sentimentos e vivências que podem ser abordados no ensino de Geografia. A obra de Calvino apresenta 55 cidades imaginárias narradas pelo personagem Marco Polo ao imperador Kublai Khan, cada uma construída a partir da percepção e da memória e desejo de quem a habita. Essa dimensão imaginária conecta-se ao conceito de imaginários urbanos de Armando Silva (2001), que compreende a cidade como uma construção simbólica de seus habitantes. A pergunta que orienta a pesquisa é: de que maneira a aproximação entre Literatura e Geografia, a partir de As Cidades Invisíveis, pode contribuir para mobilizar os imaginários urbanos de estudantes de Porto Alegre sobre sua própria cidade?

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo geral: investigar de que maneira Literatura e Geografia, a partir de As Cidades Invisíveis, de Italo Calvino, podem contribuir para a mobilização de imaginários urbanos dos estudantes de Porto Alegre no ensino de Geografia. Objetivos específicos: a) examinar as possibilidades de aproximação entre Literatura, Geografia e Ensino; b) desenvolver uma proposta pedagógica através de uma sequência didática com trechos da obra; c) interpretar o material que os estudantes produziram a partir da sequência didática. A metodologia deste trabalho parte da construção de uma proposta didática organizada em quatro momentos com uma turma de Ensino Médio de escola pública de Porto Alegre, aplicada em maio de 2026. Cada momento utilizou um trecho da obra de Calvino como dispositivo de reflexão sobre a cidade. Foi realizada a leitura e a discussão dos excertos selecionados e, em seguida, os estudantes responderam por escrito a perguntas sobre sua relação com Porto Alegre.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados indicam que Porto Alegre aparece no imaginário dos estudantes como espaço de sentimentos ambíguos: ao mesmo tempo local de pertencimento e afeto, e também de repulsa e angústia. O vínculo afetivo com a cidade raramente é descrito em termos da materialidade urbana, o que os estudantes expressam é o amor pela cidade como suporte das relações que nela se constituíram: amizades, família e memórias de infância. Ao serem perguntados sobre lugares significativos, metade citou pontos turísticos reconhecidos (Orla do Guaíba, Beira-Rio, Parque da Redenção), enquanto a outra metade indicou espaços invisíveis: terreiros, praças anônimas, bairros periféricos e cafeterias de bairro. A enchente de maio de 2024 emergiu como o acontecimento mais marcante: 24 dos 33 estudantes a escolheram, revelando-a como fantasma urbano (Silva, 2001) que reconfigurou permanentemente o imaginário coletivo da cidade. A Porto Alegre ideal imaginada pelos estudantes é uma cidade onde direitos básicos funcionam: transporte digno, segurança, limpeza e igualdade social

CONSIDERAÇÕES

As Cidades Invisíveis de Calvino revelou-se um dispositivo didático potente ao provocar reflexões sobre a vida nas cidades e criou condições para que os estudantes falassem da cidade real em que vivem, tornando visíveis imaginários que raramente ganham voz no espaço escolar. A enchente de 2024 emerge como elemento transversal e inesperado da pesquisa, revelando como um acontecimento traumático e marcante reconfigurou permanentemente a relação desses jovens com Porto Alegre. A cidade ideal imaginada pelos estudantes é, fundamentalmente, uma cidade mais justa, dado politicamente significativo sobre as condições de vida de jovens de escola pública em uma metrópole brasileira.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 11-23, 2007.
SILVA, Armando. **Imaginários urbanos.** São Paulo: Perspectiva, 2001.
TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar.** São Paulo: Difel, 1983.

Relatos de Experiência: O conhecimento geográfico nas oficinas da Operação Pé Vermelho

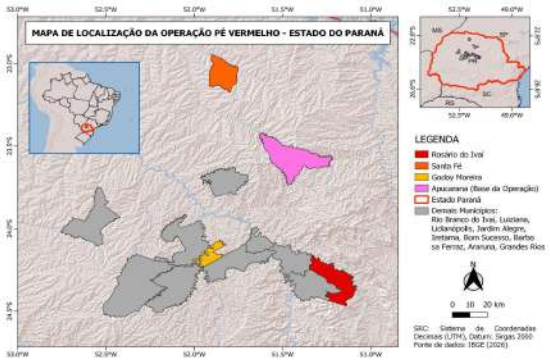
XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Fernanda Camile Hentges; José Roberto Soares de Melo; Aline Grisol
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE; Universidade Federal do Amazonas - UFAM; Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a extensão universitária, compreendida como a busca em articular universidade e sociedade (BORGES et al., 2021), e a educação geográfica como um conjunto de conhecimentos e caminhos para pensar a espacialidade dos sujeitos (CALLAI; MORAES, 2018), este trabalho tem como alicerce a discussão acerca da contribuição geográfica para o desenvolvimento do pensamento crítico e consciente em relação à cidadania e às territorialidades das comunidades atendidas pelas oficinas propostas durante o Projeto Rondon - Operação Pé Vermelho.

Mapa 1 – Área de estudo



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Fluxograma 1 – Objetivos e Metodologias



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A oficina **Desastres Naturais (A)** teve como objetivo capacitar gestores públicos e também a comunidade para compreender, prevenir e agir em situações de desastres. Por meio do diagnóstico participativo, os participantes identificaram os principais eventos ocorridos na cidade e os seus respectivos anos, com destaque para alagamentos, vendavais e chuvas intensas. A partir da análise, foram abordadas medidas de monitoramento e proteção dos mesmos, fortalecendo a educação geográfica como instrumento de prevenção e proteção comunitária em uma troca de aprendizagem colaborativa.

As aulas da oficina **Capacitação de Guias Turísticos (B)** buscou promover a formação da população e dos servidores municipais para o desenvolvimento dos potenciais turísticos a serem explorados no município, com ênfase nas suas características geográficas e identitárias.

A oficina **Tinta Solo (C)**, realizada com estudantes de 6 a 14 anos na Escola OiKía do Cidadão do Amanhã (EOCA), teve como finalidade estimular as habilidades de observação e síntese de elementos do meio geográfico por meio da pintura com tinta solo, buscando representações da percepção dos participantes sobre seu território, resultando no engajamento e na curiosidade pelo processo de produção da tinta e na ampliação da compreensão sobre os diferentes usos da terra.

Figura 1 - Oficinas extensionistas: (A) Desastres Naturais; (B) Capacitação de Guias Turísticos; (C) Tinta Solo.



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2026).

CONSIDERAÇÕES

A partir das atividades relatadas, conclui-se a pertinência do saber geográfico nas ações extensionistas, especialmente no Projeto Rondon que busca suprir as demandas das comunidades atendidas. A Geografia, por analisar o espaço como fruto da interação sociedade e natureza, possui caráter holístico (SANTOS, 1996), sendo, portanto, essencial no contexto da extensão universitária.

REFERÊNCIAS

BORGES, G. Diogo et al. Extensão universitária e Projeto Rondon: o papel da universidade no desenvolvimento social. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, 2021.
CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria de. Educação geográfica, cidadania e cidade. **Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 12, n. 30, p. 1-15, 2018.
SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 1996.

Entre jogo e conhecimento: o bingo geográfico como prática de leitura no ensino de Geografia

Gabriel Bruno Pereira; Alícia Ribeiro de Moraes; Paulo Vinicius de Jesus Frederico
Instituto Federal de Rondônia, Campus Cacoal

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia requer metodologias que favoreçam a participação dos estudantes e a compreensão dos conceitos geográficos. Nesse contexto, os jogos pedagógicos constituem importantes recursos didáticos, pois promovem a interação e a aprendizagem significativa (KISHIMOTO, 2011; AUSUBEL, 2003). Assim, este trabalho apresenta um relato de experiência sobre a utilização do bingo geográfico como estratégia de revisão de conteúdos em uma turma do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), Campus Cacoal, durante as atividades do PIBID.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho teve como objetivo analisar o uso do bingo geográfico como estratégia lúdica para revisar conteúdos e estimular a leitura e a compreensão de conceitos na disciplina de Geografia. A atividade foi realizada com alunos do 1º ano do Ensino Médio do IFRO, Campus Cacoal, durante o segundo bimestre de 2025. Foram elaboradas cartelas contendo termos geográficos previamente estudados e, durante a dinâmica, descrições dos conceitos foram lidas para que os estudantes identificassem o termo correspondente em suas cartelas. A análise da experiência baseou-se na observação da participação, do engajamento e das interações entre os alunos durante a atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A aplicação do bingo geográfico evidenciou maior participação e envolvimento dos estudantes durante a revisão dos conteúdos. A dinâmica estimulou a leitura das definições, a interpretação dos conceitos e a associação entre os conhecimentos previamente trabalhados em sala de aula, tornando o processo de aprendizagem mais interativo.

Além de favorecer a revisão dos conteúdos, a atividade permitiu identificar conceitos já consolidados e aqueles que ainda necessitavam de retomada, constituindo-se também como um instrumento de avaliação formativa. Esses resultados corroboram Kishimoto (2011), ao destacar o potencial dos jogos pedagógicos para promover a participação ativa dos estudantes, e dialogam com Ausubel (2003), ao evidenciarem a construção da aprendizagem significativa a partir dos conhecimentos prévios. Sob a perspectiva de Freire (1989), a prática também reforça a importância de metodologias que valorizem o protagonismo discente na construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES

A experiência evidenciou que o bingo geográfico contribuiu para a revisão dos conteúdos, estimulando a participação, a leitura e a interpretação dos conceitos pelos estudantes. Além de favorecer a aprendizagem, a atividade possibilitou ao professor identificar dificuldades da turma e refletir sobre novas estratégias de ensino. Assim, os jogos pedagógicos mostram-se recursos relevantes para o ensino de Geografia, especialmente quando articulados aos objetivos de aprendizagem e fundamentados em referenciais teóricos.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2011.

Cartas Pedagógicas como análise do contexto social docente na Geografia

Giovanna Soares
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como propósito dar voz aos silêncios, tomando as Cartas Pedagógicas como ponto de partida. Parte-se da ideia de que esse recurso metodológico pode servir como ferramenta de análise do contexto social de quem escreve, já que envolve pessoalidade e sensibilidade nos processos de escrita e leitura, considerando sempre a presença de remetente(s) e destinatário(s). As Cartas Pedagógicas possibilitam a construção intencional de uma Pedagogia Latino-americana, constituída a partir de experiências e reflexões sustentadas pelo pensamento crítico (DICKMANN; PAULO, 2020).

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A proposta é que grupos minoritários encontrem nesse instrumento um espaço para dialogar sobre suas realidades, vivências, desafios e cotidiano, atendendo ao papel pedagógico desse tipo de escrita e reconhecendo que as posições ocupadas na sociedade são também políticas. As Cartas Pedagógicas favorecem um diálogo crítico e provocador, entendido como fundamental para a construção coletiva do conhecimento, atravessado por processos de reflexão, interação e problematização (PAULO, 2023). A investigação se orienta pela questão: "Como é ser professor/professora de geografia hoje?", buscando compreender os significados, valores e simbolismos que atravessam essa identidade na docência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As narrativas produzidas por meio das Cartas Pedagógicas podem indicar medos, desafios, dificuldades, mas também potências e aspectos positivos relacionados à atuação docente, às relações com colegas, estudantes e ao ambiente escolar. Em contextos educacionais onde a diversidade sexual é tomada como foco, o debate se torna ainda mais político, e esse instrumento contribui para a compreensão das demandas e especificidades desse grupo. Assim, as Cartas Pedagógicas assumem a função de promover o diálogo e de se constituírem como forma de expressão do mundo (DICKMANN, 2020). Estudos de Fernanda dos Santos Paulo (2023) apontam que há material suficiente para o desenvolvimento de pesquisas que utilizem as Cartas Pedagógicas como metodologia, destacando seu caráter inovador, especialmente em cursos de Mestrado e Doutorado na área da educação. Nesse sentido, o estudo se projeta para um futuro ingresso em um Programa de Pós-Graduação em Educação acerca das Cartas Pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES

O interesse por essa temática surgiu em 2025, durante a realização dos estágios obrigatórios no Ensino Fundamental (6º ano, Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Wanda Rocha Martins - Rio Grande/RS) e no Ensino Médio (1º ano, Colégio Lemos Junior - Rio Grande/RS). Ao longo da formação na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), foram realizadas atividades com Cartas Pedagógicas como forma de registrar experiências de estágio, o que possibilitou uma reflexão aprofundada sobre a docência e sobre minha posição política no mundo enquanto mulher lésbica que não performa feminilidade.

REFERÊNCIAS

DICKMANN, Ivanio. As dez características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (Org.). Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

MORAES, Ana Cristina de; PAIVA, Darlan Lima. Cartas Pedagógicas: reflexões de docentes da educação básica e superior. Fortaleza: EdUECE, 2018.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. Cartas pedagógicas: registro e memória na Educação Popular. In: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (organizadores). Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

PAULO, Fernanda dos Santos. Cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. Revista Internacional de Educação Superior, 2023, vol.9. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2446-94242023000100301 Acesso em: 25 mar. 2026.

SOLIGO, Rosaura. Cartas pedagógicas sobre a docência. São Paulo: GFK, 2015

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA PERSPECTIVA DO ESTUDANTE CEGO

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Mestranda: Gleice Kellym Cavalheiro
Orientadora: Dra. Mafalda Nesi Francischett
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus Francisco Beltrão - UNIOESTE

INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda o contexto e a importância do ensino de Geografia para a formação cidadã dos estudantes cegos. Principalmente diante da presença cada vez mais acentuada de estudantes com deficiência visual, na educação básica regular. Para tanto se torna necessária adaptação de metodologias e de recursos didáticos para o acesso ao conteúdo e, consequentemente ao conhecimento e à formação desses sujeitos.

Cavalvanti (1999) defende que o ensino de Geografia vai além da transmissão de conteúdos, porque propicia a formação cidadã ao estudante, ao participar da produção do saber, ao questionar, refletir e reinterpretar o que aprende. A Geografia auxilia à pensar criticamente o mundo das vivências.

Porém de acordo com Barbosa e Silva (2024), a inclusão vai além do fornecimento de recursos, materiais e requer adaptação das práticas educacionais e da formação dos professores. Sendo assim, a formação, seja ela inicial ou continuada, é fundamental, para capacitar para trabalhar com a diversidade. Logo, estes desafios e limites podem prejudicar a participação efetiva dos estudantes com deficiência.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo da pesquisa é trazer informações e dados que permitam explicitar a abrangência das pesquisas sobre o ensino de Geografia, para estudantes cegos e os impactos para as práticas pedagógicas, no processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa parte do levantamento de dissertações e teses no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, conduzida com base no levantamento das categorias apresentadas pela análise do conteúdo, em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, conforme Bardin. A avaliação com os resultados envolve a organização do material coletado, leitura e análise das questões que orientam pesquisas sobre a realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, (2019 – 2025) foram encontradas 6 dissertações e 4 teses, a partir dos seguintes descritores: a) ensino de Geografia e inclusão de cegos; b) metodologia de ensino de Geografia para cegos; c) ensino de Geografia para estudantes com Deficiência Visual; e, d) Geografia para cegos.

Mapas táteis, como metodologia e recursos pedagógicos ficou em evidência em todos os trabalhos, que contribui significativamente para a aprendizagem dos estudantes cegos. Além disso, a mediação do professor, conforme discutido por Vygotsky (2007), é fundamental nesse processo, sendo um dos autores mais citados nos trabalhos. No entanto, foram identificadas dificuldades, como a falta de materiais acessíveis e de formação adequada dos professores. As pesquisas mostraram avanço significativo nas discussões sobre o ensino de Geografia para estudantes cegos, com destaque para o uso da cartografia tátil e das linguagens sensoriais. No entanto, ainda apresentam desafios que precisam ser superados, como a formação inicial ou continuada, como obstáculos que precisam ser superados.

CONSIDERAÇÕES

A Geografia se torna relevante para estudantes cegos quando mediada por metodologias inclusivas. Por isso, o ensino de Geografia, quando desenvolvido de forma inclusiva, crítica e mediada por recursos adequados, contribui significativamente para a formação cidadã dos estudantes cegos; pois possibilita que à eles compreender, interpretar e atuar no espaço de maneira autônoma e participativa. Entretanto, para que isso se concretize é fundamental superar os desafios existentes, com avanços na metodologia de ensino e na utilização de práticas inclusivas no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ayrton Madruga; SILVA, Gisely Guimarães da. **CONHECER PARA INCLUIR**: a importância da inclusão de alunos com baixa visão no ensino de geografia. Revista Nova Paideia , v. 6, n. 3, p. 142–153, 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A cidadania, o direito a cidade e a geografia escolar** - Elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), São Paulo, Brasil, v.3, n.1, p.41–55, 1999, 0892, geousp, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VÍDEO-DOCUMENTÁRIOS E ESCALA 6X1 EM MARINGÁ (PR), UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID-GEOGRAFIA.

Guilherme Augusto Macedo da Silva, Beatriz de Souza Ramalho, Leticia dos Santos Conelheiro, Márcio Reis Tavares
Orientado por: Maria das Graças de Lima.
Universidade Estadual de Maringá - UEM; SEED-PR.

INTRODUÇÃO

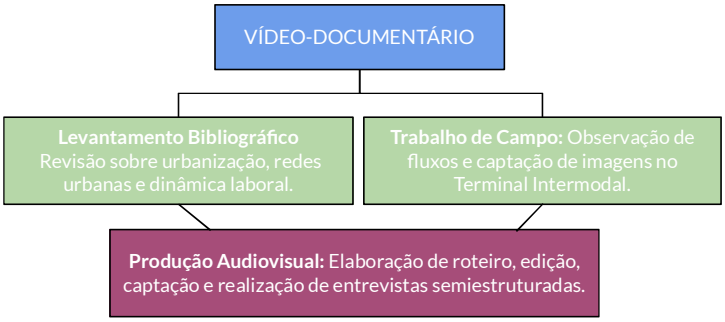
A experiência descrita surgiu de atividades do PIBID, subprojeto de Geografia da UEM, focadas na análise da dinâmica pendular e dos impactos da escala 6x1 na Região Imediata de Maringá (PR). Tendo o Terminal Urbano Intermodal como recorte espacial, a iniciativa resultou na produção de um vídeo-documentário para uso didático em sala de aula que, segundo Lima (2007), favorece a participação e aprendizagem escolar.



Figura 01: Mapa de Localização da Pesquisa.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo foi compreender a dependência de Maringá em relação à mão de obra regional e as implicações da jornada 6x1 na qualidade de vida dos sujeitos, através dos vídeos-documentários (Lima, 2010). O percurso metodológico consistiu em:



RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistas e o trabalho de campo evidenciaram uma série de fatores que compõem a dinâmica do trabalho em Maringá:

- **Dependência Regional de Mão de Obra:** Constatou-se que a dinâmica produtiva de Maringá é sustentada por trabalhadores residentes em municípios da região imediata, como Sarandi, Paiçandu, Marialva e Mandaguari.
- **Escala 6x1 e Educação:** Relato de trabalhador (açougueiro) evidenciou o impedimento de cursar o ensino superior devido à exaustão física da jornada e à escassez de horários compatíveis.
- **Desigualdade de Gênero:** Observou-se um forte contraste na ocupação do tempo livre; enquanto homens utilizam a folga para o lazer, as mulheres enfrentam a **dupla jornada**, acumulando serviços domésticos e cuidados familiares.
- **Logística e Transporte Urbano:** Foram registrados relatos de até 4 horas diárias gastas no trajeto intermunicipal, agravados pela falta de horários nas linhas de transporte para suprir a demanda da classe trabalhadora.
- **Contraste Laboral:** A jornada 5x2 foi apontada pelos entrevistados como um modelo fundamental para a preservação do lazer, do autocuidado e do convívio familiar.

CONSIDERAÇÕES

Em suma, os depoimentos coletados, evidenciam as implicações da jornada de trabalho na qualidade de vida dos trabalhadores, bem como os contrastes de gênero e a dependência de grandes polos da mão de obra advinda das cidades do entorno, e o recurso escolhido como sítense final, se mostra eficaz na compreensão destas problemáticas.

REFERÊNCIAS

LIMA, Marias das Graças de. Ensino de Geografia e a Produção de Videodocumentário. *In:* Passini, Elza Yasuko. **Práticas de Ensino de Geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 132-142.

Envolver-se: a prática extensionista como dinamizadora da pesquisa e do ensino

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Débora Steffen e Guilherme de Abreu Machado. Orientação: Ana Maria Hoepers Preve
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

INTRODUÇÃO

Este trabalho fala das nossas experiências nas formações "Envolver-se: estilo de ver e fazer educação ambiental", realizadas em 2025 no âmbito do Programa de Extensão Bicho Geográfico, vinculado ao Núcleo de Estudos Ambientais (NEA), ao grupo de pesquisa ATLAS e relacionado ao projeto "Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias". As ações ocorreram em articulação entre a FAED/UDESC e o Centro de Visitantes do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST), envolvendo pesquisadores, estudantes, educadores ambientais, comunidade e demais participantes das formações.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é apresentar nossas experiências nas formações "Envolver-se", que funcionam como modos de fazer que escapam das lógicas prescritivas e informacionais da educação ambiental. Com a metodologia das cartografias intensivas em educação (Preve, 2010), acompanhamos as formações e elas acompanharam nossas pesquisas, fazendo aberturas para uma prática em educação ambiental mais aliancista e menos prescritiva, buscando o envolvimento com a terra (Krenak, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As formações "Envolver-se" evidenciaram a potência da extensão universitária como prática que dinamiza a pesquisa e o ensino ao produzir encontros entre universidade, unidade de conservação, educadores ambientais e pesquisas em andamento. Os encontros favorecem processos de composição entre sujeitos humanos e mais que humanos, temas de pesquisa e a terra, deslocando a educação ambiental dos jargões sobre reciclagem e sustentabilidade que não dão conta das crises climáticas e ambientais atuais, daquilo que Preve e Correa (2013) chamam de ecologia de rebanho. Nesse sentido, as experiências com o parque funcionam como um desvio desta lógica, um espaço de criação de vínculos e de aberturas a outros modos de fazer pesquisa e pensar a formação de educadores.

Buscamos dialogar com a crítica de Preve e Corrêa (2007) a lógica informacional da educação, uma vez que as formações não se organizaram pela simples transmissão de saberes, mas pela criação de situações em que pensar e pesquisar implica deixar-se afetar pelo que emerge nos encontros, sem reafirmar um educador-pesquisador que prescreva e informe, o 'Envolver-se' colocou em evidência a produção coletiva de experiências e sociabilidades que deslocam o ensino e a pesquisa para um campo mais relacional, processual e inventivo. Aqui, importa evidenciar uma ciência dos encontros, que escape de hierarquizações como 'sujeito e objeto' 'cultura e natureza', 'saber e conhecimento', que opera pelas frestas e interstícios dos currículos, fazendo "vazar" o que podemos chamar de "efeitos anarquizantes na pesquisa". (Corrêa, p. 186, 2006).

Nos encontros realizados ao longo dessas formações, os temas atravessaram: trilhas interpretativas, roda de energia e etnobotânica dos sentidos, pedagogias do sangue, exibição do audiovisual "corpo-trilha", corpo-pensamento e as pequenas perguntas, encontro com os micélios e a questão das pesquisas, encontro com as águas e o olhar o mundo com o corpo todo e conversa sobre os trabalhos de conclusão de curso no PAEST. As pesquisas, propositalmente pensadas de modo aberto, podiam se apresentar e entrar em composição umas com as outras, com o dia a dia de uma unidade de conservação e sua equipe, a comunidade e com vidas mais que humanas.

As atividades aconteceram quase sempre aos sábados, a proposta era passar o dia no Parque, com atividades criadas para provocar envolvimentos, pela manhã e à tarde e aberta à comunidade. Cada evento-acontecimento, ofereceu tentativas, movimentos, ideias e práticas, instigando a produção de uma educação ambiental que escapa do campo da reprodução e se abre ao desconhecido, ao intensivo. Escapar de ideias prontas exige prática de fazer junto, aqui, fazer junto é estar atento ao que se passa nos encontros, ao detalhes, que tanto nos importam, pois vinculam seres reais a responsa-habilidades reais (Haraway, 2023) nos ajudam a seguir perguntando, abrindo novas questões nos trabalhos em curso.

CONSIDERAÇÕES

Pensar a educação ambiental como uma prática cosmopolítica de convergência com a vida em sua multiplicidade, é uma alternativa frente ao que Krenak(2023) chama de "crise de percepção", quando se refere a experiência de existência que separa o humano das vidas mais que humanas, é desta experiência de (des)envolvimento que surge a indiferença. Interessa aqui praticar o inverso, sucessivas tentativas de envolvimento, de fazer uma ciência com a terra e não sobre ela.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Guilherme Carlos. Educação, comunicação, anarquia: procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo; Cortez, 2006.
HARAWAY, Donna. Ficar com o Problema: Parentescos na Chthuluceno. Traduzido por Ana Luiza Braga, São Paulo: n-1 edições, 2023.
KRENAK, Ailton. Um rio um pássaro / Ailton Krenak; pintura da capa Tihuana Yaira Yanomami; tradução Yoshihiro Odo. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023.
PREVE, Ana Maria Hoepers; CORRÊA, Guilherme Carlos Ecologia de rebanho. In: PREVE, A. M. H.; CORRÊA, G. (Org.). Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2007.
PREVE, Ana Maria Hoepers. Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação. 2010. 268 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1613709. Acesso em: 20 maio. 2026.

OFICINA PEDAGÓGICA: práticas educativas e contribuições do Estágio Supervisionado

Ione Pereira Santana
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - CAMPUS IV

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é um momento muito importante na formação acadêmica, pois permite ao estudante aproximar a teoria da prática e compreender melhor a realidade da profissão. Além disso, proporciona experiências que contribuem para o desenvolvimento de habilidades profissionais, sociais e pedagógicas.
Durante o período de estágio, foi desenvolvida uma oficina pedagógica com o objetivo de promover atividades educativas voltadas para a participação, interação e construção do conhecimento dos envolvidos. A oficina possibilitou a aplicação de metodologias dinâmicas e práticas, favorecendo o aprendizado de forma significativa.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Tendo como objetivo geral desenvolver oficinas pedagógicas durante o estágio supervisionado, promovendo atividades educativas que contribuam para o processo de aprendizagem, interação e participação dos envolvidos.
Durante o estágio supervisionado, foi realizada uma oficina pedagógica com atividades voltadas para o desenvolvimento da aprendizagem de maneira participativa e dinâmica. As atividades foram planejadas de acordo com a realidade dos participantes, buscando incentivar a interação, a criatividade e o trabalho em equipe.
A oficina contou com momentos de diálogo, atividades práticas, dinâmicas e orientações, permitindo maior participação dos envolvidos no processo educativo. Além disso, houve acompanhamento e observação das reações e dificuldades apresentadas pelos participantes, possibilitando adaptações nas estratégias utilizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Paulo Freire (1996), a prática educativa deve ser construída por meio da reflexão e da participação ativa dos sujeitos no processo de aprendizagem. Nesse sentido, a oficina pedagógica representou um importante instrumento de intervenção e aprendizado.
Além disso, conforme destacam Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2012), o estágio supervisionado vai além da observação, sendo um espaço de construção de experiências e produção de conhecimento por meio da prática pedagógica.
A experiência proporcionou a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos durante o curso, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, responsabilidade e segurança na atuação pedagógica.
Além disso, a experiência permitiu compreender a importância do planejamento e da utilização de metodologias participativas no processo de ensino-aprendizagem. Também contribuiu para o desenvolvimento de competências como comunicação, organização, criatividade e resolução de problemas.

CONSIDERAÇÕES

A oficina pedagógica desenvolvida durante o estágio supervisionado foi uma experiência significativa para a formação acadêmica e profissional. Por meio dela, foi possível aplicar conhecimentos teóricos na prática, desenvolver habilidades pedagógicas e compreender melhor os desafios presentes no contexto educacional.
Além de contribuir para o aprendizado dos participantes, a experiência favoreceu o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da capacidade de atuação profissional. Assim, a oficina pedagógica mostrou-se uma importante ferramenta de ensino e aprendizagem, fortalecendo a relação entre teoria e prática no processo formativo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2012.
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2017.

Clima, cidade e educação: o Sky View Factor como mediação na leitura socioambiental do espaço urbano.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Izabela Scremin, Elaine de Cacia de Lima Frick.
Universidade Federal do Paraná - UFPR

INTRODUÇÃO

Para além das abordagens segregacionistas e das perdas de conteúdos críticos decorrentes da Lei n.º 14.945/2024, que redefiniu as diretrizes do Ensino Médio e reforçou a lógica inaugurada pela BNCC (2017), observa-se uma redução significativa da Geografia nos currículos escolares, sobretudo no âmbito da Geografia Física. Segundo Gonçalves (2023), a centralidade conferida a habilidades e competências tem contribuído para a diluição de conteúdos geográficos específicos, especialmente os relacionados à climatologia. Nesse contexto, torna-se imprescindível uma luta epistemológica e política pela reintegração sistemática desses conteúdos, em contraposição ao desmantelamento educacional em curso. Tal movimento reafirma a dimensão humanista da Geografia, concordando com Sant'Anna Neto (2008) ao reconhecer a indissociabilidade entre clima e espaço geográfico, buscando superar a dicotomia natureza-sociedade por meio de uma abordagem mais holística.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O guia didático elaborado, enquanto instrumento para a leitura crítica do campo termodinâmico urbano, busca tornar visíveis os microclimas e suas assimetrias, frequentemente negligenciados no cotidiano. Nessa perspectiva, as ilhas de calor são compreendidas não como anomalias naturais, mas como expressões materiais das desigualdades produzidas pela própria organização da cidade. As atividades foram desenvolvidas com estudantes da 1ª série do Ensino Médio, em Curitiba-PR, a partir da metodologia de pré-campo, campo e pós-campo (Paz e Frick, 2018). Ao longo do percurso investigativo, os(as) estudantes analisaram imagens hemisféricas, dados de SVF e características da paisagem urbana, relacionando conforto térmico, verticalização, circulação de ventos, presença de vegetação e desigualdades socioambientais



Figura 2 - Guia didático.
Fonte: A autora (2025)

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Nesse sentido, visando uma melhor compreensão prática da Geografia Climática, propõe-se a integração entre o Sistema Clima Urbano de Monteiro (1976; 1980), a Educação Ambiental crítica (Loureiro, 2014) e a Geografia do Cotidiano (Paz e Frick, 2018). Como eixo articulador, utiliza-se o Sky View Factor (SVF), aplicado à climatologia urbana, para a elaboração de um guia didático voltado ao estudo das ilhas de calor a partir das dinâmicas socioambientais vivenciadas pelos estudantes. Concebido como Recurso Educacional Aberto (REA), o material apresenta sete seções com fundamentos conceituais, tutoriais técnicos e propostas de atividades adaptáveis a diferentes contextos escolares.

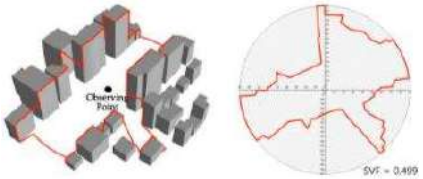


Figura 1: Gráfico de horizonte e cálculo do fator de visão do céu no ArcGIS. Fonte: Park (2017)

CONSIDERAÇÕES

Como destaca Flusser (2011, p. 23), "imagens são mediações entre o homem e o mundo". A partir da utilização do SVF, rompe-se a lógica da invisibilidade dos elementos e fatores climáticos nos livros didáticos, tradicionalmente limitados à exibição de gráficos e mapas genéricos, articulado uma linguagem potente para o ensino: a do sensível. Nesse caso, as imagens não são apenas ilustrações, mas dispositivos investigativos da percepção socioespacial; Além disso, alinha-se a produção de conhecimento climatológico às dinâmicas contemporâneas do mundo digital, sem reduzir o processo educativo a uma lógica tecnicista-abstrata, mas como possibilidade de incorporar ferramentas acessíveis à prática pedagógica cidadã. Assim, educar eticamente para a geograficidade é conscientizar a partir do território vivido e naquilo que dele se pode ver: o céu.

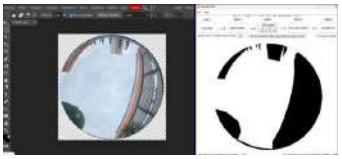


Figura 43- Cálculo e processamento do FVC na Rua Ângelo Sampaio.
Fonte: A autora (2025)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 14.926, de 17 de julho de 2024. Altera a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, para assegurar atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais no âmbito da Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14926.htm . Acesso em: 23 maio de 2026.
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 23 maio de 2026.
GONÇALVES, Juliano. A Geografia Escolar e a reorganização curricular provocada pela reforma do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 13, n. 23, p. 05-20, 2023.
MONTEIRO, C. A. F. Teoria e Clima Urbano. Série Teses e Monografias, n. 25. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.
DE SOUZA PAZ, Otacílio Lopes; DE LIMA FRICK, Elaine de Cacia. Aula de campo como um encaminhamento metodológico no processo de ensino-aprendizagem: aplicações a partir da geografia do cotidiano e do custo zero. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 8, n. 16, p. 242-267, 2018.
LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende (orgs.). Educação ambiental: dialogando com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2014.
FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

A importância do trabalho de campo no ensino de Geografia: a extensão como potência para a valorização dessa ferramenta pedagógica

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Laura D. Lemes; Vinícius C. Centeno; Débora G. Pinheiro; Fábio L. Cunha; Jéssica L. Kirst;
Orientado por: Elisangela de Felippe Rodrigues
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

INTRODUÇÃO

O relato aqui apresentado, refere-se às ações de extensão desenvolvidas no curso de Geografia-Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), localizada no município do Rio Grande (RS), entre 2024 e 2025, a partir da curricularização da extensão (BRASIL, 2018).

A partir do projeto de extensão intitulado "A Educação Ambiental como possibilidade de entrelaçamento entre a Geografia e as comunidades escolares", vinculado às disciplinas do currículo da licenciatura em Geografia, foram propostas atividades em duas escolas da cidade do Rio Grande.

As atividades foram guiadas pela metodologia do Estudo do Meio, que propõe o contato com a realidade do meio o qual será estudado, considerando as comunidades que organizam-se e, além disso, relacionam-se "no" e "com" o meio (Lopes e Pontuschka, 2009). Nesse contexto, foram explorados os processos de constituição dos bairros nos quais as escolas estão inseridas, assim como sua historicidade no processo de constituição e evolução do município do Rio Grande. Assim, utilizou-se da prática pedagógica de Trabalho de Campo nas ações com ambas as escolas.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Este trabalho tem como intuito principal evidenciar a importância do trabalho de campo no ensino de Geografia, a partir das experiências com atividades de extensão desenvolvidas pelos discentes licenciandos em Geografia da FURG.

Os trabalhos de campo realizados com as escolas foram estruturados em dois momentos: primeiramente foram estabelecidos momentos de estudos teóricos com os alunos, como base para a compreensão da realidade do espaço no qual as escolas estão inseridas e que, em um segundo momento, foi objeto de estudo por meio de saídas de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As imersões de trabalho de campo, fundamentadas no Estudo do Meio, e orientadas na complexidade do espaço geográfico do município do Rio Grande, propuseram um diálogo inteligente com o mundo para verificar e produzir novos conhecimentos, tornando o processo ensino-aprendizagem mais significativo, e contribuindo para a construção de um olhar crítico sobre o viver social. Além disso, os momentos de saída de campo oportunizaram aos alunos momentos de autonomia, nos quais foram protagonistas de suas anotações e considerações nos momentos de fala, além da experiência de um ensino de geografia sem as restrições da sala de aula (Figuras 1 e 2).

Figuras 1 e 2: Registros realizados nas saídas de campo.





Fonte: Os autores.

CONSIDERAÇÕES

Ao fim deste relato pode-se compreender o papel fundamental da Extensão para a formação inicial e continuada de professores de Geografia, essencialmente com a valorização e utilização do trabalho de campo como ferramenta e prática pedagógica no ensino de Geografia. Ainda, entende-se a importância das universidades, e sua atuação para com as comunidades as quais ela se relaciona. Assim, os discentes licenciandos em Geografia apresentaram-se como atores importantes, ao trazer à tona discussões sobre práticas pedagógicas, pertencimento aos lugares e relações de comunidade, por meio do Estudo do Meio e do pilar da Extensão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014 que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/resolucoes-do-cne/ces/2018/rces007_18.pdf. Acesso em: 1 mar. 2026.

LOPES, Claudivan S. PONTUSCHKA, Nídia N. **Estudo do meio: teoria e prática**. Londrina: Geografia, p. 173-191, v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: http://uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/. Acesso em: 01 mar. 2026.

Pensamento Geográfico e ensino de Geografia: Caminhos da produção acadêmica

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Letícia dos Santos Conelheiro; Orientado por: Prof.ª Dr.ª Tais Pires De Oliveira
Universidade Estadual de Maringá

INTRODUÇÃO

Na atualidade o pensamento geográfico emerge como um conceito central dos estudos sobre a Educação geográfica para a compreensão das práticas de ensino e aprendizagem (Cavalcanti, 2019), sendo que sua presença nas pesquisas assume diferentes sentidos e formas de articulação. Diante disso, este trabalho tem como objetivo investigar como o pensamento geográfico tem sido abordado nas pesquisas no campo do ensino de Geografia. Para isso, foram mapeadas e analisadas teses e dissertações que discutem a temática, produzidas entre os anos de 2015 a 2025.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo do tipo estado da arte em duas bases de dados: a BDTD e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando diferentes combinações de descritores relacionados ao pensamento geográfico e ao ensino de Geografia. Foram selecionadas apenas produções brasileiras dentro do recorte temporal definido e que apresentavam o termo "Pensamento Geográfico" no título. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 26 trabalhos compuseram o corpus da análise, dentre 100 produções inicialmente localizadas. Os estudos foram organizados em cinco categorias: discussão teórica e conceitual, metodologias de ensino, currículo, recursos didáticos e formação docente como o gráfico 1 evidencia.

Gráfico 1 - Número de produções acadêmicas por categoria



Elaboração: Autora (2026)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

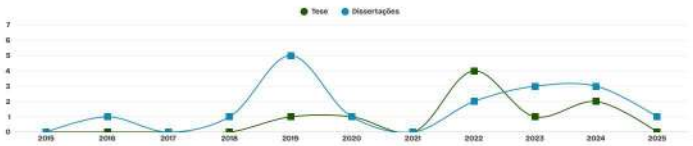
Durante o mapeamento foram identificadas 17 dissertações de mestrado e 9 teses de doutorado, as produções se concentram no centro-oeste brasileiro, sobretudo na Universidade Federal de Goiás conforme mostra o gráfico 2, além das produções tiveram ápices em 2019 e 2022 conforme exibe o gráfico 3.

Gráfico 2 - Universidades e números de produções



Elaboração: Autora (2026)

Gráfico 3 - Teses e dissertações por ano



Elaboração: Autora (2026)

O exame das produções selecionadas, realizado a partir da leitura dos títulos e resumos, identifica que o pensamento geográfico é mobilizado de diferentes formas nas pesquisas de ensino de Geografia, evidenciando pluralidade de enfoques. Diante disso, observa-se que até o ano de 2020, predominam pesquisas voltadas à discussão teórica e conceitual do pensamento geográfico no ensino de Geografia. Após esse período, passam a se destacar estudos que discutem metodologias de ensino e recursos didáticos, buscando demonstrar como podem contribuir para o desenvolvimento do pensamento geográfico nos alunos.

CONSIDERAÇÕES

Esse estudo contribuiu para compreender as principais tendências da produção acadêmica em determinado recorte temporal e espacial, evidenciando tanto os avanços do campo quanto seus pontos de menor desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. Pensar pela Geografia: ensino e relevância social. Goiânia, GO: C&A Alfa Comunicação, 2019.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 41, 2014. Disponível em: periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2317. Acesso em: 29 abr. 2026.

Tecnologia, Geografia e Educação Ambiental: práticas pedagógicas com caixa de areia em realidade aumentada.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Lucas Souza Fonseca(UFJF), Vinícius de Lima Vieira (UFJF), Maria Eduarda de Faria Lopes Roque da Silva(UFJF) e Nicollas Ferreira Lopes(UFJF)
Orientador: Emerson de Oliveira Muniz(IF Sudeste MG / Campus Juiz de Fora)

INTRODUÇÃO

O projeto surgiu a partir da necessidade de desenvolver metodologias de ensino mais dinâmicas, interativas e multidisciplinares, capazes de aproximar os conteúdos científicos da realidade dos estudantes. Nesse contexto, a pesquisa buscou explorar o potencial pedagógico da caixa de representação hipsométrico-pluvial em realidade aumentada, destacando principalmente a elaboração de materiais didáticos voltados ao uso da ferramenta em sala de aula.

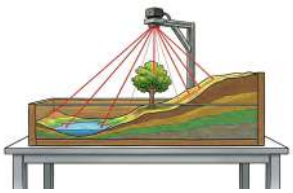
OBJETIVOS E METODOLOGIA

O principal objetivo do trabalho foi produzir propostas metodológicas e materiais didáticos que auxiliassem professores na utilização da caixa de areia em diferentes disciplinas e níveis de ensino, buscando promover a compreensão de conceitos básicos de hipsometria, curvas de nível, declividade, bacias hidrográficas e dinâmica das águas superficiais, bem como incentivar práticas interdisciplinares envolvendo a Geografia e a educação ambiental.

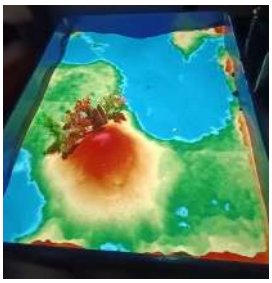
A metodologia adotada baseou-se em:

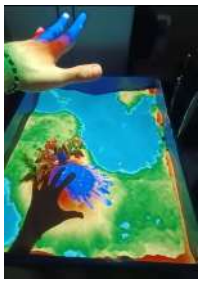
- Reuniões e estudos sobre a caixa.
- Revisões bibliográficas e consultas de metodologias.
- Elaboração de atividades práticas envolvendo manipulação da areia.
- Testar e colher avaliações das atividades.

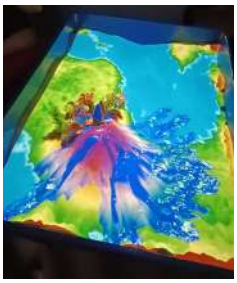
Ilustração da interação do Infra-vermelho com objetos presentes na caixa.



Simulação de Atividade







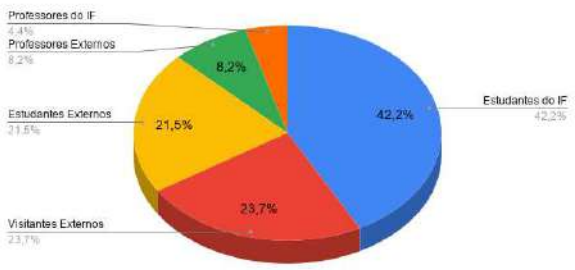
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram desenvolvidas as seguintes atividades:

- Compreender a dinâmica de bacias hidrográficas.
- Analisar o risco do rompimento de barragens.
- Relativizar a importância da vegetação para taludes.

Para avaliar o desempenho das atividades propostas, realizou-se uma pesquisa quantitativa com participantes do simpósio de ensino, pesquisa e extensão (VII Simepe), em janeiro de 2025, aberto ao público e realizado no Campus Juiz de Fora, do IF Sudeste MG. Durante o evento a caixa foi apresentada aos participantes que puderam interagir e testar algumas atividades. Após a interação, foram submetidos formulários de avaliação, contabilizando ao todo 135 formulários, que avaliavam uma nota de 1 a 5 para a experiência vivenciada.

Público Entrevistado



Resultado da Avaliação

Avaliação	Resultado
Nota 1	0
Nota 2	0
Nota 3	2
Nota 4	2
Nota 5	131

CONSIDERAÇÕES

Pretende-se evoluir o projeto para um manual de uso e construção, pois os resultados evidenciam a receptividade positiva das atividades propostas e reforçam o potencial didático da caixa de areia, capaz de estimular o interesse, a participação ativa e a compreensão de conteúdos relacionados às ciências da natureza e humanas.

REFERÊNCIAS

DOMINGOS, Arthur A. M. et al. **Ensinando dentro (e fora) da caixa**. In: SIMPÓSIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 7., 2025, Juiz de Fora. **Anais** [...]. Juiz de Fora: IF Sudeste MG, 2025. 1 banner.

ENTRE A EXPERIÊNCIA E A APRENDIZAGEM: RELATO DO PLANETÁRIO COMO ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO NO CENTRO DE CIÊNCIAS DA UFJF

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Lucas Vinícius Faustino Sbano
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

INTRODUÇÃO

Contextualização: A proposta deste trabalho surgiu a partir de uma experiência docente em uma turma de 6º ano, na qual um estudante relatou compreender conteúdos de Astronomia e orientação espacial após visitar o planetário do Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A situação evidenciou como os espaços não formais de educação contribuem para a aprendizagem e permanecem na memória dos estudantes, auxiliando na compreensão de conteúdos frequentemente apresentados de forma abstrata no ambiente escolar (MARANDINO, 2008). Nesse contexto, o planetário atua como um importante espaço de divulgação científica e apoio ao ensino de Astronomia e Geografia, no qual a aprendizagem ocorre por meio da interação, observação e mediação científica, favorecendo experiências educativas mais dinâmicas, acessíveis e significativas (FREIRE, 1996).

Além de aproximar os estudantes da universidade pública, o espaço estimula a curiosidade científica, o pensamento crítico e a alfabetização científica, permitindo relacionar a Astronomia com debates contemporâneos, como poluição luminosa, antropoceno, negacionismo científico e orientação espacial, ampliando as conexões entre ciência, sociedade e meio ambiente (KYBA et al., 2017).

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral: Analisar como a experiência no planetário contribui para a aprendizagem de conteúdos de Astronomia e Geografia em um espaço não formal de educação.

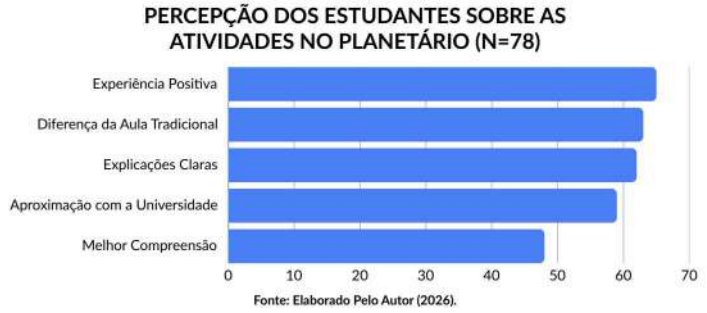
Objetivos Específicos: Compreender a percepção dos estudantes sobre o planetário; Investigar o impacto da experiência imersiva no aprendizado; Refletir sobre a aproximação entre escola, ciência e universidade.

Metodologia:

- Relato de experiência com abordagem qualitativa e apoio quantitativo.
- Participação de 78 estudantes da educação básica de escolas públicas e privadas. Com aplicação de questionários anônimos após as sessões no planetário.
- Análise das respostas e das interações entre estudantes e mediadores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Resultados Quantitativos: A análise dos questionários aplicados resultou nos dados quantitativos apresentados a seguir:



2. Discussões Qualitativas: O planetário proporcionou uma experiência imersiva que despertou curiosidade, participação e interesse dos estudantes pela ciência. A mediação dos bolsistas tornou os conteúdos acessíveis e compreensíveis, enquanto o contato com a universidade fortaleceu o sentimento de pertencimento dos alunos ao espaço acadêmico. Além disso, as atividades contribuíram para o desenvolvimento do pensamento crítico e da alfabetização científica.

CONSIDERAÇÕES

O planetário evidencia o potencial dos espaços não formais de educação na construção de aprendizagens mais significativas, interativas e memoráveis, complementando o ensino escolar tradicional por meio de experiências imersivas que tornam os conteúdos científicos acessíveis, visuais e compreensíveis (MARANDINO, 2008). Assim, a interação, observação e a mediação científica despertam maior interesse nos estudantes pela ciência. Além disso, a atuação dos mediadores contribui para aproximar os alunos da universidade pública, fortalecendo o pertencimento ao espaço acadêmico e ampliando perspectivas em relação ao ensino superior. Assim, o planetário não atua apenas como instrumento de divulgação científica, mas como espaço de formação científica, cultural e cidadã, favorecendo reflexões sobre desinformação, negacionismo científico e questões contemporâneas relacionadas à sociedade, ao meio ambiente e à ciência (FREIRE, 1996; ZUCCHETTO, 2025).

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KYBA, Christopher C. M. et al. Artificially lit surface of Earth at night increasing in radiance and extent. **Science Advances**, Washington, v. 3, n. 11, 22 nov. 2017. DOI: https://doi.org/10.1126/sciadv.1701528.

MARANDINO, Martha (org.). **Educação em museus:** a mediação em exame. São Paulo: Gepec, 2008.

ZUCCHETTO, Júlia. Nosso planeta: a Terra é redonda. **Revista Arco**, Santa Maria, 5 jun. 2025. Disponível em:<https://ufsm.br/r-601-10038>. Acesso em: 12 maio 2026.

Geografia da escuta: encontros e caminhos na formação de uma professora

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Mábilla Rigolon Rezende; Orientado por: Juliana Maddalena Trifílio Dias
Universidade Federal de Juiz de Fora

INTRODUÇÃO

O presente trabalho dedica-se apresentar algumas experiências vivenciadas enquanto bolsista do projeto de extensão "GhEnTE-cidade: encontros em extensão", coordenado pela professora Dra. Juliana Maddalena Trifílio Dias, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. O projeto nasce como uma ação do grupo GhEnTE, cujos estudos acolhem questões que perpassam a educação e a psicanálise, sob o referencial epistemológico da geografia humanista de base psicanalítica, marcado pela discussão dos desdobramentos das obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Assim, nossas ações se sustentam a partir de encontros regulares em uma escola estadual, além de leituras teóricas e reuniões de orientação.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

As reflexões construídas partem de observações realizadas com uma turma do oitavo ano. Ao longo dos meses de trabalho, o olhar esteve direcionado aos laços sociais experienciados entre os alunos, que nos davam notícias pelas palavras e por corpos marcados ora por brincadeiras, ora por agressividades, ora por silêncios.

Nesse sentido, foram aplicadas atividades que possibilitaram uma leitura mais sensível e aprofundada a suas dinâmicas de relacionamento. A aproximação com a turma se deu, inicialmente, por meio de um espaço de diálogo e escuta coletiva através da qual cada aluno se apresentava com suas palavras. Nosso trabalho seguia a partir de suas memórias, imaginações, sentimentos, sensações e afetos em cada atividade semanal. As palavras foram acolhidas através de diferentes linguagens, como desenhos, jogos e rodas de conversa, além disso também eram escutados individualmente pela professora Juliana.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Havia um movimento de elaboração subjetiva em curso, resultando em mudanças graduais nos modos de estar com o outro. A comunicação antes era atravessada por expressões marcadas por agressividade nos corpos e palavras. Aos poucos a palavra também passou a circular entre eles. À medida que as interações se ampliavam, o vínculo com a turma se estreitava, permitindo compreender mais atentamente suas particularidades, interesses, desejos e outros aspectos intrínsecos a suas vivências.

Esse convite ao diálogo reverberou em uma reflexão interna sobre minha própria formação docente: que professora anseio me tornar e como estabelecer um laço de trabalho com meus alunos? Como continuar com a escuta dos alunos e, ao mesmo tempo, trabalhar os conteúdos curriculares?

Este é o caminho teórico-metodológico da Geografia da escuta. Compreender que as experiências que tocam, neste caso, a travessia da adolescência, se relacionam diretamente com a dimensão do processo de ensino-aprendizagem. Um fazer geográfico e docente orientado pela escuta das narrativas dos estudantes envolve respeito e incentivo à produção de conhecimento, da qual eles fazem parte ativamente.

CONSIDERAÇÕES

A trajetória como bolsista do projeto foi atravessada pelo estudo da psicanálise em diálogo com a educação, especialmente a partir da Geografia da escuta, promovendo a articulação entre fundamentação teórica e aplicação empírica. O trabalho favoreceu um olhar atento às complexidades e sutilezas que constituem a prática docente e moldam o cotidiano escolar, contribuindo para uma formação mais atenta e singular.

REFERÊNCIAS

DIAS, Juliana Maddalena Trifílio. **Geografia da escuta: a possibilidade de caminho com as palavras no fazer geográfico**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, 2024.

DIAS, Juliana Maddalena Trifílio. **Lugar geopsíquico: onde a psicanálise e a geografia se encontram.** [S.l.]: C&A Alfa Comunicação, 2022.

Geografia crítica e educação popular: formação docente frente às disputas geopolíticas do capitalismo contemporâneo

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Maria Fernanda Alves Cardoso; Gabriel Gimenes de Estefani
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) – Rio Claro

INTRODUÇÃO

A formação de professores de Geografia constitui dimensão central para a compreensão crítica das desigualdades socioespaciais e das disputas geopolíticas. Paralelamente, a educação popular apresenta-se como importante perspectiva teórico-metodológica para o estabelecimento de práticas pedagógicas comprometidas com a emancipação social, a autonomia dos sujeitos e a leitura crítica do território. Por meio da análise de Freire (1987), compreende-se que a educação deve possibilitar a "leitura do mundo" antes da leitura da palavra, permitindo que os sujeitos compreendam como decisões econômicas e políticas globais afetam o cotidiano local. A expansão do capitalismo e das dinâmicas neoliberais intensifica desigualdades territoriais e formas de dependência econômica, especialmente nos países periféricos. Nesse aspecto a Geografia contribui para compreender o território como espaço produzido por relações de poder e disputas de classe (Santos, 2006; Souza, 2026). A educação popular, articulada à formação docente de Geografia, portanto, possibilita tensionar processos de dominação ideológica e estratégias educativas voltadas à soberania popular e à justiça social, culminando, assim, na emancipação dos estudantes e dos educadores.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho tem como objetivo discutir as relações entre educação popular e formação de professores de Geografia, destacando as potencialidades de práticas pedagógicas críticas para a compreensão das desigualdades territoriais contemporâneas.

Metodologicamente, a pesquisa possui caráter qualitativo e fundamenta-se em revisão bibliográfica de natureza teórico-conceitual, articulando contribuições e mobilizando autores da educação popular, da Geografia crítica e da crítica da economia política.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise evidencia que a educação popular amplia a dimensão política da formação docente ao estimular práticas pedagógicas dialógicas e críticas. Para Freire (1987), a educação deve possibilitar aos sujeitos compreender as estruturas que produzem opressão e desigualdade. O ensino de Geografia constitui importante instrumento para interpretar as disputas geopolíticas que atravessam o território. O capitalismo produz desigualdades espaciais articuladas à expansão do capital em escala mundial, reorganizando continuamente os territórios conforme os interesses da acumulação (Marx, 2011). O território, portanto, constitui instância fundamental da vida social, atravessada por relações de poder e interesses econômicos globais (Santos, 2006). Na formação de professores de Geografia, o estudo do território permite compreender como desigualdades sociais e políticas se materializam espacialmente, favorecendo a leitura crítica da realidade (Cavalcanti, 2012). Nesse cenário, a educação popular atua como prática de resistência frente às dinâmicas neoliberais, ao valorizar saberes cotidianos e estimular processos formativos baseados no diálogo e na construção coletiva do conhecimento (hooks, 2013).

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que a articulação entre educação popular, Geografia crítica e formação docente amplia as possibilidades de construção de práticas educativas voltadas à leitura crítica das disputas geopolíticas contemporâneas. A valorização dos saberes populares e da compreensão territorial das desigualdades fortalece processos de emancipação social e participação política, permitindo pensar a formação de professores de Geografia como dimensão estratégica para compreender criticamente as relações entre território, poder e capitalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. *O ensino de Geografia na escola*. Campinas: Papirus, 2012.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.
SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.
SOUZA, José Gilberto de. *Por uma concepção classista de território*. Rio Claro: IGCE/UNESP, 2026.

Para Além do Quadro: relato de práticas de ensino de Geografia no ensino médio durante o estágio.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Matheus Camargo Longhi; Orientado por: Bruno Nunes Batista
Universidade Federal de Pelotas

INTRODUÇÃO

Contextualização
-Trabalho desenvolvido durante o estágio supervisionado do curso de Geografia da UFPel.
-Práticas em uma escola pública estadual de Pelotas/RS.



Características do Local e dos Sujeitos
- Projeto com turma do Ensino Médio.
-Turma do período noturno.
-Alta infrequência dos estudantes
-Apenas um período semanal

Problema de Pesquisa
-Como desenvolver práticas mais significativas diante dos desafios e limites presentes?



OBJETIVOS E METODOLOGIA

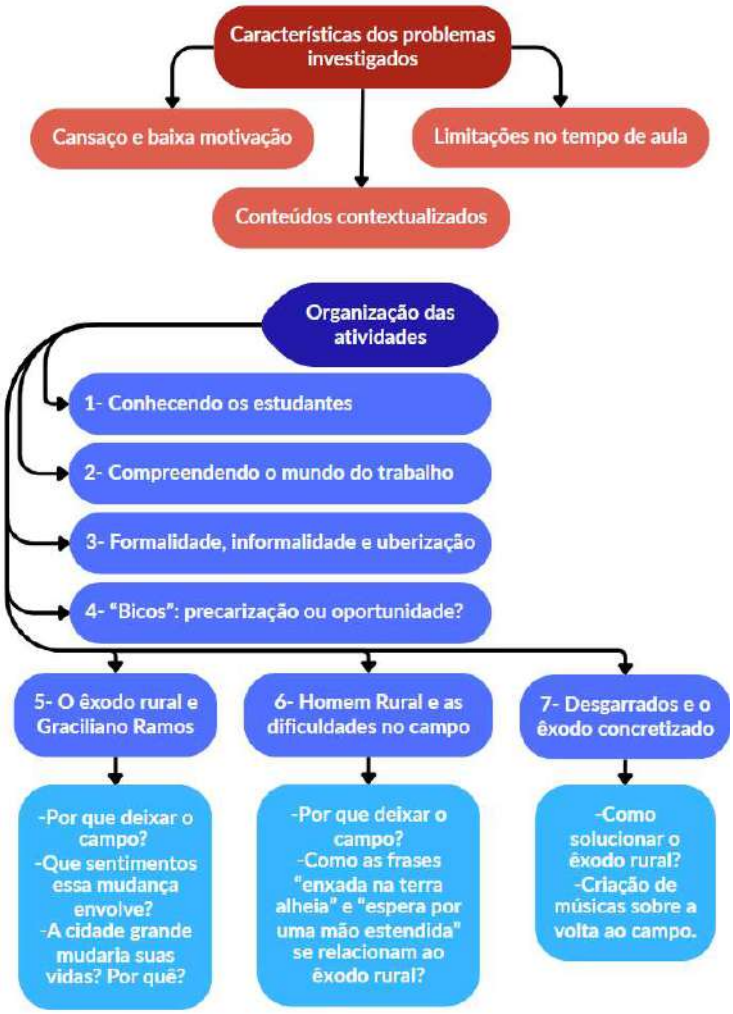
Objetivos

-Relatar a formulação e aplicação de uma proposta de ensino.
-Compartilhar os desafios enfrentados e as estratégias adotadas.
-Demonstrar como recursos como música, literatura e imagens podem contribuir para o ensino de Geografia.

Metodologia



RESULTADOS E DISCUSSÕES



CONSIDERAÇÕES



REFERÊNCIAS

JOSÉ GONÇALVES, Alfredo. Migrações Internas: evoluções e desafios. Dossiê Desenvolvimento Rural, [s. l.], 2001.
BASTOS, Maurício de Campos. Trabalho formal e informal. **Rev. Trib. Reg**, [s. l.], 2004.
SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria (RS), v. 15, n. 3, p. 167-184, set./dez. 2011.

A Geografia em disputa: dualismo e mercantilização da educação – reforma ou deforma?

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Matheus Portela
Programa de Pós-Graduação em Educação UFRGS

INTRODUÇÃO

A Lei nº 13.415/2017 instituiu o Novo Ensino Médio (NEM), reduzindo a Formação Geral Básica (FGB) a 1.800 horas e organizando o currículo por itinerários formativos. Sob a retórica da "flexibilização" e do "protagonismo juvenil", a reforma esvaziou disciplinas fundamentais – incluindo a Geografia – e aprofundou a dualidade estrutural entre formação propedêutica (para elites) e formação técnica/instrumental (para a juventude trabalhadora).

Após forte resistência social, a Lei nº 14.945/2024 (rereforma) aumentou a FGB para 2.400 horas e restaurou disciplinas como Sociologia, Filosofia, Artes e Educação Física. O governo comemora o avanço. Mas a Geografia crítica voltou de fato?

Partindo do materialismo histórico-dialético e da análise documental da implementação no Rio Grande do Sul (2021-2025), este trabalho sustenta que o aumento quantitativo da FGB não supera o dualismo estrutural, nem freia a mercantilização da educação – apenas a reveste de nova roupagem.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo geral

Analisar como a rereforma do Ensino Médio (Lei 14.945/2024) impacta o ensino de Geografia no Rio Grande do Sul, confrontando o discurso oficial.

Objetivos específicos

1) Identificar as permanências da dualidade estrutural após a rereforma.

2) Evidenciar o fetichismo da norma entre a promessa legal e a interdição fiscal (RRF).

3) Analisar as resistências do CPERS-Sindicato

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O governo comemora o aumento da FGB de 1.800h para 2.400h e a volta da Geografia como disciplina obrigatória (Lei 14.945/2024). No entanto, a análise documental da implementação no RS revela três contradições: 1) O Regime de Recuperação Fiscal (RRF) confisca salarialmente a categoria, bem como prejudica a parte estrutural da escola. A lei promete, mas a realidade material interdita (fetichismo da norma). 2) Os itinerários formativos (600h) mantêm-se como "vazio preenchível", ocupado por parcerias público-privadas (Instituto Iungo, Natura, Ayrton Senna, Itaú e Unibanco) que substituem a Geografia crítica por "empreendedorismo territorial" e plataformas de EaD (mercantilização). 3) O DCRS-EM dilui a Geografia em "Ciências Humanas", privilegiando habilidades técnicas em vez da análise de conflitos territoriais. O CPERS resiste, mas ainda sem especificidade sobre a Geografia, faltando dos nossos próprios conselhos de classe uma organização a respeito do assunto.

CONSIDERAÇÕES

O governo comemora o aumento da FGB – mas a análise dialética mostra que em aparência a reestruturação para 2400 horas não resolve a essência:

1) O aumento quantitativo não garante uma Geografia crítica;

2) A luta deve ir além da lei: exigir condições materiais (concurso, infraestrutura, formação crítica) e a revogação completa do modelo de itinerários;

3) A Geografia precisa ser reivindicada como disciplina autônoma, não diluída em "áreas", com conteúdo programático que assegure o raciocínio geográfico e a cidadania territorialmente consciente

REFERÊNCIAS

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro 1. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007.

Geografia Algorítmica e Formação do Cidadão Inteligente

Fundamentos pedagógicos para cidades inteligentes no contexto de Rio Grande à luz do Plano Brasileiro de Inteligência Artificial

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Mickely Teixeira de Souza
Professora Orientadora: Andrea Maio Ortigara
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

INTRODUÇÃO

A intensificação das transformações tecnológicas decorrentes da inteligência artificial, da digitalização urbana e da expansão das plataformas algorítmicas tem produzido novas formas de organização territorial, consolidando o paradigma das **cidades inteligentes.**

Nesse contexto, o **ensino de Geografia** assume papel estratégico na formação de **sujeitos capazes de compreender criticamente os processos espaciais mediados por tecnologias digitais.** O presente trabalho propõe uma reflexão teórica e pedagógica acerca da formação do "cidadão inteligente", conceito ainda pouco explorado na literatura acadêmica brasileira, especialmente na interface entre educação geográfica, cidadania digital e políticas públicas de inteligência artificial.

O **problema da pesquisa** consiste em compreender **como o ensino de Geografia, articulado às tecnologias digitais e aos dados urbanos, pode contribuir para a formação do cidadão inteligente no contexto das Smart Cities.**

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O **objetivo geral** consiste em desenvolver fundamentos teóricos e pedagógicos para a construção do conceito de **"cidadão inteligente",** entendido como **sujeito pedagógico, territorial e algorítmico.** Como **objetivos específicos**, busca-se analisar a **Base Nacional Comum Curricular**, o **Plano Brasileiro de Inteligência Artificial** e demais legislações educacionais contemporâneas relacionadas à **cultura digital, à cidadania e à formação docente;** discutir criticamente o conceito de cidades inteligentes à luz do **planejamento urbano sustentável**; construir referenciais teóricos para o conceito de cidadão inteligente; e propor **práticas pedagógicas aplicáveis ao contexto escolar da educação básica**. A pesquisa possui abordagem qualitativa, caráter exploratório e natureza bibliográfica e documental, fundamentando-se em autores do ensino de Geografia, da educação crítica, da cidadania digital e do urbanismo contemporâneo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultados esperados, pretende-se contribuir para a sistematização teórica do conceito de cidadão inteligente, ampliar o debate sobre **educação geográfica e inteligência artificial na educação básica** e fortalecer práticas pedagógicas críticas voltadas à **leitura do espaço urbano digitalizado**. Defende-se que não existem cidades inteligentes sem cidadãos criticamente preparados para compreender os impactos sociais, territoriais e éticos dos sistemas algorítmicos contemporâneos. Assim, o trabalho busca contribuir para o desenvolvimento de **práticas educativas comprometidas com a democracia, a sustentabilidade urbana e a formação cidadã** no século XXI.

A pesquisa pretende, ainda, subsidiar futuras políticas educacionais municipais voltadas à **integração entre território, tecnologia, participação social, ética digital e inovação pedagógica** na escola.

CONSIDERAÇÕES

O recorte empírico vincula-se ao município de Rio Grande/RS, considerando suas dinâmicas portuárias, desigualdades socioespaciais e potencialidades para **experiências pedagógicas voltadas à análise de dados urbanos, mobilidade e participação cidadã**.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.
BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Plano Brasileiro de Inteligência Artificial – PBIA. Brasília, DF: MCTI, 2021.
SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.
ALONSO, Andre Deak. Morte e vida de cidades inteligentes: tecnologia, colonialismo e antropoceno. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
WILLIAMSON, Ben. Educating the smart city: Schooling smart citizens through computational urbanism. Big Data & Society, v. 2, n. 2, 2015.

CONHECENDO NOSSO PLANETA: Relato de experiência no Estágio Supervisionado em Geografia II

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Tainá Evangelista da Silva[1]
[1]Universidade do Estado da Bahia - UNEB

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no componente de Estágio Supervisionado em Geografia II. A prática pedagógica ocorreu na Escola Municipal João Bello, localizada no município de Jacobina, tendo como público-alvo uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I (anos iniciais). O projeto desenvolvido foi intitulado “Conhecendo nosso planeta e além”, estruturado em sete encontros, cada um orientado por subtemas relacionados ao universo e à educação ambiental.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo:
Relatar a experiência vivenciada no componente de Estágio Supervisionado em Geografia II.

A metodologia adotada baseou-se em práticas pedagógicas lúdicas e interativas, com o intuito de estimular o interesse e a participação ativa dos estudantes.

A abordagem está alinhada à perspectiva construtivista de Jean Piaget e às contribuições de Lev Vygotsky, valorizando a construção coletiva do conhecimento, o protagonismo dos alunos e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No primeiro encontro, foi utilizado um projetor em formato de astronauta que reproduzia imagens do espaço, despertando a curiosidade dos alunos. Nos demais encontros, foram trabalhados conteúdos sobre o sistema solar por meio de maquetes, cartazes e atividades lúdicas, como jogos, quizzes e palavras cruzadas. Como culminância do projeto, no sétimo encontro, foi realizado um jogo interativo do tipo “torta na cara”, no qual os alunos, divididos em equipes, responderam a perguntas relacionadas aos conteúdos trabalhados ao longo das oficinas.

A atividade evidenciou resultados significativos, uma vez que os estudantes demonstraram domínio dos temas abordados, respondendo com segurança e entusiasmo. Observou-se, portanto, que a utilização de metodologias ativas e recursos lúdicos contribuiu de forma eficaz para a assimilação dos conteúdos e para o engajamento da turma.



Autora: Tainá Silva, 2025.



Autora: Tainá Silva, 2025.



Autora: Tainá Silva, 2025.

CONSIDERAÇÕES

Em síntese, a experiência de estágio revelou a relevância de práticas pedagógicas dinâmicas no ensino de Geografia nos anos iniciais, evidenciando que o aprendizado se torna mais significativo quando associado ao interesse e à vivência dos alunos. O projeto desenvolvido alcançou seus objetivos ao promover a compreensão de conceitos geográficos e ambientais de forma acessível e estimulante, contribuindo para a formação crítica e participativa dos estudantes.

REFERÊNCIAS

PIAGET, Jean. A Psicologia da Criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
VYGOTSKY, Lev. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

O Uso De Storytelling Digital No Ensino De Migrações: Uma Experiência No PIBID

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

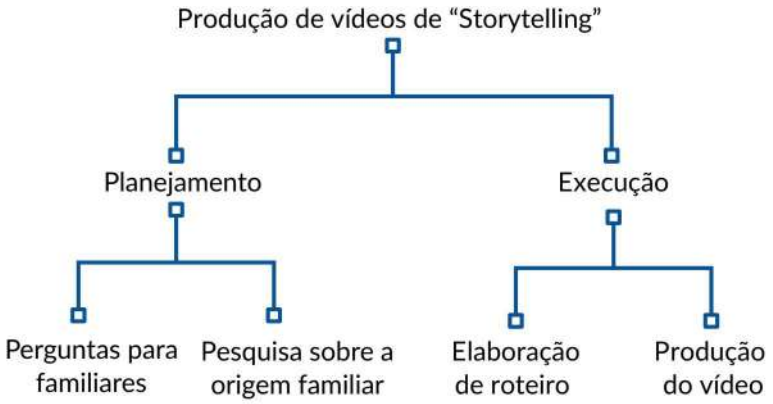
Tatielly Ferreira Calegari; Dante Hauser dos Santos; Fillipe Rozolem Pereira; Marta Tokunaga. Orientado por: Maria das Graças de Lima. Universidade Estadual de Maringá.

INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais, em velocidade exponencial, atingiu o ambiente escolar e suas atividades didáticas, apresentando-se como recursos didáticos que podem ser usados no processo de aprendizagem. O resultado dessa inserção, traduziu-se na sala de aula em atividades que precisam ser adequadas entre conteúdos e o melhor aplicativo ou plataforma para apresentar os temas estudados. Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que tem como foco a formação inicial de professores por meio da articulação entre teoria e prática no ensino de geografia, se propôs a realizar atividades que associassem os conteúdos escolares a geotecnologias. Essa experiência foi desenvolvida com alunos do 7º ano do ensino fundamental II.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho tem como objetivo discutir os deslocamentos, identidade, pertencimento e os fluxos populacionais a partir das experiências vividas pelos alunos que desenvolveram a atividade, reunindo-as em um vídeo temático produzido pelos alunos. Em um contexto marcado por desigualdades sociais, econômicas e espaciais, foi possível relacionar os conteúdos escolares à realidade vivida pelos estudantes. Para atingir tais objetivos, as seguintes etapas foram seguidas:



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sendo assim, durante o estudo dos principais movimentos (i)migratórios no território brasileiro, foi elaborado um roteiro de entrevista que os alunos fizeram com seus familiares, reunindo informações sobre a origem de suas famílias, motivos e processos que os levaram ao bairro que moram atualmente, o Jardim Requião. Com base nesse roteiro, que organizava as informações levantadas, iniciou-se à utilização da plataforma Renderforest, que auxiliou na produção das narrativas audiovisuais. O storytelling, que Bortolazzo (2024) definiu como "um tipo de comunicação que envolve a narração de histórias (fatos, acontecimentos, fenômenos etc.) com intencionalidades, sejam elas pedagógicas ou informacionais", ou seja, uma ferramenta digital utilizada para contar histórias, ilustrá-las e narrá-las, foi o recurso escolhido para narrar essas histórias de migrações levantadas pelos estudantes. Os estudantes concluíram o vídeo, o apresentaram para os colegas e tiveram um momento de interação. Ao trazer essas narrativas para o espaço escolar, os alunos não apenas valorizaram suas identidades e raízes, mas também passaram a compreender a diversidade como um elemento fundamental para a construção da cidadania.



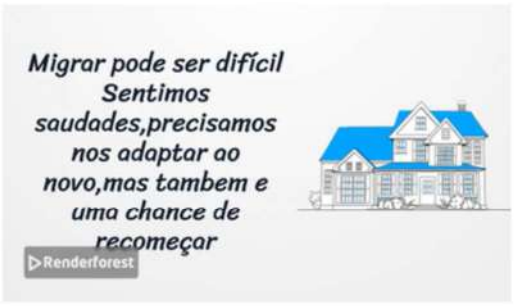


Imagem à esquerda: Aluno produzindo o vídeo em *tablet* disponibilizado pela escola
Imagem à direita: *Frame* de um vídeo já finalizado por um dos estudantes,

CONSIDERAÇÕES

Essa atividade favoreceu a percepção sobre a importância da preservação da memória, do conhecimento acerca das diversas histórias de cada pessoa e a enxergar o papel ativo que cada sujeito desempenha no processo de transformação social, fortalecendo, assim, o vínculo entre conhecimento, vivências pessoais e a realidade concreta em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. Storytelling: entre usos, benefícios e aprendizagens. **Ensino em Re-Vista, [S. l.]**, v. 31, n. Contínua, p. 1–24, 2024. DOI: 10.14393/ER-v31e2024-33. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/74104. Acesso em: 10 abril. 2026.

Mudanças Climáticas e Educação Ambiental - uma aplicação prática no contexto do PIBID

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Vitória Pedroni
Alessandro Marin Wolfart
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta valorizar a Educação Ambiental articulada ao contexto histórico e social da Crise Climática, como instrumento teórico-metodológico para refletir criticamente o monitoramento da qualidade das águas do mar para o banho humano em Florianópolis/SC.

A partir dessas discussões, a pesquisa desenvolveu a aplicação de duas aulas no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em duas escolas localizadas no bairro Estreito: E.E.B. Aderbal Ramos da Silva e E.E.B. José Boiteux, em uma turma do primeiro ano do ensino médio e oitavo ano do ensino fundamental, respectivamente.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Compreender o processo histórico por trás das Mudanças Climáticas e estebelecer uma relação com a elaboração e aplicação de práticas pedagógicas que valorizem a Educação Ambiental, para refletir criticamente sobre o monitoramento da balneabilidade das praias de Florianópolis/SC, realizado pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA).

O método envolve uma abordagem qualitativa, de natureza empírica e de revisão bibliográfica; Fez-se uso de duas ferramentas digitais, em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): o site de Balneabilidade das praias de Santa Catarina (IMA) e o KAHOOT, plataforma de jogos educativos online.

As discussões fundamentam-se nos autores Lima e Layrargues (2014), Lima e Torres (2021), permitindo abordar temas centrais como a Crise Climática e a Educação Ambiental em contextos de retrocessos e conservadorismo, além de Barradas (2020), que aborda a saúde dos oceanos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar o desenvolvimento das atividades, observa-se que a interação atingiu seu objetivo de integrar a teoria com o uso de ferramentas pedagógicas que tornaram o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico. De modo geral, as turmas se mostraram participativas, apresentando um engajamento gradual à medida que as aulas foram avançando, e principalmente, à medida que os temas eram conectados à realidade local de Florianópolis.

Além disso, a aplicação mostrou-se possível em diferentes etapas da formação educacional: uma no primeiro ano do Ensino Médio e outra no oitavo ano do Ensino Fundamental, realizando-se as adaptações necessárias para adequação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dessa forma, evidenciou-se que a temática aborda questões interdisciplinares que perpassam diferentes níveis cognitivos para a formação cidadã.

Figura 1: aplicação de aula pelos autores no PIBID



Fonte: acervo dos autores (2026)

CONSIDERAÇÕES

A experiência reforça a importância do debate sobre Educação Ambiental no contexto escolar de forma dinâmica e ligada à realidade local dos estudantes, provando que o uso de recursos tecnológicos e o foco em questões regionais são estratégias eficazes para sensibilizar os estudantes sobre os desafios da Crise Climática.

REFERÊNCIAS

BARRADAS, Juliana Imenis. **Os oceanos como instrumento de educação ambiental: the oceans as tools to environmental education.** REnCiMa: Revista de Ensino de Ciências e Matemática, v. 11, n. 2 (Edição especial), p. 24–33, 2020.

LIMA, G. F. da C.; TORRES, M. B. R. **Uma educação para o fim do mundo? Os desafios socioambientais contemporâneos e o papel da Educação Ambiental em contextos escolarizados.** Educar em Revista, v. 37, e77819, 2021.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa; LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Mudanças climáticas, educação e meio ambiente: para além do Conservadorismo Dinâmico.** Educar em Revista, Curitiba, Edição Especial n. 3, p. 73–88, 2014. Editora Universidade Federal do Paraná.

Imagens retiradas do Canva









EIXO 6
GEOGRAFIA DA SAÚDE, TERRITÓRIO E REGIÃO





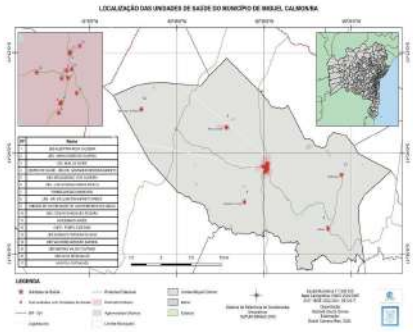


Gestão em Saúde e Organização do Território: Uma análise a partir do município de Miguel Calmon - Bahia

Geizielle Souza Gomes, Marcos Matheus Andrade Vasconcelos e Tainá Evangelista da Silva
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - CAMPUS IV

INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como base um artigo elaborado a partir de um recorte da monografia desenvolvida durante a graduação em Geografia. O estudo busca sintetizar e discutir os principais achados da pesquisa, destacando a importância da territorialização na organização e no planejamento das ações em saúde, especialmente no âmbito do Sistema Único de Saúde. A pesquisa insere-se no campo da Geografia da Saúde ao compreender o território como elemento estratégico para o planejamento das políticas públicas de saúde. Parte-se do entendimento de que a saúde não se distribui de maneira homogênea no espaço geográfico, sendo influenciada por fatores sociais, econômicos e estruturais.



O trabalho realizado percorre o município de Miguel Calmon, que está localizado na região da Chapada Diamantina, a 38 km de Jacobina, sua região de influência. Sua população é de 24.661 habitantes no censo de 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estática (IBGE).
Miguel Calmon dispõe de 16 Unidades de Saúde fracionadas em unidades básicas e especializadas, divididas entre UBS, Semasa, Farmácia, Centro de Atenção Psicossocial(CAPS), Centro de Saúde, Academia, Unidade de Vigilância e um hospital (Hospital Português), que presta assistência pelo Sistema Único de Saúde, conforme apresentado no mapa.
Nesse contexto, a descentralização das ações do sistema de saúde fortalece o papel do município na gestão e na identificação das demandas locais, tendo a Atenção Básica como principal porta de entrada para os serviços.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O estudo teve como objetivo analisar a relação entre saúde pública, território e gestão municipal, com foco no município de Miguel Calmon, destacando a importância do planejamento territorial na organização das ações em saúde. Buscou-se compreender como as dinâmicas espaciais interferem na oferta dos serviços e no acesso da população ao sistema de saúde, além de identificar os principais desafios enfrentados pela gestão municipal.

A metodologia adotada possui caráter quali-quantitativo, permitindo uma compreensão mais ampla da realidade estudada. A pesquisa incorporou tanto dados objetivos quanto percepções de diferentes sujeitos envolvidos no sistema de saúde, como profissionais, gestores e usuários. Essa abordagem possibilitou identificar não apenas a estrutura formal dos serviços, mas também as experiências, dificuldades e desigualdades vivenciadas pela população no cotidiano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise evidencia que a gestão municipal enfrenta desafios significativos relacionados à limitação de recursos e à complexidade das demandas sociais presentes no território. Observa-se que diferentes lógicas atuam simultâneamente no sistema de saúde, como a lógica de mercado, profissional, tecnocrática e política, gerando tensões que influenciam a organização dos serviços e o acesso da população. Os resultados demonstram que o planejamento em saúde ultrapassa o aspecto técnico, assumindo também um caráter político e territorial, que exige articulação entre diferentes atores e escalas de atuação. O estudo também aponta que a regionalização e a hierarquização da rede de atendimento são essenciais para a distribuição dos recursos e para o atendimento dos diferentes níveis de complexidade. Entretanto, persistem desigualdades no acesso aos serviços, sobretudo em áreas periféricas e rurais, evidenciando a necessidade de um planejamento territorial mais integrado e eficiente. Apesar dos avanços observados na organização da rede de saúde no município, ainda existem limitações relacionadas à infraestrutura, à distribuição espacial dos serviços e à capacidade de resposta às demandas sociais. Dessa forma, o território consolida-se como categoria central de análise, pois é nele que se expressam as desigualdades, as necessidades e as possibilidades de intervenção das políticas públicas.

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que a Geografia da Saúde possui papel fundamental no planejamento das políticas públicas, ao evidenciar que a gestão em saúde deve considerar as especificidades locais e as dinâmicas do espaço geográfico. O território, nesse sentido, deve ser compreendido como elemento estratégico para a promoção da equidade, ampliação do acesso aos serviços e melhoria da qualidade de vida da população. Assim, o fortalecimento do planejamento territorial integrado mostra-se indispensável para reduzir desigualdades e tornar mais efetivas as ações desenvolvidas no âmbito do Sistema Único de Saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/topicos/2186546/artigo-37-da-constituicao-federal-de-1988. Acesso em: 6 maio 2024.

BRASIL. Ministério de Estado da Saúde. **Diretrizes operacionais dos pactos pela vida, em defesa do SUS e de gestão.** 2.ed., p. 76. Brasília, 2006.

CASTRO, Iná Elias. O problema da escala. In: Castro, Iná Elias; Gomes, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

Incidência de dengue em Maringá (PR), 2025: análise estatística da correlação com variáveis climáticas, perfil dos infectados e condicionantes socioespaciais

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

João Matheus Kochanski Peres Fabiola Cristine Arpini Miguel Pissioli
Universidade Estadual de Maringá Secretaria Municipal de Saúde de Maringá

INTRODUÇÃO

A dengue, transmitida pelo Aedes aegypti, resulta da interação entre fatores climáticos – temperatura e precipitação – e sociais, como urbanização e saneamento. A Geografia da Saúde, ancorada no Complexo Patogênico e no território, entende a doença como produto do espaço urbano, no qual o clima agrava, mas não determina sozinho a transmissão (Silva; Mariano; Scopel, 2007; Faria; Bortolozzi, 2009).

Maringá, polo regional do Norte do Paraná, forma mancha contínua com Sarandi e Paiçandu e possui malha viária que favorece a dispersão do vetor (Roseghini et al., 2011). A cidade tem histórico de epidemias severas, e estudos regionais mostram que a elevação das temperaturas mínimas desloca o pico de casos para o outono (Almeida et al., 2021).

Estudos evidenciam que a temperatura e precipitação com defasagem de 2 meses é relevante nos casos positivos de dengue (Hii et al., 2009; Alam et al., 2025). Este trabalho analisou a incidência de dengue em Maringá em 2025, correlacionando variáveis climáticas e casos, caracterizando infectados e discutindo condicionantes socioespaciais.

Mapa de Localização



OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral: Analisar a relação entre variáveis climáticas e a incidência de dengue em Maringá (PR) em 2025, sob a ótica da Geografia da Saúde.

Objetivos Específicos: Identificar a distribuição mensal dos casos; caracterizar precipitação e temperatura; verificar o time-lag entre chuva e aumento de casos; correlacionar perfil etário e de gênero com a literatura; discutir os condicionantes socioespaciais da endemia.

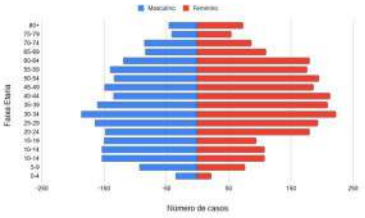
Metodologia: Estudo ecológico e quantitativo. Dados: casos de dengue (SINAN), precipitação (ECPM/INMET) e temperatura normal (Climadata 1991-2021). Análises: descritiva, correlação de Spearman, regressão linear (R^2), gráficos de dispersão, mapas de Kernel e de distribuição espacial.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Casos e perfil:

- 4.470 casos confirmados
- 75% entre março e maio; pico em abril (1.567)
- Sexo feminino: 54%
- Faixas mais atingidas: 20-39 anos (34%) e 40-59 anos (30%)

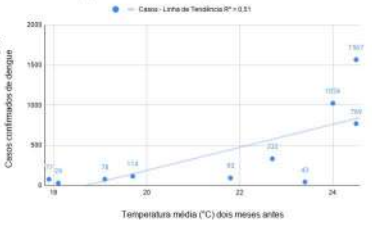
Piramide Etária - Casos Positivos



Clima e time-lag:

- Calor de jan/fev (24,5 °C) → pico de casos ~8 semanas depois
- Correlação de Spearman (defasagem de 2 meses):
  - Temperatura: ρ = 0,76 (forte)
  - Precipitação: ρ = 0,14 (muito fraca)
- Regressão linear: R^2 = 0,51 → o calor explica ≈ 51% da variação dos casos no outono

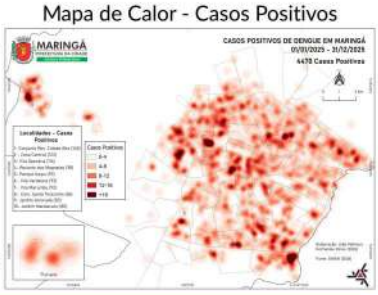
Dispersão - Temp. defasada



Mapa de calor:

Aglomerados em áreas de maior densidade populacional e desigualdade socioespacial

Mapa de Calor - Casos Positivos



CONSIDERAÇÕES

A temperatura com dois meses de antecedência foi o principal fator associado aos casos (ρ = 0,76), enquanto a precipitação pouco influenciou (ρ = 0,14), confirmando estudos de Hii et al. (2009) e Alam et al. (2025).

O mapa de calor revela que, sob mesmas condições térmicas, a doença não se distribui uniformemente, refletindo a produção desigual do espaço urbano. Conforme Milton Santos, o território usado evidencia que infraestrutura, saneamento, fixos e fluxos mediam a exposição ao vetor (Faria; Bortolozzi, 2009; Catão; Guimarães, 2009).

O predomínio feminino (54%) e de adultos (64%) reforça o papel central dos ambientes doméstico e laboral (Aquino Junior; Mendonça, 2012; Bortoli et al., 2025; Weber et al., 2025). Controlar a dengue exige, portanto, integrar monitoramento climático ao planejamento territorial e reduzir desigualdades socioespaciais.

REFERÊNCIAS

ALAM, K. E.; AHMED, M. J.; CHALISE, R.; RAHMAN, M. A.; MATHIN, T. T.; BHUIYAN, M. I. H.; et al. Time series analysis of dengue incidence and its association with meteorological risk factors in Bangladesh. PLoS One, v. 20, n. 8, e0323238, 2025

AQUINO JUNIOR, J.; MENDONÇA, F. A problemática da dengue em Maringá-PR: uma abordagem socioambiental a partir da epidemia de 2007. Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 157-176, dez. 2012.

MAPEAMENTO E ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE SANEAMENTO BÁSICO NA LOCALIDADE CANTINHO DO CÉU, PARQUE GUARUS – CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Josué Nascimento Rocha [1], Dr. Cláudio Henrique Reis[2]
[1]Universidade Federal Fluminense Campos

INTRODUÇÃO

O acesso ao saneamento básico é um direito humano essencial para garantir qualidade de vida e saúde. No Brasil, 15% da população (mais de 33 milhões de pessoas) carece de água potável, e cerca de 46% (100 milhões) não têm acesso à coleta de esgoto. O Rio de Janeiro apresenta 91,3% de cobertura de água, mas 46,7% é perdida na distribuição. Municípios como Campos dos Goytacazes enfrentam deficiências históricas, refletindo um desenvolvimento que marginaliza áreas interioranas.

No bairro Parque Guarus, a infraestrutura é precária e muitos dependem de soluções informais para água e esgoto. A comunidade Cantinho do Céu enfrenta sérios problemas de acesso a água, esgoto e saúde, além de riscos ambientais pela proximidade da Lagoa do Cantagalo, que recebe resíduos. A falta de rede de esgoto e o abastecimento irregular levam a população a usar poços ou cacimbas, aumentando o risco de contaminação.



Fonte: Mapa Parque Guarus Localização,(Elaborado Pelo Autor).

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo Geral

Mapear e analisar as condições de saneamento básico e uso de poços/cacimbas na comunidade Cantinho do Céu.

Aplicar um questionário diagnóstico sobre o uso de água de poços e suas condições.

Objetivo Específico

Investigar a relação entre renda e acesso ao saneamento.

Criar mapas temáticos com dados georreferenciados.

Sistematizar resultados com gráficos, tabelas e análises comparativas, correlacionando com dados de saúde pública.

Metodologia

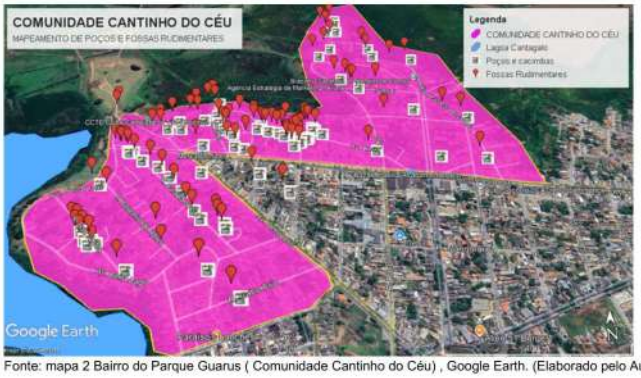
Revisão bibliográfica; Aplicação de 150 questionários;

Uso de Google Forms; Georreferenciamento no Google Earth Pro;

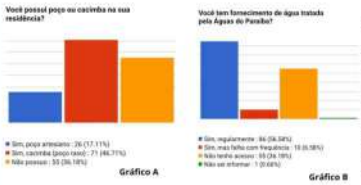
Produção cartográfica no QGIS;

Análise de dados socioambientais e sanitários.

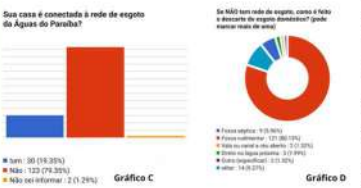
RESULTADOS E DISCUSSÕES



Fonte: mapa 2 Bairro do Parque Guarus (Comunidade Cantinho do Céu) , Google Earth. (Elaborado pelo Autor)



Fonte: Pesquisa de campo, 2025.



Fonte: Pesquisa de campo, 2025.

Os resultados mostram que a falta de saneamento básico no Cantinho do Céu está ligada à vulnerabilidade socioambiental da população. A ausência de infraestrutura leva os moradores a usarem soluções alternativas, como poços e fossas rudimentares, aumentando o risco de contaminação da água e doenças. Além disso, a ocupação irregular próxima à Lagoa do Cantagalo agrava os impactos ambientais e revela a falta de planejamento urbano e políticas públicas eficazes em áreas periféricas.

CONSIDERAÇÕES

O estudo revelou que a comunidade Cantinho do Céu enfrenta sérios desafios relacionados ao saneamento básico, abastecimento de água e infraestrutura urbana. O uso de poços próximos a fossas rudimentares representa um significativo risco à saúde pública e à qualidade ambiental da região. Através do mapeamento georreferenciado, foi possível identificar áreas mais vulneráveis, o que contribuirá para futuras ações de planejamento urbano e para a implementação de políticas públicas focadas na universalização do saneamento básico e na redução das desigualdades socioespaciais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Manual de orientações técnicas para melhorias sanitárias domiciliares. Brasília, 2014.

GOUVEIA, N.; . SAÚDE E MEIO AMBIENTE NAS CIDADES: OS DESAFIOS DA SAÚDE AMBIENTAL. Revista Saúde e Sociedade v. 8, n. 1, p. 49–61. 1999.

HELLER, Léo. Saneamento e saúde: fundamentos para políticas públicas sustentáveis. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro, 2023.

INSTITUTO TRATA BRASIL. Ranking do Saneamento 2022. São Paulo, 2022.

SANTOS, L. B.; CLÁUDIO, G. Uma alternativa ao limbo dos dados socioespaciais: análise espacial da desigualdade social em Campos dos Goytacazes/RJ. Revista do Instituto de Investigação Geográfica, 2022.

Análise da Situação de Saúde da Região Metropolitana de Curitiba: desigualdades socioespaciais, infraestrutura e hierarquização da rede de saúde

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Lívia Almeida e Camila Loise; Orientado por: Wagner Batella
Universidade Federal de Juiz de Fora

INTRODUÇÃO

A Região Metropolitana de Curitiba (RMC), composta por 29 municípios e mais de 3,7 milhões de habitantes, apresenta importantes desigualdades socioespaciais que impactam diretamente as condições de saúde da população. Nesse contexto, a Análise da Situação de Saúde (ASIS) constitui uma ferramenta fundamental para compreender como fatores demográficos, socioeconômicos, ambientais e estruturais influenciam a organização da rede de saúde e o acesso aos serviços.

O trabalho busca analisar a situação de saúde da RMC a partir da distribuição espacial de indicadores demográficos, socioeconômicos, epidemiológicos e da infraestrutura de saúde, identificando padrões de concentração, desigualdades territoriais e relações de dependência entre os municípios metropolitanos e a capital Curitiba.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

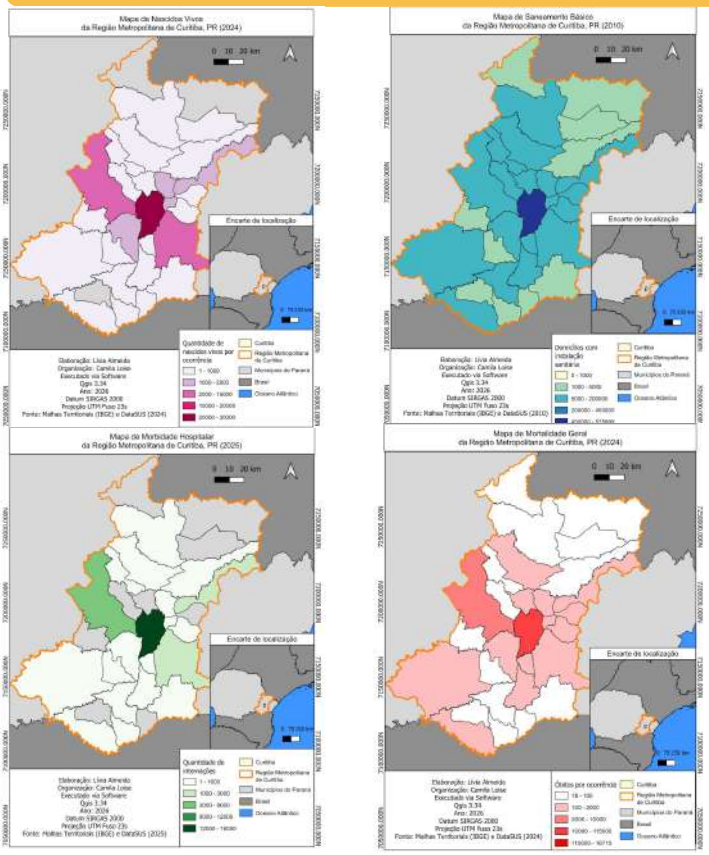
Objetivo geral: Analisar a situação de saúde da Região Metropolitana de Curitiba, identificando desigualdades socioespaciais relacionadas à dinâmica populacional, às condições socioeconômicas e à distribuição da infraestrutura e dos serviços de saúde.

Objetivos Específicos: Avaliar indicadores demográficos e socioeconômicos da RMC; Investigar padrões espaciais de mortalidade e morbidade; Analisar a distribuição da infraestrutura hospitalar e da força de trabalho em saúde; Compreender a centralização dos serviços de média e alta complexidade em Curitiba.

Metodologia

A pesquisa baseou-se em análise documental e levantamento de dados secundários provenientes do IBGE, DATASUS, CNES e IPARDES. Foram utilizados indicadores demográficos, epidemiológicos, socioeconômicos e de infraestrutura de saúde. Os dados foram organizados em tabelas, gráficos e mapas temáticos produzidos no QGIS 3.34, permitindo uma leitura integrada da situação de saúde da RMC.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



CONSIDERAÇÕES

A situação de saúde da Região Metropolitana de Curitiba reflete a articulação entre urbanização, desigualdade socioespacial e hierarquização da rede de saúde. Os municípios periféricos apresentam maiores vulnerabilidades relacionadas à renda, saneamento e disponibilidade de profissionais, enquanto Curitiba concentra infraestrutura, serviços especializados e os maiores registros de internações e óbitos.

Os resultados demonstram que a presença da metrópole estrutura uma relação de dependência regional, principalmente no acesso aos serviços de média e alta complexidade. Dessa forma, torna-se necessária a formulação de políticas públicas capazes de reduzir as desigualdades territoriais e ampliar o acesso equitativo aos serviços de saúde na escala metropolitana.

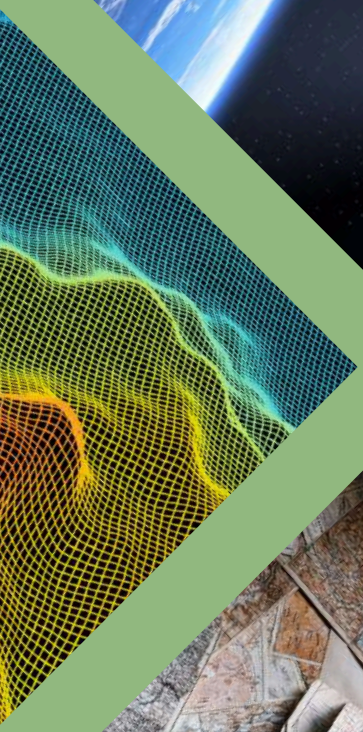
REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **CNES - Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde**. Brasília, DF: DATASUS, 2024. Disponível em: http://cnes.datasus.gov.br/. Acesso em: 26 jan. 2026.
BRASIL. Ministério da Saúde. **Tabnet: Informações de Saúde**. Brasília, DF: DATASUS, 2026. Disponível em: https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/. Acesso em: 26 jan. 2026.
IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html. Acesso em: 23 jan. 2026.
IPARDES – INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL; IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Paraná**: Projeções de população por sexo e idade 1991-2020. Curitiba: IPARDES; Rio de Janeiro: IBGE, 1999. 40 p.

Imagens retiradas do Canva







EIXO 7
CIÊNCIA DAS TÉCNICAS: GEOGRAFIA, REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO E NOVAS TECNOLOGIAS









Mapeamento das línguas faladas nas aldeias das terras indígenas do município do Oiapoque/AP

Elen Vitoria Pantoja Pereira; Orientado por: Alexandre Luiz Rauber
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

INTRODUÇÃO

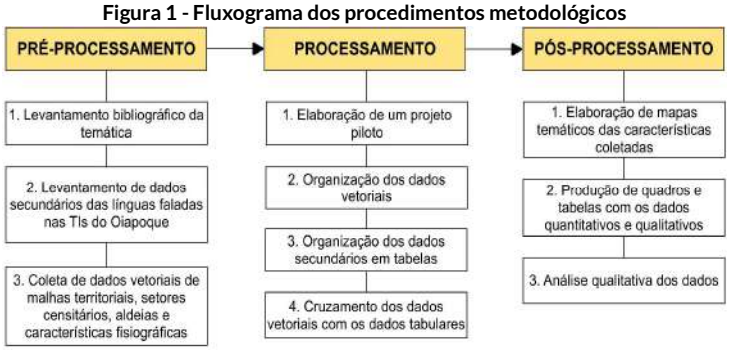
No norte do estado do Amapá, no município do Oiapoque, estão localizadas as terras indígenas (TIs) Uaçá, Juminã e Galibi, nelas vivem povos indígenas das etnias Karipuna, Palikur, Galibi Marworno e Galibi Kalinã (Silva, 2020). Entre as etnias são faladas quatro principais línguas: Kheoúl, Parikwaki, Galibi e o Português (Freitas, 2016; Sanches, 2020; Silva, 2016; Vidal, 2023). Isso mostra a grande diversidade linguística existente nas TIs do Oiapoque.

Apesar da existência de pesquisas sobre as línguas faladas pelos povos indígenas do Oiapoque, muitas não possuem produção cartográfica. Os atlas linguísticos do Amapá (Razky *et al.*, 2017) e o dos Karipuna (Sanches, 2020) contribuem para a visibilidade da temática, no entanto, possuem uma escala pequena de detalhamento. O projeto "Qual(is) língua(s) você fala? Rumo a identificação e salvaguarda das línguas indígenas do Oiapoque " possui uma proposta de levantamento de dados sociolinguísticos com os povos indígenas para a valorização das línguas indígenas. A pesquisa utilizará como base os dados coletados pelo projeto para a criação de um banco de dados geográfico e mapas temáticos.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa tem como objetivo mapear as línguas faladas pelos povos indígenas nas TIs do Oiapoque com base nos dados coletados pelo projeto "Qual(is) língua(s) você fala? Rumo a identificação e salvaguarda das línguas indígenas do Oiapoque". Os procedimentos metodológicos da pesquisa estão sendo realizados de acordo com a figura 1.

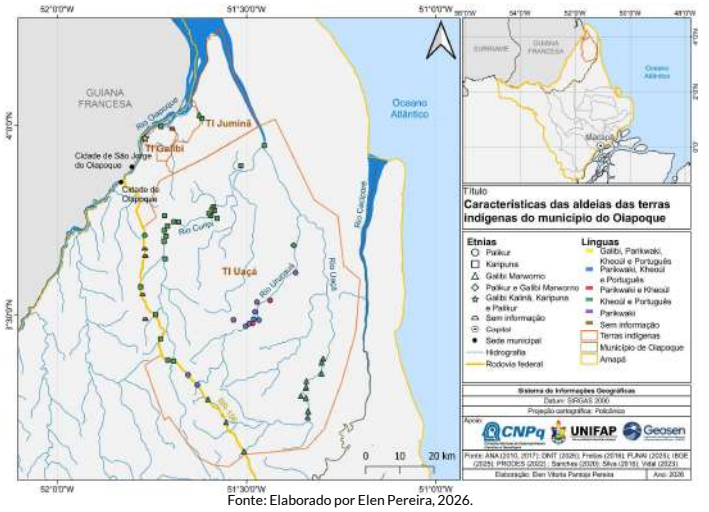
Figura 1 - Fluxograma dos procedimentos metodológicos



Fonte: Elaborado por Elen Pereira, 2026.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 2 - Mapa das características das aldeias



Fonte: Elaborado por Elen Pereira, 2026.

Tabela 1 - Quantidade de aldeias por línguas e etnias

Etnias	Línguas				
	Parikwaki	Parikwaki e Kheoúl	Parikwaki, Kheoúl e Português	Kheoúl e Português	Galibi, Parikwaki, Kheoúl e Português
Galibi Kalinã, Karipuna e Palikur	0	0	0	0	1
Palikur e Galibi Marworno	0	0	0	1	0
Karipuna	0	0	0	22	0
Palikur	5	2	5	1	0
Galibi Marworno	0	0	0	14	0

Fonte: Adaptado de Freitas (2016), Sanches (2020), Silva (2016) e Vidal (2023).

CONSIDERAÇÕES

Através dos resultados preliminares é possível notar a diversidade linguística existente nas aldeias das TIs do município de Oiapoque/AP, que muitos indígenas são bilíngue e outros até multilíngues. Com a disponibilização dos dados mais detalhados, que estão sendo levantados em campo nas aldeias, serão elaborados diversos mapas temáticos importantes para a visibilidade e valorização da cultura dos povos indígenas do estado do Amapá. Além da realização de análises da organização espacial com base na língua.

REFERÊNCIAS

FREITAS, P. B. de. **Conhecimento etnoecológico e conservação dos pesqueiros na terra indígena Juminã**. 2019. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena) - Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Oiapoque, 2016. SANCHES, R. D. **Microatlas Linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá**. 2020. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras), Universidade Federal do Pará - UFPA. Belém, 2020. SILVA, E. B. **A língua Parikwaki (Palikur, Arawak): situação sociolinguística, fonética e fonologia**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, 2016. SILVA, M. A. **Galibi Marworno, Palikur, Galibi kaliña e Karipuna: demarcando territórios e territorializações – Oiapoque/AP – Amazônia**. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista - Unesp. Araraquara, 2020. VIDAL, L. **Narrativas e memória de um chefe Galibi do Oiapoque : récits et Mémoire d'um chef Galibi do Oiapoque**. ed. 1. São Paulo : Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2023.

SIDRA Conecta: Integração de Dados Estatísticos do IBGE no QGIS

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Gabriel Henrique Angelo; Orientado por: Otavio Cristiano Montanher
Universidade Estadual de Maringá

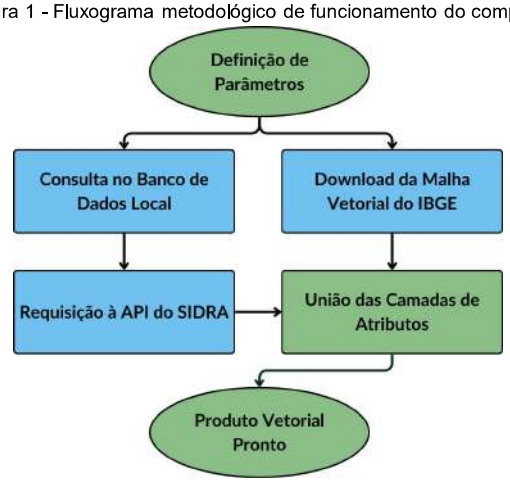
INTRODUÇÃO

O avanço dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) ampliou significativamente a capacidade de representação e análise nas Ciências Geográficas (Longley et al., 2015). No entanto, a aquisição e preparação de dados oficiais, como os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ainda representa um desafio técnico no processo de integrar esses dados nos espaços de trabalho. Tradicionalmente, o pesquisador necessita efetuar o download de tabelas do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), realizar a formatação dos dados, buscar a malha vetorial correspondente e executar a união de atributos (*join*) manualmente no ambiente SIG.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento do complemento SIDRA Conecta para o *software* de código aberto QGIS, criado para otimizar o processo de extração e a integração espacial desses dados no ambiente SIG. A metodologia de desenvolvimento baseou-se na linguagem Python (PyQGIS), requisitando informações da API pública do SIDRA. A ferramenta desenvolvida permite a consulta das tabelas, o download facilitado das malhas vetoriais do IBGE e a execução do *join* de forma simplificada ao usuário.

Figura 1 - Fluxograma metodológico de funcionamento do complemento.

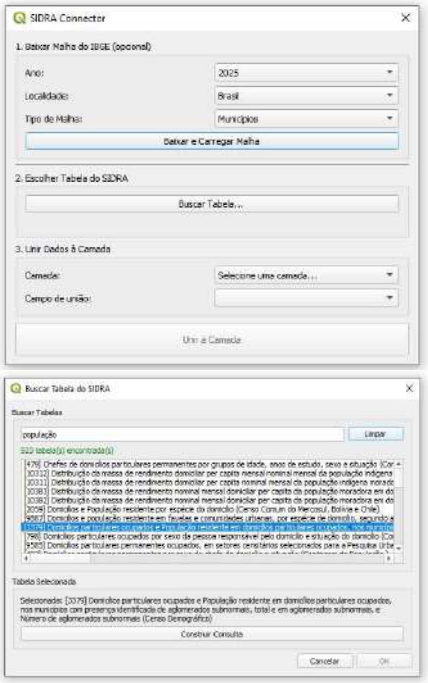


Fonte: Autor (2026)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No atual estágio da pesquisa, a ferramenta encontra-se funcional e publicada na biblioteca de complementos do QGIS, apresentando ampla utilidade para diversas áreas da Geografia onde existe a necessidade de analisar dados espacialmente (como demografia, geografia econômica, saúde e agrária). O SIDRA Conecta elimina erros comuns de formatação de códigos territoriais e reduz drasticamente o tempo de pré-processamento.

Figura 2 - Interface do complemento SIDRA Conecta no QGIS.



Fonte: Autor (2026).

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que o desenvolvimento de soluções em código aberto fortalece a Ciência das Técnicas, democratizando o acesso à informação e permitindo que investigadores concentrem os seus esforços na análise geográfica, e não em tarefas operacionais repetitivas.

Projeto no GitHub

REFERÊNCIAS

ANGELO, G. H. SIDRA Conecta: plugin para integração de dados IBGE/SIDRA no QGIS. 2026. Repositório GitHub. Disponível em: github.com/ghangelo/sidra_connector. Acesso em: 15 abr. 2026.

LONGLEY, P. A. et al. Geographic information science and systems. 4. ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2015.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. API do SIDRA - Sistema IBGE de Recuperação Automática. Rio de Janeiro: IBGE, 2026. Disponível em apisidra.ibge.gov.br. Acesso em: 15 abr. 2026.

QGIS DEVELOPMENT TEAM. PyQGIS API Documentation. Open Source Geospatial Foundation Project, 2026. Disponível em: qgis.org/pyqgis/master. Acesso em: 15 abr. 2026.

Análise geoespacial e mapeamento socioespacial das desigualdades no transporte público coletivo no município de Itapecerica da Serra, São Paulo

Nome dos autores: Lucas da Silva Souza Barbosa; Letícia Roberta Amaro Trombeta
UNIFESP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

INTRODUÇÃO

O acesso ao transporte público coletivo permite que indivíduos e grupos sociais tenham oportunidades na cidade e se envolvam fisicamente em atividades relacionadas às diversas dimensões da vida social, as quais estão distribuídas espacial e temporalmente (Bittencourt; Gioannotti, 2023). Sendo esta acessibilidade espacial, um aspecto fundamental das interações sociais, econômicas e culturais na cidade (Harvey, 1986). Itapecerica da Serra tem uma ocupação bastante dispersa em seu território, que não é apenas espacial, revela também desigualdades socioespaciais, com localidades que se concentram na divisa com São Paulo, caracterizando uma área com grande número de bairros periféricos, na qual é possível observar o fenômeno de conurbação com a região sudoeste da capital paulista, tornando-se uma extensão das periferias de São Paulo. Os bairros mais adensados de Itapecerica da Serra, como o Jardim Jacira, Jardim das Oliveiras e Jardim Valo Velho, estão geograficamente mais próximos de São Paulo e mais distantes da sua área central.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

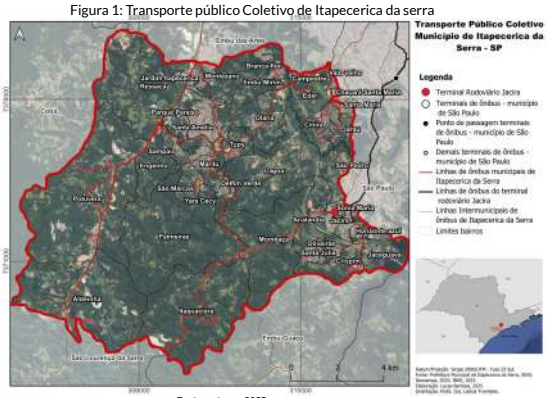
Este estudo visou analisar a desigualdade socioespacial no transporte coletivo urbano do município de Itapecerica da Serra/SP, a partir de um interesse geográfico e social para a temática, utilizando, para isso, técnicas de mapeamento e análise geoespacial.

Para analisar a desigualdade socioespacial no transporte público coletivo no município de Itapecerica da Serra, sob a lente da ciência geográfica, foi utilizado como método a análise integrada, a partir da observação e compreensão de aspectos não somente dos transportes, mas também sociais, econômicos, culturais e físicos do território, a fim de entender suas contradições.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Itapecerica da Serra possui atualmente 33 linhas de ônibus, sendo 9 (nove) municipais, fazendo o trajeto e locomoção de pessoas de seu próprio município e sendo administrado pela empresa de viação BELA SINTRA e 24 linhas de ônibus intermunicipais divididas entre as administrações da EMTU e da SPTRANS. Para entender o processo de segregação socioespacial que o transporte coletivo de Itapecerica da Serra está inserido, é preciso compreender quais fatores contribuem para ocasionar a centralização desse problema urbano.

Figura 1: Transporte público Coletivo de Itapecerica da serra



Fonte: autores, 2025

CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento dessa pesquisa teve como produto principal o georreferenciamento e produção de uma base vetorial das linhas de ônibus do transporte público coletivo do município de Itapecerica da Serra, podendo contribuir potencialmente com os processos de planejamento urbano, especialmente, do transporte no município.

Além disso, o estudo também oferece uma análise crítica sobre a sua distribuição, uma vez que se dá de forma bastante desigual sobre o território, sendo essencial entender a correlação com outras variáveis para dar subsídios ao processo de planejamento no município.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, T.A.; GIANNOTTI, M. Evaluating the accessibility and availability of public services to reduce inequalities in everyday mobility. Transportation Research Part A: Policy and Practice. Vol. 177, 2023.
HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.
KOWARICK, L. A espoliação urbana. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

Método Panbiogeográfico aplicado ao estudo de Ficus seções Pharmacosycea e Americanae na Região Neotropical

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS - 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Tatiane Moraes dos Santos Miranda, Kadhija Laura de Oliveira Manhães Barreto; Orientado por: Leandro Cardoso Pederneiras
Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO

A biogeografia é um campo interdisciplinar que busca compreender e descrever a distribuição dos organismos do planeta, e a partir dos estudos históricos desses organismos, procura explicar as evoluções geológicas que podem ter ocorrido. Para que se possa identificar essas distribuições, é necessário comparar os possíveis padrões entre elas. Na região Neotropical de Morrone, que se divide em 53 províncias, foram analisadas as distribuições de espécies de *Ficus* (figueiras), 32 da seção *Pharmacosycea* e 23 da seção *Americanae*, que representa um organismo indicativo de biodiversidade.

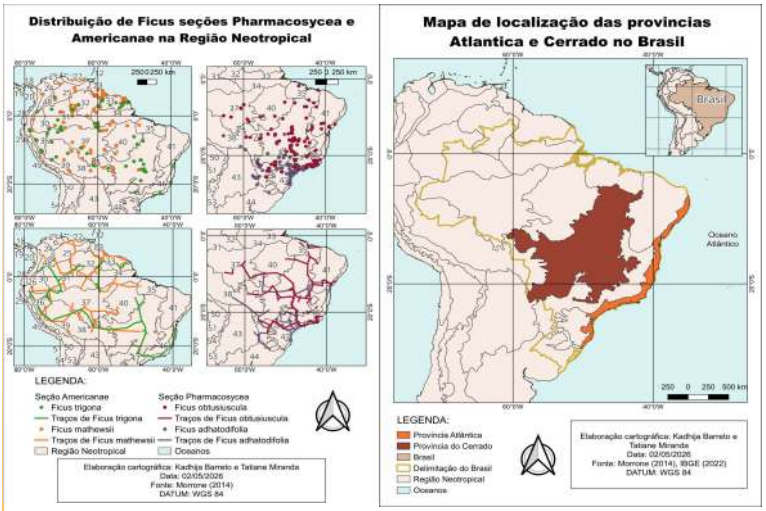
OBJETIVOS E METODOLOGIA

- O objetivo é identificar os padrões de figueiras na região neotropical e possíveis biotas ancestrais.

Os métodos foram com base no levantamento bibliográfico, coleta de dados de coordenadas das figueiras, utilização do QGIS para a produção de mapas e utilização de IQ-TREE para o cladograma. O método panbiogeografia consiste na análise de traços, traços generalizados e nós biogeográficos representados em um mapa, sendo os nós responsáveis por apontar uma possível biota ancestral. Com a Análise de Parcimônia de Endemismo, um método cladístico para refinar os dados obtidos para uma melhor visualização cartográfica da distribuição das espécies.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O mapeamento de cada espécie mostrou que as figueiras estão bem dispersas desde o sudeste da região até o noroeste, mas existe concentração de algumas figueiras em determinados lugares. O cladograma possibilitou delimitar quais províncias tiveram mais presença das figueiras e quais espécies, o que nos levou a mapear o traço generalizado de cada seção.



O Traço generalizado da seção *Pharmacosycea* percorreu 26 províncias e foi encontrado 2 nós biogeográficos, um deles na província Atlântica, e o Traço generalizado da seção *Americanae* percorreu 19 províncias, tendo 3 nós biogeográficos, com um deles na província do Cerrado.





Imagem de Ficus trigona e Ficus adhatodifolia. Fonte: Caurata e Diaz, 2002, p. 34 e 106.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa apontou justamente dois dos biomas mais importantes do Brasil, que continuam sofrendo com desmatamentos e fragmentação, indicando a necessidade da conservação da biodiversidade local e os atuais biomas sendo fragmentos das possíveis biotas ancestrais.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Cláudio J. B. de; ALMEIDA, Eduardo A. B. Biogeografia da América do Sul: padrões & processos. São Paulo: Roca, 2011.
CRAW, Robin C.; GREHAN, John R.; HEADS, Michael J. Panbiogeography: tracking the history of life. New York: Oxford University Press, 1999. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Bm0_QQ3Z6GUC. Acesso em: 05 jul. 2025.
Çalışkan M, Anbaroğlu B. Geo-MST: A geographical minimum spanning tree plugin for QGIS. SoftwareX. 2020; 12: 100553. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.softx.2020.100553 . Acesso em: 05 jul. 2025.
MORRONE, J. J. Neotropical biogeography: Regionalization and evolution. Boca Raton: CRC Press, 2017. 313 p. (CRC Press Marine Biology Series). ISBN 978-1-138-03248-4. Acesso em: 05 jul. 2025.

Imagens retiradas do Canva







EIXO 8
HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, TEORIAS E MÉTODOS DE PESQUISA











Humboldt e as Geociências: Entre o Iluminismo e o Romantismo Alemão

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Autor: João Paulo Nogueira Martinez (UNB); Orientador: Prof. Dr. José Vandério Cirqueira Pinto (IFB)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa ampliar as perspectivas sobre a epistemologia das geociências, abordando as formulações e o desenvolvimento de conceitos realizados pelo naturalista e explorador Alexander von Humboldt nas academias europeias e círculos intelectuais a partir do século XIX. Consideram-se, para tanto, os desdobramentos de sua obra sob o auspício de duas grandes visões de mundo que moldaram — e ainda moldam — a constituição intelectual do Ocidente: o Iluminismo e o Romantismo Alemão. A hipótese central é de que o entrecruzamento do Iluminismo, enquanto instrumental de concatenação lógico-dedutiva, e do Romantismo Alemão, como indução e empiria, constitui a base de uma cátedra singularmente diferenciada para o estudo dos fenômenos espaciais



ENDER, Eduard. Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland na floresta amazônica. 1856. 1 óleo sobre tela. In: WULF, Andrea. A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2016.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir do levantamento bibliográfico de autores da Teoria do Conhecimento que conceituam o Iluminismo e o Romantismo Alemão. Contudo, diante da ambiguidade de certas formulações desses pensadores, fez-se necessário submeter a análise ao crivo da Teoria Ator-Rede (TAR), fundamentada na obra do filósofo da ciência francês Bruno Latour

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao deslocar o foco do conceito (ontologia) para o processo propriamente dito, por meio de uma nova abordagem teórica dos escritos de Alexander von Humboldt, eliminam-se as incongruências habituais desse tipo de debate epistemológico. Além disso, vislumbra-se a emergência de uma nova ciência — ou, mais precisamente, de uma variada gama de novas geociências —, cuja existência dependia do encontro entre o refinado método lógico-filosófico e a impetuosidade das deduções realizadas em trabalho de campo.



CHURCH, Frederic Edwin. Coração dos Andes. 1859. 1 óleo sobre tela. In: WULF, Andrea. A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2016.

CONSIDERAÇÕES

A manifestação da natureza como entidade concreta e, simultaneamente, literária nas obras de intelectuais e naturalistas do século XIX, a exemplo de Alexander von Humboldt, culminou na maneira atual como compreendemos e expressamos o mundo natural. Diante da relevância de correntes de pensamento tão abrangentes quanto o Iluminismo e o Romantismo Alemão para a criação de imagens que são ao mesmo tempo objetivas e subjetivas — e que ecoam profundamente até os dias de hoje —, torna-se essencial ponderar sobre os modos de apreensão conceitual e sensível subjacentes a tais discussões. Afinal, o debate acerca dessas visões de mundo permanece um campo complexo e sujeito a importantes revisionismos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

BERLIN, Isaiah. As raízes do romantismo. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
FINKIELKRAUT, Alain. A derrota do pensamento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
HUMBOLDT, Alexander von. Quadros da natureza. Tradução de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1950. 2 v.
LATOUR, Bruno. A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2015.
WULF, Andrea. A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. São Paulo: Planeta, 2016.

Imagens retiradas do Canva

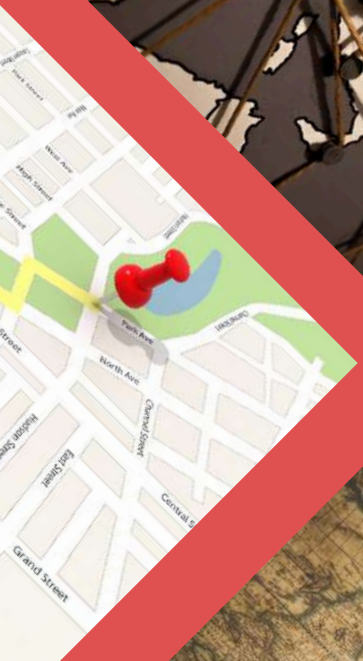






EIXO 9
GEOGRAFIA POLÍTICA, GEOPOLÍTICA E ECONÔMICA











EMANCIPAÇÃO MUNICIPAL E REORGANIZAÇÃO TERRITORIAL EM BOA ESPERANÇA DO NORTE - MT

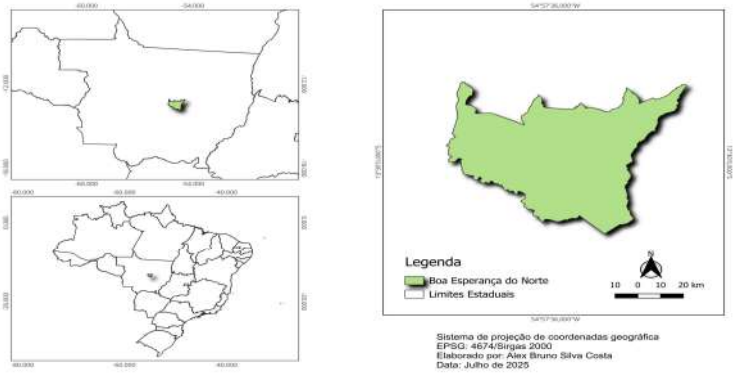
XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Alex Bruno Silva Costa; Orientado por: Evaldo Ferreira
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo)

INTRODUÇÃO

A emancipação municipal intensificou-se no Brasil após a Constituição Federal de 1988, promovendo mudanças na organização político-administrativa do território. O estudo busca compreender:

- As disputas político-territoriais;
- Impactos administrativos;
- Reorganização territorial;
- Reflexos no desenvolvimento local e regional.



OBJETIVOS E METODOLOGIA



A pesquisa adota abordagem mista, articulando procedimentos qualitativos e quantitativos, com caráter exploratório e descritivo, estruturada metodologicamente como estudo de caso.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados preliminares indicam que a emancipação de Boa Esperança do Norte constitui um processo marcado por disputas político-territoriais e redefinições administrativas relacionadas à consolidação do novo município. Além disso, observa-se a ampliação dos debates sobre autonomia municipal e desenvolvimento regional.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa encontra-se em andamento, porém as análises iniciais demonstram que a emancipação municipal produz impactos territoriais, administrativos e socioeconômicos que ultrapassam a dimensão político-administrativa.

Desse modo, o estudo busca contribuir para a compreensão da emancipação municipal como instrumento de reorganização e desenvolvimento regional.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.
Supremo Tribunal Federal. Decisão judicial referente à efetivação político-administrativa do município de Boa Esperança do Norte (MT). Brasília, 2023.

PPG UNEMAT GEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso
CAPES

China: O papel do Investimento Estrangeiro Direto no 14º Plano Quinquenal (2021-2025)

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Jandson Pereira dos Reis; Orientado por: Profª. Drª. Ana Claudia Giannini Borges
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Câmpus Rio Claro

INTRODUÇÃO

O papel da China no mundo neste início do século XXI é evidenciado por meio da sua capilaridade nos mercados internacionais, da melhoria na qualidade de vida de sua população, de seu impacto cultural, bem como de seus números crescentes do Produto Interno Bruto (PIB), com uma média de 5,5% de crescimento ao ano entre 2021 e 2024 (Banco Mundial, 2026). Essa capilaridade está atrelada ao volume e a diversidade de Investimento Estrangeiro Direto (IED) chinês no mundo, que se dá por meio de um processo de internacionalização das empresas com a inversão em novas instalações de plantas produtivas (*greenfields*) ou por fusões e aquisições (F&A). Segundo Baumann, Canuto e Gonçalves (2004), essa internacionalização da produção de uma empresa acontece quando produtos oriundos de outros países adentram em um mercado interno, podendo ser por internalização da produção (comércio exterior e IED) ou externalização (contratos).

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A partir disso, tem-se como objetivo identificar a relação entre o investimento estrangeiro direto chinês e as diretrizes do 14° Plano Quinquenal (PQ) de 2021 a 2025. Ressalta-se que nesse Plano, acompanha-se a Iniciativa Cinturão e Rota, também conhecida como *Belt and Road Initiative* (BRI), como política explícita rumo à "construção de um país socialista moderno" até 2035. Os procedimentos de pesquisa são de caráter qualitativo, incluindo estudo teórico-conceitual acerca do investimento estrangeiro direto e análise documental do 14° Plano Quinquenal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No 14° PQ (2021-2025), a projeção internacional do capital chinês é tratada na Parte XII, com destaque para o Capítulo 41, intitulado "Promover o desenvolvimento de alta qualidade da co-construção da Iniciativa do Cinturão e Rota". Diferentemente de ciclos anteriores, como no 13° PQ, o documento desloca o foco da expansão quantitativa do investimento externo para sua qualificação estratégica, estabelecendo diretrizes como: i) priorização de projetos sustentáveis, com gestão de riscos e viabilidade financeira; ii) fomento à cooperação em mercados terceiros, visando à diversificação de parcerias; iii) estímulo à integração produtiva e à construção de cadeias de suprimentos resilientes; e iv) promoção da presença chinesa em cadeias globais de valor por meio da exportação de padrões técnicos, tecnologias e serviços. Tais medidas inserem-se no paradigma da "circulação dupla" (princípio organizador transversal no documento), em que o fluxo internacional de capitais é articulado para reforçar a dinâmica doméstica e acelerar a autonomia tecnológica nacional. Nesse quadro, o planejamento estatal orienta o IED por suas empresas não como busca isolada de recursos ou mercados, mas como ferramenta de segurança de suas cadeias produtivas, transferência de *know-how* e estabelecer padrões regulatórios, substituindo a lógica exclusiva de acumulação de ativos por uma condição de cooperação internacional pautada em inovação e sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES

Essas diretrizes do 14° PQ contribuem para o processo de internacionalização do país, por meio do IED de suas empresas, como instrumento de política econômica subordinado aos objetivos de modernização socialista previstos até 2035. O documento indica a tentativa da China em coordenar o investimento externo como alavanca para o fomento produtivo interno, bem como para o reposicionamento estratégico da China na arquitetura econômica global.

REFERÊNCIAS

BAUMANN, R.; CANUTO, O.; GONÇALVES, R. Economia internacional: teoria e experiência brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
CHINA. Outline of the People's Republic of China 14th Five-Year Plan for National Economic and Social Development and Long-Range Objectives for 2035. Tradução pelo Center for Security and Emerging Technology (CSET), Georgetown University. Washington, DC: CSET, 13 maio 2021. Disponível em: https://cset.georgetown.edu/publication/china-14th-five-year-plan/. Acesso em: 12 maio 2026.
U.S.-CHINA ECONOMIC AND SECURITY REVIEW COMMISSION. The 13th Five-Year Plan. Washington, D.C.: USCC, 2017. Disponível em: https://www.uscc.gov/sites/default/files/Research/The%2013th%20Five-Year%20Plan_Final_2.14.17_Updated%20(002).pdf. Acesso em: 14/05/2026.
WORLD BANK. GDP growth (annual %) - China. Indicator: NY.GDP.MKTP.KD.ZG. Washington, DC: World Bank, [2026?]. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?end=2024&locations=CN&start=2021. Acesso em: 12/05/2026.

A Internacionalização da UEM e o Acolhimento da Comunidade Acadêmica em Mobilidade Internacional

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Juliana da Silva Castro; Orientado por: Jéssica Soares de Freitas
Discente no curso de Geografia, UEM; Professora Doutora vinculada ao Departamento de Geografia, UEM

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa associa-se ao projeto de extensão intitulado "A Inserção dos Imigrantes em Território Maringaense", atualmente vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e outros cursos. O projeto busca promover a inserção e acolhimento de imigrantes em Maringá e na universidade por meio de ações nas áreas de educação, saúde, trabalho, cidadania e cultura. A UEM foi criada por meio da lei nº 6.034, de 6 de novembro de 1969. Em 1997 foi criado o Escritório de Cooperação Internacional (ECI), promotor da internacionalização e mobilidade acadêmica, processos ampliados por meio do plano de ação do Laboratório de Internacionalização (IntLab) entre os anos de 2019 e 2021. A presente pesquisa tem como foco a UEM, buscando analisar o ingresso de estudantes internacionais e sua participação no processo de internacionalização universitária. A internacionalização do ensino superior configura-se como um processo amplo e contínuo, que integra dimensões internacionais, interculturais e globais às atividades de ensino, pesquisa e extensão (Knight, 2004; De Wit, 2011). A mobilidade acadêmica deve ser compreendida como um dos instrumentos operacionais do processo de internacionalização, caracterizando-se pela circulação de estudantes, docentes e pesquisadores entre instituições acadêmicas e países visando a formação e produção científica do conhecimento.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivou-se estabelecer uma análise do desenvolvimento e da abrangência do programa de internacionalização na UEM por meio do fenômeno migratório da comunidade acadêmica. Metodologicamente, a presente análise é construída a partir de análise bibliográfica e documental somada a dados institucionais, buscando analisar o desenvolvimento e abrangência do programa de internacionalização.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As analises bibliográficas evidenciam que o processo de internacionalização por meio da mobilidade acadêmica vem se ampliando dentro das universidades por meio de avanços graduais a partir do desenvolvimento de projetos internos e da análise preliminar de dados da UEM. Diante desse contexto, o gráfico apresentado evidencia a progressão de alunos em mobilidade. Destaca-se a importância do acolhimento e direcionamento de discentes e docentes em mobilidade acadêmica, considerando que esses programas representam uma relevante forma de cooperação e contribuem para o fortalecimento da internacionalização entre universidades.



CONSIDERAÇÕES

Espera-se que as análises possam estimular pesquisas futuras, indicando caminhos com maior visibilidade de acolhimento e políticas públicas significativas para a melhoria e ampliação das iniciativas já desenvolvidas dentro da UEM, outras instituições e em projetos que dialogam com essa temática. É necessário evidenciar e ampliar redes de acolhimento já consolidadas para membros da comunidade acadêmica em mobilidade internacional. Vale ressaltar que a continuidade da pesquisa desenvolver-se-á com base em dados de caráter quantitativo e qualitativo, de modo a averiguar a efetividade dos projetos de recepção e acolhimento junto às reuniões desenvolvidas em colaboração com o projeto de extensão, abordando a importância do acolhimento e direcionamento de discentes e docentes em mobilidade acadêmica, visto que os programas de mobilidade acadêmica são uma das principais modalidades de cooperação acadêmica para o fortalecimento do processo de internacionalização (Oliveira; Freitas, 2016).

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, A. L. de; FREITAS, M. E. de. Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 3, p.217-248, jul.-set., 2016.
DE WIT, H. Recent trends and issues in international student Mobility. **International Higher Education**, Chestnut Hill, n. 59, p. 13-14, 2010.
KNIGHT, J. Understanding Education Hubs within the contexto of corssborder education. In: KNIGHT, J. (ed.). **International Education Hubs**: Student, Talent, Knowledge-Inovation Models. New York: Springer, 2014, p. 13-27.

COMO AS TAXAÇÕES INTERNACIONAIS DOS ESTADOS UNIDOS SE CONFIGURAM COMO UMA NOVA FORMA DE IMPERIALISMO: Uma análise da política dos "tarifaços" impostos por Donald Trump à demais países na intenção do controle da hegemonia estadunidense

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JULHO DE 2026

Lucas Mafra de Almeida; Igor dos Santos Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Poços de Caldas

INTRODUÇÃO

Com o governo de Donald Trump na presidência dos Estados Unidos foi notório uma significativa mudança na ordem econômica liberal internacional de pós-1945, que vinha sendo fortemente baseada em um sistema multilateral e a liderança estadunidense. A "filosofia America First" mexeu e reconfigurou a política externa nesse novo mandato do presidente dos Estados Unidos, substituindo o multilateralismo pela unilateralidade e o livre comércio por uma forte influência do protecionismo.

O principal instrumento dessa política, desse protecionismo, foi a imposição de taxações elevadas (os conhecidos "tarifaços") sobre os produtos importados de aliados e rivais internacionais, como destaque o Brasil e China (Movimentorevista, 2025).

O que se pretende analisar é se, e como, o uso estratégico das tarifas não se configuram apenas como uma disputa econômica, ou uma ação pensada estritamente na relação e comércio exterior dos Estados Unidos, mas sim também como uma tática de coerção e disciplinamento geopolítico, importantíssimo para a manutenção da hegemonia e controle americano em um cenário como o atual, de uma transição hegemônica.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Objetivo geral - analisar o tarifaço de Donald Trump não como um evento isolado de guerra comercial, mas como um elemento da "Grande Estratégia" estadunidense para reconfigurar a ordem global através da coerção econômica, caracterizando um novo formato de imperialismo.

Objetivos específicos - a) identificar e descrever a mudança da hegemonia liberal para uma hegemonia não liberal na política dos Estados Unidos; b) tentar explicar como as tarifas são transformadas em armas do comércio para alcançar fins geopolíticos. c) trazer como os tarifaços funcionaram (ou tentaram) como mecanismo de disciplinamento geopolítico em países periféricos (como o Brasil), forçando o alinhamento de suas políticas externas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Thorstensen e Prado (2025), as atuais ações de Trump são um clássico caso da Geoeconomia, definida como o uso de instrumentos econômicos (como tarifas, sanções, investimento) para alcançar fins políticos. Mais do que uma tentativa de reverter déficits comerciais, o "tarifaço" atua como uma arma de comércio, visando a repatriação industrial e a coerção de parceiros em negociações bilaterais. Essa estratégia configura uma hegemonia iliberal, que abandona o multilateralismo em favor de uma ordem unilateral e punitiva, onde a interdependência econômica é instrumentalizada para ditar a segurança e a soberania de outros Estados.

Nota-se que, para o Brasil, a imposição de tarifas é uma decisão puramente política e disciplinar. Como o Brasil possui déficit comercial com os EUA, o "tarifaço" não se justifica economicamente, servindo na verdade como retaliação à aproximação brasileira com a China e o BRICS. Segundo Guimarães (2025), Washington utiliza a pressão comercial para intimidar a política externa brasileira, tentando forçar um realinhamento com o Ocidente e limitar a autonomia decisória do país em temas estratégicos, como a regulação de big techs.

Dessa maneira, as tarifas são um esforço para conter a ascensão da hegemonia chinesa e administrar a ordem internacional sob o interesse norte-americano em um cenário de declínio relativo. Diferente do passado, os EUA substituem mecanismos de cooperação por estratégias de isolamento e punição, caracterizando um imperialismo transacional. Espera-se que essa postura disruptiva acabe por fortalecer blocos alternativos (BRICS+) e exponha a contradição de uma potência que, historicamente defensora do livre mercado, hoje recorre ao protecionismo coercitivo para sustentar sua primazia global.

CONSIDERAÇÕES

Espera-se, com o aprofundamento desse estudo, portanto, entender como a filosofia do "America First", aliada às atitudes e ações do presidente Trump se configuram como uma tentativa de diminuir a decadência da hegemonia estadunidense

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Williams; TEIXEIRA, Tatiana. Trump e a inflexão da grande estratégia. **Revista Tempo do Mundo**, Brasília, v. 5, n. 1, jan. 2019.
THORSTENSEN, Vera; PRADO, Victor do. Da geoeconomia à geopolítica de Trump: de tarifas a armas? **CEBRI-Revista.** Rio de Janeiro, ano 4, n. 14, p. 34-61, abr.-jun. 2025. Disponível em: https://cebri.org/revista/br/artigo/195/da-geoeconomia-a-geopolitica-de-trump. Acesso em: 5 dez. 2025.

Da Euforia do 'Consenso' à Realidade da Dependência: O Caso do Lítio no Vale do Jequitinhonha

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Miguel Barbosa Ladeira; Orientado por: Gustavo Soares Iorio
Universidade Federal de Juiz de Fora

INTRODUÇÃO

O Vale do Jequitinhonha, localizado no nordeste de Minas Gerais, vem enfrentando, nos últimos 5 anos, uma acelerada reestruturação produtiva a partir da consolidação de um polo minerário estratégico voltado à cadeia do lítio. Essa transformação tem sido fortemente ancorada em um discurso de desenvolvimento regional, segundo o qual a mineração seria capaz de reverter o histórico de vulnerabilidade socioeconômica da região por meio da exploração de uma mercadoria altamente demandada pelas indústrias da transição energética.

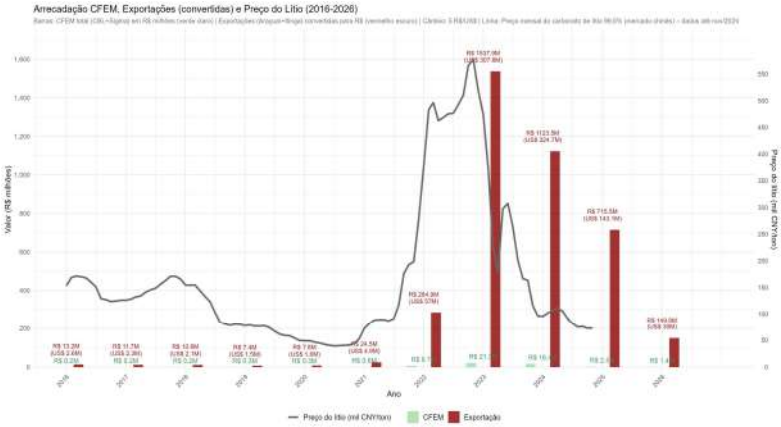
Esse discurso se alimenta diretamente das preocupações globais com as mudanças climáticas. A necessidade de reduzir as emissões de carbono tem impulsionado uma corrida por tecnologias como veículos elétricos e baterias de armazenamento, nas quais o lítio é um componente essencial. Diante desse cenário, o Vale do Jequitinhonha passou a ser promovido como o novo "Vale do Lítio", uma tentativa de associar a região a um futuro próspero e sustentável, nos moldes dos polos tecnológicos internacionais. A ideia é que a extração mineral, se bem conduzida, traria empregos, renda e infraestrutura para uma das áreas mais pobres do país. No entanto, cabe perguntar se esse discurso encontra correspondência nos dados concretos disponíveis sobre a região.

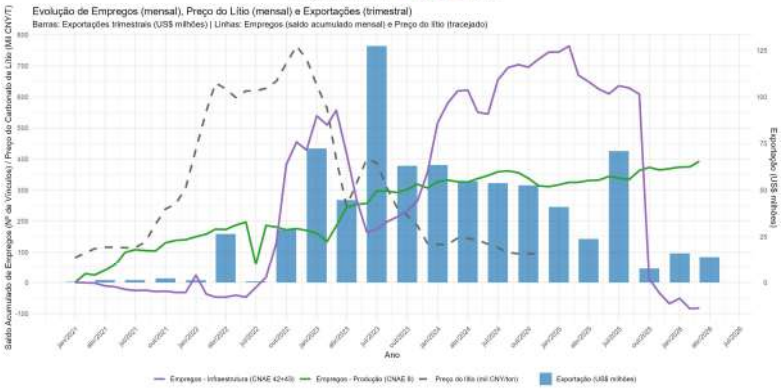
OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é confrontar as promessas de desenvolvimento com as evidências empíricas, cruzando informações de emprego formal (Novo CAGED) e arrecadação municipal proveniente da Compensação Financeira pela Exploração Mineral (CFEM) com os registros de exportação de lítio (Comex Stat) e a flutuação do preço do mineral no mercado internacional, acompanhada pela plataforma Investing. Busca-se, com isso, verificar se a geração de valor associada ao ciclo do lítio está efetivamente sendo retida no território do Vale do Jequitinhonha.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O boom do carbonato de lítio entre 2021 e 2022 elevou os preços de 50 para 550 mil yuan por tonelada, impulsionando a demanda pelo espodumênio extraído na região. As exportações de Araçuaí e Itinga saltaram de 10 milhões para 1,5 bilhão de reais em 2023, e a CFEM chegou a 20 milhões de reais no pico. Com a queda dos preços para 75 mil yuan no segundo semestre de 2024, tanto a arrecadação quanto as exportações recuaram.





CONSIDERAÇÕES

Cabe perguntar se os recursos arrecadados e os empregos criados são, de fato, suficientes para compensar os impactos ambientais e socioeconômicos que a população local já enfrenta. Como aponta Svampa, o chamado "consenso da descarbonização" tem servido para legitimar novas frentes de extração mineral em nome da transição energética. Esse movimento reatualiza o que Jaime Osório descreve como padrões de reprodução do capital, nos quais territórios periféricos são continuamente configurados como primário-exportadores, subordinados às exigências da acumulação global.

REFERÊNCIAS

BRINGEL, Breno; SVAMPA, Maristella. Do "Consenso das Commodities" ao "Consenso da Descarbonização". Nueva Sociedad, 4 set. 2023. Tradução por Rupturas. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/do-consenso-das-commodities-ao-consenso-da-descarbonizacao/>. Acesso em: 17 jan. 2025.
OSÓRIO, Jaime. América Latina: o novo padrão exportador de especialização produtiva – estudo de cinco economias da região. In: FERREIRA, Carla; OSÓRIO, Jaime; LUCE, Mathias (Org.). Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 103-133.
SVAMPA, Maristella. *As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências*. São Paulo: Elefante, 2019.

A ascensão chinesa e seus impactos na América Latina: do equilíbrio geopolítico à ruptura das ordens estabelecidas

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Polyanne Stephanie dos Santos Machado
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como problema de pesquisa compreender como a ascensão da China, no contexto dos ciclos do capitalismo, tem contribuído para a reorganização da ordem mundial contemporânea e quais são seus impactos na América Latina. O objetivo geral é analisar a atuação da China como potência global emergente, avaliando se sua forma de inserção internacional, baseada na cooperação e integração entre Estados, configura uma alternativa à lógica hegemônica historicamente associada aos Estados Unidos, que hoje, mais que nunca, mostra sua verdadeira face.

Desde as reformas iniciadas em 1978 e sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, China estruturou um modelo próprio de desenvolvimento, combinando forte presença estatal com mecanismos de mercado, levando a sua expansão econômica e geopolítica, principalmente no Sul Global. Como recorte, na América Latina o país consolidou-se como um dos principais parceiros comerciais.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e analítico, fundamentada em revisão bibliográfica e análise documental. O referencial teórico apoia-se nas contribuições de Elias Jabbour e Alberto Gabriele, que discutem as especificidades do modelo de desenvolvimento chinês; Ana Esther Ceceña, cuja análise aborda os ciclos hegemônicos e o reposicionamento dos Estados Unidos; Maristella Svampa e Bruno Bringel, ao tratar das transformações recentes na economia política latino-americana, a partir do debate sobre o "Consenso das Commodities"; Enrique Dussel Peters, que analisa a inserção comercial da América Latina nas relações com a China; Rubia Cristina Wegner, ao mostrar a atuação de empresas chinesas. Ademais, a pesquisa utiliza dados secundários e análise de relatórios e materiais recente.

Como objetivo, busca-se entender e analisar a relação entre a potência chinesa com a América Latina e suas consequências, sejam elas positivas ou negativas, tanto para a economia quanto para o território latino explorado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base em evidências empíricas, a presença da China na América Latina tem se consolidado por meio de investimentos diretos e da atuação de grandes corporações estatais e privadas. Entre 2005 e 2020, os investimentos chineses na região superaram US$ 130 bilhões, com forte concentração nos setores de energia, mineração e infraestrutura. A atuação de empresas como a State Grid, responsável por aquisições estratégicas no setor elétrico brasileiro; a China Three Gorges, que controla importantes usinas hidrelétricas na região; empresas como BYD e Huawei mostram a inserção chinesa em setores tecnológicos e de mobilidade urbana, uma diversificação recente dos investimentos. No campo energético e de recursos naturais, companhias como Sinopec e CNPC reforçam o interesse na exploração de petróleo e minerais. Paralelamente, o comércio entre China e América Latina houve um expansivo aumento, passando de cerca de US$ 12 bilhões em 2000 para mais de US$ 450 bilhões em 2022. Como resultados, busca-se demonstrar que, apesar de uma alternativa a dependência do Estados Unidos, a relação chinesa com a América Latina reforça desigualdades, uma vez que, a região exporta commodities e dependente da importação de bens industrializados e tecnológicos. Além disso, identificam-se impactos socioambientais e territoriais, como a intensificação do uso de recursos naturais, conflitos com comunidades locais, entre outros.

CONSIDERAÇÕES

Portanto, a atuação chinesa não rompe completamente com a lógica do sistema capitalista global, mas a reconfigura, uma disputa geopolítica marcada por uma "quase Guerra Fria" entre China e Estados Unidos. Nesse contexto, o trabalho demonstra sua pertinência ao evidenciar que a crescente presença chinesa na América Latina, embora amplie alternativas de parceria econômica, não altera substancialmente a posição periférica da região na divisão internacional do trabalho. Como principal reflexão, destaca-se a permanência de padrões históricos de dependência, agora sob novas dinâmicas e agentes. Portanto, o estudo contribui para o debate crítico sobre desenvolvimento e inserção internacional da América Latina no século XXI.

REFERÊNCIAS

JABBOUR, E.; DANTAS, A.; VADELL, J. Da nova economia do projetamento à globalização instituída pela China. Estudos Internacionais: Revista De relações Internacionais PUC Minas, 9 (4), p.90–105, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2021v9n4p90-105.

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. China: o socialismo do século XXI. São Paulo – SP: Boitempo, 2021.

CECEÑA, A. E. Estados Unidos: reposicionamento hegemônico para o século XXI. In: Santos, Theotônio dos; Martins, Carlos Eduardo; Sá, Fernando; Bruckmann, Mónica (org.). Globalização: Dimensões e alternativas. Hegemonia e contra-hegemonia (Vol. 2). São Paulo: Loyola, 2004. p.110-141.

SVAMPA, M. BRINGEL, B. Do "Consenso das Commodities" ao "Consenso da Descarbonização. Nueva Sociedad, vol. 306, Agosto de 2023. Disponível em: Nueva Sociedad 306 | La energía en la policrisis global Acesso em: 05/02/2026.

PETERS, E. D. La nueva relación comercial de América Latina y el Caribe con China: ¿integración o desintegración regional? Unión de Universidades de América Latina y el Caribe: Cidade do México, 2016. 1° edição. p. 18 – 35.

MYERS, Margaret. A nova estratégia da China para a América Latina. Americas Quarterly, 14 out. 2025. Disponível em: https://americasquarterly.org/article/a-nova-estrategia-da-china-para-a-america-latina/

A Dataficação da Natureza como Insumo para Economia de Dados

Derivativos Climáticos e Especulação Financeira no Mercado de Eventos Extremos

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS - 04 A 07 DE JUNHO DE 2026
UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DAGE UFRGS
CONEEG

Me. Ricardo Potozky de Oliveira; Orientado por: Profa. Dra. Carolina Batista Israel
Universidade Federal do Paraná

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa a economia política dos dados climáticos para compreender como fenômenos ecológicos complexos são reduzidos a abstrações numéricas, formando a base material para a mercantilização da natureza no capitalismo contemporâneo (Couldry; Mejias, 2018). Sob a ótica do materialismo histórico-dialético, o estudo foca na conversão de instabilidade atmosférica e riscos de eventos extremos em dados quantificáveis e ativos financeiros transacionáveis (Keucheyan, 2017). Problematizam-se as implicações políticas e socioeconômicas e os limites da racionalidade mercantil ante a crise climática global.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo geral consiste em investigar como a dataficação da natureza fundamenta a mercantilização dos riscos atmosféricos e a formação de derivativos climáticos. Os objetivos específicos compreendem o mapeamento teórico do capital fictício (Marx, 2011; Harvey, 2013), o exame técnico desse mercado financeiro, a análise do processo de abstração da variabilidade climática e a crítica política à especulação de eventos extremos. A metodologia adota o método materialismo histórico-dialético por meio de três frentes: levantamento conceitual sobre financeirização e colonialismo de dados (Couldry; Mejias, 2018); análise técnica dos modelos de precificação meteorológica (Jewson; Brix, 2005); e sistematização das mediações entre risco, técnica e capital.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados revelam que a dataficação expropria dinâmicas ecológicas para transformá-las em capital fictício, convertendo a instabilidade atmosférica em ativo de especulação global.

Para que essa mercantilização ocorra, faz-se indispensável a redução de fenômenos ecológicos complexos a abstrações numéricas. É por meio da aplicação técnica de modelos de precificação meteorológica (Jewson; Brix, 2005) que a variabilidade climática é traduzida para a linguagem do mercado, contornando as barreiras materiais da natureza e permitindo que o risco abstrato circule livremente como ativo financeiro.

Figura 1: Manchetes ilustrando o fluxo de mercado dos derivativos climáticos e o acordo B3-INMET.



Contexto Brasileiro: A eficácia técnica dos derivativos para o agronegócio foi comprovada (Oliveira, 2023), mas esbarrou na precariedade da infraestrutura histórica (Lemos, 2014). O acordo B3-INMET de 2021 resolve isso: o Estado viabiliza o cercamento de dados públicos (Castro, 2021) para fundamentar seguros e derivativos, integrando a atmosfera brasileira à especulação global.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa demonstra que dados climáticos são infraestrutura central para a expansão financeira, transformando a instabilidade do planeta em ativo especulativo. O próprio Estado atua para superar barreiras materiais ao transferir patrimônio informacional público (INMET) ao ecossistema financeiro (B3). Isso aprofunda a privatização do monitoramento ambiental e subordina as condições de reprodução da vida à lógica do capital.

REFERÊNCIAS

CASTRO, F. M. Sobre as nuvens e as bolsas: O clima como commodity. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de São Paulo, 2021.
COULDRY, N.; MEJIAS, U. Data colonialism: Rethinking big data's relation to the contemporary subject. Television & New Media, 2018.
HARVEY, D. Os limites do capital. Boitempo Editorial, 2013.
JEWSON, S.; BRIX, A. Weather derivative valuation: The meteorological, statistical, financeira and mathematical foundations. Cambridge University Press, 2005.
KEUCHEYAN, R. Financiariser les catastrophes naturelles: Assurance, finance et changement climatique. Actuel Marx, 61, 2017.
LEMOS, G. B. Precificação de derivativos climáticos no Brasil: Uma abordagem estatística alternativa e construção de um algoritmo em R. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2014.
MARX, K. Grundrisse: Manuscritos Econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. Boitempo Editorial, 2011.
OLIVEIRA, D. E. Derivativos climáticos no Brasil: Análise da efetividade da estratégia de hedge nas culturas de soja, milho e café. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.

Imagens retiradas do Canva







EIXO 10
GEOGRAFIA CULTURAL, MEMÓRIAS E PATRIMÔNIOS











A Serra do Caraça como patrimônio geomorfológico de Minas Gerais

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

Ana Júlia da Cruz Campos
Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, anajuhj@ufmg.com.br.

INTRODUÇÃO

O patrimônio geológico corresponde ao conjunto de registros da história da Terra, materializados em rochas, formas de relevo, fósseis e estruturas geológicas. Esses elementos são representados por geossítios, que possuem valor científico, educativo, turístico e cultural. Assim, o patrimônio geomorfológico – sítio geomorfológico ou geomorfossítio – pode ser definido de forma mais simplificada como as formas de relevo a que um determinado valor pode ser atribuído (PANIZZA, 2001). Nesse contexto, a geodiversidade constitui a base desse patrimônio, sendo definida como a variabilidade dos elementos abióticos, incluindo geologia, relevo, solos, hidrografia e estruturas. A conservação desses elementos relaciona-se à geoconservação, enquanto o geoturismo promove sua valorização por meio do uso sustentável.

A Serra do Caraça, localizada no Quadrilátero Ferrífero e ao sul da Serra do Espinhaço, destaca-se como uma área de grande relevância geoecológica (FERNANDES; NETO, 2024), reunindo características que evidenciam seu potencial como patrimônio natural. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar a Serra do Caraça como patrimônio geomorfológico de Minas Gerais, destacando seus valores associados e sua importância para a geoconservação.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e análise documental sobre patrimônio geomorfológico, geodiversidade, paisagem e geoconservação. Além disso, foram analisados os valores associados à geodiversidade, como valor científico, estético, cultural e econômico, conforme proposto por Fernandes e Neto (2024). A interpretação dos dados foi realizada de forma qualitativa, considerando a Serra do Caraça como um patrimônio natural e geomorfológico de relevância para Minas Gerais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Serra do Caraça destaca-se no Quadrilátero Ferrífero por apresentar elevadas altitudes, relevo escarpado (Fig. 1) e expressiva geodiversidade associada aos quartzitos da Formação Moeda (RUCHKYS et al., 2010). Entre suas feições mais relevantes está a Gruta do Centenário (Fig. 2), considerada a maior caverna em quartzito do mundo. A paisagem é marcada por escarpas, afloramentos rochosos e cachoeiras (Fig. 3). Além disso, a presença do Santuário do Caraça (Fig. 4), atribui importante valor histórico, cultural e religioso à área, reconhecida como patrimônio tombado pelo IPHAN desde 1955 e como monumento natural de Minas Gerais, além de integrar a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço e da Mata Atlântica. A diversidade litológica sustenta ecossistemas específicos, como os campos rupestres e remanescentes de Mata Atlântica, (Fig. 5), contribuindo para elevada biodiversidade (FERNANDES; NETO, 2024). A região abriga mais de 1.000 espécies de plantas e cerca de 372 espécies de aves, (Fig. 6), incluindo espécies endêmicas e ameaçadas, além de desempenhar papel fundamental na proteção de recursos hídricos. A Serra do Caraça também apresenta relevância educacional e turística, favorecida pela presença de trilhas, centro de visitantes e atividades voltadas à educação ambiental. Nesse contexto, estratégias de geoconservação e planejamento ambiental tornam-se fundamentais para a preservação do patrimônio geomorfológico.



CONSIDERAÇÕES

A Serra do Caraça apresenta um conjunto excepcional de características que a consolidam como um importante patrimônio geomorfológico de Minas Gerais. Os valores associados demonstram que o Caraça não deve ser compreendido apenas como um espaço natural, mas como um território integrado, onde elementos físicos e culturais se relacionam diretamente. Dessa forma, a Serra do Caraça destaca-se como um relevante patrimônio geomorfológico, cuja conservação é essencial para garantir a manutenção de seus valores naturais, científicos e culturais para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Laís Barbosa; NETO, Roberto Marques. **Cartografia da Geodiversidade Na Serra Do Caraça (Mg)**. 15 ° Simpósio Nacional e Geomorfologia. Agosto de 2025.

PANIZZA, M. **Geomorphosites: concepts, methods and examples of geomorphological survey.** Chinese Science Bulletin. n.46, vol. 4-6, p. 4-5, Dez. 2001.

RUCHKYS, Úrsula A. et al. **Geoparque Quadrilátero Ferrífero (MG): proposta**. Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais, 2010. GEOPARQUES DO BRASIL / PROPOSTAS · volume I.

Influência das grandes metrópoles na construção da paisagem em cidades cyberpunks

Marco Antonio Pizzano Filho (UFJF), Guilherme Santos Martins (UFJF), Pedro Macedo de Oliveira (UFJF), Miguel Barbosa Ladeira (UFJF)

INTRODUÇÃO

O cyberpunk constitui um subgênero da ficção científica marcado pela representação de sociedades altamente tecnologizadas e profundamente desiguais, sintetizado pela expressão high tech, low life. Nesse contexto, a cidade assume papel central, deixando de ser apenas cenário para tornar-se elemento ativo da narrativa. Obras como Blade Runner (1982), Akira (1988) e o RPG Cyberpunk 2077 apresentam paisagens urbanas marcadas pela verticalização, pela saturação visual, pela vigilância tecnológica e pela segregação socioespacial. Partindo da categoria geográfica paisagem, este trabalho busca compreender como grandes metrópoles contemporâneas influenciam a construção estética e espacial das cidades cyberpunks, evidenciando as relações entre realidade urbana e representação ficcional.



Figura 1

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo analisar a influência das grandes metrópoles na construção da paisagem das cidades cyberpunks, buscando compreender de que forma elementos presentes em centros urbanos contemporâneos são incorporados e ressignificados em produções de ficção científica. Para isso, discute-se a formação histórica e conceitual do gênero cyberpunk, bem como a categoria geográfica paisagem enquanto instrumento de interpretação das representações urbanas. A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica sobre os conceitos de cyberpunk e paisagem. Além disso, realizou-se uma análise crítica de obras como Blade Runner (1982), Akira (1988) e Cyberpunk 2077 (2020), estabelecendo comparações entre suas representações urbanas e características observadas em grandes metrópoles contemporâneas, especialmente São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York e Tóquio. Dessa forma, buscou-se identificar permanências, aproximações e ressignificações entre a materialidade do espaço urbano e sua representação ficcional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados indicam que a paisagem cyberpunk é construída a partir da amplificação de elementos já presentes nas grandes metrópoles contemporâneas. A verticalização extrema, a concentração de fluxos econômicos, a intensa presença publicitária, os sistemas de vigilância e as desigualdades socioespaciais configuram aspectos recorrentes tanto nas cidades ficcionais quanto nas cidades reais.

A análise de Blade Runner, Akira e Cyberpunk 2077 demonstra que a ficção incorpora referências concretas de centros urbanos globais para compor cenários distópicos. As observações de Mike Pondsmith sobre São Paulo e Rio de Janeiro evidenciam como características dessas metrópoles influenciaram diretamente a formulação da estética cyberpunk. Nesse sentido, a paisagem cyberpunk pode ser compreendida como uma síntese ficcional de processos urbanos contemporâneos, funcionando como crítica às contradições do desenvolvimento capitalista e tecnológico.



Figura 2

CONSIDERAÇÕES

A paisagem cyberpunk não representa um futuro desvinculado da realidade, mas uma interpretação crítica de processos urbanos já existentes. Ao exagerar visualmente elementos como desigualdade, vigilância e mercantilização do espaço, o gênero revela tensões presentes nas metrópoles contemporâneas e projeta seus possíveis desdobramentos. O diálogo entre Geografia e ficção científica demonstra o potencial das produções culturais como instrumentos de análise espacial, permitindo compreender como diferentes imaginários urbanos são construídos a partir da experiência concreta das cidades.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006.
SCOTT, Ridley (Dir.). Blade Runner. Estados Unidos: Warner Bros., 1982.
CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

Imagens retiradas do Canva







OUTRAS TEMÁTICAS









Inserção de Imigrantes na Universidade Estadual de Maringá: Dinâmicas em Projeto de Extensão.

XXVII ENEG
PARA QUE(M) SERVE A TUA GEOGRAFIA?
PORTO ALEGRE/RS- 04 A 07 DE JUNHO DE 2026

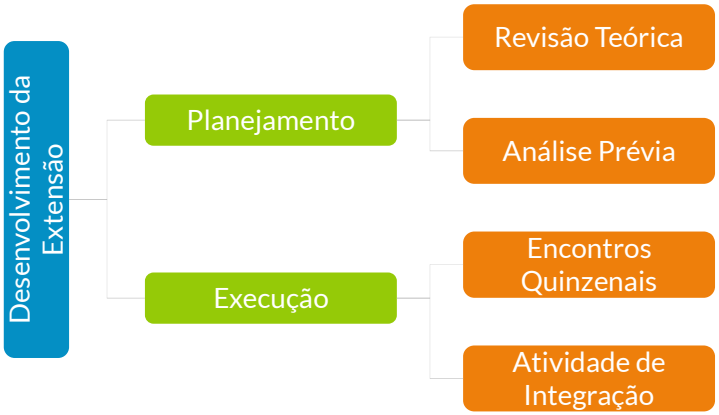
Milena Santos Pereira; Fillipe Rozolem Pereira; Patrícia Gonçalves Hernandes;
Orientado por: Valéria Barreiro Postali Santana; Jéssica Soares de Freitas - Universidade Estadual de Maringá (UEM).

INTRODUÇÃO

A mobilidade, no campo da Geografia, deve ser compreendida para além do simples deslocamento físico de pessoas ou objetos no espaço, configurando-se como um fenômeno social complexo. Dessa forma,, a mobilidade não se reduz à circulação, mas expressa processos mais amplos de produção e organização do espaço geográfico, evidenciando que os deslocamentos são inseparáveis das condições históricas e estruturais que os produzem. Nessa perspectiva, a Universidade é porta de entrada para a valorização e inserção do imigrante no país, oferecendo escritórios e secretarias específicas, políticas de integração e projetos para acolhimento. Assim trabalha o projeto de extensão "A inserção dos imigrantes no território maringaense", vinculado ao Departamento de Geografia (DGE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho tem como objetivo analisar os impactos de um projeto de extensão universitária no processo de inserção de imigrantes em Maringá, com foco na integração de estudantes internacionais no ambiente acadêmico. Busca-se compreender como as ações desenvolvidas contribuem para o acolhimento e a construção de vínculos sociais, considerando as dinâmicas territoriais e as experiências vivenciadas pelos participantes. Para atingir tais objetivos, as seguintes etapas foram seguidas:



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao início de cada semestre, com o ingresso de novos alunos de outros países, uma nova dinâmica de contato e conexão é proposta, integrando elementos da Geografia. Com a duração aproximada de 1 hora, as reuniões acontecem a cada 15 dias, de acordo com a disponibilidade dos alunos e utilização de salas. Realizada em março de 2026, a atividade consistiu na distribuição de post-its e canetas, conduzindo cada estudante — inclusive extensionistas — a escrever seu nome e seu país de origem. Após isso, um a um se dirigiu ao mapa projetado em sala e colou o papel adesivo no seu respectivo país, promovendo que todos compreendessem de forma visual a distância geográfica entre cada território. Assim, todos se apresentaram e contaram um pouco de sua história pessoal e de seu local de origem, permitindo que todos falassem os motivos de sua migração para Maringá e as dificuldades que enfrentam no cotidiano.



Imagem 1: Mapa-múndi em projeção com papéis adesivos colados, indicando o nome e país de cada estudante internacional.

CONSIDERAÇÕES

Assim, foi observado que a ação apresentada acima aproxima os estudantes, além de incentivá-los a participar nos próximos encontros e instigar a curiosidade sobre a cultura do próximo, mantendo o respeito e cuidado com termos inadequados. Portanto, o projeto procura acolher o imigrante por meio do diálogo, permitindo que haja uma interlocução entre o extensionista (representante universitário) e aluno internacional.

REFERÊNCIAS

MARANDOLA JR. E.; DAL GALLO, P. M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 27, n. 2, 2010, p. 407-424;

BOMTEMPO, D. Dispersão territorial controlada das migrações internacionais no Brasil. **GeoUERJ**, n. 46, 2024, p. 1-26;

Considerações

A Mostra Científica do XXVII Encontro Nacional de Estudantes de Geografia, contou com a apresentação de 124 trabalhos acadêmicos, organizados e expostos em pôsteres, no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, no dia 06 de junho de 2026, na cidade de Porto Alegre. A relação dos trabalhos apresentados e aqueles enviados para constar no presente material, podem ser visualizados clicando aqui.

A Mostra foi um espaço de trocas e construção científica coletiva, com base nas demandas reais dos diferentes locais ao redor do Brasil e do mundo, que são alcançados pelo trabalho de pesquisadores da Geografia brasileira.

Os avaliadores da Comissão Acadêmica, especialistas em suas respectivas áreas, destacaram 26 trabalhos entre os 10 eixos temáticos, pela relevância dos temas pesquisados, assim como a sistematização e apresentação dos dados. Os autores contemplados com destaque, receberam certificação para comprovar o reconhecimento da distinção na Mostra Científica.

O material aqui sistematizado, é apenas uma síntese do profundo e diversificado empenho que a Ciência Geográfica tem desprendido para aprimorar as relações entre sociedade e natureza em suas variadas manifestações. A Comissão Acadêmica, assim como toda a organização do XXVII ENEG, agradece aos pesquisadores que contribuiram ativamente para realização desse material. Ciência se faz junto.

Fotografia da Mostra Científica do XXVII ENEG



Foto de Dayane Verneque

XXVII ENEG
ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE GEOGRAFIA

XXVII ENEG

ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE GEOGRAFIA

ISBN: 978-65-978649-1-1

CBL

9 786597 864911

CONEEG
Confederação Nacional de Entidades de Estudantes de Geografia

DAGE UFRGS
Diretório Acadêmico da Geografia

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

UFRGS
GEOCIÊNCIAS

agb Porto Alegre
Associação dos Geógrafos Brasileiros
desde 1973

